



*Animação, Cultura e Património*

***UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA RESIDÊNCIAS SÉNIORES***

**Maria Helena de Almeida Pacheco Pereira Machado**

Trabalho de projeto apresentado para a obtenção do grau de Mestre  
em Gerontologia Social, sob a orientação da **Professora Doutora**  
**Rafaela Neiva Ganga.**

**2015**

*Animação, Cultura e Património*

***UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA RESIDÊNCIAS SÊNIORES***

**Maria Helena de Almeida Pacheco Pereira Machado**

Trabalho de projeto apresentado para a obtenção do grau de Mestre  
em Gerontologia Social, sob a orientação da **Professora Doutora**  
**Rafaela Neiva Ganga.**

**2015**

## RESUMO

O património cultural é parte integrante da história individual de cada sujeito e da história coletiva. Este trabalho de projeto propõe capitalizar o património cultural da instituição e da cidade onde se integra de forma a potenciar modalidades de envelhecimento ativo. Este é pensado como parte integrante do projeto de Animação Sociocultural já desenvolvido no lar de idosos em questão. Procura-se, assim, enriquecer culturalmente as atividades de Animação Sociocultural, ao mesmo tempo que aproximar os dois grupos de residentes, social e culturalmente distantes.

Na perspetiva de Guerra (2000), e da metodologia de investigação-ação, consideramos os sujeitos como atores participantes, elementos ativos conscientes. Desta forma, optamos pela metodologia participativa do projeto com o intuito de colmatar o distanciamento sociocultural dos dois públicos existentes na instituição.

Recorreu-se ao SAMES-Lar e a narrativas biográficas para fazer o diagnóstico de necessidades e interesses dos residentes da instituição. Através deste, estabelecemos os objetivos, as estratégias, selecionamos atividades de âmbito patrimonial e desenvolvemos mecanismos de avaliação para o projeto.

Reconhece-se na Animação Sociocultural a capacidade para atingir os objetivos desejados: aproximar dois públicos, residentes na mesma instituição e que têm em comum a faixa etária, embora com diferentes práticas culturais e sociais; valorizar os diferentes saberes e proporcionar aproximação à comunidade exterior.

Iniciamos este trabalho de projeto com a contextualização instituição, de forma a percebermos as suas características, o seu funcionamento e a forma como a Animação Sociocultural se integra nas suas dinâmicas; fundamentaram-se e relacionaram-se conceitos essenciais para um projeto tais como: envelhecimento, classes sociais e capital cultural e Animação Sociocultural.

Em conclusão, pretende-se com este projeto de Animação Sociocultural potenciar aprendizagens que permitem partilhar diferentes práticas culturais, demonstrando que a cultura não é um *privilégio nato* e pode ser acessível a todos. De igual modo, percebe-se a cultura como um instrumento fundamental de transformação em contextos sociais, que permite estabelecer *elos de ligação* entre indivíduos com práticas culturais diversificadas e, desta forma, impulsionar aproximações e potenciar experiências de envelhecimento ativo.

Palavras-chave: Envelhecimento; Classes Sociais e Capital Cultural; Animação Sociocultural; Património Cultural.

## **Abstract**

The cultural heritage is an integral part of the individual history of every subject and of the collective history. This project proposes to capitalize the cultural heritage of an institution and the city where it belongs in a way to encourage active aging modalities. This project is thought as an integral part of de sociocultural animation which is already being developed in the current retirement home. This seeks to enrich culturally the SCA activities and at the same time to bring two different resident groups, socially and culturally remote, close. According to Guerra (2000), and the methodology of investigation-action, we consider the subjects as main actors, mindful active elements. That way, we opted for the participative methodology of the project with the intention of plugging the socio-cultural detachment between the two existent audiences in the institution.

SAMES-Lar and biographic narratives were used to diagnose the needs and interests of the institution residents. Through this, we established the objectives, the strategies; we selected the activities linked with patrimony and developed evaluation mechanisms for the project. Sociocultural animation is acknowledged to have the abilities to reach the desired objectives: bring together two different audiences, residents in the same institution and who share the age range, although with different social and cultural practices; valorise the different knowledges and bring the residents closer to the exterior community. We started this project with the institution contextualization, in order to understand its characteristics, its running process and the way in which sociocultural animation integrates its dynamics; essential concepts for a project were substantiated and related such as: aging, social classes and cultural capital and sociocultural animation. In conclusion, this project pretends to encourage learnings which allow to share different cultural practices, showing that culture is not an inborn privilege and is accessible to everyone. In the same way, we understand sociocultural animation as a fundamental tool of transmutation in social contexts, which allows to establish links between individual with diversified cultural practices and thus stimulating approach between different persons and encouraging active aging experiences.

**Key words:** Aging; Social Classes and Cultural Capital; Sociocultural Animation; Cultural Heritage.

## Résumé

Le patrimoine culturel fait partie intégrante de l'histoire individuelle de chaque sujet et de l'histoire collective. Ce projet propose de capitaliser le patrimoine culturel de l'institution et de la ville où il s'intègre de manière à favoriser les modalités de vieillissement actif. Celui-ci est pensé comme partie intégrante du projet d'animation socio-culturelle déjà développé dans la maison de retraite en question. On cherche ainsi à enrichir culturellement les activités d'animation socioculturelle, et en même temps rapprocher les deux groupes de résidents, socialement et culturellement distants. Dans la perspective de Guerra (2000), et de la méthodologie d'investigation-action, nous considérons les sujets comme acteurs principaux, éléments actifs conscients. De cette manière, nous optons pour la méthodologie participative du projet avec pour but de colmater le détachement socioculturel des deux publics existants dans l'institution. On a eu recours au SAMES-Lar et aux narratives biographiques pour faire le diagnostic des nécessités et intérêts des résidents de l'institution. À travers de celui-ci, nous avons établi les objectifs, les stratégies, nous avons sélectionné les activités en rapport avec le patrimoine et nous avons développé des mécanismes d'évaluation pour le projet. On reconnaît dans l'animation socioculturelle la capacité d'atteindre les objectifs désirés : rapprocher deux publics, résidents dans la même institution et qui ont en commun la tranche d'âge, même avec des pratiques culturelles et sociales différentes ; de valoriser les différents savoirs et proportionner le rapprochement à la communauté extérieure. Nous avons initié ce travail de projet avec la contextualisation de l'institution, de manière à comprendre ses caractéristiques, son fonctionnement et la manière dont l'animation socioculturelle s'intègre dans ses dynamiques ; des concepts essentiels ont été formalisés et mis en relation pour un projet tels que : vieillissement, classes sociales et capital culturel et animation socioculturelle. En conclusion, ce projet d'animation socioculturelle prétend encourager des apprentissages qui permettent de partager différentes pratiques culturelles, démontrant que la culture n'est pas un privilège inné et peut être accessible à tous. De la même façon, on comprend l'animation socioculturelle comme un instrument fondamental de transformation dans des contextes sociaux, qui permet d'établir des liens de raccordement entre individus avec des pratiques culturelles diversifiées, et de cette façon, inciter les approximations et stimuler des expériences de vieillissement actif.

Mots clés: Vieillissement; Classes Sociales et Capital Culturel; Animation Socioculturelle; Patrimoine Culturel.

## AGRADECIMENTOS

Aos residentes, pela dedicação e amizade que mostraram ao longo de todo trabalho desenvolvido na instituição.

A toda a Mesa Administrativa, e toda a equipa pela disponibilidade e confiança que demonstraram.

À minha orientadora, Professora Doutora Rafaela Neiva Ganga pelo seu tempo e disponibilidade, pela partilha dos seus conhecimentos, e sobretudo pela sua exigência essenciais para a realização do meu trabalho.

Ao meu marido pela minha ausência e em especial à Marta Machado, minha filha e companheira em todas as dificuldades.

Ao Pedro Gomes pela amizade e partilha de todos os momentos.

A todos os meus amigos que me incentivaram e estiveram sempre presentes.

# ÍNDICE

<b>RESUMO .....</b>	<b>3</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>6</b>
<b>ÍNDICE .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I .....</b>	<b>13</b>
<b>1. CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1. HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO .....	13
1.2. O SURGIMENTO DOS LARES .....	14
1.3. OS ESTATUTOS DE 1983 .....	16
1.4. O PATRIMÓNIO .....	17
1.5. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA INSTITUIÇÃO .....	20
<b>PARTE II .....</b>	<b>25</b>
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>25</b>
2.1. JUSTIFICAÇÃO DA ESCOLHA DA METODOLOGIA .....	25
2.2. ETAPAS DA METODOLOGIA PARTICIPATIVA DO PROJETO .....	26
2.3. TÉCNICAS UTILIZADAS PARA A REALIZAÇÃO DO DIAGNÓSTICO .....	28
2.3.1. Sistema de Avaliação Multidimensional de Equipamentos Sociais - Lares de Idosos (SAMES - LAR) .....	28
2.3.2 Narrativas Biográficas .....	30
<b>PARTE III – PROJETO .....</b>	<b>33</b>
<b>3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>33</b>
3.1 ENVELHECIMENTO .....	33
3.1.1. Envelhecimento demográfico em Portugal .....	33
3.1.2. O processo de envelhecimento .....	35
3.1.3. Classe social e envelhecimento .....	39

3.1.4. Envelhecimento bem-sucedido .....	40
3.1.5. Envelhecimento ativo .....	42
3.1.6. Envelhecimento em lar de idosos .....	45
<b>3.2 CLASSES SOCIAIS E CAPITAL CULTURAL .....</b>	<b>49</b>
3.2.1. Capital cultural.....	49
3.2.2. Capital social .....	50
3.2.3. Habitus e campos sociais .....	51
3.2.4. Classe dominante/classe dominada.....	54
3.2.5. Públicos e acesso à cultura.....	56
3.2.6. O gosto .....	58
3.2.7. Envelhecimento e trajetória social.....	61
3.2.8. Práticas culturais em lar de idosos .....	65
<b>3.3. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL .....</b>	<b>68</b>
3.3.1 A origem da Animação Sociocultural.....	68
3.3.2. Caracterização da Animação Sociocultural .....	70
3.3.3. Animação Sociocultural em instituição lar de idosos .....	71
<b>NOTAS FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>PARTE IV.....</b>	<b>77</b>
<b>4. DIAGNÓSTICO.....</b>	<b>77</b>
4.1. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO.....	77
4.2. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE.....	78
4.3. DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES .....	97
4.4. NARRATIVAS BIOGRÁFICAS.....	99
4.5. CONCLUSÕES DO DIAGNÓSTICO .....	100
<b>PARTE V .....</b>	<b>103</b>
<b>5. PROJETO .....</b>	<b>103</b>
5.1.IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....	103



5.2. OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS .....	103
5.3.FUNDAMENTAÇÃO DA ESTRATÉGIA .....	105
5.4. CRONOGRAMA .....	107
5.5. ORÇAMENTO .....	108
5.6. DOSSIER DE ATIVIDADES .....	109
5.7. AVALIAÇÃO DO PROJETO .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>132</b>
ANEXO 1 - Processo Individual dos Residentes .....	133
ANEXO 2 - Inquérito relativos às características físicas e arquitetónicas (ICFA) .....	135
ANEXO 3 - Inquérito relativo às características da organização e funcionamento (ICOF) .....	149
ANEXO 4 - Inquérito sobre a informação pessoal (IP) .....	161
ANEXO 5 - Diagnóstico de necessidades .....	168
ANEXO 6 - Estatutos da Instituição .....	170
ANEXO 7 - Guião para narrativas biográficas .....	209
ANEXO 8 - Narrativas Biográficas .....	211
ANEXO 9 - Planificação semanal de atividades - Nova proposta .....	249
ANEXO 10 - Cronograma do <i>Projeto Patrimonial</i> .....	251
ANEXO 11 – Ficha de avaliação do projeto .....	253

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição dos residentes de acordo com a idade (Particulares Vitalícios)	79
Gráfico 2 Distribuição dos residentes de acordo com a idade (Setor Lar)	79
Gráfico 3 Distribuição dos residentes de acordo com o sexo (Particulares Vitalícios)	80
Gráfico 4 Distribuição dos residentes de acordo com o sexo (setor Lar)	81
Gráfico 5 Distribuição dos residentes de acordo com Estado Civil (Particulares Vitalícios)	81
Gráfico 6 Distribuição dos residentes de acordo com o Estado Civil (Setor Lar)	82
Gráfico 7 Distribuição dos residentes de acordo com as Habilitações Académias (Particulares Vitalícios)	82
Gráfico 8 Distribuição dos residentes de acordo com as Habilitações Académias (setor Lar)	83
Gráfico 9 Distribuição dos residentes de acordo com a Profissão (Particulares Vitalícios)	84
Gráfico 10 Distribuição dos residentes de acordo com a Profissão (setor Lar)	85
Gráfico 11 Distribuição dos residentes de acordo com a Naturalidade (Particulares Vitalícios)	86
Gráfico 12 Distribuição dos residentes de acordo com a Naturalidade (setor Lar)	87
Gráfico 13 Distribuição dos residentes de acordo com o Tempo de Residência (Particulares Vitalícios)	88
Gráfico 14 Distribuição dos residentes de acordo com o Tempo de Residência (Lar)	88
Gráfico 15 Distribuição dos residentes de acordo com o Motivo de Ingresso (Particulares Vitalícios)	90
Gráfico 16 Distribuição dos residentes de acordo com o Motivo de Ingresso (Setor Lar)	90
Gráfico 17 Habilidades Funcionais (Particulares Vitalícios)	91
Gráfico 18 Habilidades Funcionais (setor Lar)	92
Gráfico 19 Nível de Atividade dos Residentes (Particulares Vitalícios)	93
Gráfico 20 Nível de Atividade dos Residentes (Setor Lar)	94
Gráfico 21 Atividades fora da Instituição (Particulares Vitalícios)	95
Gráfico 22 Atividades fora da Instituição (Setor Lar)	96

## INTRODUÇÃO

O presente projeto surge no âmbito da 6ª edição do Mestrado de Gerontologia Social, e tem como objetivo realizar um projeto de Animação Sociocultural numa instituição situada na cidade do Porto.

Este projeto de Animação Patrimonial com idosos surge a partir o meu percurso profissional num lar de idosos do Porto, de onze anos, enquanto profissional da Animação Sociocultural, com formação académica em História da Arte. Face à minha formação académica, o meu exercício profissional sempre se pautou por uma atenção pelos múltiplos usos das artes e do património em favor da vivência de uma velhice institucionalizada forte em estímulos culturais. Assim, desde cedo que as estratégias de animação propostas a um público privilegiado em termos sociais e culturais, procuraram mobilizar o património cultural da própria instituição e o património escolar e cultural dos residentes.

O projeto de Animação Patrimonial que se propõe enquadra-se nos projetos de Animação Sociocultural existentes na instituição e em execução desde 2003.

A ideia surgiu através dos próprios residentes da instituição que espontaneamente apresentavam interesse em desenvolver temáticas relacionadas com o património, sendo este tema recorrente nas conversas das reuniões culturais que se realizam todas as semanas.

Tendo a instituição 279 anos de história, grande parte dessa história está atestada por um vasto conjunto de património (material e imaterial) ainda por explorar e correndo algum risco de se perder para sempre. Por estes fatos, consideramos pertinente avançar com a proposta e consolidação de um projeto de animação de património sobre a própria instituição, aliando a exploração de património e preservação da memória institucional, à preservação da memória individual através da Animação Sociocultural.

A instituição que acolhe este projeto é uma instituição de cariz religioso (uma irmandade) composta por dois modelos de acolhimento diferentes: ao lar recorrem todos os irmãos da instituição em situação de carência económica, assim como, antigos funcionários que através do seu trabalho receberam a carta que lhes dava o direito à condição de irmão da instituição; no Setor Particulares Vitalícios os residentes, também eles irmãos, vivem em apartamentos que adquiriram juntamente com um conjunto de

regalias. Podemos, então, de forma sucinta referir que existem duas classes sociais dentro da mesma instituição e separadas fisicamente ou seja a distância simbólica destas materializa-se na instituição por uma distinção, também, ela espacial. Por conseguinte, o projeto de animação aqui proposto pretende ser um espaço de aproximação entre estes dois grupos sociais, contaminando as práticas culturais de ambos.

No que se refere ao desenvolvimento teórico deste projeto podemos dividi-lo em três partes essenciais: na primeira parte, a temática do envelhecimento onde se estuda este fenómeno na atualidade como um fenómeno mundial. Aborda-se também o surgimento dos lares fato que se tornou inevitável devido às transformações sociais e culturais que ocorreram sobretudo nas famílias e que desta forma impulsionaram um “corte” na trajetória da vida destas pessoas, assim como, nas suas práticas culturais.

Nesse sentido, enquanto “solução de último recurso” a institucionalização terá que realizar-se dentro de determinados parâmetros. A terceira idade não pode ser apenas encarada como a última fase da vida, decadente e regressiva, mas poderá potencializar antes uma nova oportunidade, tanto no campo pessoal, social e cultural.

Neste sentido, parece-nos importante mobilizar para a discussão o tema das classes sociais dos seus capitais e da cultura, no âmbito do pensamento da sociologia contemporânea onde se ressalta a ideia que a conduta humana não se encontra apenas no indivíduo, mas sim, na sociedade e nas relações sociais. Considerando estas propostas e mais especificamente a linha bourdiniana, os indivíduos são detentores não apenas de capital económico, mas também, de capital cultural e social, ambos responsáveis e patentes na distinção entre classes sociais.

As práticas sociais são ao mesmo tempo estruturadas e estruturantes, reprodutoras e transformadoras como defende Lopes (1998).

A Animação Sociocultural surge enquanto área de trabalho transdisciplinar capaz de fazer a conjugação entre o envelhecimento bem-sucedido e ativo em contexto lar, ativando as diferentes práticas culturais, retirando de fato resultados positivos.

## PARTE I

### 1. CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

#### 1.1. HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO

A 13 de julho de 1736 é criada a instituição em estudo, na cidade do Porto. A instituição foi criada com o objetivo de proteger os irmãos na velhice, doença e em todas as situações de debilidade económica (Estatutos, 1993 cap.I art 3.º n.º1). No ano da fundação é imposto hábito a doze Irmãos, sendo que o primeiro deles António de Sousa Cime, deram de entrada cada um deles 800 reis. (Freitas, 1956, p. 2).

A 26 de julho de 1737 foi eleita a Mesa Administrativa de acordo com os seus primeiros Estatutos<sup>1</sup>. Nesta data, a instituição contava já com 140 Irmãos.

A instituição começa por cuidar dos seus irmãos na doença. Costa (2001) ao estudar os arquivos da instituição, diz que os serviços de saúde ao domicílio surgiram em 1756, quando se propôs à Mesa Administrativa que se prestasse assistência aos irmãos doentes que a pedissem ou dela necessitassem. No entanto, podemos dizer que se tratava apenas de uma declaração de intenções, tanto que a instituição, com apenas vinte anos de existência, vivia com algumas dificuldades financeiras. Esses serviços, segundo Patrício (1901), terão começado apenas em 1781. Porém, esta data parece não estar correta. A instituição prestaria serviços desde 1779, como se pode verificar através das resoluções da Mesa Administrativa a 16 de julho de 1779, data que foi assinado um termo pelo qual o cirurgião João José César se responsabilizou a tratar os irmãos enfermos no domicílio.

Nestes “Curativos”, só seriam admitidos irmãos pobres, um conceito bem especificado nos Estatutos de 1751: aqueles que não pagassem direitos paroquiais ou aqueles que, fora estes pagamentos, não tivessem coisa alguma. Assim, este serviço, que a instituição presta aos mais necessitados é de fato a génese de todo um conjunto de outros serviços, nomeadamente o hospital.

A construção do hospital inicia-se em 6 de abril de 1791, e logo após a sua abertura extingue-se este serviço inicial de cuidado à doença – “curativos” – ficando apenas algumas exceções.

O edifício do hospital fica concluído no início de 1800, e apresenta, desde logo, as condições necessárias para receber alguns doentes.

---

<sup>1</sup> Segundo Freitas (1956), em 1956, os Primeiros Estatutos estavam desaparecidos.

Finalmente, a 8 de fevereiro, ou a 10 para alguns, consoante a fonte, o hospital é inaugurado. A sua administração ficou a cargo de 12 mordomos, um para cada mês do ano.

O hospital desta instituição acompanhou o desenvolvimento do cuidado médico ao longo de todo o século XIX, sempre no alcance das tendências da época. O apoio à comunidade aumentou, significativamente, tanto ao nível de serviços como do número de pessoas que podiam usufruir dos mesmos, estipulando-se a partir de 1865 a assistência a irmãos que não fossem Terceiros.

## 1.2. O SURGIMENTO DOS LARES

Em sessão de Mesa Administrativa de 30 de março de 1874, deliberou-se por iniciativa do prior Tomás Alves Guimarães de “mandar construir em parte do terreno do nosso antigo e extinto cemitério, um lar de idosos para os irmãos”.<sup>2</sup>

Assim, 75 anos após a inauguração do hospital, em 18 de outubro de 1875, o cônego magistral Dr. António Alves Mendes da Silva Ribeiro benzia o novo lar de idosos, que foi solenemente inaugurado em 13 de novembro do mesmo ano. Este lar de idosos, para irmãos pobres, de mais de 60 anos, por deliberação de 1 de julho de 1922, passou a denominar-se “Asilo António da Silva Marinho”, como homenagem ao seu Provedor na época.

Atualmente o referido lar “Asilo António da Silva Marinho” e a “Seção das Encostadas”<sup>3</sup> estão em funcionamento nas antigas instalações do hospital, entretanto encerrados em 2012. A eles acedem os idosos que adquiriram o estatuto de irmãos beneficiados e têm em comum a carência económica e a falta de apoio familiar.<sup>4</sup>

Embora a instituição tenha sido concebida, na sua origem, para auxiliar os mais necessitados em diferentes valências (hospital, escolas, lares e no apoio a refeições) ao

---

<sup>2</sup> Retirado do site <http://www.ordemdocarmo.pt/lares.htm>- acedido em julho 2010

<sup>3</sup> “A seção das encostadas funciona há muito em dois amplos salões do edificio-sede da instituição em regime de internato vitalício, nela se admitindo apenas irmãs beneficiárias com idade e nos termos do presente regulamento.” Regulamento dos asilos 1954, cap. I art.1.º al. e.

<sup>4</sup> Antigamente era comum os padrinhos oferecerem aos afilhados o título de irmão da instituição. No futuro esse título assegurava-lhes vários privilégios, entre os quais, o direito de aceder ao Setor Lar.

longo dos tempos foi-se adaptando às necessidades e mudanças dos tempos apoiando desta forma irmãos não carenciados.

No apoio incontornável aos mais necessitados, a instituição apoiou-se dos irmãos com maior capacidade económica que, após o seu falecimento, legavam o seu património à instituição e no pagamento de serviços de grande prestígio. Dentro dos diferentes serviços, que esta instituição presta aos mais abastados está o acolhimento de idosos em regime vitalício. Acedem a este estatuto os irmãos da instituição.

Estes residentes ao entrarem na instituição, para aí viverem até ao final da vida (daí a designação de *Particulares Vitalícios* para este setor de residentes), faziam o pagamento de determinada quantia e tinham acesso a uma residência que incluía todos os meios necessários para uma vida confortável (semelhante ao nível e qualidade da que tinham aquando do seu ingresso na instituição), sem descuidar os cuidados de saúde prestados por médicos e enfermagem, de forma permanente.

Assim, em 1900 o Setor *Particulares Vitalícios* contava com 10 residentes, todos do sexo feminino, em 1951 tinha já 67 residentes sendo 15 do sexo masculino e 52 do sexo feminino, em 1955 do total de residentes de 62, 13 eram homens e 49 eram mulheres (Freitas, 1956).

Podemos concluir que esta instituição oferece três *valências* de apoio na velhice: no Setor *Particulares Vitalícios*, designados de irmãos beneficentes, que recorreram à instituição não em situação de carência económica, pois trata-se de um grupo com capital económico e social considerável. Ao Setor *das Encostadas* ou *Lar de Nossa Senhora do Carmo* acediam antigos funcionários da instituição, que de certa forma, encostaram ou pediram apoio para permanecer na instituição após a reforma. Ao *Lar Silva Marinho* acorriam irmãos da instituição em situação de carência económica ou de apoio familiar. Aos residentes destes dois lares a instituição atribui-lhes o estatuto de irmãos beneficiários.

Recentemente a Mesa Administrativa da instituição decidiu juntar estes dois lares (*Lar Silva Marinho* e *Nossa Senhora do Carmo*) nas instalações hospitalares onde podem usufruir de melhores instalações, no entanto, e como não foi atribuído nenhum nome ao ajuntamento dos dois lares designámo-lo como: *Setor Lar* para o distinguir do *Setor Particulares Vitalícios*.

### 1.3. OS ESTATUTOS DE 1983

Os atuais Estatutos da instituição foram aprovados pelo Decreto-Lei nº 119/83, de 25 de fevereiro, alterados à posteriori pelo Decreto-Lei nº 402/85 de 11 de outubro. O regulamento foi aprovado pela portaria nº 778/83, de 23 de julho, data em que se procedeu ao registo definitivo e à alteração global dos Estatutos tornando-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), reconhecida como pessoa coletiva e de utilidade pública (Estatutos, 1983, p. 29).

Os Estatutos organizam e regem a vida da instituição e foram sofrendo alterações e evoluindo ao longo dos tempos. Hoje os Estatutos estão adequados à realidade, uma realidade diferente da dos Estatutos de 1751, marcadamente mais social e não tanto religiosa, como se pode verificar:

“Esta instituição é formada por número ilimitado de associados-designados por irmãos beneficentes<sup>5</sup>, sendo a sua duração por tempo indefinido. Tendo ela sido constituída por iniciativa de fiéis e não da hierarquia da igreja, é uma instituição privada com responsabilidade própria e autónoma (...) mas cumprindo os deveres de lealdade e obediência à igreja católica a quem procura humildemente servir” (*Ibidem*, n.º3).

Podemos acrescentar que esta instituição é considerada desde a sua fundação “uma irmandade, na medida em que, quer os seus associados, quer os seus protegidos e beneficiados, quer os seus beneméritos quer os que lhe prestem relevantes serviços, são todos considerados como irmãos e assim apelidados” (*Ibidem*, n.º4 ).

---

<sup>5</sup> Existem 5 categorias de irmãos: os associados da instituição, denominados beneficentes, os beneficiados, os agregados, os beneméritos e os honorários (Estatutos, 1993, cap. II art.º, n.º 4).

Os irmãos beneficentes são os que concedem ou se propõem conceder benefícios à instituição para realização dos seus fins, podendo exercer a gestão e administração da instituição.

Os irmãos beneficiados são os que podem receber benefícios da instituição, nas condições estabelecidas nestes Estatutos e no regulamento geral interno.

Os irmãos agregados são os que só podem beneficiar de sepultura, ou jazida, no cemitério privativo da instituição, missas e sufrágios por sua alma, pelo que só poderão ser admitidos depois de falecerem.

Os irmãos beneméritos são todos os que concorram para a instituição, em vida ou depois de falecidos, com donativos ou legados aceites por esta.

Os irmãos honorários são todos os que, gratuitamente, prestarem à instituição apreciáveis e relevantes serviços.



A gestão da instituição é exercida por uma Mesa Administrativa, presidida pelo Provedor, por um Vice-Provedor, um Primeiro Secretário, um Segundo Secretário, um Tesoureiro, dez mesários efetivos e quinze substitutos, eleitos de três em três anos (Estatutos, 1983 seção II cap. IV art.22.º).

A instituição tem por finalidade “proteger os seus irmãos na velhice, invalidez, doença e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho” (Estatutos, 1983, cap. I art.3.º). Assim, para além de promover e proteger a saúde, através da prestação de cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação, tem as seguintes finalidades e segundo os mesmos Estatutos:

- a) “Dar proteção à terceira idade”;
- b) “Praticar a solidariedade e caridade cristãs, concedendo auxílios financeiros aos irmãos necessitados, diretamente ou através de serviços a baixos custos ou gratuitos”;
- c) “Celebrar na sua igreja privativa todos os atos de culto, de harmonia com a liturgia da igreja católica”;
- d) “Exercer, com a amplitude possível e tanto quanto os seus recursos financeiros o permitam, a sua ação beneficente, caritativa, instrutiva e piedosa, em favor dos seus irmãos, principalmente os mais necessitados”;
- e) “Dar inteiro cumprimento às disposições testamentárias e a quaisquer outras que tenha aceite ou venha a aceitar dos seus beneficiários”.

Segundo os mesmos Estatutos e para cumprimento destes fins, a instituição melhorará o quanto possível o seu hospital, centros e casas de repouso, escola, refeitórios, igreja e cemitério privativo.

#### 1.4. O PATRIMÓNIO

Os Estatutos da instituição referem que o património da instituição: “é constituído por todos os estabelecimentos, bens e fundos que atualmente lhe pertencem e por todos aqueles que venha a adquirir” (Estatutos, 1993, cap.VI art.36.º). Neste sentido, o património da instituição está em constante mutação, já que nele está comportado heranças, legados e doações, sendo estas feitas a benefício de inventário sem carecer para tal de licença prévia.

Este é de fato, um património vasto, de difícil gestão, comportando gastos avultados, porém, tal não parece justificar a inércia a que está votado, quando este é de particular valor cultural. Quaresma (1995) e outros autores referem-se ao espólio da instituição como se de um tesouro se tratasse, apelando para a necessidade de abertura de um museu, de forma a preservar e dinamizar este património:

“A ideia da instituição é ter um museu, mas como explicou Veiga de Faria, (atual Provedor) “é necessária uma verba que embora não seja avultada, faz falta à manutenção do edifício, que tem mais de 200 anos” num artigo publicado ao Jornal de Notícias em 13 de março de 1999 de Ana Rosário.

De igual modo, Basto num outro artigo ao mesmo jornal, publicado na mesma data reafirma a mesma ideia: “São tesouros fechados à vida e ao mundo. Fechados a sete chaves, ao pó, à luz da razão e da emoção. Não fermentam diálogo, não existem de verdade”.

Estes autores referem-se não a meras peças soltas, mas a um vasto património escondido, não num cofre, mas num quarteirão da cidade, como refere o jornalista atrás mencionado:” bunkers com valiosos tesouros” (*Ibidem*, 1999).

Este “tesouro” contempla desde bens imobiliários a joias, marfins, porcelanas, pinturas e é fruto de dádivas de irmãos e aquisições da irmandade. Constitui um património, até hoje, não quantificável. Sabemos, porém, que todas as peças estão inventariadas, fotografadas e referenciadas com o nome do seu doador.

Assim, trabalhos futuros sobre este património não só são possíveis, como são desejáveis. Consideramos que a cidade continua à espera da partilha deste “tesouro”. Tal como refere Almeida (1998, p. 412):

“O património não pode ser olhado apenas como uma reserva e, menos ainda, como uma recordação ou nostalgia do passado, mas antes como algo que tem que fazer parte do nosso presente”.

No nosso entendimento, não podemos continuar a privar a cidade e toda a comunidade, em particular a comunidade residente nesta instituição, deste património que não é

apenas material.<sup>6</sup> Como temos verificado, e é procurado atestar aqui, alguns residentes estão na instituição à algumas décadas (alguns foram funcionários e permanecem nela enquanto residentes de lar) conhecem a história da instituição e podem narrá-la na primeira pessoa, devemos registar os seus discursos nos quais foram protagonistas como o faremos através das narrativas biográficas para que nunca se percam de forma irremediável.

Perante este contexto, onde revelamos uma realidade que se nos apresenta repleta de património material e imaterial e neste incluímos o património humano, com pessoas capazes e interessadas em se tornarem veículos de transmissão da sua história e da instituição onde habitam, procuraremos pensar um projeto de trabalho que responda às necessidades da instituição e dos seus residentes.

Por fim consideramos tal como Bertin (2003, p. 240), que o património: mobiliza o afetivo, o intelectual, o relacional e o sentido prático, combinando elementos psicológicos, psicossociais, sociais e políticos. Permite assim, uma implicação tanto individual como coletiva no desenvolvimento dos contextos de vida.

---

<sup>6</sup> A instituição, com 279 anos, possui documentos importantes para conhecer não só da sua história, mas também da cidade do Porto.

### 1.5. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA INSTITUIÇÃO

O projeto de Animação Sociocultural desta instituição iniciou-se em 2003. Os seus objetivos, numa fase inicial eram essencialmente manter os residentes ocupados e fazer com que estes criassem ou fortalecessem as relações entre si, mas dentro de cada setor separadamente. Durante dois anos as atividades de Animação Sociocultural eram propostas separadamente a cada um dos setores. Porém, à medida que se foram desenvolvendo, a Animação Sociocultural foi-se apercebendo que era possível fazer algumas aproximações entre os dois públicos da instituição, mesmo que pontualmente, mas com crescentes resultados positivos para ambos. Estas aproximações, numa fase inicial, foram introduzidas lentamente, quase que seria possível afirmar que foram feitas de uma *forma velada*. Aliás, não teriam aceitação, por parte de ninguém, se assim não fosse. As práticas culturais da instituição funcionavam com esta separação desde a fundação dos lares e essa ideia estava enraizada nos discursos dos seus residentes, técnicos e dirigentes e está enraizada nos seus Estatutos, quando estes preveem a separação instituição dos seus residentes por estatuto socioeconómico.

Dentro da instituição foram sendo implementados projetos que permitissem ir ao encontro aos objetivos da instituição e fomentassem também aproximações entre os dois públicos, separados tanto ao nível físico, pois residem em espaços diferentes, como também, ao nível das diferentes práticas culturais e sociais.

Os projetos de Animação Sociocultural na instituição:

- i) O primeiro projeto a ser implementado foi o das *reuniões temáticas*, este realiza-se semanalmente, todas as segundas feiras em horário fixo e com a duração de cerca de uma hora. Estas reuniões, na fase inicial realizavam-se apenas no Setor Vitalício e eram apenas conduzidas pela animadora sociocultural. Atualmente, a apresentação e escolha do tema de conversa/trabalho pode ser feita pelos residentes, independentemente do setor. Nestas reuniões, são tratados temas sobretudo culturais que vão desde a literatura, arte, música, atualidade ou dinâmicas;
- ii) Os *passeios de carrinha* adaptada realizavam-se duas vezes por mês. Numa fase inicial os passeios eram feitos com os residentes de cada setor em

separado e os destinos eram escolhidos de acordo com os gostos de cada setor, quase sempre locais diferentes. No entanto, e à medida que os passeios decorriam, começou a verificar-se que alguns residentes gostariam de participar no passeio do outro setor e a mescla de residentes começou a acontecer de forma lenta. Os últimos passeios realizados <sup>7</sup> decorreram em conjunto e sem qualquer separação, tanto ao nível de setor, como do local a visitar. As visitas efetuavam-se segundo os interesses dos residentes e sempre que possível proporcionando momentos de *lazer* e de desenvolvimento pessoal;

- iii) As *festas temáticas* realizam-se em épocas especiais, mas com a particularidade de serem sempre organizadas pelo *setor responsável*, enquanto os residentes do outro setor são convidados. Para exemplificar, a festa de São João que ao ser organizada pelo *Setor Lar*, os residentes *Particulares Vitalícios* são apenas convidados. Nesta festividade tem-se em conta toda a sua tradicionalidade da época, desde a ementa até à forma como decorrem os festejos.

A Páscoa, tendencialmente, comemora-se com um chá, inicialmente organizado pelo *Setor Particulares Vitalícios* e com muito pouca participação do *Setor Lar*. Na atualidade este chá já tem mais participantes e fazem-no sem qualquer constrangimento.

A exceção a esta dinâmica é o Natal. No Natal, realiza-se uma exposição com os trabalhos manuais efetuados pelos residentes, durante todo o ano. Este projeto iniciou-se em 2004 e teve desde início a participação dos dois setores. Estes trabalhos englobam *tricots*, *crochet*, bordados, bonecas de tecido, mas também desenho, pintura, fotografia, *decoupage* entre outros. Este projeto permite que os residentes interajam e se entremajudem, pois é frequente pedirem apoio, trocarem opiniões, informações e materiais. Durante a venda de Natal são atribuídas tarefas aos residentes que vão desde a venda de trabalhos, à catalogação, atribuição de preços, aos registros de vendas e de encomendas, normalmente são tarefas rotativas para que desta

---

<sup>7</sup> Na atualidade não existe carrinha para os passeios e verifica-se, através do diagnóstico de necessidades apresentado na IV parte deste projeto, o interesse dos residentes em voltar a usufruir desta atividade.

forma se desenvolvam novas competências. Esta venda que normalmente tem a duração de três dias, são convidados os amigos, familiares e funcionários da instituição. A venda destes produtos permite a sustentabilidade financeira dos projetos de Animação Sociocultural da instituição. A Animação Sociocultural pretende com esta atividade promover a aproximação e o relacionamento entre os residentes, aumentar a autoestima e fomentar a aproximação à comunidade;

iv) O *terço*, outro dos projetos da Animação Sociocultural nesta instituição e que se iniciou recentemente, acontece todas as quintas feiras na capela. A cada residente é atribuído *um mistério* do *terço* consoante a ordem de chegada dos residentes. Esta distribuição tem dois objetivos:

- a. Distribuir tarefas/responsabilidades aos residentes dos dois setores. Inicialmente, existia por parte dos residentes do *Setor Lar* alguns constrangimentos, não queriam que lhes fosse atribuído nenhum mistério, mas com o tempo, foram-se adaptando à ideia e ultimamente os mistérios são atribuídos independentemente do setor a que pertencem;
- b. Participação dos mais dependentes. A atribuição de um mistério a cada residente permitia que os residentes mais dependentes participassem, sendo uma pequena tarefa é mais fácil de executar.

Duas residentes são responsáveis pela realização do *terço*, uma residente, do *Setor Particulares Vitalícios* e outra do *Setor Lar*. A estas senhoras cabe a organização de todo o *terço* desde a escolha dos cânticos, à escolha das ladainhas e a dedicatória que é feita em cada mistério.

O rezo do *terço* tem a particularidade de ter algumas partes que são feitas em conjunto, fomentando assim, o sentimento de pertença e de identidade. Hoje, o *terço* realiza-se também aos domingos e segundo o mesmo método, de forma completamente autónoma, tornando-se um hábito e uma prática na instituição. Frequentemente antes e depois do *terço* os residentes deslocam-se ao café da instituição para conviver;

v) Os *placards* são placas de cortiça fixadas na parede e existem por toda a instituição. Um residente vitalício é responsável por, ao longo de todo o ano, recolher, seleccionar, editar e afixar todo o tipo de recortes, imagens, poemas,

pensamentos, efemérides, divulgação de informações do interesse dos residentes. Esta foi uma das estratégias para aproximar os residentes, desenvolvendo a interação espontaneamente e promovendo a autoestima;

- vi) O *voluntariado* existe na instituição e é resultado da aproximação entre residentes dentro do mesmo setor, assim como, do relacionamento entre residentes de diferentes setores. Ao serem criados laços de amizade entre os residentes, o voluntariado surge quase como consequência dessas mesmas relações pessoais. Alguns residentes mais autónomos foram demonstrando interesse em fazer companhia aos residentes mais dependentes, no entanto, e sobretudo por se tratar de um público fragilizado, os voluntários são formados pela Animação Sociocultural e por alguns residentes com práticas anteriores relacionadas com esta área. Pretende-se que seja um conjunto de experiências positivas para os dois intervenientes, proporcionando momentos representativos para ambos. Os voluntários são orientados para desenvolver atividades semelhantes às que estão a decorrer na instituição, pois muitas vezes referiam que não sabiam que temas deveriam abordar. Este trabalho de voluntariado é complementado com atividades específicas da Animação Sociocultural onde estão incluídos exercícios físicos, estimulação cognitiva, auditiva, olfativa, escrita e leitura entre outros.

O voluntário, também, se desenvolve na sala de convívio dos lares sendo esta uma atividade aberta a todos os residentes. Diariamente, é rezado o terço, ao início da tarde, por uma residente do *Setor lar* e, todas as segundas-feiras, são feitas leituras sobre vários temas, neste setor, por uma residente vitalícia. Finalmente gostaríamos de salientar que as atividades são sempre discutidas em conjunto com os residentes, tendo sempre em conta as suas necessidades, gostos e expectativas permitindo assim o seu desenvolvimento. Por outro lado, esta foi a forma encontrada para colmatar as 4 horas diárias que estão atribuídas à Animação Sociocultural e que não são suficientes para satisfazer todas as solicitações dos residentes.

Por fim, gostaríamos de salientar que no âmbito destas atividades, a animadora sociocultural, assume um papel de fazer o *elo de ligação* entre as diferentes atividades, entre os diferentes públicos e os diferentes residentes. Cabe-lhe também a tarefa de

*delegar papéis* aos residentes para que estes assumam o protagonismo na produção e execução das atividades, visto que, como tivemos oportunidade de referenciar trata-se de um trabalho em *part-time*. A animadora sociocultural assume o trabalho de orientar/coordenar/ apoiar as atividades desenvolvidas pelos residentes. Assume o papel de motivar e de direcionar as atividades para que sejam preparadas e executadas tendo em conta as necessidades dos residentes e se torne numa experiência positiva para os que executam e para os que dela usufruem.

As atividades executadas pelos residentes relacionam-se e integram-se com todas as atividades proporcionadas pela Animação Sociocultural têm em vista alcançar os mesmos objetivos, embora, muitas vezes por caminhos diferentes tirando partido das diferentes trajetórias de vida.



## PARTE II

### 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 2.1. JUSTIFICAÇÃO DA ESCOLHA DA METODOLOGIA

Dentro do âmbito da Animação Sociocultural e de forma a compreender realidade da instituição, surgiu a necessidade de adoção de uma estratégia metodológica que conduzisse e orientasse todo o nosso trabalho. Desta forma, compreendemos, como Guerra (2000), que em qualquer contexto de intervenção de base científica devemos incluir uma dinâmica de investigação-ação, na medida em que apenas este tipo de processo, impede a rotinização e a repetição de *receitas* de ações *importadas* de outros contextos. Este tipo de metodologia investigação-ação permite em simultâneo a produção de conhecimento sobre a realidade, a inovação, a produção de mudanças sociais e a formação de competências dos intervenientes.

Esta metodologia possibilita-nos atingir objetivos delineados para nosso trabalho de forma mais eficiente e eficaz. Permite-nos refletir sobre a ação, assente na prática, transformando a realidade (Trilla, 1997).

O papel do ator/investigador confunde-se, os residentes assumem um papel participativo, de protagonismo, tal como, em outros projetos a decorrer na instituição.

Optamos dentro da metodologia de investigação-ação pela **metodologia participativa de projeto** por se tratar de um instrumento que permite uma maior compreensão da realidade social, uma maior eficácia dos meios e técnicas de intervenção, baseada numa ordem lógica de operações sequentes, permitindo produzir uma representação antecipada e *finalizante* de um processo de transformação do real (Guerra, 2000).

A metodologia participativa de projeto enquanto atividade de planeamento é um processo permanente, contínuo e sistémico, pois envolve, diferentes subsistemas em constante interatividade e reformulação visando a mudança e a inovação (Guerra, 2000).

Podemos então confirmar que dentro da abordagem da mesma autora que “um projeto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas também a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder” (*Ibidem*, 2000, p. 126).

Serrano (2008, p. 16), define projeto como um plano de trabalho que tem como missão prever, orientar e preparar o caminho que se vai seguir:

“Um projeto é um avanço antecipado das ações a realizar para conseguir determinados objetivos. Deve apresentar uma unidade própria na medida em que procura atingir determinados objetivos para cujo alcance efetivo requer uma estrutura interna que lhe permita alcançar o fim proposto”.

## 2.2. ETAPAS DA METODOLOGIA PARTICIPATIVA DE PROJETO

Tendo em conta metodologia participativa de projeto de Guerra (2000) a estratégia metodológica começa-se por identificar os problemas e fazer o diagnóstico da realidade em questão. Nesta fase, definem-se os problemas através da recolha de dados quantitativos e qualitativos; são reconhecidos os problemas sobre os quais se quer intervir e o entendimento das suas causalidades, selecionam-se as prioridades e os recursos.

Tendo em conta todos estes pressupostos, para o diagnóstico desta instituição foram utilizadas como técnicas de recolha de dados: i) inquérito por questionário SAMES-LAR Sistema de Avaliação Multidimensional de Equipamentos Sociais-Lares de Idosos, adaptado do modelo SERA - *Sistema de Evaluacion de Residencias de Ancianos* – que permitiu conhecer de forma mais profunda a realidade da instituição e responder às necessidades dos seus residentes; ii) narrativas biográficas, através das quais conseguimos perceber as trajetórias de vida dos residentes, as suas práticas culturais e a pertinência de um projeto desta natureza.

Os **objetivos de um projeto** “constituem o ponto central de referência, são eles que definem a sua natureza mais específica e dão coerência ao plano de ação” (Serrano, 2008, p. 44).

Dentro desta segunda etapa, na definição dos objetivos incluímos as **finalidades** que nos indicam a razão de ser de um projeto, o que se pretende transformar. Os **objetivos gerais** descrevem as grandes orientações para as ações, as grandes linhas de trabalho. Os **objetivos específicos** exprimem os resultados que se pretendem atingir e que detalham os objetivos gerais, funcionando como a sua operacionalização.

Na **definição das estratégias** onde são clarificadas as grandes orientações do projeto, de que forma vamos atingir os nossos objetivos, qual a forma mais rentável, mobilizadora e inovadora de os atingir, ou seja, as estratégias estão sobretudo

relacionadas com as políticas da instituição, com o tipo de objetivos e recursos existentes. Tendo em conta a realidade da instituição optamos por incluir um projeto de âmbito patrimonial, no contexto da Animação Sociocultural.

**No plano de atividades**, descreve-se de forma detalhada e sistemática o que se pretende fazer, quando, quem ficará encarregue das diferentes tarefas e quais serão os recursos necessários para as executar. As atividades implicam relação com os objetivos, meios e estratégias, pretendendo a concretização dos objetivos previamente definidos (Guerra, 2000).

A maior dificuldade do plano de atividades é a opção sobre o que fazer, pois existem muitas formas de atingir os objetivos que terão que ser selecionados mediante as necessidades, os contextos e os recursos existentes.

Segundo Kaufman (Serrano, 2008 p. 37):

“A planificação trata unicamente de determinar o que se deve fazer, para posteriormente se poderem tomar decisões práticas para a sua implementação. A planificação é um processo para determinar para onde ir e estabelecer os requisitos para chegar a esse ponto da forma mais eficaz e eficiente possível”.

Um plano de atividades deverá ser flexível; aberto a qualquer retificação ou reajustamento; adaptados ao grupo a que se destina; deve ter a participação e a autogestão de todos os atores e interdisciplinaridade (Serrano, 2008).

Devem ser selecionadas as atividades prioritárias que são determinantes devendo existir sempre que possível uma discussão conjunta sobre as alternativas, a sequência das etapas, os riscos potenciais das várias escolhas.

Quanto à componente da **avaliação**, o desenho de projeto de intervenção deverá ser acompanhado de mecanismos de autocontrolo que permitam seguir os resultados e os efeitos da intervenção de forma a corrigi-los sempre que necessário.

A avaliação” é um processo pelo qual se delimitam, se obtêm e se fornecem informações úteis, permitindo ajuizar sobre as decisões futuras e é um aviso sobre a eficácia de uma intervenção ou de um plano que está a ser implementado” (Guerra, 2000, p. 186).

Existem diferentes modelos de avaliação que podem ser acionados em diferentes momentos, assim podemos considerar três tipos de avaliação, segundo a temporalidade:

Avaliação diagnóstica ou *ex-ante* pretende adquirir elementos que nos permitam decidir se o projeto deve ou não ser implementado; avaliação de acompanhamento ou *on -going* avalia a fase de execução do projeto e dá-nos elementos para uma possível correção e avaliação final ou *ex- post*, mede os resultados finais do projeto (Guerra, 2000, p. 195).

A divulgação dos resultados do projeto de intervenção, no nosso entendimento, é um processo importante, não apenas a nível interno, mas também, como forma de aproximação à comunidade exterior.

### 2.3. TÉCNICAS UTILIZADAS PARA A REALIZAÇÃO DO DIAGNÓSTICO

A escolha de técnicas a utilizar para a realização do diagnóstico, como defende Guerra (2000), depende do contexto em que se realiza, podendo ter em conta informações já recolhidas, as características do grupo alvo, os recursos existentes devendo sempre que possível recorrer a metodologias que impliquem os atores desde o início do projeto.

Desta forma “devemos refletir sobre os dados que nos interessam para assegurar que o nosso projeto vá ao encontro das necessidades detetadas” (Serrano, 2008, p. 49).

Dentro do leque de escolhas das diversas técnicas metodológicas, essenciais para realização do diagnóstico da instituição selecionamos o Sistema de Avaliação Multidimensional de Equipamentos Sociais - Lares de Idosos (SAMES - LAR), porque nos permite recolher informações sobre a instituição e dos residentes. Por outro lado, as narrativas biográficas permitem-nos conhecer a trajetória de vida dos residentes e desta forma fazer *aproximações* dos diferentes públicos.

#### 2.3.1. SISTEMA DE AVALIAÇÃO MULTIDIMENSIONAL DE EQUIPAMENTOS SOCIAIS - LARES DE IDOSOS (SAMES - LAR)

Depois de selecionadas as técnicas de recolha de dados, recorreremos à aplicação da primeira técnica o Sistema de Avaliação Multidimensional de Equipamentos Sociais - Lares de Idosos (SAMES - LAR).

Este instrumento é composto por oito dispositivos, mas nem todos foram considerados essenciais e pertinentes para conhecer a realidade desta instituição. Assim, foram selecionados os dispositivos: Inquérito relativo às Características Físicas e Arquitetónicas (ICFA); Inquérito relativo às Características da Organização e

Funcionamento (ICOF); Inquérito sobre a Informação Pessoal (IP) e Diagnóstico de Necessidade (DN).

Esta técnica mostrou-se pertinente para o diagnóstico e adequada para complementar alguns dados em falta no processo individual dos residentes (Anexo 1). Nos processos individuais dos residentes da instituição não constavam referências relativas à profissão exercida, nem às habilitações literárias, constatamos a inexistência de qualquer referência às expectativas dos mesmos aquando da entrada na instituição o que implica uma maior dificuldade em trabalhar na construção de projetos de vida por parte de todos os profissionais.

Dos oito instrumentos que este sistema de avaliação nos fornece foram utilizados para este trabalho quatro instrumentos (Ballasteros, 1996):

**i) Inquérito relativo às Características Físicas e Arquitetónicas (ICFA)**

- este instrumento considera um grupo de variáveis relevantes tais como a localização, as características interiores e exteriores do edifício. Permite-nos perceber os espaços da instituição e a forma como estes se articulam entre si e podem ser potencializados (Anexo 2);

**ii) Inquérito relativo às Características da Organização e Funcionamento**

(ICOF) - permite-nos conhecer acerca do nível funcional e do comportamento que os residentes têm que ter para serem admitidos, a relação entre a liberdade individual e a estabilidade e ordem da instituição. Por último a disponibilidades dos diferentes serviços e atividades que oferece a instituição (Anexo 3);

**iii) Inquérito sobre a Informação Pessoal (IP)** - fornece-nos informação acerca

de aspetos pessoais sobre os residentes tais como: o nome, naturalidade, o nível de habilidades funcionais, atividades que realiza e o seu estado de saúde (Anexo 4);

**iv) Diagnóstico de Necessidade (DN)** - esta lista de necessidades permite-nos perceber

a satisfação dos residentes em relação a alguns serviços prestados através de perguntas abertas, os residentes responderam de que forma poderiam ser executadas melhorias nos diferentes serviços (Anexo 5).

Antes da aplicação dos inquéritos explicamos a todos os residentes quais os seus objetivos e posteriormente foi aplicado individualmente e em privado. Por vezes foi dividido por fases e com alterações na ordem das perguntas consoante algumas particularidades dos residentes<sup>8</sup>, ocasionalmente foi preenchido depois de uma conversa com os mesmos devido ao constrangimento por parte dos residentes com o registo feito em simultâneo ao seu discurso.

### 2.3.2 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

O outro instrumento que usamos como técnica de recolha de dados para o diagnóstico de necessidades foi a **narrativa biográfica** escolhemos esta metodologia da investigação-ação, pois “tem-se mostrado adequada à recolha de informação original acerca de situações ou de atores em processo, à concretização de conhecimentos teóricos obtidos através do diálogo entre os investigadores e os membros das comunidades analisadas, e permite criar soluções adequadas aos problemas com que a comunidade se defronta” (Fantasia & Leite, 2013, p. 55).

As narrativas biográficas tratando-se de uma metodologia qualitativa constitui-se numa proposta “do empirismo crítico que desloca o centro de produção de conhecimento para os objetos de investigação, permitindo ultrapassar os bloqueios e os desvios da observação do real por parte dos atores científicos” (Fantasia & Leite, 2013, p. 50).

Da mesma forma Santos & Meneses (2009) defendem que os projetos criados segundo esta metodologia permitem combater a inferiorização de saberes, valorizando a diversificação cultural e as visões multifacetadas dos seus protagonistas.

É neste sentido que a abordagem das narrativas biográficas nos parece relevante como proposta de trabalho neste projeto. A descrição das diferentes trajetórias de vida permite-nos enquanto investigadores perceber as práticas culturais, as redes sociais, a formação académica e as profissões exercidas antes e depois da institucionalização dos residentes e desta forma *fazer ligações* e estabelecer pontos de interesse entre todos os autores/atores.

---

<sup>8</sup> As questões mais difíceis de responder eram colocadas no final. Questões como a escolaridade ou até a idade eram motivo de constrangimento para alguns residentes, consideravam-na uma questão muito pessoal, desta forma procedemos de forma a respeitar as particularidades de cada um.

“A narrativa biográfica é simultaneamente um modo de conhecimento onde os autores se assumem como produtores conscientes dos caminhos das suas vidas. Desse modo, o processo de conhecimento obtido não é apenas referencial (construído pelos currículos predeterminados) mas é um saber que decorre da experiência prática intercultural (do ato de narrar, do ato de pensar, do ato de partilhar, do ato de transformar, do ato de sentir, do ato de imaginar) integral” (Fantasia & Leite, 2013, p. 56).

O discurso passa a ser produzido pelo sujeito e integra a sua visão sobre a pluralidade das experiências.

“Ao interpretar os dados do mundo, ao destingir na experiência o que é individual e o que é coletivo, o olhar biográfico permite a construção duma experiencia relacional que estrutura a ação [...]

Com a narrativa biográfica o discurso científico transfere-se para os sujeitos, que se tornam protagonistas da ação” (Fantasia & Leite, 2013, p. 53-56).

Segundo os mesmos autores, neste tipo de metodologia os diferentes interlocutores, tomam consciência de si como seres sociais e experienciais dando-se desta forma dá-se a reformulação do seu olhar sobre a realidade.

Trata-se, portanto, de uma ação comunicativa reflexiva, através da narrativa biográfica o sujeito traduz na sua narrativa uma representação que contém, para além de o ser individual o ser social em contexto.

Como resultados da investigação-ação verifica-se o envolvimento dos membros das comunidades e o aumento da motivação para a mudança e para a transformação da realidade.

A recolha de dados vai permitir ao investigador numa fase posterior, confrontar pontos comuns e divergentes de forma a estabelecer ou não os referidos *elos de ligação* para um projeto comum neste caso sobre património.

O desenho inicial deste projeto partiu de uma pequena experiência, selecionamos uma amostra mediante os interesses que os residentes demonstravam nos temas sobre património, desta forma, podemos verificar a motivação para um projeto deste âmbito. A aplicação do inquérito SAMES-LAR e mediante algumas respostas, sobretudo quando eram mais demoradas, percebemos que outros residentes poderiam incluir o mesmo projeto.

Para conseguirmos a amostra da população residente escolhemos proporcionalmente, elementos dos dois setores (*Setor Particulares Vitalícios e Setor Lar*) caso fosse possível seriam em igualdade de género, mas tal não pode acontecer visto só existir um elemento do género masculino como residente do *Setor Lar* e a sua admissão foi feita recentemente.

Os critérios que presidiram à seleção desta amostra tiveram em conta a autonomia tanto a nível físico como intelectual, ambos essenciais para a participação nas diferentes atividades. Os residentes foram distribuídos por dois grupos como: o *grupo A* e o *grupo B* correspondente aos residentes dos dois lares existentes na instituição. Esta amostra é constituída por seis elementos (estudo intensivo das suas trajetórias de vida) residentes, sendo que quatro pertencem **grupo A** (*Setor Particulares Vitalícios*), e dois elementos são do *grupo B* (*Setor Lar*).

Por fim gostaríamos de salientar que os residentes da amostra tiveram as suas identidades omitidas: “As identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo” (Bilken & Bogdan, 1994, p. 77).

Podemos então concluir, que um projeto se baseia numa necessidade real para a qual se necessita encontrar uma solução, o surgimento dessa necessidade baseia-se na discrepância que existe entre a situação existente e a situação desejada.

Dentro desta perspetiva Guerra (2000), estabelece seis etapas para assegurar este percurso: o diagnóstico, um instrumento de pesquisa-ação que implica a participação de todos os que têm elementos do conhecimento dessa mesma realidade, implica diferentes técnicas e deverá partir de fontes de informação diversificadas; a definição dos diferentes objetivos; as estratégias que relacionam os objetivos e recursos existentes; as atividades e finalmente a avaliação que deve integrar todas as fases do projeto.

Após ter sido delineada toda a metodologia de projeto seguiremos para a contextualização/reflexão teórica.



## PARTE III – PROJETO

### 3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

#### 3.1 ENVELHECIMENTO

*Envelhecer é cada vez mais um desafio para quem envelhece e para quem apoia o envelhecimento (Lopes, 2007).*

##### 3.1.1. Envelhecimento demográfico em Portugal

A tendência para o crescimento da população idosa é hoje muito marcante na sociedade portuguesa e na generalidade dos países europeus. Durante muito tempo a demografia apresentava-se com altas taxas de natalidade e de mortalidade, na atualidade ambas as variáveis assumem valores muito reduzidos, tendo como consequência, o aumento significativo do peso dos idosos no conjunto da população portuguesa e mundial (Paúl & Fonseca, 2005).

Segundo a OMS (2005) estima-se que em 2050, cerca de 22% da população mundial tenha mais de 60 anos de idade, este fato deve-se ao aumento médio da esperança de vida e o decréscimo da taxa de natalidade.

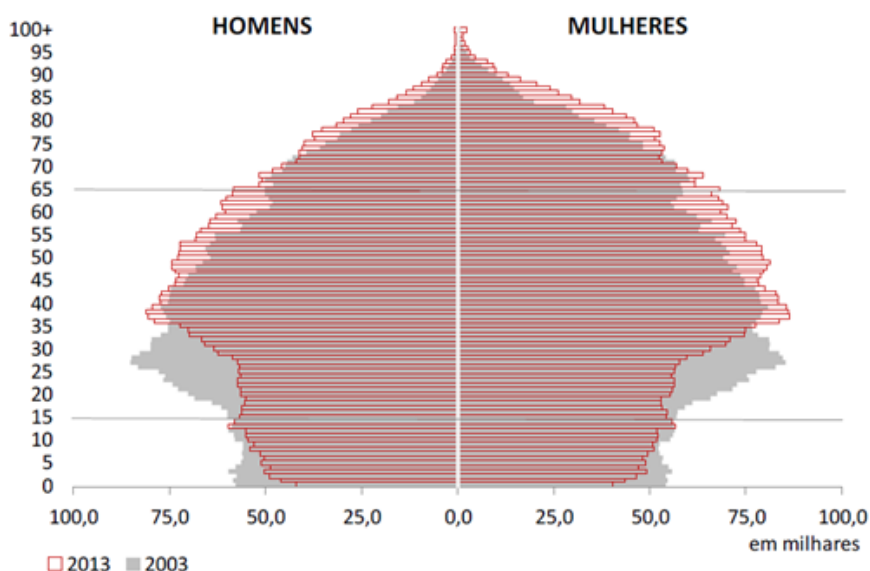


Gráfico n.º 1 - Pirâmides etárias sobrepostas de duplo envelhecimento.

Entre 2003 e 2013, como podemos verificar, através das pirâmides etárias sobrepostas observa-se um duplo envelhecimento demográfico. Portugal apresenta atualmente uma das mais baixas taxas de fecundidade da Europa e, conseqüentemente, sem capacidade de renovação das gerações, a taxa de natalidade tende a diminuir devido à redução do número de filhos por mulher, fato explicativo do envelhecimento na base da pirâmide, assim como, o índice da longevidade explica o envelhecimento no topo da pirâmide, com o número de indivíduos com 65 anos de idade a aumentar (INE, 2011).

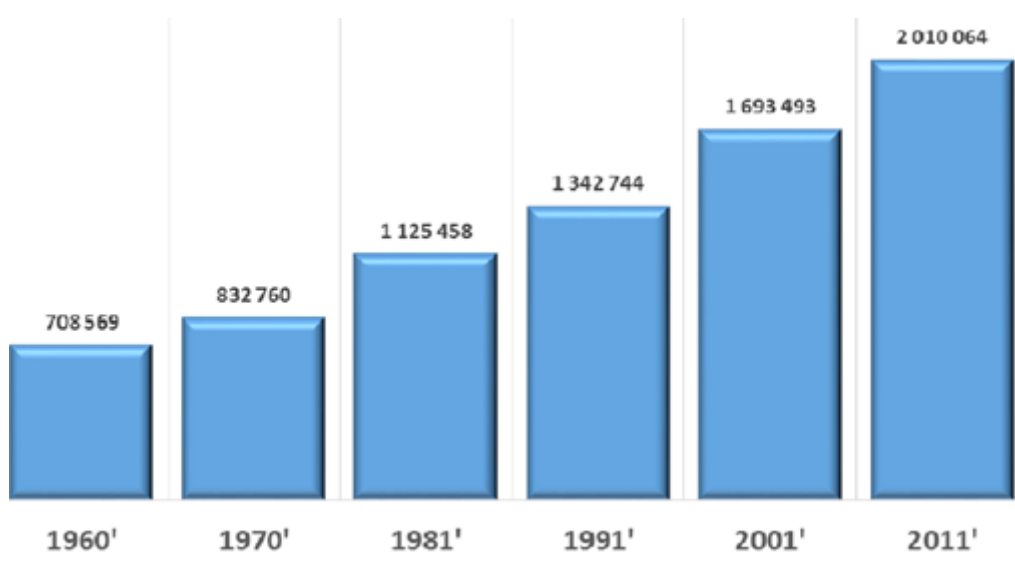


Gráfico n.º 2 - INE, PORDATA (2011, *cit. in* Rui Brites. *Contributos para um Retrato Sociológico do Idoso em Portugal*).

Segundo os censos 2011, o número de indivíduos com mais de 65 anos de idade aumentou. Em 1960 tínhamos 70 8569 e em 2011 os números passaram para 2 010 064. Segundo os mesmos censos a população idosa em Portugal, representam cerca de 19% da população total, sendo que cerca de um terço dos idosos se encontra na região Norte, seguida pelas regiões Centro e Lisboa.

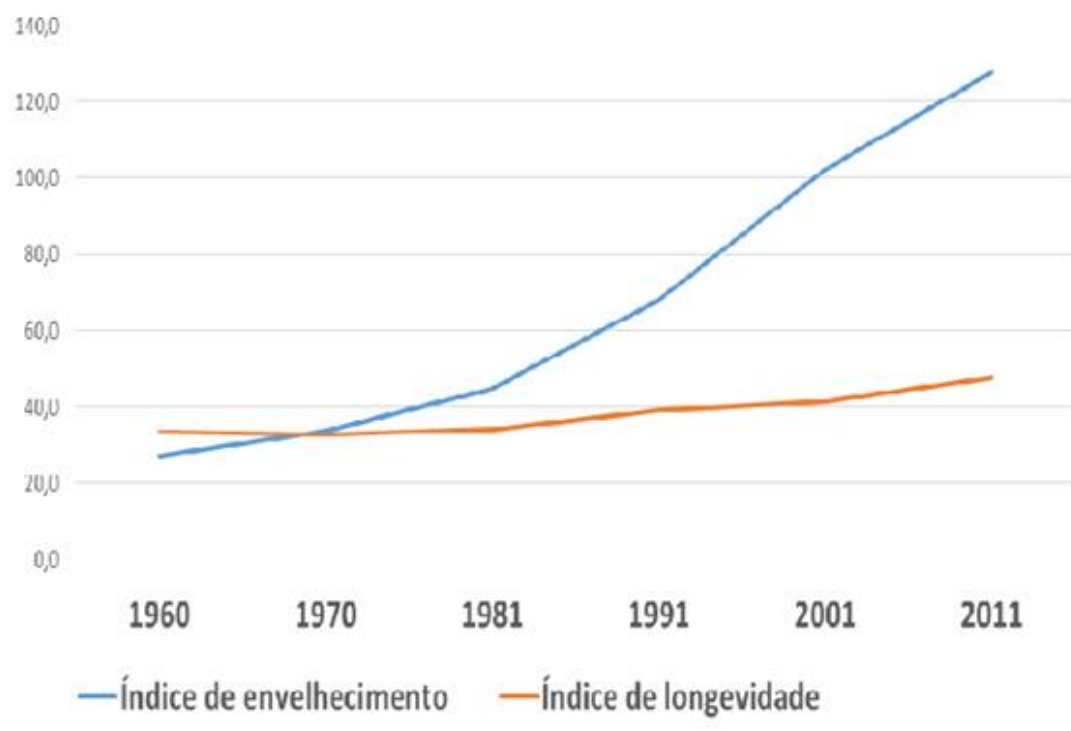


Gráfico nº 3 - INE, PORDATA, (2011, cit. in Brites Rui. *Contributos para um Retrato Sociológico do Idoso em Portugal*).

O índice de envelhecimento representa o número de pessoas acima dos 65 anos por cada 100 pessoas menores de 15 anos. Quando o valor é inferior a 100 significa que existem menos idosos do que jovens. O índice de longevidade é o número de pessoas acima dos 75 anos por cada 100 pessoas com 65 e mais anos. Desta forma, quanto mais alto é o índice, mais envelhecida é a população idosa. Nesta perspetiva podemos verificar através do gráfico numero 3 que ambos os índices têm vindo a aumentar, sendo que, o índice de envelhecimento já ultrapassou a barreira dos 120 assim, podemos concluir que existem mais idosos do que jovens em Portugal. Por fim considerar o envelhecimento da população é um fato incontornável e que irá desencadear várias implicações o que consequentemente levará à procura de novas soluções.

### 3.1.2. O processo de envelhecimento

Envelhecer é um fato incontornável e complexo e que ao longo de muito tempo representou uma etapa de inércia, voltada para o descanso obrigatório, estando associado até a um certo declínio. Na atualidade, fala-se da possibilidade de existirem

novos desafios, uma oportunidade de vida para uma pessoa que se acredita plena de desenvolvimento.

Insiste-se cada vez mais na heterogeneidade do envelhecimento e este caracteriza-se por ser um período do ciclo de vida em que a generalidade das características pessoais (biológicas, psicológicas e sociais) alteram, como acontece em todas as fases, embora nesta fase de forma mais acentuada e mais rápida.

Por sua vez, quando se fala de velhice e de envelhecimento podemos estar a falar de realidades diferentes em termos cronológicos, em termos bio-psico-patológicos, em relação à mudança de conduta ou à sua forma de ser e em relação à troca de papéis sociais (Pereira, 2013).

Fonseca (2004, p. 54), reafirma a ideia: “na velhice as componentes biológicas têm que ser articuladas com outras variáveis psicológicas e ambientais para se alcançar uma visão global de aspetos como a saúde, a competência, a personalidade e o bem-estar psicológico”.

No entanto, será pois, pertinente salientar a existência de duas hipóteses opostas que estudam a evolução da saúde e a incapacidade ao longo do processo de envelhecimento, o debate coloca-se atualmente entre duas hipóteses opostas, a primeira refere que o aumento de pessoas idosas será acompanhado por uma compressão da morbilidade, em que a doença e a incapacidade serão adiadas para idades cada vez mais tardias Fries (*cit. in* Paúl, 2005), a segunda hipótese de expansão da morbilidade, considera que as pessoas viverão mais, mas com maior sobrecarga de doenças e de incapacidade Kramer (*cit. in* Paúl, 2005).

Segundo Yates (*cit. in* Fonseca, 2004) o envelhecimento biológico é definido como um processo geneticamente determinado e condicionado pelas condições ambientais, este envelhecimento mesmo sem ocorrências patológicas a probabilidade de doença e de morte aumenta com a idade cronológica. O mesmo autor constata que “podem existir diferentes idades fisiológicas em indivíduos com a mesma idade cronológica” (*Ibidem*, p. 61).

À ideia simplista de que todo o ser humano envelhece ao mesmo tempo com um processo biológico de declínio impõe-se a ideia de que este processo não é igual para todos, nem igual para todas as dimensões quer elas sejam capacidades físicas ou intelectuais (Séve, 2010).

Aparentemente, o estado de ânimo, a competência e o nível de atividade dos idosos variam quer com o seu estado de saúde real, quer com a avaliação que os idosos dela fazem (Fonseca, 2004).

A ausência de saúde pode provocar sofrimento tanto físico como psicológico, o que advoga direta ou indiretamente no bem-estar dos indivíduos e com frequência leva à focalização de toda a atividade e recursos neste problema é de fato uma variável determinante no nível de satisfação de vida e tem que ser tida em conta em qualquer intervenção que tenha em vista esse objetivo (*Ibidem*, 2004).

De outra forma, também as condições sociais afetam e o estado de saúde individual, os problemas de perda de autonomia levarão também a uma redução das relações sociais, conduzindo-as para a redes de relações mais próximas.

As relações sociais são consideradas fundamentais para o nosso equilíbrio, na velhice são ainda mais significativas, acontecimentos importantes como a perda de familiares, de pares, de mudança de ambiente em pessoas mais vulneráveis são ainda mais relevantes. Nesse sentido, as atividades de Animação Sociocultural poderão funcionar como uma forma de equilíbrio entre tantas perdas e possíveis novos ganhos.

No entanto, salientamos que:

“O declínio gradual do estado de saúde é o fator mais frequentemente associado à idade e, talvez, o mais condicionante do processo de envelhecimento, em particular se a situação de doença for crónica e múltipla, e se provocar incapacidades físicas e psicológicas que afetem o quotidiano das pessoas mais velhas e a sua autonomia” (Cabral, 2013, p. 239).

No desenvolvimento humano para além das características que são individuais engloba também contextos físicos e humanos, as instituições que lhe são próximas, sejam a cultura e a história de onde emerge a sua identidade social (Fonseca, 2004).

Na velhice ocorrem mais perdas que noutras idades, mas envelhecer não se coaduna apenas com ideias estereotipadas como o da incapacidade, da doença ou tristeza. No processo de envelhecimento conseguem-se ativar mecanismos de manutenção do funcionamento e de regulação da perda de pessoas, mantendo o bem-estar, satisfação e qualidade de vida (Pereira, 2013).

O desenvolvimento psicológico no processo do envelhecimento envolve ajustamentos individuais face à ocorrência de mudanças do *self*, ou seja, nem todos os indivíduos lidam com estas mudanças da mesma forma (Paúl, 2012).

Por outro lado, também “os estereótipos predominantemente negativos sobre a velhice e envelhecimento influenciam a percepção que as pessoas idosas têm de si próprias e do seu *self*” (Pereira, 2013, p. 340).

Cabral (2013, p. 12 ) acrescenta:

” O envelhecimento acentua riscos, correlativos da idade e da vulnerabilidade do estado de saúde; do isolamento social e da solidão propriamente dita; da dependência não só física e mental, como também económica, em muitos casos; e, finalmente, da estigmatização, seja a discriminação excludente ou o preconceito paternalista, condescendente e menorizante em relação aos chamados “velhos”.

Focando a ideia da necessidade dos idosos passarem a ser vistos como “pessoas a desenvolver” e não como “problema a resolver”, temos duas ideias a considerar: a primeira baseada na existência de um potencial para a mudança intraindividual, em que as competências individuais são estimuladas pela ação do próprio e pelos recursos da comunidade levando a benefícios positivos no funcionamento individual e uma segunda hipótese, quando o idoso é agente ativo do seu próprio desenvolvimento, onde integra contributos diversos que reforçam e alimentam o *self*, no entanto, esta hipótese evidencia a necessidade de existência de contextos suscetíveis como recursos físicos e humanos, oportunidades relacionais, entre outras (Paúl, 2012).

Será, pois, pertinente salientar que “a condição de ser idoso mais do que relacionada com os aspetos biológicos do envelhecimento compreende-se na sequência de histórias de vida correspondendo a padrões diversificados de comportamentos e contextos” (Pereira, 2013, p. 313).

Para Séve (2010) “a personalidade socio biográfica constrói-se ao longo de toda a vida em função das lógicas sociais que determinam as oportunidades (ou a ausência de oportunidades) dos indivíduos”.

Podemos afirmar, que para este autor trabalhar o indivíduo é necessário reconstituir as condições individuais, a sua vida, numa empatia social, conhecer o seu percurso, a sua cultura [...] condições exteriores que o condicionam, sendo ele produto das

circunstâncias, ele também age sobre as mesmas. Os contextos sociais e, em particular, os sistemas de oportunidades podem ser muito desiguais já que vivemos numa sociedade de classes, e onde se constroem personalidades socio biográficas, construções abertas e contínuas, sempre dependente das relações e experiências sociais a que os indivíduos têm, ou não, acesso.

Podemos concluir que, a forma como encaramos a velhice depende da nossa identidade cultural, que tem por base a classe social de que fazemos parte, os contextos e as trajetórias de vida.

### **3.1.3. Classe social e envelhecimento**

Bourdieu (1989, p.136) refere-se a classe social como conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionalismos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, as mesmas atitudes e interesses, logo práticas e tomadas de posição semelhantes.

Desta forma, constando a existência de dois públicos dentro da mesma instituição divididos fisicamente e divididos pela classe social, uma com características burguesas e outra da chamada classe popular, caberá à Animação Sociocultural fazer as aproximações necessárias entre estes dois públicos. Entender as características dos residentes, assim como, as suas diferenças, apesar de terem a mesma faixa etária, perceber os seus capitais sociais e culturais e forma como a Animação Sociocultural consegue contornar estas diferenças é de fato o foco teórico deste projeto.

Embora a sociologia contemporânea não seja uníssona nesta matéria, seja porque se coloca a tónica na classe social enquanto fato essencial na definição das trajetórias de vidas dos sujeitos; ou porque se rejeitam a relevância do conceito, defendem que a divisão e a luta entre as classes sociais perderam o seu radicalismo a ponto de desvanecer (Lopes, 2011).

Autores como Giddens (*cit. in* Lopes, 2011) apontam que a classe tem pouco valor para marcar a diferenciação social quando comparada com outras variáveis como estilos de vida e condutas de consumo. De fato, constatamos que existe essa separação de classes dentro da instituição tal como defendem outros autores nomeadamente Bourdieu, mas entende-se que as aproximações são passíveis de serem executadas apoiando-se

sobretudo no conhecimento profundo das trajetórias de vida dos residentes dos diferentes setores.

Assim, para Lopes (2011, p.100):

“A classe social é entendida como um sistema de classificação social e de distribuição desequilibrada das oportunidades, recursos, prestígio e poder entre grupos sociais e indivíduos é uma pedra angular das desigualdades não somente na velhice, mas ao longo de todo o curso da vida”.

O grau de escolarização é essencial para compreender este fenómeno, sabemos que os idosos analfabetos veem acrescida a sua solidão, ela ocorre, com mais frequência, por conseguinte, em classes mais baixas com poucos interesses específicos e com baixa capacidade de ocupação do seu tempo – uma vez que, durante o período de vida ativa, as práticas de lazer tendiam a ocupar um espaço diminuto. Sentimentos de solidão advêm de aspetos ligados à velhice, mas também, devido à falta de objetivos de vida, estes últimos importantíssimos para a um envelhecimento bem-sucedido Paul (*cit. in* Fonseca, 2004). Sabemos, também, que envelhece melhor quem tem uma formação elevada, oportunidades de renovar as suas motivações, capacidades, interesses e atividades ao longo da carreira profissional, uma atitude aberta à crítica e quem conseguiu conquistar progressivamente a autonomia em relação ao mundo e a si mesmo (Séve, 2010).

.

### **3.1.4. Envelhecimento bem-sucedido**

O conceito de envelhecimento “bem-sucedido”, “envelhecimento positivo” ou “envelhecimento com sucesso” surgido no ano de 1960, inicialmente centrado em aspetos relacionados com a saúde e com o declínio foi sendo substituído por uma perspetiva mais global e mais positiva, salientando não apenas aspetos biológicos, mas psicológicos e sociais.

Envelhecimento bem-sucedido segundo Baltes & Carstensen (1996) trata-se de um conceito que engloba dois fatores relacionados entre si: a capacidade das pessoas idosas se adaptar às perdas e a escolha de determinados estilos de vida que satisfaçam a manutenção da integridade física e mental.



O envelhecimento bem-sucedido envolve três mecanismos psicológicos essenciais: a seleção, a otimização e a compensação.

Para Kowe & Kahn (1998) são também três características para um envelhecimento bem-sucedido: ausência de doença, bom funcionamento cognitivo e físico e compromisso com a vida.

Ballesteros (2002) fala-nos de envelhecimento ótimo partindo de três princípios básicos: o envelhecimento da população é um êxito da sociedade moderna, lança um desafio aos indivíduos à sociedade e por último ressalta a ideia de que os idosos não são um grupo homogêneo sendo possível envelhecer de muitas formas.

Para Paúl (2005) envelhecer com sucesso corresponde à adoção de estratégias de “coping” adequadas para lidar com os desafios do envelhecimento. Não existe uma única forma de envelhecer com sucesso, o fator individual sugere a inexistência de um caminho único.

A mesma autora defende “este conceito só faz sentido numa perspetiva ecológica visando o indivíduo no seu contexto sociocultural, integrando a sua vida atual e passada, ponderando uma dinâmica de forças entre pressões ambientais e as suas capacidades adaptativas, dando o devido relevo ao “sentir subjetivo” de cada indivíduo, completamente idiossincrático, que se compreende à luz da construção da história de vida de cada um”.

No entanto, os investigadores têm-se dividido por diferentes perspetivas sobre o que significa envelhecer:

A primeira aborda o envelhecimento como uma sucessão de acontecimentos negativos sem grandes perspetivas de futuro, apesar de existir uma grande variedade de indivíduos a envelhecer é fato assumido que o balanço entre ganhos e perdas é sempre mais desfavorável. Dentro deste âmbito temos Paúl & Fonseca (2005, p. 279):

“É inegável que o envelhecimento é um período de perdas, também não deixa de ser verdade que pouca atenção tem sido dada à consideração de medidas preventivas no sentido do controlo e da redução dessas perdas, acentuando não tanto os efeitos negativos da velhice, mas antes as características da pessoa que envelhece “.

Uma segunda abordagem defende que um envelhecimento bem-sucedido passa por ter uma “atitude construtiva” em que os objetivos são planeados e existe esforço por

alcançá-los, dependendo este envelhecimento de fatores críticos ligados à própria velhice, ao ambiente envolvente e circunstâncias sociais, também é importante perceber a forma como foram vividos períodos anteriores (Paúl & Fonseca 2005, p. 283).

Abordar o tema do envelhecimento bem-sucedido é falar em caminhos da resiliência que são muitos e variados, é falar de plasticidade nos processos adaptativos, em bem-estar subjetivo (avaliação global que a pessoa faz de si) de co ajustamento permanente entre objetivos e recursos de ação (Mancieaux (2003) *cit. in* Paúl & Fonseca 2005).

### **3.1.5. Envelhecimento ativo**

Com o intuito de valorizar a última etapa da vida, a Organização Mundial de Saúde, na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento em 2002, definiu o conceito de Envelhecimento Ativo como:<sup>9</sup> “Processo que consiste em otimizar as oportunidades de saúde, participação e de segurança a fim de aumentar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (OMS, 2005, p. 13).

Este conceito, representa assim um tipo de resposta paradigmática e uma mudança de perspectiva, não apenas, baseada no envelhecimento saudável, mas noutros fatores que afetam de forma efetiva o processo de envelhecimento. Este novo paradigma político para o envelhecimento mundial destaca os direitos humanos das pessoas idosas quanto à independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização.

O novo conceito vinculou a atividade à saúde; valorizou o desenvolvimento pessoal e o individual de cada pessoa; a participação (numa sociedade onde podem ser protagonistas e desenvolverem novas aprendizagens ao longo de toda vida; nas questões sociais, económicas, espirituais e cívicas); assume um compromisso com a comunidade, reconhecendo a importância das relações e da ajuda entre diferentes gerações.

No âmbito das comemorações do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre as Gerações foram encontradas iniciativas que valorizam o papel dos idosos na sociedade, através de uma participação ativa, o exercício dos seus direitos e o investimento na aprendizagem ao longo da vida (Pereira, 2013).

Defende-se e acentua-se “que viver mais tempo implica envelhecer. Maior longevidade não é um fatalismo ou uma ameaça. É uma vitória da humanidade e uma oportunidade

---

<sup>9</sup> Na União Europeia o conceito de envelhecimento ativo é usado pela primeira vez em 1999, remetendo para as políticas de emprego direcionadas para os trabalhadores mais velhos.

de potenciar o «património imaterial» que significa o contributo das pessoas mais velhas” (EU, 2012, p. 3).

A formação assume um papel central porque para além de competências profissionais, poder-se-ão adquirir também competências pessoais e sociais. Permite-nos partilhar o património cultural, científico e técnico quotidianamente construído, contraria fenómenos de exclusão social e é fator de desenvolvimento das competências sociais essenciais para participamos na sociedade, é considerada uma oportunidade para a construção do envelhecimento como experiência positiva, garantir as capacidades e das competências sociais dos indivíduos, assim como, o reconhecimento a que cada pessoa tem direito (Quaresma 2007).

Será, pois, pertinente salientar os fatores determinantes do envelhecimento ativo:



Para compreender a dinâmica do envelhecimento ativo existe a necessidade de esclarecer e especificar o papel de cada fator determinante, bem como, da sua influência no processo.

O envelhecimento ativo depende de uma diversidade de fatores” determinantes”, a cultura e o género são considerados determinantes e transversais no conceito, na medida em que vai influenciar e provocar uma diversidade de situações (Paúl, 2012).

A cultura é um instrumento fundamental na adaptação ao envelhecimento, ajuda a compreender o processo. A própria forma como se encara envelhecimento é um fenómeno cultural, um decorrer histórico. Segundo a mesma autora, com o aumento da idade existe espécie de necessidade compensação das perdas, através da cultura.

No que concerne à escolaridade, existem diferenças entre os indivíduos sem qualquer ou com baixa escolaridade e aqueles que têm níveis de escolaridade mais elevados: quanto mais escolarizados, maior a tendência para a prática de atividades e de participação em atividades organizadas por diversos tipos de entidades (Cabral, 2013). Neste sentido, podemos referir que “as pessoas mais escolarizadas estão duas vezes mais representadas entre as pessoas autónomas mais velhas. O que nos permite afirmar que os níveis de autonomia e de bem-estar nas idades avançadas estão associados a melhores níveis de escolarização e de participação social”.

“A própria experiência de envelhecimento ativo vem pondo em evidência a relevância deste fator, o que certamente constituirá uma exigência acrescida para todos os que no seu quotidiano põem o seu saber e experiência ao serviço dos mais velhos e dos que vão envelhecendo” (Quaresma, 2007, p. 37-42).

O género enquanto determinante transversal, é preponderante numa sociedade com grande longevidade, pois as mulheres vivem mais tempo, mas com menos saúde do que os homens. Verificamos que” no momento presente, até pelo efeito de longevidade favorável ao sexo feminino, mas desfavorável à escolaridade, as mulheres ainda apresentam uma taxa conjunta de adesão média e alta ao envelhecimento ativo que é metade da dos homens (20% contra 40%)” (Pereira, 2013, p. 367).

Relativamente aos sistemas de saúde, apesar de grandes esforços na promoção da saúde e prevenção de doenças, as pessoas idosas estão sob um risco cada vez maior de desenvolver doenças conforme envelhecem. Para promover o envelhecimento ativo parece ser necessário medidas de prevenção de doenças e acesso equitativo ao cuidado primário de longo prazo e com qualidade (OMS, 2005). A promoção da saúde é um processo que abrange a prevenção e o tratamento de doenças no sentido de reduzir o risco de incapacidade.

Quanto à determinante comportamento, a escolha de estilos de vida saudáveis e a participação ativa no cuidado da própria saúde, são importantes em todos os estágios da vida, mas no envelhecimento podem assumir ainda maior importância podendo prevenir doenças, assim como, o declínio funcional, aumentar a longevidade e a qualidade de vida.

A determinante relacionada com aspetos pessoais, abrange não apenas fatores biológicos e genéticos, mas também, psicológicos que incluem a inteligência e a capacidade cognitiva.

Durante o processo de envelhecimento normal, algumas capacidades cognitivas (inclusive a rapidez de aprendizagem e memória) diminuem, entretanto, essas perdas podem ser compensadas por ganhos como sabedoria, conhecimento e experiência (OMS, 2005). A falta estimulação cognitiva, algumas doenças, fatores comportamentais como (dependências), fatores psicológicos (falta de motivação, de confiança e de objetivos) e fatores sociais, (solidão e o isolamento) aceleram o processo de envelhecimento.

Em relação ao ambiente físico podemos sintetizar que este pode ou não facilitar a autonomia, podendo provocar o isolamento e também provocar lesões incapacitantes nos idosos.

Fatores determinantes relacionados com o ambiente social, como o apoio social, oportunidades de educação e aprendizagem permanente estimulam a saúde, a participação e segurança nas pessoas idosas.

Do ambiente económico evidenciam-se três aspetos particularmente relevantes na dinâmica do envelhecimento ativo: os rendimentos ou apoio familiar, o trabalho, e a proteção social. Grande número de idosos envelhece com dificuldades económicas em simultâneo com situações de fragilidade.

Será pertinente salientar que, manter-se *ativo* na velhice significa envolvimento contínuo e consciente dos idosos nas questões sociais, económicas, espirituais, culturais e cívicas. Estas políticas e programas devem apoiar-se nos direitos, nas preferências e nas capacidades das pessoas idosas (OMS, 2002). Será, também, pertinente verificar que esta noção nunca poderá estar comprometida com novas formas de “idadismo”<sup>10</sup> no qual o medo de envelhecer é substituído pelo medo de envelhecer com incapacidade ou de forma improdutivo.

### **3.1.6. Envelhecimento em lar de idosos**

---

<sup>10</sup> “Idadismo”, expressão usada por Nelson (2002) se referir ao estereotipar das pessoas idosas, como um grupo homogéneo, redutível à sua idade cronológica, sendo representados de forma negativa como doentes, maçadores, um peso para a sociedade.

A partir do século XIX, nos países industrializados, o Estado assumiu o que era antigamente assumido pela família ou, em caso de dificuldade, pela caridade. Os sistemas de proteção social assumem agora a redistribuição de recursos, levando a uma relação à distância entre os idosos e quem assume o seu cuidado. Este tipo de encargo “afastado” quando aplicado à velhice remete para uma relação anónima e despersonalizada entre o idoso, a instituição e os técnicos (Lenoir,1990).

Maslow (1943) quando constrói a “pirâmide das necessidades do ser humano” define cinco níveis, sendo que, no primeiro nível estão as necessidades fisiológicas, no seguinte as necessidades relacionadas com a segurança, seguem-se as necessidades sociais (amor e relacionamento), no nível seguinte as necessidades relacionadas com a estima e a autoconfiança e no vértice da pirâmide autorealização. O que acontece com frequência quando os idosos são institucionalizados é que só as duas necessidades de base estão asseguradas e as seguintes são desvalorizadas.

Para que se corte com esta realidade, defende o mesmo autor, é necessário desenvolver atividades de Animação Sociocultural que abranjam os três domínios: o social, cultural e o educacional.

Em Portugal, a legislação não valoriza o papel da Animação Sociocultural na vida dos idosos como podemos verificar na portaria 67/2012, publicada a de 21 de março, no art.1.º define lar como residência para pessoas idosas, sendo esta a resposta social destinada a alojamento coletivo, de utilização temporária ou permanente onde são desenvolvidas atividades de apoio social e prestados cuidados de enfermagem.

Porém, na literatura gerontológica, o lar de idosos aparece-me muitas vezes retratado como uma instituição total, no sentido Goffmaniano (1961, p. 11), ou seja: “Instituição total, um local de residência e trabalho onde: um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”.

Em perspetivas mais contemporâneas, como a de Lopes (2008, p. 332), os lares são descritos da seguinte forma: “Públicos e privados são autênticos depósitos de pessoas possuidoras de sensibilidade, de memória, de experiências e vivências, que se vêm relegadas para espaços que, em geral, não foram arquitetonicamente concebidos para o efeito onde reina a frieza e apatia. É aí que são, literalmente despejados muitos idosos, e no tempo que lhes resta de vida é-lhes administrada a morte lenta, através dessa coisa horrível que é matar o tempo”.

Efetivamente, como Mallon (2008) refere a entrada num lar de idosos é um choque acompanhado sempre de ruturas biográficas, reconfiguração de hábitos de vida e de relações sociais, que urge preservar e dar continuidade. Nesta lógica, não podemos discurdar da continuada caracterização dos lares de idosos como instituições totais (Goffman, 1961), pressupondo aqui ruturas com as esfera de vida anteriores e a entrada num universo marcadamente fechado ao exterior e pautado por regras, onde o controle fará parte da sua vida futura, o idoso é despojado da sua vida anterior, dos seus pertences, das suas redes relacionais.

De Singly & Mallon (2000), recordam que os lares de idosos são lugares de co-existência de pessoas com diferentes vivências socioculturais, diferentes estados de saúde e níveis de funcionalidade. Logo, o receio de conflitos é presente contribuindo para o afastamento entre os idosos. No entedimento destes autores (2000, p. 241), “no lar, as pessoas não procuram acima de tudo a comunidade, preferem proteger-se contra qualquer forma de intrusão”. Os idosos escolhem refugiam-se “no seu espaço, no seu quarto, fora dos momentos obrigatórios de reunião, para se refugiarem no seu passado, nas suas recordações” (*Ibidem*, p. 241). Este refugio no passado compreende-se melhor quando este é visto à luz da fuga do futuro – a demência, a doença e a morte. A convivência entre dos idosos mais ativos e saudáveis com idosos dependentes ou dementes é tendencialmente evitada pelos primeiros, numa lógica de evitar experienciar o seu fututo antes do tempo. Como os autores referem: “Receiam cruzar-se a todo momento com pessoas que perderam a sua identidade pessoal e que anunciam o seu destino eventual. (*Ibidem*, p. 250). O receio da decadência é enorme, quase como se existisse o perigo de contaminação, o afastamento dessa dura realidade é uma constante por parte dos residentes nos lares.

Paúl, (1996), afirma que foi feito muito pouco para enriquecer o quotidiano sócio recreativo e criar alternativas ocupacionais para estes idosos.

Este papel caberá à Animação Sociocultural, no sentido de melhorar as competências sociais, valorizar a criatividade dos idosos, oferecer serviços especializados, adequados e em tempo útil. As atividades socioculturais tornam-se um imperativo para a promoção de um envelhecimento com qualidade que não se coaduna com as práticas culturais que existem nas instituições da atualidade.

O envelhecimento perante um crescimento sem igual na história da humanidade, obriga a repensar estratégias de envelhecer com qualidade e na constituição do potencial humano decorrente do aumento substancial do número de adultos mais velhos. Este é

um dado que não pode ser negligenciado, pelo contrário deve ser valorizá-lo, como oportunidade que constitui um desafio. Podemos então concluir que a designação de idosos decorre da invocação de uma categoria social que condiz com características gerais, assim, impõe-se falar de idosos no plural que têm em comum a faixa etária, mas que são efetivamente diferentes. Um grupo social que partilha as perdas decorrentes da idade, mas também o potencial que advém da preservação capacidades e disponibilidade de continuar experiências de aprendizagem.

Os lares de idosos são ainda herdeiros da “instituição total” de Goffman (1961), se por um lado, providência o cuidado necessário que a família deixa de poder prover, por outro lado, ainda é percebido como um espaço ao qual o idoso acede para esperar pela morte certa e lenta.

Cabral (2013, p. 11) defende que “O envelhecimento é, em princípio, um fenómeno positivo, quer para os indivíduos, quer para as sociedades, sendo testemunho dos progressos realizados pela humanidade em termos económicos, sociais e biomédicos (...)”

Na última década com o paradigma do envelhecimento ativo, pretende-se uma plena inserção dos idosos, supõe-se uma presença efetiva na dinâmica da comunidade, “ser agente e não apenas destinatário de decisões sociais e políticas” (Pereira, 2013).

Um outro contributo a ser considerado é a ideia defendida por alguns especialistas como Simões (2006) que afirmam que em algumas décadas surgirá, devido a vários fatores, “uma nova velhice”, mais instruída, mais dinâmica e mais consciente dos seus direitos e deveres. Será uma geração mais longa, mais saudável, que terá de encontrar uma forma de gerir o acréscimo de anos que lhe é proporcionado e terá de descobrir um sentido válido para a sua existência. De igual modo, Paúl (2005) reafirma a mesma ideia, no futuro se a prevenção impuser mudanças no estilo de vida, até então mais desleixado e sedentário, os idosos serão mais saudáveis, mais exigentes e mais instruídos.

Assim, o envelhecimento de futuro importa enquanto qualidade de vida e não apenas o “viver mais anos”. Nesse sentido, defendemos a ideia de que os idosos no futuro vão ser mais escolarizados e mais exigentes e não vão consumir respostas massificadas, serão um desafio para os profissionais da área da Animação Sociocultural. Desta forma, e tendo em conta estes novos desenvolvimentos uma oferta cultural diversificada na velhice vai de fato torna-se um imperativo.



## 3.2 CLASSES SOCIAIS E CAPITAL CULTURAL

*É surpreendente o número de homens inteligentes que não veem as formas, nem as cores, enquanto outros, pouco cultos, têm uma visão perfeita* (Francastel, 1960).

### 3.2.1. Capital cultural

Bourdieu (1992) ao abordar o conceito capital, ampliando a concepção marxista, não se referindo apenas ao capital económico (acumular de riquezas económicas), alarga o termo a todos recursos ou poderes que se manifestam no espaço social.

Será, pois, pertinente definir cultura: “refere-se aos recursos ou ao material, aos códigos e enquadramentos que as pessoas utilizam na construção e articulação dos seus pontos de vista, nas suas atitudes em relação à vida e estatuto social” (Bourdieu *cit. in* Semedo 2006, p. 3).

O capital cultural é convertível em determinadas condições, em capital económico podendo ser institucionalizado na forma de certificados de habilitações literárias e em capital social através dos contatos. Capital cultural é mais que uma subcultura de classe, é um instrumento de poder e está relacionado com a posse de determinadas informações, com os gostos de vestir, comer, com atividades culturais e com a assiduidade a determinados lugares.

Este capital cultural pode existir sob três formas: incorporado, objetivado e institucionalizado.

O capital incorporado pressupõe um método de interiorização nos marcos do processo de ensino e aprendizagem, implica um investimento de tempo, não podendo, por isso, ser trocado instantaneamente, tendo em conta que está veiculado à pessoa.

A riqueza externa é convertida em parte integral da pessoa, em um “habitus”, não podendo ser transmitido instantaneamente, diferente do dinheiro, posse de propriedades, ou títulos nobiliárquicos. Ele não pode ser acumulado para além da própria pessoa, desaparece com o portador e está sujeito à transmissão hereditária que é sempre feita de forma camuflada, ou até mesmo invisível. Qualquer capital adquirido tem valor de acordo com a sua escassez e produz lucros de distinção para o seu dono (Bourdieu, 1983).

O capital incorporado abarca todas as capacidades culturais específicas de determinada classe e de cada indivíduo que são transmitidas intergeracionalmente através da sociabilização primária.

O capital cultural objetivado é materialmente transmissível a partir de um suporte físico, embora esteja diretamente relacionado com o capital cultural incorporado, ou seja, com as capacidades culturais que permitem o usufruto de bens culturais. Logo, o capital cultural objetivado pode ser apropriado tanto materialmente o que pressupõe capital económico, por exemplo na aquisição da obra de arte, e simbolicamente o que supõe capital cultural.

Por sua vez, o capital institucionalizado também está ligado ao capital incorporado, faz a distinção entre o autodidata e aquele que conseguiu legalmente, através de títulos académicos, certifica-se. Os lucros que as qualificações académicas fornecem também dependem de sua escassez, os investimentos realizados, em tempo e esforço, podendo vir a ser menos rentáveis do que foi antecipado (Bourdieu, 1983).

Para o mesmo autor, *capital cultural* é um fator de diferenciação quase tão poderoso como o do capital económico, e considera a escola é a responsável por fazer a seleção e a reprodução social.

### **3.2.2. Capital social**

O capital social está relacionado aos recursos reais ou potenciais, assim como, à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo e de reconhecimento. Essas relações podem existir no estado prático, material e /ou trocas simbólicas. A participação num grupo oferece a cada um dos seus membros, o direito a uma "credencial", que lhes dá direito a crédito, nos vários sentidos da palavra.

O volume de capital social, possuído por uma determinada pessoa depende do tamanho da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital possuído desde o económico, cultural ou simbólico. Exige relações de proximidade, no espaço físico (geográfico) ou mesmo no espaço económico e social (Bourdieu, 1983).

Esse capital social também pode estar socialmente instituído pela garantia de um nome comum: o nome de uma família, de uma classe e por um conjunto de ritos que marcam os momentos essenciais que são necessários para produzir e reproduzir relações duradouras úteis que podem garantir lucros materiais e simbólicos.

A rede de relacionamentos é o produto de estratégias de investimento, individual ou coletivo, consciente ou não, que visam estabelecer ou reproduzir relações sociais que são diretamente utilizáveis, a curto ou a longo prazo, implicando obrigações duráveis subjetivamente sentidas como sentimentos de gratidão, respeito, amizade...) ou institucionalmente garantidas (direitos).

Cada membro do grupo deve conhecer e proteger a ordem estabelecida, é um representante, conhece e protege as regras e define os critérios de entrada que é questionada sempre que entra um novo membro, existe sempre a possibilidade de ele poder modificar o grupo (*Ibidem*, 1983).

Bourdieu, também reconhece que existem diversos princípios de desigualdade dentro das classes tais como a etnia, género, idade e estas com os seus capitais culturais específicos. Dentro do género as mulheres apresentam características específicas como a forma de andar, (capital incorporado) e orientam-se para determinadas profissões, menos valorizadas que as dos homens, (capital institucionalizado) (Bourdieu *cit. in* Silva, 1995).

O género é uma variável que interfere na análise de classe: “Ora como uma variável independente (as características comuns aos grupos de género atravessam todas as classes sociais produzindo culturas e estratégias específicas); ora como um fator que interage com a classe social (cada classe desenvolverá práticas e representações diferentes para os dois sexos)”. (Bourdieu *cit. in* Silva, 1995, p. 33).

O mesmo autor admite a possibilidade do uso da cultura como estratégia de mudança social. O capital simbólico correspondente ao conjunto de rituais como as boas maneiras e o protocolo está ligado à honra, ao reconhecimento, ao prestígio e está intimamente ligado aos outros capitais.

### **3.2.3. “Habitus” e campos sociais**

O conceito de “habitus” tem uma longa história nas ciências humanas e Bourdieu (1992, p.18), trabalhou no sentido de aprofundar este conceito:

[...] “um sistema de disposições duráveis transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de perceções, de apreciações e de ações [...] e torna possível a realização de

tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas” [...]

Esta abordagem valoriza as experiências passadas dos indivíduos sendo estes portadores de um grupo de disposições, porém Bourdieu ao aprofundar o conceito acrescenta que “habitus” é uma adaptação ao mundo social, e implica uma capacidade transformativa (Semedo, 2006).

“Habitus” segundo Setton (2002) concilia uma oposição aparente entre as realidades exteriores, como as individuais, implica uma análise relacional entre o indivíduo e a sociedade. Para Semedo (2006) “habitus” reflete contextos e pressupostos partilhados, compreendidos como história incorporada nos seres humanos, é um corpo socializado, estruturado, um corpo que integrou as estruturas imanentes de um determinado campo.<sup>11</sup> “Habitus” é compreendido como um “projeto de classificação”, é uma forma de produção de práticas sociais e uma forma de avaliar essas mesmas práticas, estabelece diferenças como o que é certo e o que é errado.

O que determina o “habitus” de classe são as características específicas das experiências objetivas de cada classe, assim sendo, pode concluir-se que as classes populares tendem à humildade, a um conformismo inerte perante a reprodução das suas condições de vida, Bourdieu chama-lhe “inconsciência de classe”, as diferentes classes desenvolvem diferentes características consoante as trajetórias de vida individuais, sendo que, essas características são incutidas nos diferentes indivíduos a partir das experiências e perspectivas sociais do grupo onde se insere.

A classe trabalhadora de um modo geral tem uma atitude negativa em relação à arte, vive em função das necessidades imediatas, enquanto a alta burguesia tem mais propensão para experiências não rentáveis.

O “habitus” é produto da história, é um sistema de disposição aberto, que é permanentemente confrontado por experiências novas e, assim permanentemente afetado por elas (Bourdieu, 1992).

---

<sup>11</sup> “Campo”, conceito que Bourdieu utiliza para designar relações existentes entre grupos com distintos posicionamentos sociais, a sociedade é composta por vários campos, ou seja, vários espaços dotados de relativa autonomia, mas regidos por regras próprias. Espaço multidimensional onde os agentes se distribuem na primeira dimensão segundo o volume global do capital que possuem e na segunda dimensão segundo a composição do seu capital.

O mesmo autor ao refletir a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria “habitus” leva a afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e são coletivamente orquestrados.

Existe entre o campo e o “habitus” uma relação de interdependência, esta é condição para o pleno entendimento entre o indivíduo e a sociedade. As ações dos sujeitos são analisadas e desenrolam-se no que se chama de campos, todos estes diversificados e distintos uns dos outros.

Segundo esse ponto de vista, as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não derivam de cálculos ou planeamentos, são antes produtos da relação entre um “habitus” e as pressões e estímulos de uma conjuntura. A maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre um “habitus” (realidade individual) e o campo (conjuntura) (*Ibidem*, 1992).

Neste sentido, como Bourdieu (1992, p. 304) afirma, “cada neófito tem que considerar a ordem estabelecida no campo, com as suas regras próprias do jogo, cujo conhecimento e reconhecimento (illusio) são tacitamente impostas a todos os que entram o jogo”.

Por conseguinte, ainda dentro da linha de pensamento e segundo a lei geral dos campos, os que têm uma posição dominante e que detém determinado capital, opõem-se aos recém-chegados. Os que detém o seu capital progressivamente acumulado usam estratégias de conservação enquanto os que chegam de novo aos campos têm estratégias de subversão (*Ibidem*, 1984).

Esta situação é observável dentro da instituição em estudo. Os recém-chegados ao *Setor Particulares Vitalícios* são sempre alvo de suspeita face à sua origem social, havendo que prestar provas sociais aos seus pares, para verificar se são dignos de fazer parte do grupo. Observa-se com frequência que apelidam de *novos-ricos*, aqueles que apesar de reunir capital económico, que lhes permitiu o acesso ao setor, por vezes, são carentes em capital social, educacional e cultural e como tal são afastados do grupo social já existente.

A luta para conseguir uma classificação dentro do grupo é conseguida através do derrubar de fronteiras. Cabe ao grupo definir e defender as suas fronteiras, controlando a entrada, defender a ordem estabelecida do campo e lutar pelo reconhecimento. O posicionamento dos agentes do grupo depende do lugar que ocupam na estrutura do campo (Semedo, 2006). Desta forma, está explicado o afastamento social de dois públicos dentro da mesma instituição e a forma como se colocam fronteiras entre eles.

A realidade das instituições e dos seus efeitos sociais não está na “vontade” de um indivíduo ou de um grupo, mas num “campo de forças antagónicas ou complementares” oriunda dos interesses e dos “habitus” dos seus ocupantes em luta permanente pelos ajustamentos dessa mesma realidade (Bourdieu, 1989).

Setton (2002, p. 65) confirma mesmo que:

“A história do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe, podemos ver nos sistemas de disposições individuais variantes estruturais do “habitus” de grupo ou de classe [...]. O estilo pessoal, isto é, essa marca particular que carregam todos os produtos de um mesmo “habitus”, práticas ou obras, não é senão um desvio, ele próprio regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe”.

#### **3.2.4. Classe dominante/classe dominada**

Existe de fato uma hierarquização entre culturas, que resulta das relações sociais, todas elas importantes aos olhos dos investigadores, no entanto, não lhes é reconhecido o mesmo valor. Falar de culturas dominantes e dominadas é recorrer a uma metáfora do que existe, na realidade são de fato grupos sociais que mantêm entre si relações de dominação e de subordinação, também é fato que a cultura dominante não se pode impor na totalidade à cultura dominada (Cuche, 2003).

As condições em que cada indivíduo viveu ou vive geram desigualdades sociais, as oportunidades estão reservadas apenas a uma minoria privilegiada, Bourdieu (1984) compara o “habitus” da “alta-costura ao da alta-cultura” em que estes desde cedo têm acesso a uma formação intelectualmente estimulante, um emprego que permite o desempenho de atividades diversificadas e áreas estimulantes em matéria de aquisição de conhecimentos.

No entendimento deste autor, a cultura dominante, contribuí para a integração da classe dominante, distingue-se das outras classes e designa-as de subculturas, contribui para a sua integração fictícia na sociedade e para a desmobilização da classe dominada, assim como, para a legitimação da ordem estabelecida por meio de hierarquias. Weber resume este fenómeno com a expressão “domesticação dos dominados”.

Numerosos estudos revelam a existência não apenas de classes, mas de subclasses em que o sistema de valores, os modelos de comportamento e os princípios de educação também variam (Cuche, 2003, p. 124).

A cultura da classe dominante tenta afastar a classe dominada através da familiaridade, adquirida através do “habitus” que constitui entre os seus agentes sociais, dificultando o acesso aos outros que não têm o mesmo à vontade dentro desses “habitus” e desta forma são subtilmente afastados.

Na verdade, cultura dominada não é uma cultura alienada, totalmente dependente da cultura dominante, é uma cultura que na sua evolução tem em conta a cultura dominante, existem trocas entre ambas: é recíproca e também verdadeira, embora em menor grau<sup>12</sup>.

As culturas populares são por definição culturas de grupos sociais subalternos o que não significa que sejam totalmente dependentes do grupo dominado, trata-se de uma cultura heterogénea em alguns aspetos marcada pela dependência e outros não (Cuche, 2003).

Apesar de tudo e segundo Silva (1995) as relações sociais tendem a desenvolver-se dentro da mesma classe, num mecanismo reprodutor que se desenvolve de diferentes formas de capitais.

A posição dos agentes e grupos de agentes é definida no espaço social consoante as suas posições nos diferentes campos, na distribuição de poderes desde o poder económico, cultural, social ao simbólico que é a forma percebida e reconhecida, como algo de óbvio, legítimo, das diferentes espécies de capital (Bourdieu, 1989).

O conhecimento da posição ocupada neste espaço comporta uma informação sobre as propriedades intrínsecas (condição) e relacionais (posição) dos agentes e com base no conhecimento do espaço das posições pode-se falar em classes<sup>13</sup> (*Ibidem*, 1984).

Alguns autores como Dimaggio (1980) entre outros aceitam que a mobilidade social e a participação em culturas de prestígio como uma característica da sociedade moderna, em que os grupos sociais estão relativamente abertos e com extensas redes de contatos.

---

<sup>12</sup> Do ponto de vista das ciências sociais existem duas teses unilaterais: os que defendem que as culturas populares não têm uma dinâmica própria ou qualquer criatividade são apenas um produto derivado da cultura popular, a outra tese defende que as culturas populares devem ser consideradas como iguais ou mesmo superiores às culturas de elite. (Cuche, 2003, p.116)

<sup>13</sup> Classe conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionalismos semelhantes, têm com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes Bourdieu (1984, p. 136).

Por conseguinte, para Bourdieu (1984) falar de um espaço social não é sinónimo de poder juntar uma pessoa com outra, tem que se ter em conta as diferenças sobretudo económicas e culturais. O espaço social na sua multiplicidade tende a funcionar simbolicamente como “espaço de um estilo de vida” ou como conjunto de “stande”, ou seja, grupos caracterizados por estilos de vida diferentes.

Dentro da mesma perspetiva, o autor afirmar que:

“Agentes que ocupam posições vizinhas nesse espaço [...] estão sujeitos aos mesmos fatores condicionantes; conseqüentemente têm todas as hipóteses de desenvolver as mesmas disposições e interesses e de produzir as mesmas práticas e representações. Aqueles que ocupam posições semelhantes têm todas as hipóteses de desenvolver o mesmo “habitus” (Bourdieu, 1987, p. 5).

### **3.2.5. Públicos e acesso à cultura**

A sociedade moderna e a sua transversalidade no que diz respeito à identidade, hábitos, estilos e práticas de vida, onde se verificou uma ascensão da classe média, as pessoas têm mais acesso à cultura, sobretudo nas grandes cidades onde existe mais oferta. As “multidões estéticas” aumentaram o caudal e há muito deixaram de ser ignoradas progrediu uma espécie de religião profana, desenvolveu-se o culto da cultura (Conde, 1992).

Por outro lado, assistimos ao aparecimento de novos artistas emergindo em práticas que aspiram constantemente ao reconhecimento de parentesco com a arte: o *design*, a moda, a publicidade, a decoração, o artesanato, etc. (*Ibidem*, 1992).

No entanto, devemos salientar que o acesso à cultura, não pode ser um “chavão” para todos os quadrantes sociais porque não se trata de uma questão de ter vontade de aceder, mas de ter instrumentos para aceder. *Os media* favoreceram uma certa “familiaridade” com as artes antes reservadas apenas a alguns, “mas isso não quer dizer que a familiaridade “à distância” promovida pela tematização mediática da “alta cultura” resulte linearmente num esquema de simples mútua consequência em proximidade e muito menos na assiduidade (*Ibidem*, 1992).

Bourdieu (2007) refere que o acesso às obras culturais é privilégio da classe culta, considera que apenas são excluídos aqueles que se excluem, aparentando uma certa



legitimidade, mas na verdade, apesar da sociedade oferecer a todos a possibilidade de tirar partido das obras nos museus, o fato é que apenas alguns têm a possibilidade real de o fazer. Por vezes, a mensagem só é decodificada pelos detentores de um código que foi adquirido por uma longa aprendizagem, a obra só vai ser apreendida pelo recetor que tenha a informação e o nível de competência para o fazer (Bourdieu, 2007).

Na questão dos públicos e categorias de apreciação estética, “sobressai sobretudo a extensão de uma cultura letrada incompatível com a noção unitária de “cultura média” porque, internamente diferenciada, contém os seus próprios polos de “nova” e “velha” vocação erudita que desconcertam a consagrada tricotomia entre “cultura da distinção” (burguesa), “cultura da pretensão” (pequeno burguesa) e “cultura da privação” (popular) praticada pela teoria da dominação cultural “à Bourdieu” e reenviando para a polaridade social simples de cultura dominante/cultura dominada” Grignon e Passeron 1989 (*cit. in* Conde, 1992).

Será, pois, importante salientar que os objetos culturais podem ser decifrados a partir de diferentes níveis desde a abordagem mais ingénua até à mais erudita, consoante os diferentes recetores. Por outro lado, como afirma Conde (1992) “hoje não se pode deixar de contar com aspetos como o sincretismo de referências e o policentrismo das legitimidades culturais”.

Por sua vez os públicos podem ter dupla identidade: ser público de uma arte ou uma modalidade cultural e ser público de um dado conjunto, todos estes estarão relacionados com o grau de proximidade que passa pelos “iniciados” aos “profanos”, passando pelos “aspirantes”.

A experiência cultural “é esteticamente entendida, vivida e expressa nos diferentes perfis sociais, reconhecendo que tudo isto difere em função dos acessos a experiência, dos tipos de experiência e dos recursos passíveis de serem mobilizados” (Conde, 1992).

A aprendizagem cultural efetua-se assim, nas trocas sociais e através das experiências vividas no seio de pequenos grupos (ou grupos primários) que realizam a integração do indivíduo na sociedade. Os grupos primários estão ligados à sociedade por conjuntos mais vastos que podemos chamar mediadores secundários. Desempenham um papel fundamental já que constituem os grandes canais de seleção e de difusão culturais da sociedade para o indivíduo.

É a identidade cultural que fornece ao indivíduo os meios para identificar o acontecimento, lhe atribuir um significado e um valor e, seguidamente, interage com ele.

A identidade cultural de um indivíduo é assim coordenadora do sistema de conhecimento e de ação, o princípio organizador da sua vida quotidiana e o regulador dos acontecimentos que nela irrompem (D'Epina, 1991).

Quando obras de arte são impostas pelos providos de competência estética, aqueles que os “estetas” chamam de “populares” ou “filisteus”, fomenta-se a chamada violência simbólica, mesmo que se tenha como objetivo causas nobres como a descentralização ou a democratização cultural (Conde, 1992).

Ganga (2012) reafirma a ideia quando refere que o museu moderno, analisado por Bourdieu & Darbel no final dos anos 1960, é o museu que parece incorporar a fragmentação, descontextualização e sacralização do cultural, fazendo deste um espaço social restrito, usufruído por uma minoria dominante, até aos dias de hoje.

Por sua vez, se tradicionalmente, os museus eram vistos sobretudo como locais de preservação do património cultural e da memória (Ferreira-Alves, 2005), atualmente gerou-se a necessidade de criar serviços diferenciados, como a educação, a comunicação, o acolhimento, para que deixe de ser “sede de preservação elitista”. A existência de um serviço educativo, que funcione como mediador entre os conteúdos e os múltiplos públicos, que crescentemente “reclamam uma cidadania cultural” (Ganga, 2012).

### **3.2.6. O gosto**

Bourdieu (1984, p. 169-170) diz-nos:

“Para que haja gostos, é necessário que haja bens classificados, de” bom” ou de “mau” gosto, “distintos” ou “vulgares”, classificados e classificatórios, hierarquizados e hierarquizantes, e pessoas dotadas de princípios de classificação, de gostos, permitindo-lhes determinar entre esses bens aqueles que lhes convêm, os que são “a seu gosto.” Os gostos são o produto deste encontro entre duas histórias, uma no estado objetivado, a outra no estado incorporado, que são objetivamente concordantes.”

Podemos afirmar que o gosto é construído na lenta familiarização com os objetos culturais e com o acesso aos seus instrumentos. Os "eleitos" tendem a considerar-se inclinados para o "belo" como uma capacidade inata, e não como resultado de aprendizagem. Desta forma, estão assim desvendadas as condições sociais de acesso às práticas culturais e demonstrado que a cultura não é um privilégio nato, poderá ser acessível a todos através das instâncias de socialização /educação.

Por outro lado, o campo artístico é um local de transformação permanente, um campo de revoluções que alteram a estrutura do campo, não o colocando em questão. Os recém-chegados formam uma espécie de oposição aos mais velhos estabelecidos e zeladores das regras, e dos gostos estabelecidos no campo, numa espécie de jogo (Bourdieu, 1984).

Bourdieu (1984) aprofunda ainda a ideia de gosto os bens quando estão ultrapassados, são desvalorizados, desclassificados tornam-se comuns e banais à medida que são consumidos por pessoas menos instruídas, sobretudo por pessoas idosas mais formatadas para os gostos que pretendem perpetuar o mais possível. Vemos também que as estratégias de distinção dos produtores (artistas...), sempre *avant-garde* e as estratégias de distinção dos consumidores mais distintos que se encontram sem ter necessidade de se procurar.

Por sua vez, a renovação e o acréscimo de interesse pelo cultural nomeadamente pelo património, constitui um verdadeiro fenómeno social revelador do estado da sociedade, no entanto, tal como Bourdieu & Darbel ([1969] 2007) advogam, a inércia própria do **habitus** faz com que, em períodos de rutura, as obras produzidas segundo uma nova gramática sejam, durante um determinado período, percebidas por meio de antigos códigos, aqueles contra os quais foram produzidas. Por conseguinte, assiste-se a uma descoincidência de códigos. Neste sentido, tal como Bourdieu & Darbel (2007) afirmam, a transformação dos instrumentos de perceção artística é necessariamente mais lenta, em relação aos instrumentos de produção, pois trata-se de substituir uma competência por outra que é nova e desconhecida e que, por vezes, vem contra à abordagem anterior.

Por outro lado, Bourdieu (1987) considera que a melhor instituição para a reprodução dos privilégios de classe é a escola, embora exercendo essa função de forma velada, fá-lo através de mecanismos desenvolvidos pela própria escola. A cultura que transmite está mais próxima da cultura dominante o que leva a que os que estão mais próximos dessa realidade tenham mais facilidade. Desta forma, "Ao omitir de fornecer a todos o

que alguns recebem da família, o sistema escolar perpetua as desigualdades iniciais [...] ocupar apenas de discentes iguais em direitos e em deveres, se limita [a escola] na maior parte das vezes a reduplicar e sancionar as desigualdades iniciais diante da cultura” (Bourdieu & Darbel 2007, p. 108).

Os mesmos autores defendem que a ação da escola não deve ser desvalorizada, o “bom gosto” dos sujeitos mais cultos deve-se à ação “homogênea e homogeneizante, rotinizada e rotinizante” da escola. Também puderam concluir da mesma forma que a frequência dos museus<sup>14</sup> aumenta na proporção do aumento do nível de instrução, correspondendo quase que exclusivamente a um modo de ser das classes cultas o que salienta a necessidade de prática cultural. As visitas ao museu podem ser também um produto da educação escolar. O museu tem de fato um papel fundamental na educação cultural (Ganga, 2012).

No mesmo estudo estes autores concluem que as visitas ao museu ou outros, *per si*, não é condição para motivar uma segunda visita. Podemos constatar que instrumentos como guias, textos de parede, catálogos diminuem o sentimento de inacessibilidade dos espetadores mais desmunidos, por outro lado, para uma classe mais favorecida pode significar perturbação da contemplação da obra de arte (Ganga, 2012).

O gosto onde é importante a fruição sensitiva, a inteligibilidade, a especificidade de cada arte e de cada experiência cultural em particular, é construído na lenta familiarização com as obras de arte e como acesso aos seus instrumentos. Pode-se gostar sobretudo porque se entende, assim como, se pode entender sem gostar por razões diversas, e ainda existe evidentemente a hipótese do gostar dispensando o entendimento (Conde, 1992). Neste sentido, também, Bourdieu & Darbel (2007, p. 105) destacam a mesma ideia: “A aquisição dos instrumentos que tornam possível a familiaridade com as obras de arte não pode operar senão por uma lenta familiarização.” Bourdieu (1979) salienta que o gosto é uma característica de classe, é através dele que classificamos e somos classificados.

Por fim concluimos que, dentro da diversidade de perfis de envelhecimento, de taxas de analfabetismo ainda muito evidentes, como podemos verificar através das conclusões dos últimos censos, podemos perceber a dificuldade de um público mais desprovido de cultura aceder a determinados códigos. Desta forma, a Animação Sociocultural na

---

<sup>14</sup> Quando nos referimos aos museus falamos como referência cultural, no entanto, a nosso ver estas diretrizes podem ser aplicadas a outras práticas culturais.

abordagem a este público terá como afirma Teixeira Lopes (1998), “um caminho fecundo a percorrer”.

Trata-se sobretudo de uma questão de familiarização com determinados códigos, que em muitas pessoas idosas não foi acedido precocemente na sua trajetória de vida (através da família, das suas redes sociais ou através da escola).

Podemos acrescentar que dentro de uma outra perspetiva e segundo investigadores da sociologia como Wolfgang Welsch, que aborda a esfera do gosto estético dentro de duas abordagens distintas: a dimensão cognitiva e a emocional em que próprio Bourdieu nos referencia conceitos de fruição estética e deleite, o círculo de abrangência da prática de Animação Sociocultural aumenta consideravelmente em todas as faixas etárias e não menos na terceira idade.

### **3.2.7. Envelhecimento e trajetória social**

Frequentemente o conceito envelhecer não tem em conta a trajetória de vida dos indivíduos, é abordado de forma simplista, frequentemente é unânime a ideia de que existe uma perda de *status* social, resume-se ao desencadear de uma sequência de acontecimentos que em conjunto, caminham para uma situação menos favorável, desde a saída do mercado, perdas na saúde, viuvez, entre outros.

Constatamos que existem poucos elementos explicativos sobre a posição que ocupam os idosos das classes sociais mais baixas, embora se possa afirmar que o bem-estar está por vezes comprometido e existe desigualdade em função da classe que ocupam (Lopes , 2011).

Na definição de *status* socioeconómico na velhice temos dois indicadores importantes: a educação e a profissão. Quanto à educação, sabemos que na maioria, os idosos na atualidade e na maioria dos países europeus, tem baixa escolaridade, o que leva a perceber que este indicador tende a produzir muito poucas variações entre os indivíduos (*Ibidem*,2011).

Quanto à carreira profissional e, tendo em conta que os estudos incidem apenas na última profissão exercida, não é possível apreender o caminho percorrido pelos idosos no mercado de trabalho, no entanto, é precisamente este caminho que tem mais impactos nas suas vidas.

Na perspetiva da mesma autora, será necessária uma reflexão mais profunda para analisar a diversidade, a desvantagem e as desigualdades na velhice. Esta é resultado

das trajetórias de vida e moldada pelas trajetórias, pelo mercado de trabalho e pelas oportunidades e constrangimentos que se criam.

Segundo Bourdieu, a classe social comporta também dimensões imateriais da vida social, os indivíduos são socializados e esse procedimento será então refletido no modo de se comportar em diferentes situações e no modo como cada as percebe. Os cursos de vida não são somente caminhos de acumulação diferenciada de recursos e oportunidades, são igualmente caminhos de socialização no seio de meios sociais específicos que podem ser apreendidos como classes sociais. Como corpos socializados em posições de classe social, os indivíduos experienciam o processo de envelhecimento de modos diferentes.

Para Lopes (2011) três aspetos que estão intimamente relacionados com a acumulação material de vantagem/desvantagem ao longo da vida que são não somente sensíveis às diferenças de classe social, mas também, no impacto que têm na qualidade de vida dos idosos: rendimento, habitação e acesso aos serviços de saúde e de apoio social.

Os sociólogos, inspirados no trabalho de Bourdieu têm vindo a investigar de que forma a classe social se traduz em estilos de vida e a demonstrar como diferentes estilos de vida estão enraizados nos diferentes tipos e quantidades de capital que os indivíduos possuem, dependendo do grupo social a que pertencem.

Embora esta abordagem tenha sido criticada por alguns investigadores por diluir o papel do indivíduo e não considerar que as diferenças associadas à classe foram diminuindo nas sociedades modernas (Beck *et al.*, 1994). Na verdade, existem muitas evidências que sugerem que tal diluição está longe de ser demonstrada e que a classe social ainda é importante na compreensão dos mecanismos de diferenciação e de distribuição do *status*.<sup>15</sup>

Pereira (2013, p. 17) afirma que: “Socializados em diferentes contextos de classe social, os indivíduos irão formando diferentes perfis de envelhecimento e estes perfis altamente simbólicos de envelhecimento irão determinar largamente o leque de possibilidades que se pode razoavelmente esperar ver implementadas.”

No entanto, também é importante compreender que quando pensamos em idade estamos a pensar em idade cronológica não atribuindo relevância ao comportamento humano que é afetado por experiências que ocorrem durante a passagem do tempo.

---

<sup>15</sup> As atividades de Animação Sociocultural podem ser uma forma de colmatar estas diferenças entre classes sociais, dentro de uma abordagem informal, todos os agentes sociais podem aceder aos mesmos domínios culturais.

Uma investigação mais ampla poderia permitir uma compreensão mais aprofundada do modo como os diferentes perfis de envelhecimento são construídos ao longo da vida e do modo como esses perfis aparecem associados à vantagem ou desvantagem na velhice. O idoso tem as suas oportunidades de vida definidas pelo processo de acumulação de (des) vantagens que caracteriza a sua trajetória social num dado grupo social, bem como pelo processo de construção da identidade que é forjada em cada contexto de socialização de classe (Lopes, 2008).

De igual modo, Ganga (2012, p. 124) questiona as possibilidades de os sistemas educacionais responderem às necessidades e desafios contemporâneos, favorecendo para o efeito a educação não-formal:

“Indubitavelmente, os processos de aprendizagem em contexto de educação não-formal não estão sujeitos às mesmas condicionantes que o sistema de ensino formal. A educação não-formal não está condicionada pelas relações de poder intrínsecas ao próprio corpo institucional como o sistema de ensino, nem pelas necessidades de reprodução desse mesmo corpo” (Ganga, 2012, p. 127).

Pereira, (2013, p. 369) considera dentro da mesma linha de pensamento que “num contexto de educação não-formal, os conteúdos de aprendizagem podem ser veiculados a partir da experiência particular dos aprendentes, tendo em conta o conjunto do seu capital cultural incorporado.”<sup>16</sup>

Desta forma, poderíamos rentabilizar todos estes saberes resultantes das trajetórias de vida dos idosos e enriquecer os sistemas educacionais tanto ao nível informal como formal.

Em síntese, podemos concluir que todos os diferentes capitais formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder (Silva, 1995).

Os diferentes capitais entrelaçam-se de tal forma e têm uma enorme abrangência que por vezes se torna difícil a sua análise. As desigualdades sociais entrelaçam-se entre os

---

<sup>16</sup>As atividades de aprendizagem ligadas à educação são particularmente relevantes, proporcionando aos idosos a realização pessoal, é um contexto interventivo privilegiado para a promoção do bem-estar dos mesmos.

diferentes fatores não decorrem apenas das desigualdades económicas, mas também do *defites* do capital cultural, social e simbólico.

Bourdieu defende, como já tivemos oportunidade de referir, que existem fronteiras em que cada classe, que dominam e estabelecem as regras no seu domínio, a infiltração torna-se difícil por parte dos diferentes agentes sociais, salvo raras exceções poderão ser derrubadas. Será, pois, pertinente também salientar que alguns autores teoricamente apontam para uma flexibilidade destas barreiras.

Através do mesmo autor (1989) percebemos a realidade das instituições e os seus efeitos sociais, que não está na “vontade” de um indivíduo ou de um grupo, mas num “campo de forças antagónicas ou complementares” oriunda dos interesses e dos “habitus” dos seus ocupantes, em luta permanente pelos ajustamentos dessa mesma realidade.

Podemos também compreender os mecanismos através dos quais apenas alguns dos indivíduos conseguem obter instrumentos para a fruição da cultura dominante.

Observa-se, assim, que” a aspiração à prática cultural varia com a prática cultural e que a “necessidade cultural” reduplica à medida que esta é satisfeita, a falta de prática é acompanhada pela ausência do sentimento dessa privação” (Bourdieu, 2007, p. 67).

Desta forma, os residentes de uma instituição, nomeadamente de um lar de idosos quando devidamente estimulados não serão capazes de adquirir competências para progredir nas suas práticas culturais? Quando são confrontados com práticas culturais eruditas sentem-se constrangidos e tendem a abandonar? Constatação confirmada por Bourdieu (2007, p. 71).

Verifica-se que a aprendizagem é gradual através da chamada familiarização primária, também se constata que deve partir do que é mais “conhecido” para o mais “desconhecido”, do mais simples para o mais complicado, do concreto para o abstrato.

(Bourdieu & Darbel 2007, p. 108) chamam a atenção:

“Se as vantagens ou desvantagens sociais pesam tão consideravelmente sobre as carreiras escolares e, de forma mais geral, sobre toda a vida cultural, é porque, percebidas ou despercebidas, elas são sempre cumulativas.”

Gilda Silva (1995) salienta que todas as classes têm o seu padrão estético nas diferentes áreas, existe o gosto da classe popular, da classe média e o gosto da classe dominante, esta última classe tende a considerar o seu gosto como o melhor, mais valorizado, sendo que quem tem acesso a essa cultura têm mais distinção. No entanto podemos constatar



que as culturas populares estão em ascensão no que concerne ao seu valor social, o que pode significar mais uma brecha no campo da diferenciação social.

Falar de envelhecimento bem-sucedido só pode ter um significado, ir ao encontro das necessidades dos idosos, sendo que essas necessidades podem ser exequíveis independentemente dos capitais que possam ter, deverão ser criadas as condições para que tal aconteça, não passando por uma abordagem formal imposta pela classe dirigente, numa escolarização onde já está definido quem irá ser ou não subtilmente excluído.

O capital cultural vigente não pode cingir-se ao das classes dominantes, pois consideramos que todos os capitais devem ser valorizados e tidos em conta. Todos poderão ter acesso a um meio que hoje apenas pertence a alguns desde que sejam facultados os instrumentos para tal.

### **3.2.8. Práticas culturais em lar de idosos**

Os lares surgem como forma de responder às necessidades dos idosos, no entanto, frequentemente são apenas resposta às necessidades básicas onde se privilegia as atividades de vida diária, esquecendo ou mesmo colocando de parte outras dimensões como a social e a cultural. A entrada é muitas vezes sinónimo de abandono de papéis e de práticas anteriores, subsistem sentimentos de perda nomeadamente de identidade, de afastamento social e de inutilidade, como já tivemos oportunidade de explorar anteriormente.

As práticas culturais nos lares são limitadas e limitativas. Tendencialmente, estas são pontuais algumas quase *banais*, sem qualquer grau de exigência nem para os profissionais nem para os próprios idosos que, muitas das vezes, são afastados de tudo o que lhes diz respeito numa atitude passiva de aceitação que não tem fundamento. Desta forma, a Animação Sociocultural não poderia assumir programas mais ambiciosos levando-os idosos para atividades com aprendizagens mais consistentes?

Segundo Gros (2009, p. 83), “As práticas culturais desenvolvidas em lar terão que passar pelo desenvolvimento de competências, é crucial que lhes sejam propostas, condições de efetiva descoberta e aprendizagem”.

Por conseguinte, é fundamental gerar reais oportunidades de desenvolvimento, contrariando radicalmente o miserabilismo cultural e o carácter avulso e pontual da

maioria das atividades de Animação Sociocultural que, tendencialmente, são impostas nos lares de idosos.

Teixeira Lopes (1998) ainda em relação às práticas culturais acrescenta:

“Todos os grupos sociais atualizam e protagonizam uma história que, mesmo quando não lhes possibilita assumirem-se como autores e atores do seu destino, desmente uma lógica de distribuição de poder do tipo soma-zero. A recepção cultural é, antes de mais, uma prática social, rejeitamos os estereótipos de inércia e passividade que comumente se lhe atribui. A mensagem cultural não encontra, na sua recepção, um deserto vazio de referências.”

De fato, todos são protagonistas de uma história que não é homogênea, mas que deve ser considerada, é importante conhecer a frequência de práticas culturais ou mesmo a sua ausência. Ao profissional caberá o papel de conjugá-las de forma a torná-las em experiências positivas para os idosos levando-os de uma situação de *não-público*, ou seja, ausência de prática cultural a tornasse *público*, com prática cultural.

Por outro lado, teremos que reforçar a ideia que por detrás de uma prática de não-consumo podem estar atitudes de desconhecimento, vergonha cultural ou, pura e simplesmente, decepção e consequente recusa face a uma determinada obra (Lopes, 1998).

A acrescentar a esta ideia, as práticas culturais não obedecem a normas rígidas dentro dos campos sociais apresentam-se de forma diversificada e dentro desse formato, também, se abrem outras possibilidades de ação para os profissionais da área. Trabalhar com diferentes públicos ou mais especificamente com classes sociais diferentes pode funcionar como uma vantagem e não, à partida se possa pensar, como uma impossibilidade, como nos mostram alguns investigadores:

“As interações intra e intergrupais constituem fatores de estímulo que conduzem igualmente a uma certa seletividade ou orientação no deciframento da mensagem cultural ([...] Estes fenómenos atingem uma dimensão de maior notoriedade quando existe uma distribuição desigual de autoridade e de competência entre os membros do grupo ou “comunidade interpretativa” (Lopes, 1998).

O mesmo autor acrescenta que numa atividade de grupo (ir ao teatro, ao museu...), numa mescla de indivíduos de diferentes práticas, independentemente de estas serem mais ou menos valorizadas, pode propiciar uma reconfiguração da atitude em relação a esse evento, já que esta atitude não é imutável, está sujeita a mecanismos de influência que constantemente lhe dão a possibilidade de retificação. Também Gros (2009, p. 68) confirma a mesma ideia: “As interações entre indivíduos portadores de universos culturais diversificados são condições cruciais para um rico desenvolvimento não somente da mente e da sensibilidade dos indivíduos, como das próprias culturas”. Assim sendo, a possibilidade de existirem dois públicos com práticas culturais diversificadas dentro da mesma instituição poderá tornar-se numa experiência positiva para ambas as partes, como é o caso da instituição que aqui se analisa e que desenha um projeto de Animação Sociocultural.

### 3.3. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

#### 3.3.1 A origem da Animação Sociocultural

A origem da Animação Sociocultural perde-se no tempo, já que sempre existiu enquanto processo de sociabilização e aculturação, emergindo de uma necessidade humana, como salienta Lopes Marcelino (2008, p. 95) “por antecedentes de Animação Sociocultural entendemos qualquer ação, com dimensões social, cultural e educativa, que tenha por objetivo dinamizar programas junto das populações”. Para o mesmo autor a definição de Animação Sociocultural coexiste com a da Unesco (1977), definindo-a como um conjunto de práticas sociais que visam estimular a iniciativa e a participação das populações no processo do seu desenvolvimento e na dinâmica da vida sociopolítica em que estão integradas. Pretende-se uma animação comprometida com a participação e com a transformação da sociedade.

A Animação Sociocultural nasceu na Europa nos anos 1950/1960 particularmente na França e na Bélgica para designar um conjunto de ações dirigidas, gerando processos de participação para a dinamização social, atualmente estendeu-se a outras realidades (Ander-Egg, 1992). Ao longo do tempo, surgem novos problemas que exigem novas respostas: o aumento do tempo livre e a preocupação de o ocupar de forma criativa e por outro lado, o aparecimento de situações de marginalização social nas grandes cidades também levaram ao desenvolvimento da Animação Sociocultural “institucionalizada” (*Ibidem*, 2000). Por sua vez, e segundo o mesmo autor, depois da Segunda Guerra Mundial as indústrias culturais cresceram de importância tanto na influência que exercem sobre a vida cultural como pelas novas atividades que surgem e que se desenvolvem.

Em Portugal, não é possível determinar com exatidão a origem da Animação Sociocultural, no entanto, podemos descrevê-la enquanto processo histórico, numa primeira fase muito ligado à política como forma de combater o regime ditatorial e uma segunda fase depois do 25 de Abril de 1971, enquanto instrumento de intervenção educacional e que visava atingir uma ampla participação popular. Uma Animação Sociocultural de difusão, de intervenção muito ao serviço da Revolução.

No seu desenvolvimento a Animação Sociocultural envolve uma série de conceitos que lhe são afins podendo contemplar diferentes dimensões desde a política, social, cultural,

educativa, sobressaindo também, conceitos como a democracia, participação, noção de tempo livre e de tempo de ócio.

No final de 1980, Osório apresenta a Animação Sociocultural como uma perspectiva transformadora, um espaço novo para a educação, e de recriação cultural. Simultaneamente, um processo de intervenção, ao serviço dos cidadãos que vai sendo progressivamente aceite. Canário (1999, p. 73), na mesma ótica, afirma [...] “toda a ação exercida sobre um grupo, uma coletividade ou um meio, visando desenvolver a comunicação, estruturando a vida social, recorrendo a métodos semi diretivos: é para ele um método de integração e de participação”.

Ander-Egg (2000, p.100), encara a Animação Sociocultural como um conjunto de métodos e técnicas de atuação, uma “*tecnologia social*”, baseada numa pedagogia participativa que tem como finalidade atuar em diferentes âmbitos que abrangem a qualidade de vida.

Trata-se para este investigador de “um conjunto de técnicas sociais que, baseadas numa pedagogia participativa, tem por finalidade promover práticas e atividades voluntárias que, com a participação ativa das pessoas, se desenvolvam no seio de um grupo ou comunidade determinada, e se manifestem nos diferentes âmbitos das atividades socioculturais que procuram o desenvolvimento da qualidade de vida”.

Trilla (2004, p. 26), define que a Animação Sociocultural “como um conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou setor da mesma) e dentro de âmbito de um território concreto, com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento, quer social quer cultural”.

Lopes (2008, p. 95) afirma que “deve existir uma íntima relação do plano educativo com o social, uma vez que a educação é condicionada e condiciona a sociedade e também porque o ato de educar constitui um instrumento que de reprodução quer de transformação da sociedade. É nesta interação entre a sociedade e educação que o ato de animar pode e deve gerar processos de participação das comunidades e das pessoas.”

Poderíamos concluir com a definição avançada por González (2012, p.10):

“Pretende-se uma Animação Sociocultural não marcada por uma cultura dirigista ou institucional, mas sim livre fruto dos criadores e da interação cidadãos. A animação como uma ação libertadora através da qual indivíduos e comunidades geram as suas próprias representações sociais fazendo a

gestão de alternativas com as quais se identificam, surgindo assim, uma serie de micro poderes. Uma Animação Sociocultural ao serviço de uma nova cidadania, com novas formas de participação e de ação, ou seja, uma nova democracia mais real e autêntica”.

### **3.3.2. Caraterização da Animação Sociocultural**

Dentro dos âmbitos de atuação da Animação Sociocultural existe uma abrangência ampla que vai desde o individual (desenvolvendo as potencialidades do sujeito), ao social (com fortalecimento do tecido social mediante a participação, afirmação da identidade, e respeito pela pluralidade), ao cultural (no sentido não apenas de um público espectador mas também um público participante) e educativo (possibilitando experiências reais para fortalecer formas e hábitos democráticos, assim como, uma educação permanente).

Aprende-se através da experiência, adquire-se maior capacidade de atuação quando se é capaz de refletir reconhecer e valorizar as experiências e conhecimentos, fica-se mais predisposto a participar, a adquirir novos conhecimentos e a potencializar capacidades individuais. A participação é o que carateriza, de forma mais profunda, a Animação Sociocultural, implicando o maior número de pessoas possível, não como ponto de partida, mas como ponto de chegada valorizando o processo, o caminho coletivo (Ander-Egg, 2000).

Diferentes modalidades de atuação desde a cultural, educativa ou social complementam-se, porém, importa neste trabalho sublinhar a dimensão cultural por se tratar do desenho de um projeto de Animação Patrimonial.

Segundo a declaração da Unesco, em novembro de 1996, “toda a cultura tem uma dignidade e um valor que devem ser respeitados, todos os povos têm o direito e o dever de desenvolver a sua cultura e que todas as culturas fazem parte do património da humanidade” (Declaração dos Princípios da Cooperação Cultural Internacional art.1.º,2.º,3.º), sendo assim, podemos concluir que todas as pessoas são mais ou menos cultas e todos somos produtores de cultura embora, de forma diferente e diversa (Ander-Egg, 1992). Com o surgimento das indústrias culturais assumiram-se posições extremas em relação à cultura, se por um lado, chega mais facilmente a um maior número de pessoas, *massificação cultural*, o que pode ser positivo, por outro lado, fomentou-se

também o consumismo cultural uniforme e condicionado por interesses comerciais, o que também pode ser negativo (*Ibidem*, 2000). Perante estes fatos e ainda dentro da linha de pensamento do mesmo autor, a Animação Sociocultural pode simbolizar uma forma importante de luta contra a passividade e homogeneização produzida pelas indústrias culturais, no âmbito da ação social, cultural e educacional.

Ander-Egg (1992) defende que se pretende através da Animação Sociocultural é desencadear um processo de dinamização que estimule a criação individual e ofereça a cada indivíduo a possibilidade de aumentar o seu protagonismo o seu desenvolvimento pessoal social e cultural num contexto participativo através de realizações comuns.

Dentro de uma conceção transformadora/revolucionária tal como Ander-Egg (2000) defende, pretende-se que os públicos sejam capazes de se expressar, de produzir cultura de refletir em comum. A ação cultural deve ajudar os indivíduos a enriquecerem-se enquanto pessoas, a desenvolverem a sua personalidade e a serem protagonistas na realização da sua vida.

Ander-Egg (2000) distingue democratização cultural e democracia cultural referindo-se a esta última constitui um processo que vai mais além, não pretendendo apenas que a cultura beneficie toda a população, mas que todos tenham participação efetiva na cultura.

A existência de *um fosso cultural* entre os diferentes estratos sociais e a proclamação de igualdade de oportunidades patenteada pela Declaração dos Direitos do Homem deixa aberta para a Animação Sociocultural um campo de atuação importante: a tarefa de derrubar obstáculos socioculturais que levem a uma democratização social profunda.

### **3.3.3. Animação Sociocultural em instituição lar de idosos**

Os idosos não são um público homogéneo, mas sim um público complexo, e diversificado que pouco protagonismo tem tido na definição dos seus trajetos. Trata-se de um público cada vez mais remetido para a margem da sociedade e com ele um capital cultural remetido para o esquecimento. Assim, podemos verificar que socialmente os idosos colocaram-se ou foram colocados fora da sociedade, sendo, como tal, primordial que continuem a ter uma vida ativa participativa, e serem responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento. Afastar de vez que ser idoso é sinónimo de improdutividade e um peso para a sociedade (Haro & López, s/d).

A imagem homogênea, estereotipada normalmente de forma negativa dos idosos pode hoje não corresponder à verdade, visto que muitos deles se encontram bem e sem qualquer patologia. Para conhecer os idosos da atualidade não devemos basear-nos em modelos ultrapassados pautados pela decrepitude, mas abordar este público de uma forma mais positiva e possibilista. É necessário ter em conta que a entrada na jubilação deverá não significar uma rutura, mas sim, uma nova etapa na vida diferente e também atrativa, uma etapa que pode significar crescimento, aprendizagem com novos projetos e de novos horizontes (Haro & López, s/d).

Por outro lado, as atividades são ou não interessantes na sua relação com o sujeito (institucionalizado ou não), quando vão ao encontro das suas necessidades, e do que faz sentido para eles. Faz todo o sentido conhecer os seus interesses, desejos e gostos. Uma análise atenta às respostas obtidas dará indicação sobre o modo de vida, a sociabilidade, a cultura do interessado. Deste modo, a eleição das atividades já não será arbitrária. Muitos dos idosos têm o sentimento que aprender nestas idades não tem qualquer fundamento, o que não é de todo verdade, aprender é uma necessidade de todo o ser humano qualquer que seja a sua idade.

As instituições totais usam um conjunto de práticas institucionalizadas “forçadas e insípidas” (jornais internos, festas anuais...) através das quais exercem controlo, existindo comprometimento com a ideologia oficial da instituição e, por vezes, assume um papel de “terapia de grupo onde a dinâmica de aparência inclui mais do que simples contraste entre apresentação e realidade” (Goffman, 1961, p.94). O conceito de idoso é de fato uma construção social, no entanto, estes é que deveriam assumir o protagonismo na decisão dessa mesma construção social, são muitas das vezes dela afastados. Sendo fato que os idosos sofrem perdas óbvias estas não significam perdas intelectuais, podendo ser úteis socialmente (Haro & López, s/d).

Mais que manter os idosos ativos o importante é mantê-los interessados, com motivação para realizar atividades que tenham em conta a sua trajetória de vida, estes deveram ser escutados, intervenientes ativos das atividades, devem surgir experiências gratificantes, construtivas e qualificadoras (Haro & López, s/d).

Insiste-se em manter ativos e participativos os idosos, é evidente que quando participam ativamente em qualquer acontecimento social surgem altos níveis de satisfação e também melhoram o seu estado de ânimo e saúde.

Mendia (1987) afirma que sempre que se desenvolvem planos de intervenção na terceira idade não são satisfeitos os diferentes tipos de idosos, será necessário fazer a oferta



consoante os níveis culturais. Ideia ultrapassada, pois as atividades podem ser as mesmas para todos os públicos, aos profissionais cabe o papel de adaptar as atividades consoante o público-alvo fornecendo instrumentos de descodificação para os que de outra forma não tiveram acesso.

As atuações da Animação Sociocultural terão que ser críticas, livres, transformadoras, devem gerar processos de participação nos grupos, usar uma metodologia que implique e responsabilize os cidadãos, que desenvolva a pluralidade cultural e que desenvolva nos seus intervenientes capacidade de análise, de organização, de desenvolver processos de comunicação aprendendo a expor livremente os seus pontos de vista, a saberem negociar e a chegarem a consensos (Haro & López, s/d).

A Animação Sociocultural é sobretudo um projeto de intervenção para motivar e estimular um grupo levando a que este seja capaz de desenvolver os seus próprios projetos, *não se trata de preparar atividades para os idosos, mas sim de as preparar com os idosos*, ou seja, eles são os protagonistas de todo o processo de Animação Sociocultural.

Através de trabalhos empíricos verifica-se que as atividades de carácter cultural são as coroadas de menos êxito, não têm grande aceitação (López, 2009, p. 21). No entanto, caberá à Animação Sociocultural transformar a realidade existente e supera-la. Muitas vezes a desculpa de que se faz *aquilo que é possível* serve apenas para camuflar o que na realidade se pode fazer, porque pode sempre fazer-se mais, pode sempre repensar-se como se podem aproveitar as capacidades/potencialidades das pessoas, os recursos, usar novas de novas estratégias e ter objetivos mais desafiantes.

Para Haro & López (s/d) esta mudança parte do animador, mas sobretudo deve partir do grupo, a Animação Sociocultural é um instrumento para a mudança, no entanto, por vezes as atividades são redutoras e reduzem o idoso e nesse sentido não irá provocar transformações.

Os objetivos da Animação Sociocultural nas instituições segundo (Haro & López, s/d):

- i) Organizar as condições necessárias para o desenvolvimento pessoal e coletivo;
- ii) Fomentar a solidariedade e companheirismo através de a comunicação e o trabalho em grupo;

- iii) Sensibilizar sobre a importância de utilizar educativamente o ócio e o tempo livre;
- iv) Participar na gestão de instituição e na planificação e desenvolvimento das atividades;
- v) Implicar a os residentes em atividades comunitárias.
- vi) Otimizar a dinâmica grupal;
- vii) Desenvolvimento de atividades recreativas e culturais que potencializam a solidariedade e a cooperação;
- viii) Compensar carências e desigualdades culturais;
- ix) Trabalhar para o crescimento da autoestima dos idosos apoiando as dificuldades socioculturais, modificando situações que perduram nos percursos de vida;
- x) Criar intercâmbio de experiências.

Sabemos que o trabalho em instituição, sobretudo quando se refere a um público com as suas especificidades não é um trabalho fácil e que não se conseguem obter resultados quantitativos significantes, mas, no entanto, também sabemos que não são essas as diretrizes que norteiam este tipo de intervenção.

Podemos então concluir que, hoje a chegada à chamada terceira idade não é sinonimo de como outrora, de inatividade hoje pode significar novas aprendizagens (ainda subsiste muito a ideia que o idoso não tem capacidade para aprender) e as instituições que acolhem os idosos devem apoiar e responsabilizar-se para que estes horizontes sejam atingidos sem impor limites. Não devem existir razões para manter as pessoas afastadas da sociedade para limitar a sua vida quer social quer cultural. Os idosos deveriam assumir o protagonismo nas decisões que lhe dizem respeito, no entanto, são muitas das vezes afastados. É um fato que sofrem perdas óbvias com o envelhecimento, mas também não significam perdas totais, podem ser úteis de muitas formas desde que motivados para tal.

Definir o perfil do animador sociocultural que trabalha com idosos, como se pode verificar nos diferentes autores e de testemunhos partilhados pelos diferentes intervenientes nesta área é uma tarefa exaustiva, no futuro, estes profissionais terão que estar em permanente atualização e preparados para trabalhar com públicos mais exigentes e com maiores especificidades, não poderá ser um trabalho esporádico e sem qualidade. Teremos que estudar a história dos indivíduos e torná-los protagonistas da

sua própria vida, permitindo que estes se desenvolvam nos diferentes níveis desde o individual, social e cultural.

O animador sociocultural assumirá um papel fundamental possibilitando que os idosos acessem em circunstâncias de igualdade e de equidade aos bens culturais que de outra forma eram apenas privilégio de alguns. Podemos nesta fase constatar que:

Os profissionais deveriam analisar e melhorar as suas práticas profissionais e salienta alguns aspetos importantes para esta análise: respeitar as preferências dos idosos usando planos personalizados de atendimento; tornando-os coparticipantes, melhorando o trabalho de equipa e dando-lhes espaço para a intervenção, personalizando e humanizando ambientes (*Ibidem*, 2013,).

A Animação Sociocultural enquanto interventora e transformadora no campo gerontológico deve atuar de forma a facilitar o acesso a uma vida mais ativa, mais criativa e participativa melhorando as relações de comunicação na comunidade e sobretudo ser potencializadora de desenvolvimento pessoal e social.

## NOTAS FINAIS

Podemos nesta fase afirmar que a velhice cresceu em número e em complexidade, o que nos leva a adotar medidas urgentes em relação à forma como é, e deverá ser percebida esta fase da vida. A pessoa idosa, como podemos verificar, não envelhece de forma homogênea, cada indivíduo é uma trajetória de vida diferenciada, em particular diferenciada, em termos das suas práticas culturais. Assim sendo, as respostas às suas necessidades terão que ser encaradas como um fenómeno *societal* complexo.

Nessa complexificação surgiram conceitos como envelhecimento bem-sucedido nas suas diferentes *nuances* como qualidade, participação, produtividade [...] e de envelhecimento ativo que segundo a Organização Mundial de Saúde significa envolvimento contínuo e consciente dos idosos nas questões sociais, económicas, espirituais, culturais e cívicas.

As instituições lar de idosos, como verificamos são uma alternativa à família onde vivem ou “sobrevivem” pessoas em circunstâncias muito peculiares, circunscritas a um espaço fechado, onde quem dirige estabelece as regras”. Esta é uma realidade onde o tempo livre é uma constante, os idosos permanecem demasiado tempo desocupados, experienciando, por vezes, processo da *mortificação do eu*, onde a única preocupação é a satisfação das necessidades básicas.

Bourdieu (1984) descreve a forma como os indivíduos se movimentam nos diferentes campos e de como atuam segundo o seu “habitus”. Os lares de idosos tal como na sociedade os indivíduos estão também divididos por classes e atuam mediante as oportunidades e os constrangimentos que se desenvolvem segundo o seu “habitus”. Verifica-se, também, que as classes dominantes têm um maior leque de escolha de atividades culturais, enquanto as camadas populares têm as suas atividades mais limitadas, estão muita vezes sujeitos ao que denominou de *violência simbólica*.

Consideramos que a Animação Sociocultural tem um papel de intervenção e de transformação desta realidade, sobretudo se se reconhecer algumas questões fundamentais que Bourdieu, nos seus estudos sociológicos colocou de lado tais como: o crescente multiculturalismo nas sociedades ocidentais; a existência de um desfasamento entre os gostos e a esfera ocupacional /profissional; o fato, dos membros da mesma classe social exibirem gostos e práticas culturais diversificadas; afirma que o gosto é

apenas fruto de transmissão familiar, esquecendo-se dos relacionamentos exógenos, por outro lado, a própria oferta cultural tornou-se mais eclética (Lopes, 1998).

Abordamos os saberes dos idosos ainda desvalorizados socialmente até por eles próprios, no entanto, eles são portadores de dois domínios únicos e insubstituíveis: detêm a memória do passado e a experiência de uma vida, enquanto profissionais não podemos ficar indiferentes a este fato (D'Epinay, 1991).

Animação Sociocultural nas instituições poderá facilitar o acesso e familiarizar os idosos com determinados códigos. Assim, deverá trabalhar na direção de uma “recepção competente” aquela que permite, um alargamento do “horizonte do mundo onde a obra se situa”, isto é, “ao cabo de uma aplicação rigorosa das formas e de uma exercitação fiel das regras (o recetor) acaba por adquirir uma tal familiaridade com o seu mundo próprio que sabe tirar partido das suas margens e jogar assim adequadamente com as exceções” Rodrigues (1978 *cit. in* Lopes, 1998).

## PARTE IV

### 4. DIAGNÓSTICO

#### 4.1. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Tendo como base o Sistema de Avaliação Multidimensional de Equipamentos Sociais-lares de idosos (SAMES-LAR) - e segundo o Inquérito sobre as Características Arquitetónicas e Físicas - (ICAF), apuramos que:

Esta residência/lar fica situada no centro da cidade do Porto e como tal tem boas acessibilidades permitindo aos seus residentes deslocar-se facilmente nos transportes públicos, privados ou até simplesmente de forma pedonal. Está inserida numa zona residencial, rodeada por estabelecimentos comerciais e serviços bem iluminada e segura. A residência/lar está instalada num grande edifício antigo dividido em três andares, mais especificamente no segundo andar, as restantes instalações estão reservadas ao hospital. A residencial/lar é assegurada por serviços médicos/enfermagem permanentes, secretaria/recepção, lavandaria, cozinha, economato, cafetaria, costura e cabeleireiro.

A instituição possui três salas de refeições (duas do *Setor Particulares Vitalícios* e uma no *Setor Lar*), duas salas de convívio uma em cada setor,<sup>17</sup> gabinetes/salas de reunião, wc comuns e privadas, tem também uma capela de uso particular, assim como, uma igreja aberta à comunidade.

Na parte da frente do edifício está instalado o *Setor Particulares Vitalícios* (onde estão situados os apartamentos) do outro lado do edifício situa-se o *Setor Lar*. No exterior, existe um jardim, cafetaria, lavandaria, cozinha, o economato e restantes serviços de apoio.

A residência/lar possui quarenta e dois apartamentos no *Setor Particulares Vitalícios* e no *Setor Lar* existem dez quartos, dois individuais e oito duplos.

Os espaços privados no *Setor Particulares Vitalícios* encontram-se decorados de acordo com o gosto dos residentes e é normalmente mobiliário proveniente da habitação onde residiam. Os apartamentos são de tamanhos variados, alguns têm varanda e são compostos por uma sala, um quarto e uma casa de banho adaptada.

No *Setor Lar*, os quartos com lotação máxima de duas pessoas, são amplos e arejados, estão personalizados consoante o gosto de cada residente. A presença de objetos pessoais e decorativos, também são escolha dos residentes, o que faz com que tenham um aspeto familiar e acolhedor.

Todos os quartos no *Setor Lar* têm casa de banho (espaçosas e adequadas aos residentes), pois esta área correspondia às anteriores instalações hospitalares.

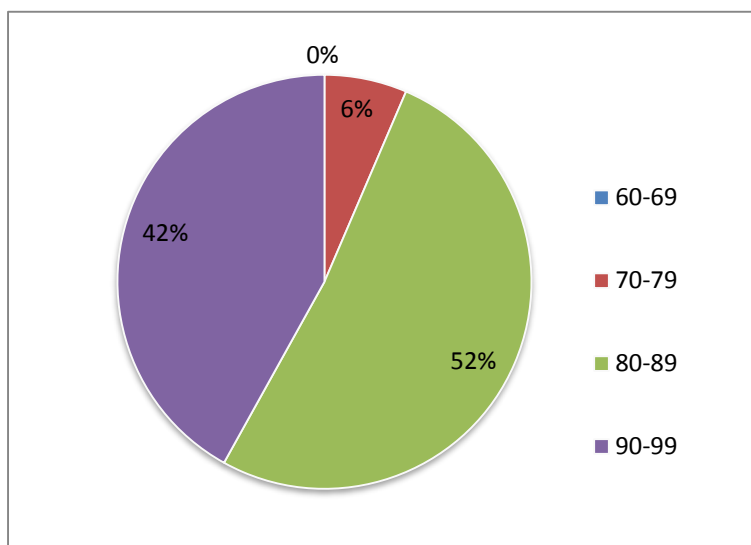
#### 4.2. CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE

A instituição com quarenta e oito residentes distribui-se por dois setores distintos: pelo *Setor Particulares Vitalícios* que é constituído por trinta e um residentes, dentro dos quais vinte e três responderam à totalidade das questões dos inquéritos SAMES-LAR. Os restantes não responderam por se encontrarem ausentes da instituição ou não possuírem capacidade de responder à totalidade das questões. Desta forma, recorreremos aos processos individuais para a obtenção dos dados. A este setor acederam residentes com capital económico suficiente para o pagamento na íntegra da sua permanência na instituição. No *Setor Particulares Vitalícios* cinco residentes não se encontram a morar

---

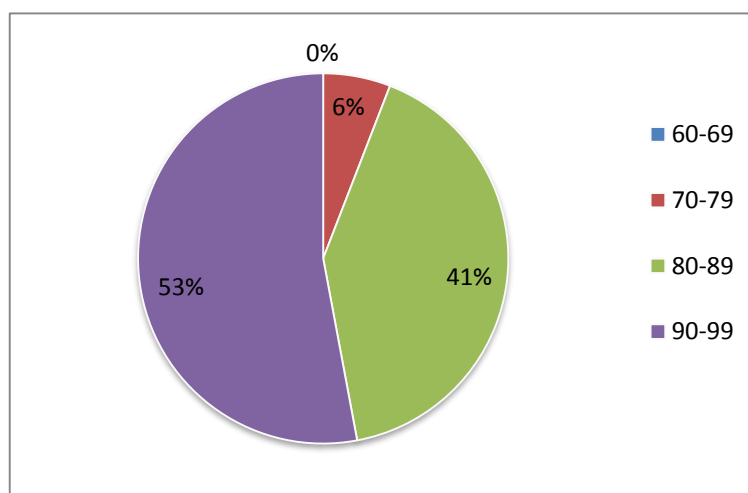
<sup>17</sup> Cada uma destas eram zonas reservadas aos residentes de cada setor. Atualmente, estas são zonas abertas e não representam barreiras, como se verifica através do discurso dos residentes nas narrativas biográficas, apresentadas neste projeto.

na instituição, sendo prática adquirirem um apartamento com o intuito de apenas mais tarde o poderem ocupar reservando desta forma um lugar.



**Gráfico 1 Distribuição dos residentes de acordo com a idade (*Particulares Vitalícios*)**

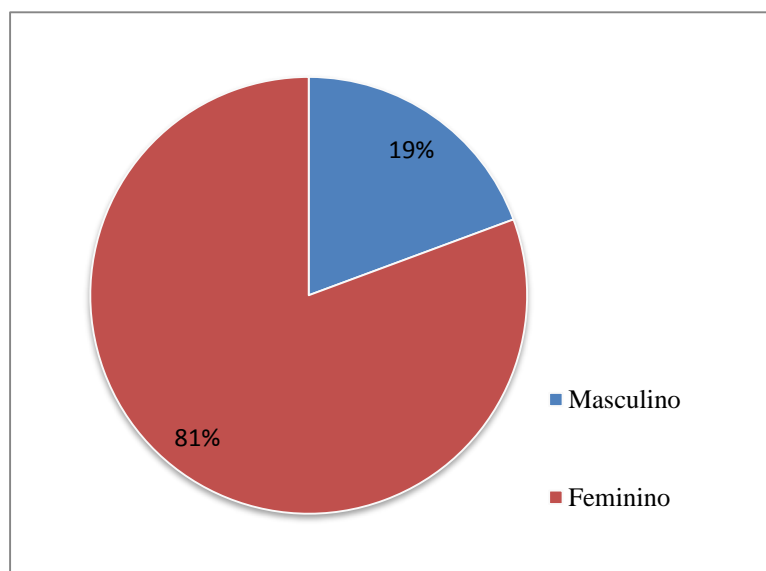
O *Setor Lar* é composto por dezassete residentes e todos eles têm residência efetiva na instituição. Esta *reserva de lugar* é possível nos dois setores desde que o residente seja admitido como irmão, seja aprovada a sua admissão por parte da Mesa Administrativa em um dos setores e tenha mais de 64 anos. Os residentes ausentes não estão referenciados neste diagnóstico pela dificuldade em aceder aos seus dados pessoais e por não integrarem o quotidiano da instituição.



**Gráfico 2 Distribuição dos residentes de acordo com a idade (*Setor Lar*)**

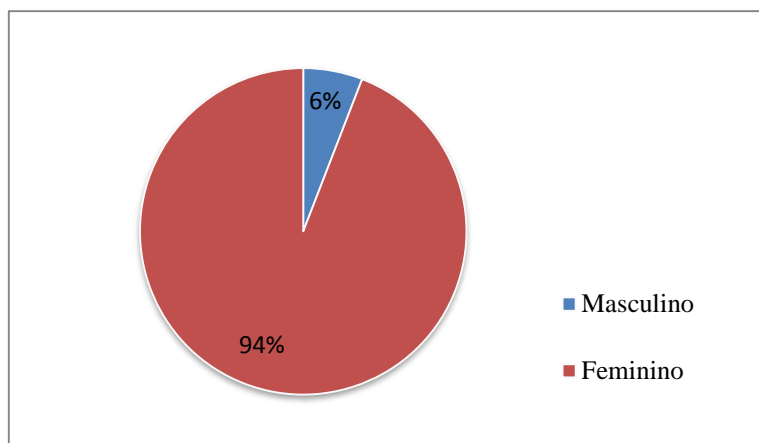
Os gráficos 1 e 2 são referentes à distribuição dos residentes segundo a idade verificamos que nos dois setores existentes na instituição, 52% dos residentes vitalícios têm idades compreendidas entre os 80 e os 89 anos, enquanto no *Setor Lar* 41% então dentro do mesmo escalão etário. No *Setor Particulares Vitalícios* 42% tem mais de 90 anos e no *Setor Lar* 53%. Esta constatação permite reiterar os dados do INE que afirmam que a esperança média de vida é cada vez mais elevada. Podemos também verificar através da Carta Social de 2013 que existe cada vez mais idosos institucionalizados em idades avançadas, como se verifica, através dos dados publicados 71% tem mais de 80 anos e 47% dos quais tinha 85 anos ou mais. Será, pois, pertinente observar que no *Setor Particulares Vitalícios* o residente mais novo tem 74 anos e o que tem mais idade tem 99 anos, a média de idades é de 87.5%. No *Setor Lar* o residente mais novo tem 79 anos e o com mais idade tem 97 anos, a média de idade no *Setor Lar* é de 89 anos.

Alguns residentes quando questionados tinham dificuldades em lembrar a idade que tinham e a dificuldade aumentava sempre que se perguntava o ano de nascimento. Sempre que tal aconteceu recorremos ao processo individual dos residentes existentes na instituição (Anexo1).



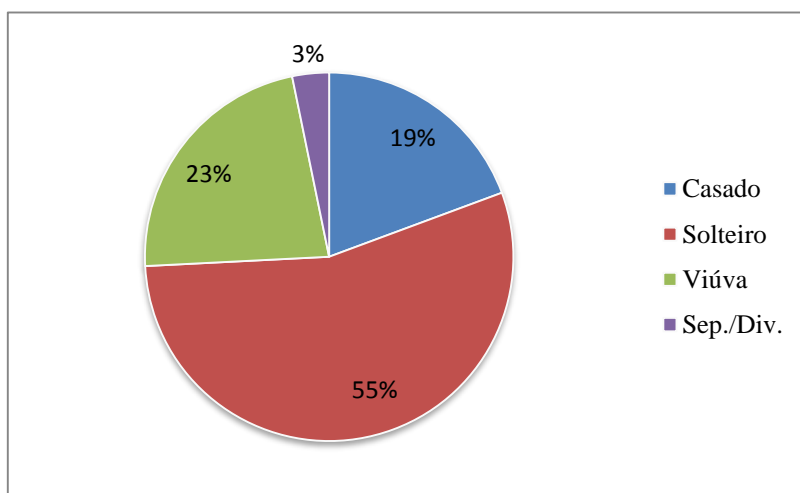
**Gráfico 3 Distribuição dos residentes de acordo com o sexo (*Particulares Vitalícios*)**



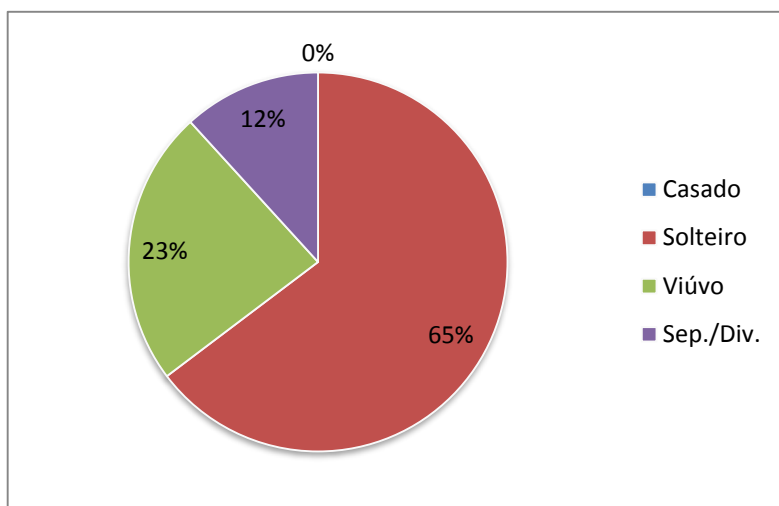


**Gráfico 4 Distribuição dos residentes de acordo com o sexo (*Setor Lar*)**

Através da análise do Gráfico 3 e 4, podemos concluir que o género predominante na instituição é o feminino, com 81% no *Setor Particulares Vitalícios* e de 94 % no *Setor Lar*. Desta forma, também nesta instituição se revê algumas das conclusões da Carta Social, nomeadamente: “O peso do género feminino tem, à semelhança das respostas para a população idosa, um peso expressivo, reflexo de uma população idosa também maioritariamente feminina” (Carta Social, 2013, p.41).

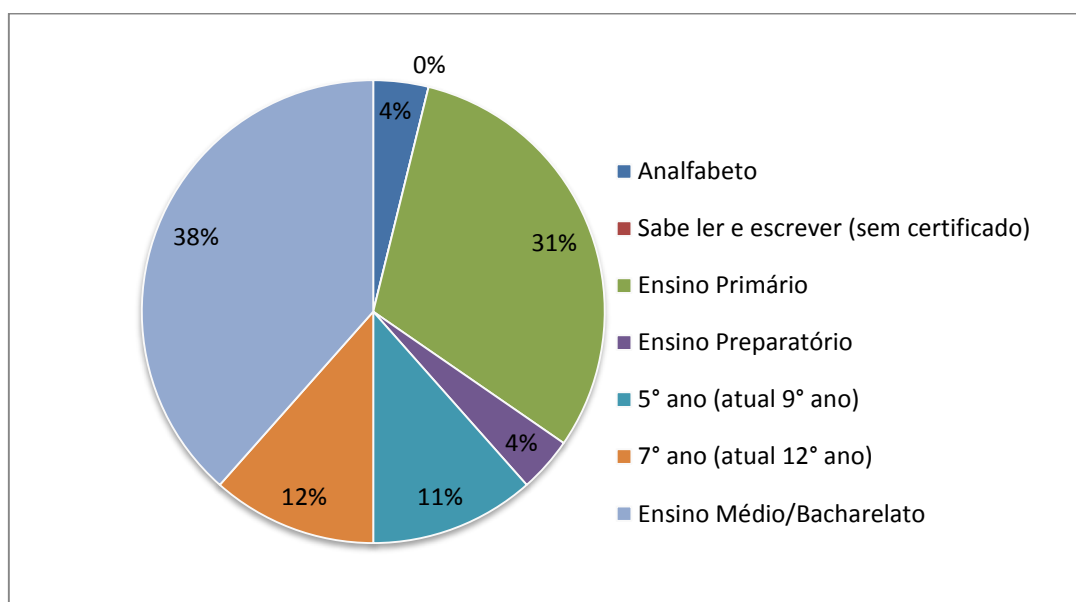


**Gráfico 5 Distribuição dos residentes de acordo com Estado Civil (*Particulares Vitalícios*)**



**Gráfico 6 Distribuição dos residentes de acordo com o Estado Civil (*Setor Lar*)**

No que concerne ao estado civil a maioria dos residentes, como podemos confirmar nos gráficos 5 e 6, são solteiros, 55% no *Setor Particulares Vitalícios* e 65% no *Setor Lar*. Apenas uma pequena percentagem de residentes, 3% no *Setor Particulares Vitalícios* e no *Setor Lar* nenhum(a) residente tem o seu cônjuge a viver na instituição, embora alguns residentes tenham feito a sua admissão ao *Setor Particulares Vitalícios* enquanto casal.



**Gráfico 7 Distribuição dos residentes de acordo com as Habilitações Académicas (*Particulares Vitalícios*)**

Em relação ao nível da instrução no *Setor Particulares Vitalícios*, como podemos verificar no gráfico 7, apenas 4% dos residentes são analfabetos e 31% concluiu o ensino primário. De referir que 38% dos residentes neste setor concluiu o ensino médio/bacharelato.

No entendimento de Lopes (2011) são duas as variáveis fulcrais na distinção do *status* socioeconómico dos indivíduos: a profissão e a educação.

Podemos afirmar desta forma que o ingresso neste setor, é apenas viabilizado por detentores de capital socioeconómico e este está relacionado com a família de origem, a instrução e com a trajetória profissional dos residentes.

Bourdieu (1984) reafirma que as condições em que cada indivíduo viveu ou vive geram ou não oportunidades: o fato de os indivíduos desde cedo terem acesso a uma formação intelectualmente estimulante, na família de origem e mais tarde através da escola; um emprego que permite o desempenho de atividades diversificadas e áreas estimulantes em matéria de aquisição de conhecimentos.

No entanto, também verificamos, que o número de residentes que terminaram o ensino primário também conseguiu aceder ao *Setor Particulares Vitalícios* (onde acedem pessoas com capital económico elevado), ou seja, verifica-se mobilidade social mesmo quando os residentes têm pouca instrução podendo aceder a campos sociais diferentes da sua origem.

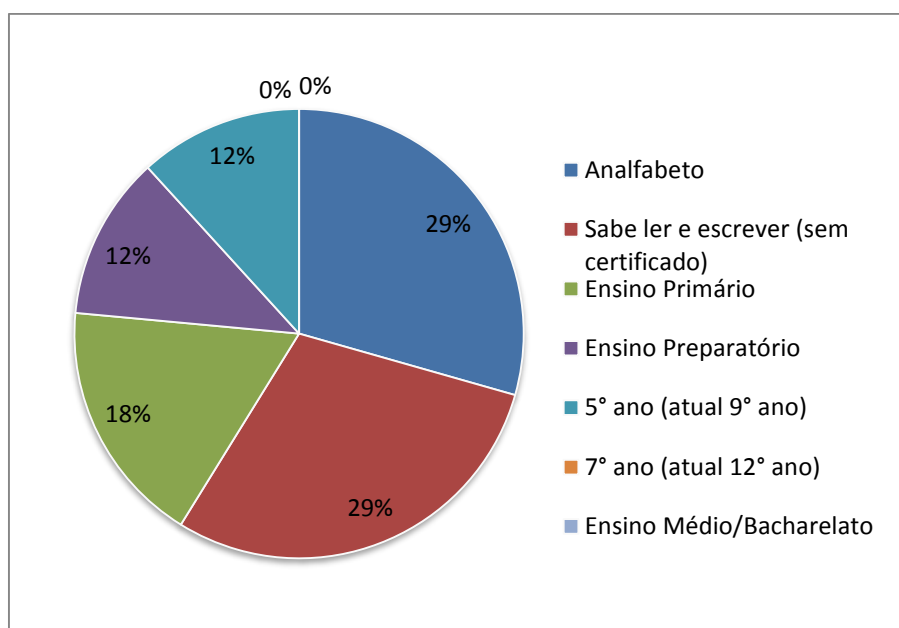
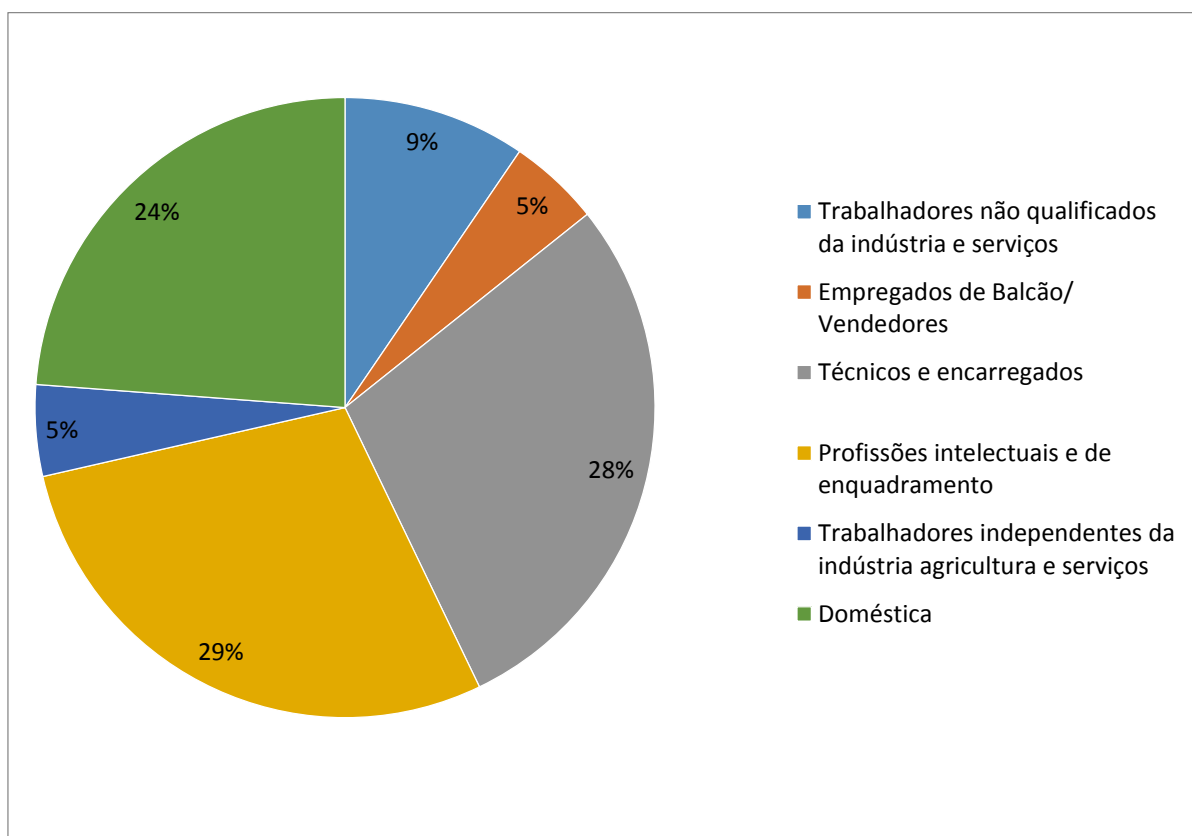
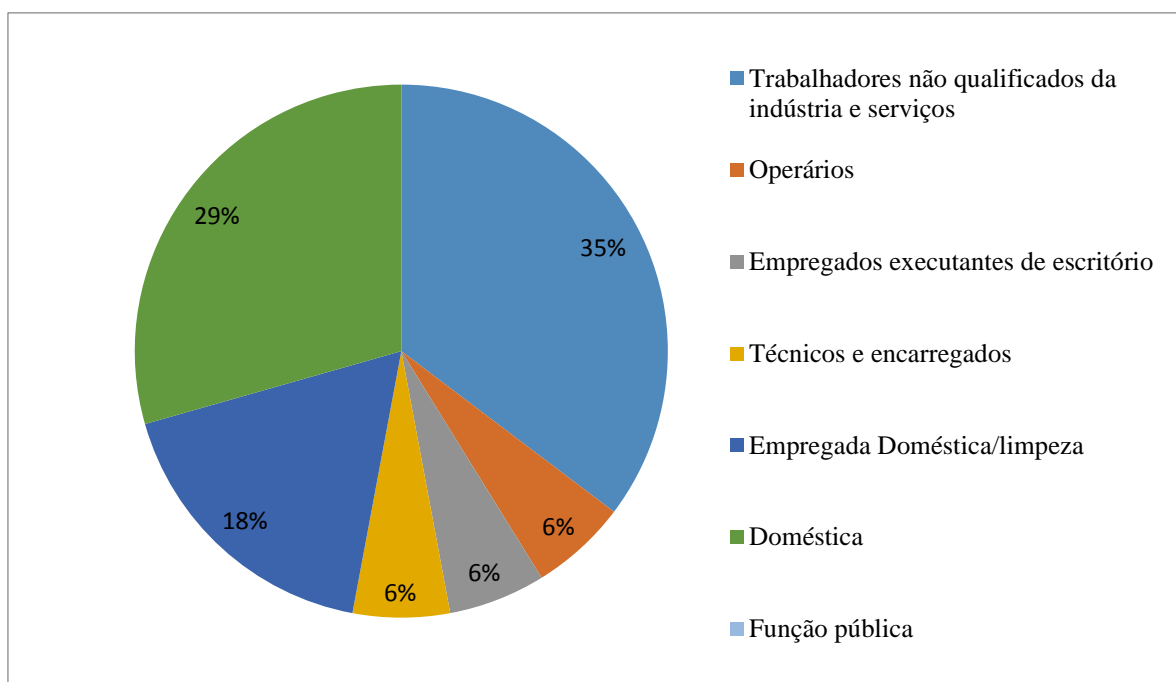


Gráfico 8 Distribuição dos residentes de acordo com as Habilitações Académicas (*Setor Lar*)

No *Setor Lar*, como verificamos através do gráfico 8 em relação ao nível de instrução, grande parte dos residentes é analfabeta ou apenas sabe ler e escrever e não possui nenhum certificado escolar 29%. Em proporções iguais, 12% concluiu o ensino primário e atingiu o antigo 5.º ano, atual 3.º ciclo do ensino básico. Verifica-se que nenhum dos residentes atingiu o antigo 7.º ano, o que se pode concluir que este setor é marcado pelos baixos níveis de escolaridade. Tal como defende Bourdieu (1987, 2007) a oportunidade de aceder à instrução está apenas reservada a uma minoria privilegiada, pois se por um lado a cultura da escola está mais próxima da cultura dominante, por outro ao omitir de fornecer a todos o que apenas alguns recebem da família, perpétua as desigualdades iniciais.



**Gráfico 9** Distribuição dos residentes de acordo com a Profissão (*Particulares Vitalícios*)



**Gráfico 10 Distribuição dos residentes de acordo com a Profissão (*Setor Lar*)**

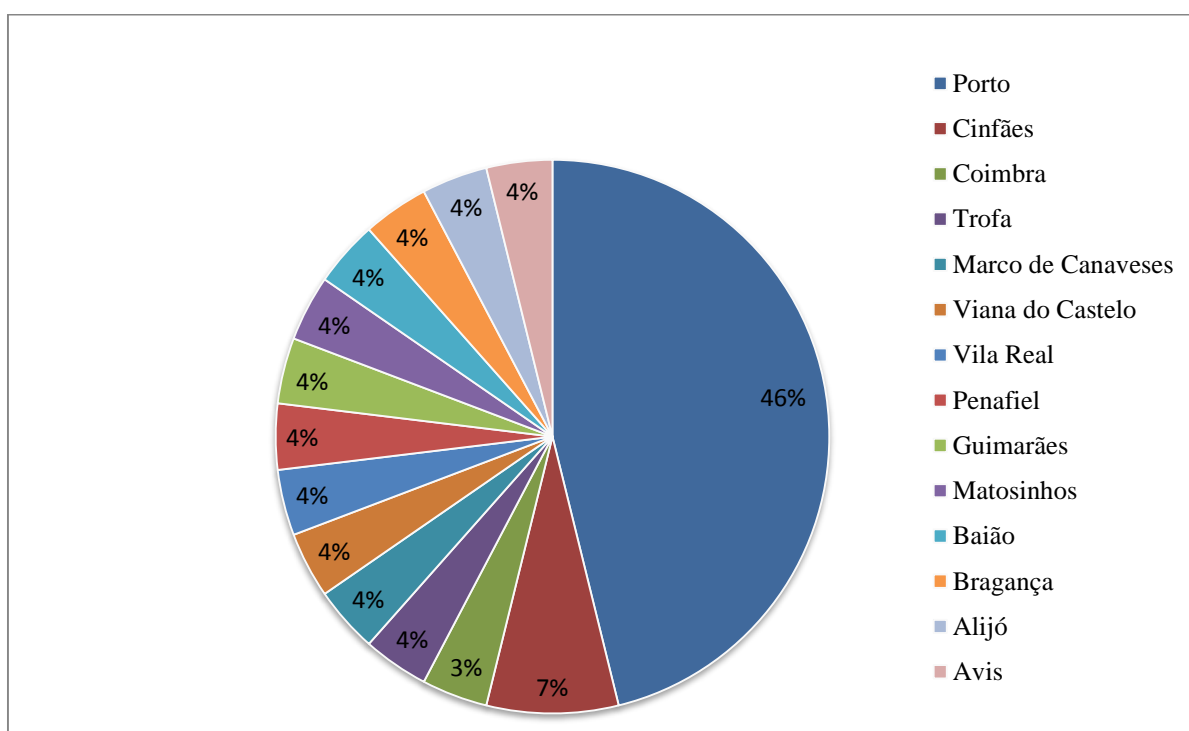
Para Lopes (2011) um dos indicadores importantes na definição do *status* socioeconómico e que tem um impacto significativo na qualidade de vida dos idosos é o caminho percorrido no mercado no mercado de trabalho e não apenas a última profissão exercida. Desta forma conseguiremos perceber através das narrativas biográficas toda esta trajetória profissional dos residentes e entender de que forma esta influenciou na velhice.

Verificamos que no *Setor Particulares Vitalícios* cerca de 29% dos residentes trabalhou em profissões intelectuais e de enquadramento desde quadros da administração pública diretores, entre outras e que 28% em quadros técnicos encarregados como técnicos: recursos humanos, função pública, joalharias, saúde entre outros. Dentro da mesma linha também podemos encontrar neste setor um número considerável que dedicou a sua vida ao cuidado da casa e da família 24%, no *Setor Particulares Vitalícios* e 29% no *Setor Lar*, no entanto, neste último setor o campo social/económico é diferente do *Setor Lar*, assim como, o seu “habitus” enquanto pertença do grupo social a que Bourdieu chamou de *dominados*.

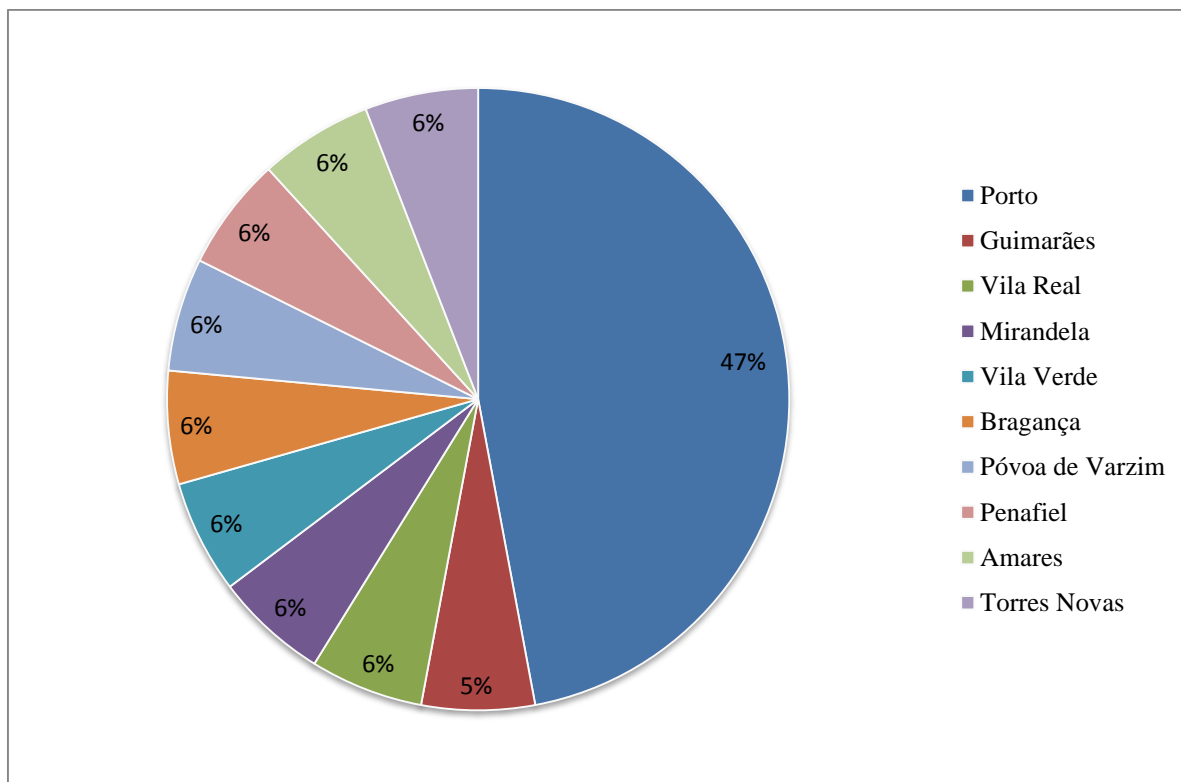
Por sua vez, salientamos que este número de residentes que se dedicou a tarefas domésticas na sua casa é elevado porque os nos dois setores temos uma população maioritariamente do género feminino e que durante o período de tempo em que estas

mulheres estiveram em idade ativa, a convenção social tendia a ditar que o seu lugar social era em casa.

Por último, referimos que na instituição os documentos existentes referentes aos residentes consistem essencialmente em processos individuais onde conseguimos averiguar que não constam as habilitações literárias, nem a profissão exercida. Porém, o nosso entendimento é que estas informações são essenciais no futuro de forma a potenciar delinear projetos de vida dos residentes dentro da instituição.



**Gráfico 11** Distribuição dos residentes de acordo com a Naturalidade (*Particulares Vitalícios*)

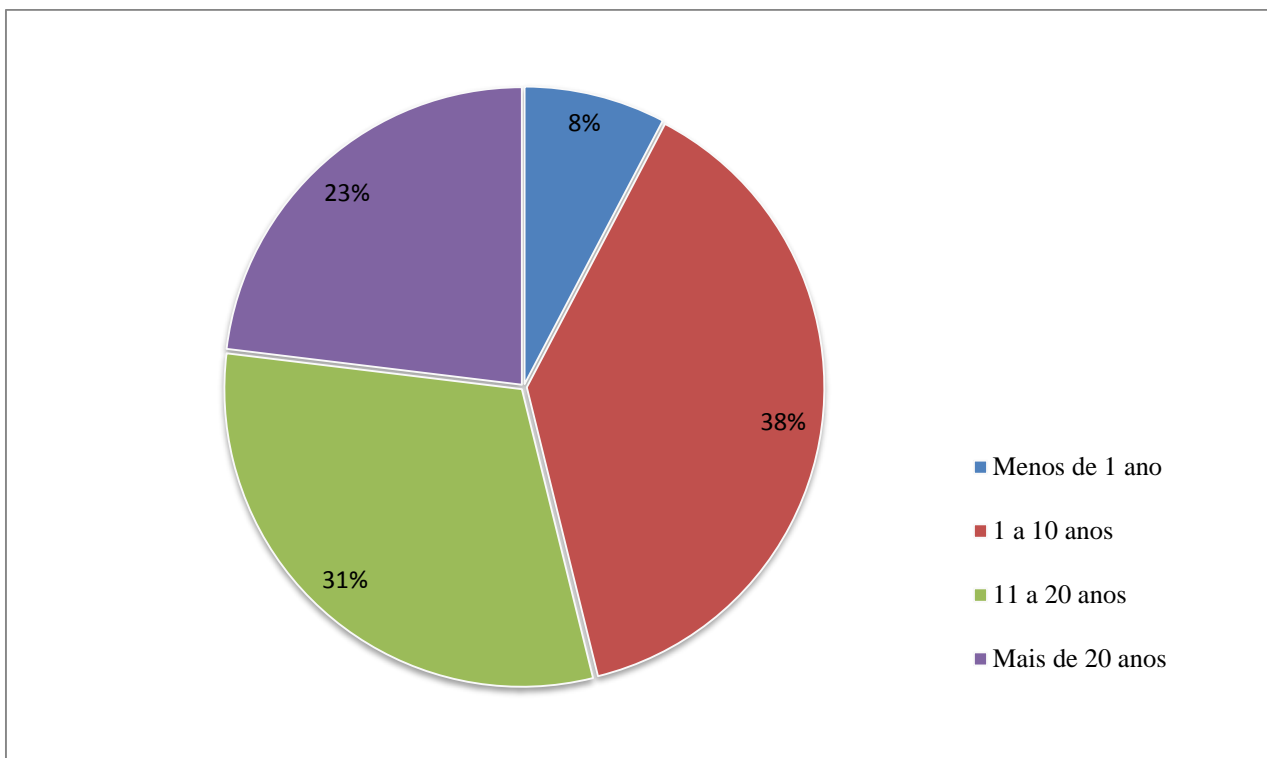


**Gráfico 12 Distribuição dos residentes de acordo com a Naturalidade (*Setor Lar*)**

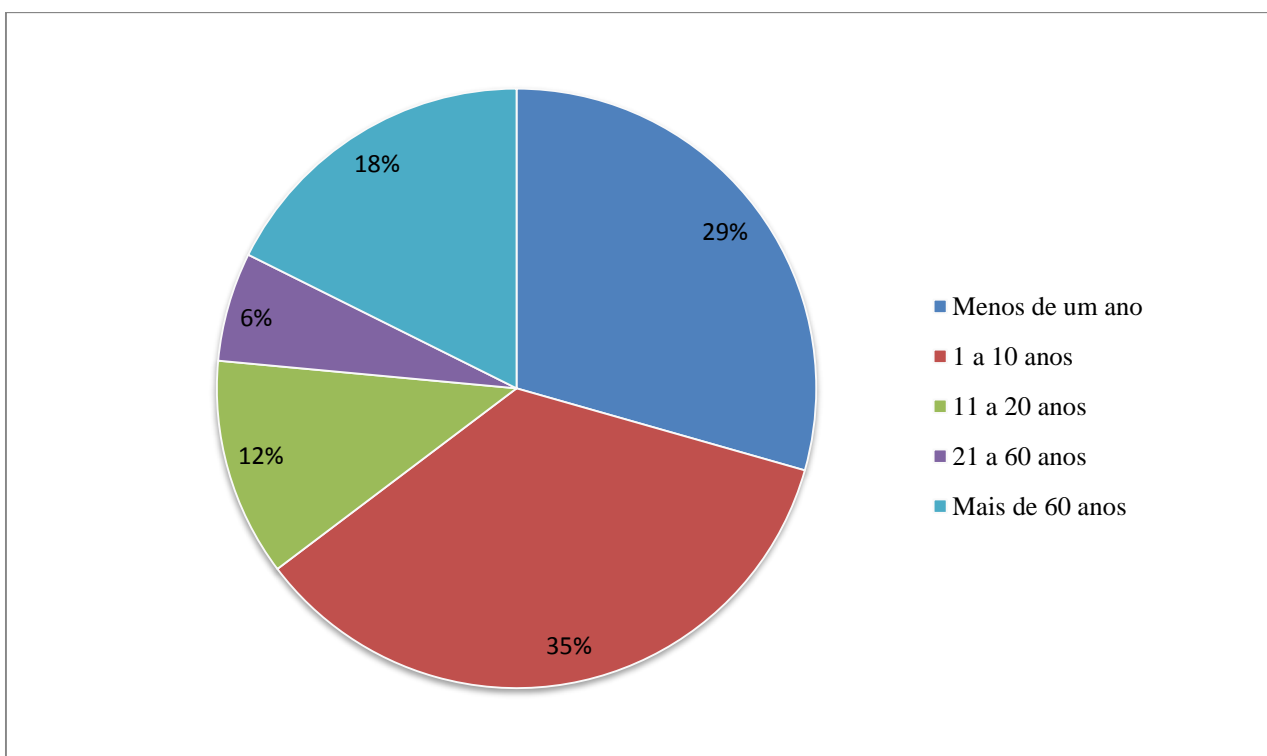
Ao analisarmos os gráficos número 6 que nos mostram o local de origem dos residentes podemos apurar que grande parte é oriunda da cidade Porto: 46% *Setor Particulares Vitalícios* e 47% no *Setor lar*.

Tendo uma outra parte dos residentes 54% *Setor Particulares Vitalícios* e 53 % é natural do distrito do Porto ou de outros distritos da Região Norte.

Este fato representa a nosso ver uma vantagem porque se verifica nomeadamente através das histórias de vida, que o núcleo familiar e de amigos está geograficamente perto o que permite o maior número de visitas e uma maior e melhor acompanhamento. Por outro lado, estes residentes sendo da mesma área geográfica desencadeiam processos de identidade ou “habitus” semelhantes.



**Gráfico 13 Distribuição dos residentes de acordo com o Tempo de Residência (*Particulares Vitalícios*)**



**Gráfico 14 Distribuição dos residentes de acordo com o Tempo de Residência (*Setor Lar*)**

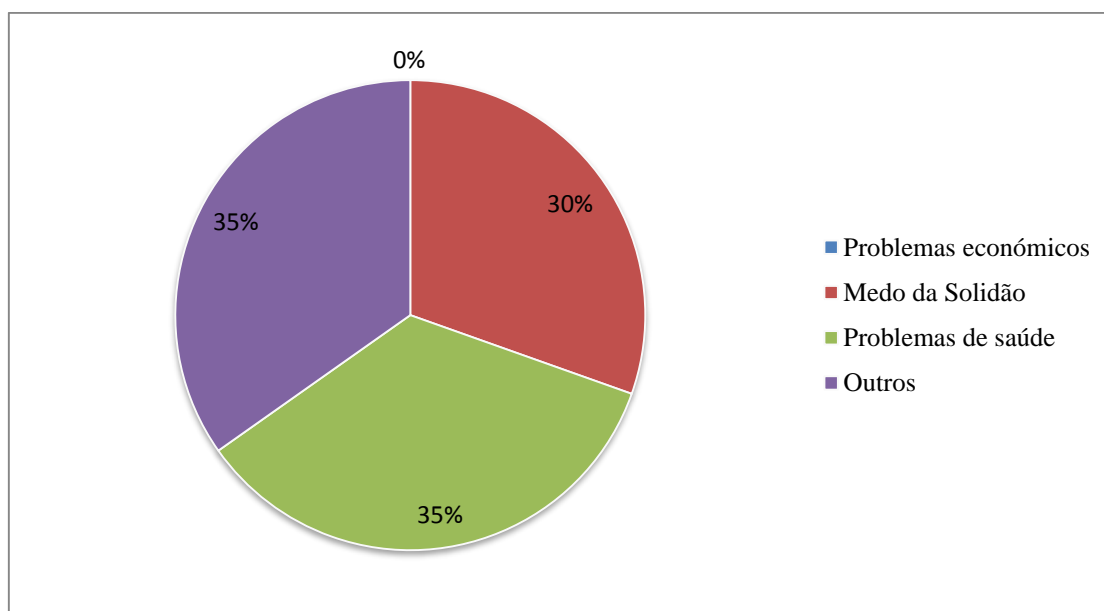


Podemos verificar perante os gráficos que no *Setor Particulares Vitalícios* 31% dos residentes vivem na instituição há mais de 10 anos e uma grande percentagem 23% há mais de 20 anos.

No *Setor Lar* constata-se que 29 % dos residentes estão na instituição há mais de 60 anos, neste caso averiguamos que alguns residentes são ex-funcionários da instituição e como tal usufruíram do direito de irmãos beneficiados:

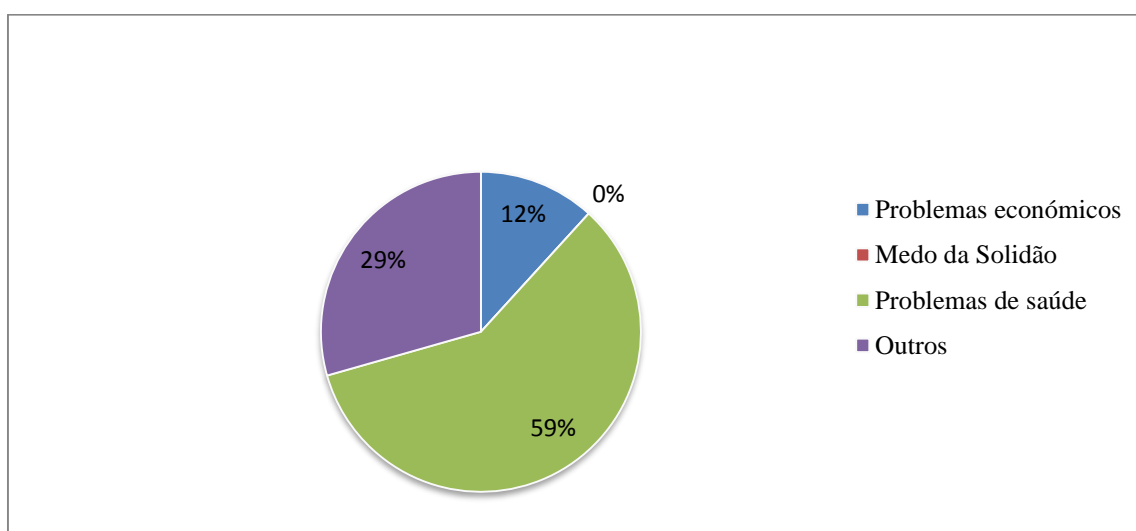
“Têm direito ao eventual internamento vitalício nas Casas ou Centros de Repouso da Ordem, requerido de acordo com o que a tal respeito estiver estabelecido no Regulamento Geral Interno, desde que haja instalações disponíveis e seja aprovado pela Mesa Administrativa, dependendo sempre do pagamento do que estiver estipulado na tabela em vigor” (Estatutos, 1993, cap. II, art nº8).

Depois de analisarmos todos os dados podemos concluir que um número significativo de residentes, de ambos os setores recorreu aos serviços da instituição assim que entraram na idade da reforma, alguns até mais cedo e, devido à sua longevidade, permanecem na instituição durante vários anos. Como já verificamos alguns residentes adquiriram o seu apartamento/quarto com o intuito de *reservar lugar* o que confirma a ideia de que a entrada no *Setor Lar* dá-se o mais tardiamente possível, como última solução (Trilla J. , 1997).



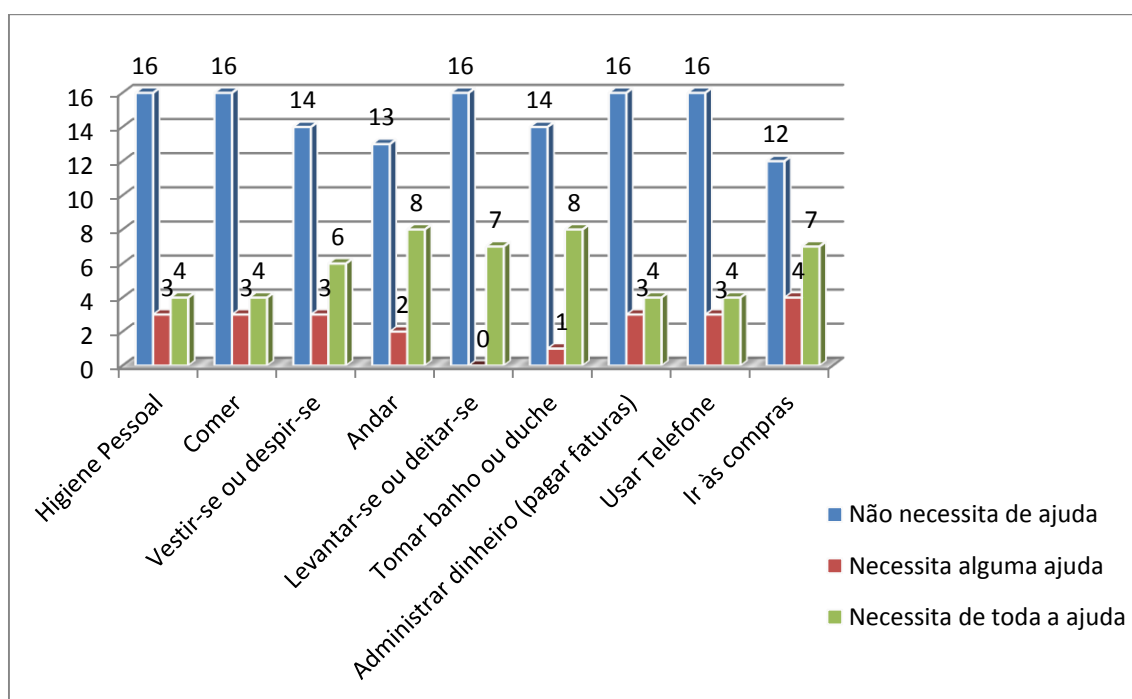
**Gráfico 15 Distribuição dos residentes de acordo com o Motivo de Ingresso (*Particulares Vitalícios*)**

Quanto ao motivo de ingresso verificamos que nenhum residente entrou neste setor por motivos económicos, visto que nesta unidade o acesso é feito através do pagamento de uma determinada quantia monetária inicial; 30% ingressou na instituição por medo da solidão; 35% alegaram a sua entrada por motivos de saúde; e outros 35% citaram outros motivos que vão desde razões familiares à idade.



**Gráfico 16 Distribuição dos residentes de acordo com o Motivo de Ingresso (*Setor Lar*)**

No que se refere ao motivo de ingresso na instituição no *Setor Lar*, 59% dos residentes alegaram a sua entrada por motivos de saúde; nenhum residente alegou a entrada na instituição por medo da solidão (realidade diferente do *Setor Particulares Vitalícios* onde a percentagem é de 30%; 12% nomeou dificuldades económicas; e, finalmente, 29% citou outros motivos nomeadamente o de ingresso na instituição para trabalhar, a idade, não dar trabalho aos filhos, entre outros.

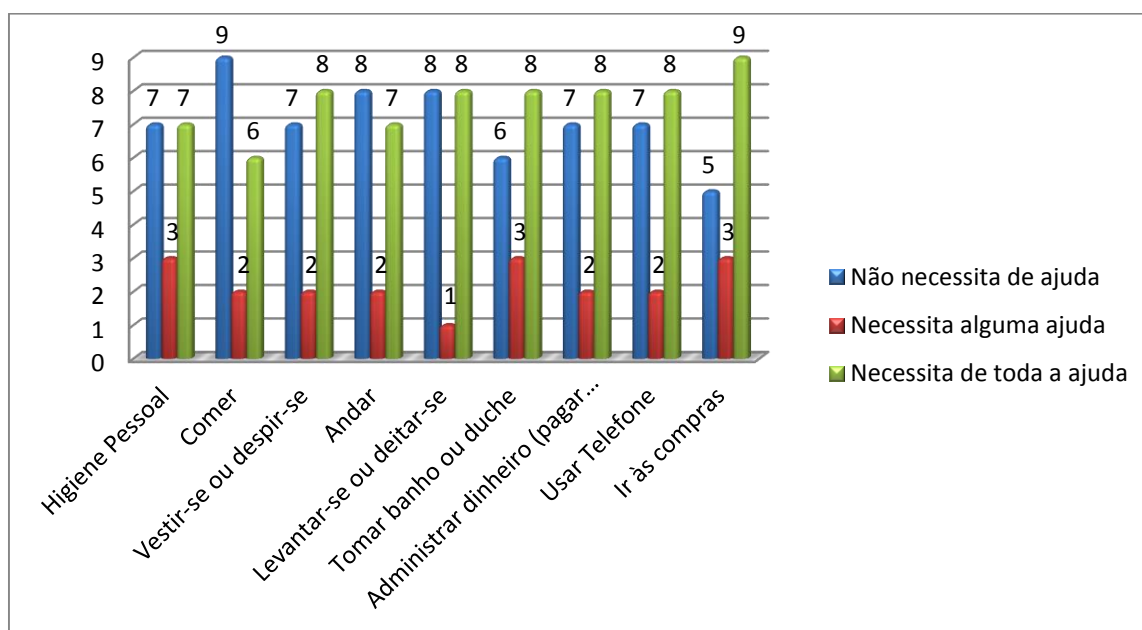


**Gráfico 17 Habilidades Funcionais (*Particulares Vitalícios*)**

Podemos verificar que no *Setor Particulares Vitalícios* 16 pessoas conseguem fazer a sua higiene pessoal, alimentar-se, levantam-se ou deitam-se, administram o seu dinheiro e usam telefone de forma autónoma; 14 residentes vestem-se e despem-se, tomam duche sem ajuda. No entanto, 8 dos residentes têm um grau de dependência mais acentuado no que se refere à sua mobilidade e na capacidade de tomar banho ou duche; 7 necessitam de ajuda para levantar-se e deitar-se, assim como fazer compras.

Será, pois, pertinente verificar que apesar da idade dos residentes ser elevada, neste setor, (ver gráfico 1) persiste um grupo com grande autonomia no desempenho das tarefas de vida diária, desta forma, conseguimos atestar que estas capacidades são

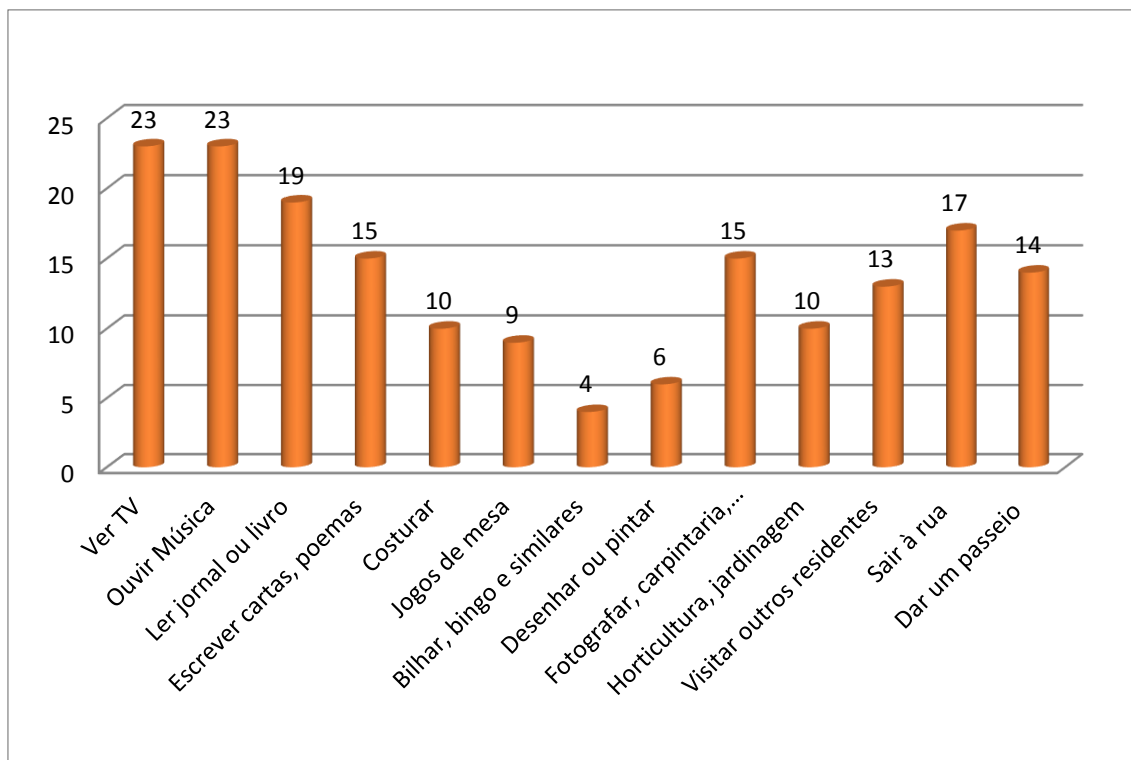
suscetíveis de se estender à prática de qualquer atividade de Animação Sociocultural. Afirmamos que essas capacidades se estendem a um maior número de residentes sobretudo nas atividades que apelam à memória, como podemos verificar através do Inquérito sobre a Informação Pessoal (IP), em que grande parte dos residentes afirmam não ter problemas de memória. Na implementação de um novo projeto na instituição relacionado com temas culturais como o património estas características constituem um leque de maiores potencialidades.



**Gráfico 18 Habilidades Funcionais (Setor Lar)**

No *Setor Lar*, dos 17 residentes, 8 a 9 pessoas não necessitam de qualquer ajuda nas atividades de vida diária, 8 necessitam de toda a ajuda pois apresentam um elevado grau de dependência.

Apesar de verificar que neste setor também a idade dos residentes ser avançada (ver gráfico 2) subsiste um grupo de 10 pessoas sem quaisquer dificuldades de memória, como conseguimos observar através resultados do Inquérito sobre a Informação Pessoal (IP)



**Gráfico 19 Nível de Atividade dos Residentes (*Particulares Vitalícios*)**

O gráfico numero 19 reflete as atividades desenvolvidas na instituição pelos residentes do *Setor Particulares Vitalícios*, na semana anterior à aplicação do instrumento. Desta forma, conseguimos concluir que ver televisão e ouvir música é uma constante na vida dos residentes. Os residentes autónomos referiram que o faziam sobretudo à noite e durante o fim-de-semana, no entanto alguns residentes afirmaram ver pouca TV, por falta de tempo.

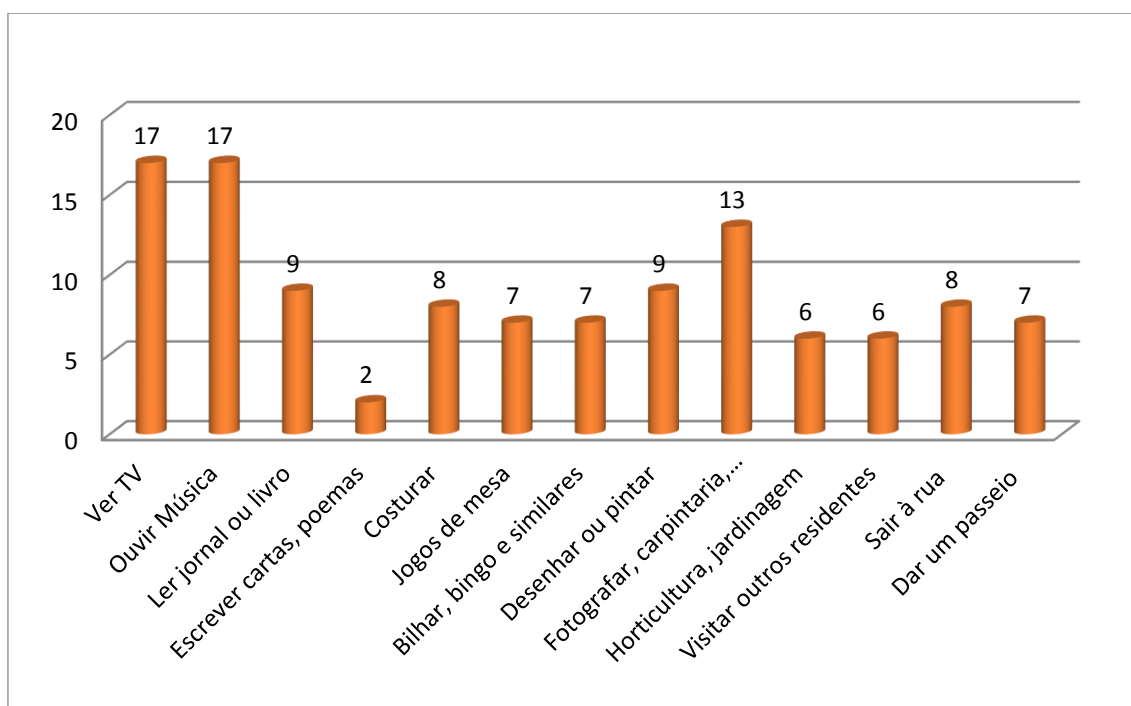
Em relação à escrita, escrevem não apenas cartas ou poemas, como é referido no inquérito, referem fazer resumos de notícias de jornal, sobretudo retirar parágrafos que gostaram das suas leituras para mais tarde poderem ler ou nas reuniões de animação ou mesmo durante as refeições.

Quando é fixada a ementa semanal, alguns residentes, transcrevem-na para depois a poderem consultar. Sempre que necessário escrevem recados que são necessários na sua vida diária.

Nomearam terem outro tipo de entretenimento além dos referidos no inquérito: desde trabalhos manuais, nomeadamente os tricots/crochet, a fotografia e tratamento de vídeo, ao colecionismo, ao voluntariado dentro da instituição, assim como, ajudar em atividades ligadas à prática religiosa.

Quanto à saída para o exterior, 17 residentes saem à rua de forma autónoma ou com acompanhamento; 14 dão passeios, normalmente, organizados por familiares ou amigos. Frequentemente os residentes *Particulares Vitalícios* contratam acompanhamento extra instituição. As saídas em conjunto ao exterior são raras, pois na instituição não existe veículo adaptado.

Aos residentes dependentes são oferecidas atividades direcionadas para as suas necessidades e capacidades desde a leitura, jogos, recolha de tradições, ginástica, entre outras.



**Gráfico 20 Nível de Atividade dos Residentes (*Setor Lar*)**

O gráfico número 20 resume as atividades realizadas pelos residentes do *Setor Lar* no interior da instituição. Como é possível concluir ver televisão e ouvir música é uma constante na vida dos residentes, sobretudo na sala de convívio e nos quartos das pessoas mais dependentes.

As leituras e/ou escrita são desenvolvidas pela animadora sociocultural e pelos residentes de acordo com as suas dificuldades, proporcionam-se uma vez por semana ou sempre que alguém se oferece para o fazer de forma voluntária.

É, também, de salientar que 13 pessoas dos 17 residentes existentes no *setor lar* têm ocupação sobretudo dentro da instituição, sendo sempre motivados para o fazer: rezar o

terço diariamente; trabalhos manuais nomeadamente os tricots/crochet, visitar ou fazer companhia a residentes mais dependentes; fazer compras ou resolver algum tipo de problema a qualquer elemento da instituição; alguns residentes colaboram na limpeza dos quartos; ajuda da capela da instituição.

Apesar de não ser permitido ter vasos com plantas, no *Setor Particulares Vitalícios* existem alguns “pequenos jardins” nos corredores e em algumas zonas da instituição existem plantas que são cuidadas pelos residentes de ambos os setores. Existe um jardim, embora mal explorado, é frequentado por residentes de ambos os setores.

Quanto à saída ao exterior apenas cerca de metade sai à rua ou dá um passeio de forma autónoma com apoio familiar e do pessoal auxiliar. As saídas em conjunto ao exterior são raras devido ao fato referido anteriormente.

Os residentes dependentes têm atividades direcionadas para as suas necessidades e capacidades desde a leitura, jogos, recolha de tradições, ginástica entre outras.

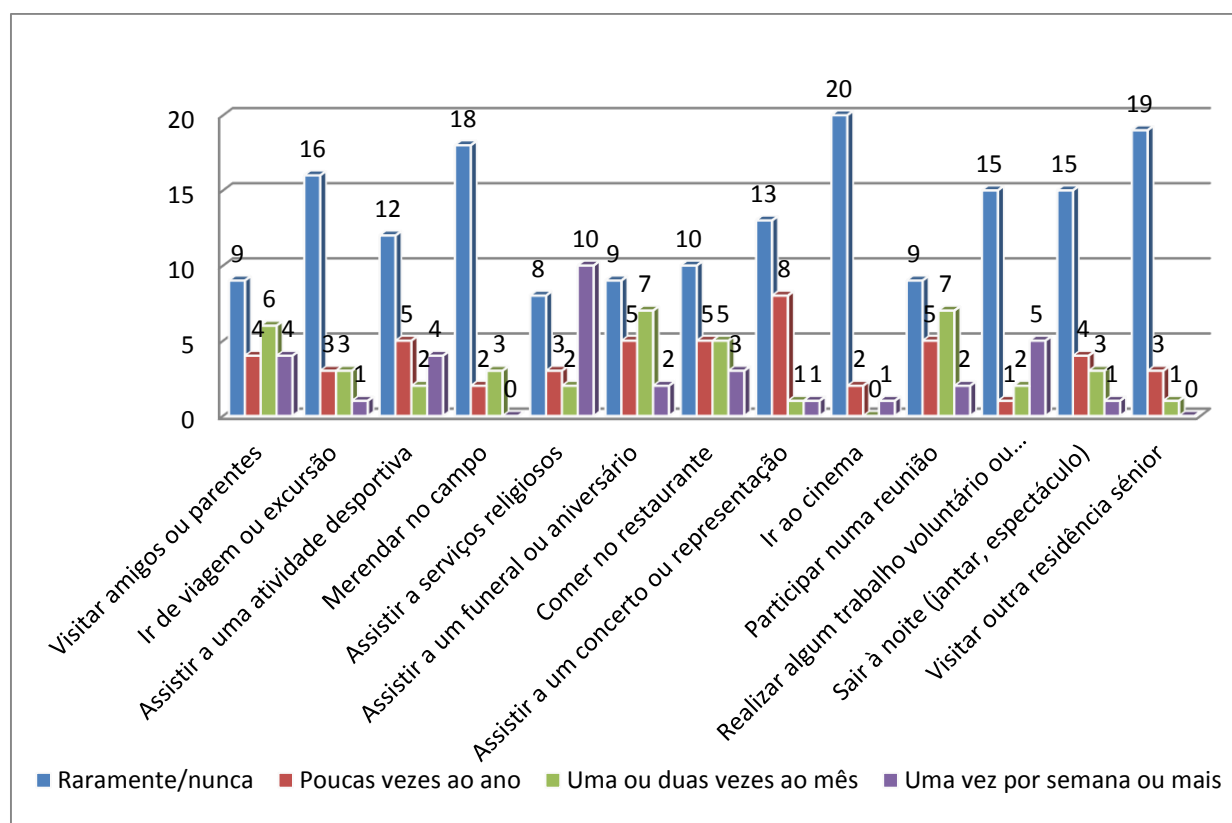
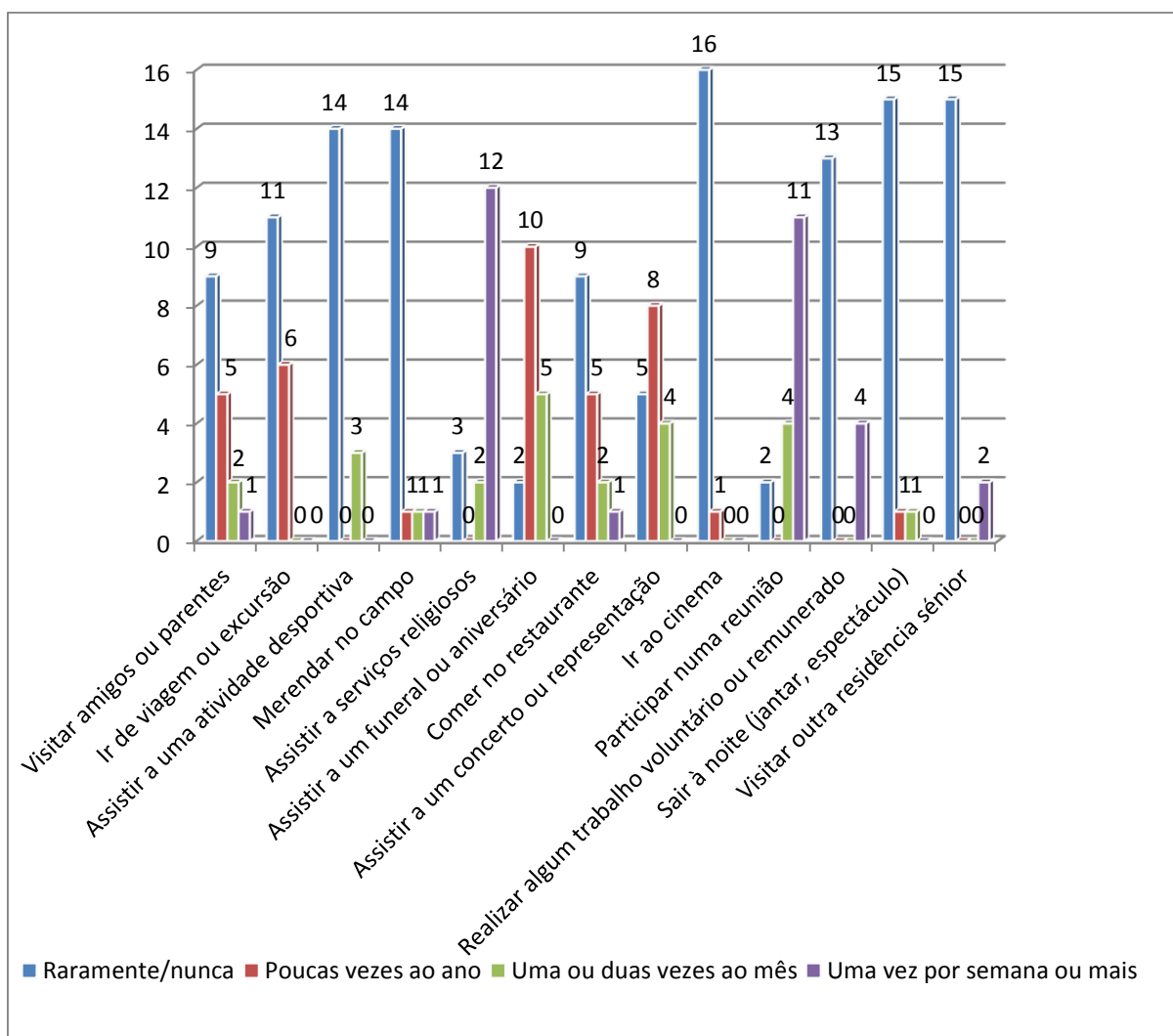


Gráfico 21 Atividades fora da Instituição (*Particulares Vitalícios*)



**Gráfico 22 Atividades fora da Instituição (Setor Lar)**

Nos gráficos n.º 21 e 22 atestamos que os residentes da instituição se deslocam ao exterior raramente ou nunca. Ausentam-se da instituição os residentes mais autónomos e fazem-no quando se desenvolvem atividades de Animação Sociocultural no exterior, o que não acontece com a frequência necessária. Em ocasiões especiais, como um aniversário ou em alturas de festa como o Natal, também é frequente saírem com amigos ou familiares. Em ambos os setores, alguns residentes, mantêm as suas habitações, deslocando-se às mesmas com alguma frequência. Os residentes têm algumas limitações em se deslocarem ao exterior, sobretudo se forem longas distâncias e é frequentemente alegam falta de segurança.

Alguns residentes, *Particulares Vitalícios*, participam em clubes/associações como: Rotary, Universidade Sénior, ou Ateneu Comercial do Porto.



No *Setor Lar e Setor Particulares Vitalícios* são feitas reuniões temáticas semanalmente por parte Animação Sociocultural onde se abordam temas do interesse do grupo, assim como, a própria instituição chama a reunião os irmãos para debater assuntos do seu interesse, de referir que alguns residentes *Particulares Vitalícios* fazem parte da Mesa Administrativa e como tal reúnem com mais frequência.

Na instituição, de cariz marcadamente religioso, existe uma capela e uma igreja onde para além da missa ocorrem muitas cerimónias religiosas fomentadas e dinamizadas por elementos do clero.

Por último, será importante referir que os residentes têm acompanhamento permanente de uma equipa de enfermagem, assim como, de médicos incluindo algumas especialidades com psiquiatria e oftalmologia.

#### 4.3. DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES

O diagnóstico de necessidades (DN) permitiu-nos conhecer quais as necessidades mais prementes dos residentes ao nível de serviços na instituição, porém salientamos a Animação Sociocultural, visto que é este serviço que enquadra o projeto de intervenção aqui proposto.

Deste diagnóstico, constam 12 elementos que indicam os serviços mais importantes oferecidos pela instituição. Os serviços referidos dizem respeito às relações entre residentes, entre residentes e pessoal, características físicas e arquitetónicas, serviços médicos, atividades de tempo livre (culturais e sociais), horários, serviços de refeições, limpeza das instalações, normas para as visitas, programas e atividades e outros serviços que os residentes quisessem salientar.

Na relação entre residentes ou residentes/pessoal, a maioria considera que é uma relação que decorre de forma natural ou até mesmo a classificam como boa.

Quanto aos serviços médicos os residentes referem que estavam mais satisfeitos quando o hospital estava em pleno funcionamento, existiam mais especialidades e tinham assistência médica durante a noite.

No que concerne ao horário das visitas quase a totalidade dos residentes estão satisfeitos, pois o horário é bastante flexível e alargado.

No que diz respeito ao horário de refeições, alguns residentes referem a falta de pontualidade.

O serviço de refeições grande parte dos residentes considera-o razoável dizem que por vezes existem troca de refeições, e os pratos deveriam ser mais variados.

A organização da instituição deveria ser melhorada, alguns residentes referem que já foi melhor, devia existir mais comunicação e mais profissionalização de todos os funcionários.

No diagnóstico de necessidades verifica-se que, no que se refere à Animação Sociocultural e debruçamo-nos em aprofundar este item, por ser a base para o projeto cultural /patrimonial que nos propomos desenvolver. Para muitos residentes a Animação Sociocultural é importante e consideram que o horário deveria ser alargado porque *ajuda a passar o tempo, é uma forma de se desenvolverem e de aprenderem*, assim como, permite uma maior aproximação entre os residentes que alguns consideram *difícil de estabelecer*. No diagnóstico de necessidades é frequente surgirem afirmações dos residentes dos dois setores tais como:

*Deveria ser mais tempo para fazer mais atividades, para isto ter mais vida.*

*As reuniões culturais deviam ser feitas mais vezes.*

*Os fins-de-semana são compridos e são mortos.*

*Os temas dos placards, sobretudo os relacionados com história, deveriam ser mais bem trabalhados.*

*Devíamos de voltar a ter a carrinha para passear, queria sair daqui mais vezes.*

*Os passeios que fazíamos eram ótimos, mas compreendo a crise...*

*As atividades deveriam ir ao encontro das pessoas. Cada pessoa é um caso, a animação tem que ter esse trabalho, difícil.*

Os residentes mencionam a falta de outros serviços como a fisioterapia, a ginástica, hidroginástica, pelo menos duas vezes por semana.

Todos salientaram as dificuldades económicas da instituição, afirmam que todos os serviços à cerca de cinco anos, no geral, funcionavam melhor, também é realidade que quase todos se referem à instituição com carinho. Dizendo mesmo: *esta é a minha casa*. (ver narrativas biográficas)

Uma outra residente refere-se ao tempo da sua entrada na instituição:

*O meu corredor era uma passerelle de empregadas, empregadas para tudo. Gostava que a instituição voltasse aos tempos antigos, como quando cheguei cá, não faltava nada.*

#### 4.4. NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

As narrativas biográficas incidiram sobre os dois grupos de residentes da instituição (*Setor Particulares Vitalícios* e *Setor Lar*) na seleção foi tida em conta a diversidade de trajetórias de vida e a representativa dos diferentes intervenientes.

O grupo A é composto por residentes do *Setor Particulares Vitalícios*, com capitais elevados a nível económico, social e cultural, têm características de “habitus” e fomenta a delimitação do seu campo social, como verificamos ao longo deste trabalho, na perspetiva bourdiniana.

O grupo B é composto residentes do *Setor Lar* onde como podemos verificar, é formado por pessoas com baixo nível de instrução e como tal com mais dificuldades de aceder a determinados códigos.

Tendo em conta a idade dos residentes que é de fato elevada e a muita dependência sobretudo ao nível físico não exclui a existência de um grupo de pessoas ainda muito autónomo muito capaz e com gosto por atividades de cariz cultural. Esse grupo apesar de se dedicar ao voluntariado dentro da instituição, de terem atividades fora da instituição, demonstram vontade de *fazer outras coisas, de serem úteis*.

Por fim, conseguimos através das narrativas biográficas dos residentes perceber as suas trajetórias de vida através destas foi feito o relacionamento com a fundamentação teórica e com a pertinência do projeto.

Através da narrativa biográfica (anexo 8) procuramos seguir os *atores* na sua trajetória de vida de modo a perceber a forma como se encaram nos diferentes papéis sociais, “nos múltiplos mundos da vida onde habita” (Lopes s/d).

Este processo foi dividido em quatro fases:

Elaboração de um guião que nos permitisse perceber a trajetória de vida dos residentes desde a infância até à sua permanência na instituição passando pelas diferentes esferas da sua vida pessoal: as suas práticas culturais, os diferentes papéis sociais, os seus afetos e sociabilidades, vivências e perspetivas na instituição.

- i) Realização de uma a duas sessões de narrativas biográficas, afastadas no tempo umas das outras, de forma a permitir aos dois intervenientes uma reflexão acrescida;
- ii) Transcrição das narrativas biográficas de forma fluída tendo em conta pedidos de sigilo.
- iii) Cada narrativa biográfica contém, um título que realça a trajetória de vida do residente.

#### 4.5. CONCLUSÕES DO DIAGNÓSTICO

Podemos concluir através do inquérito SAMES-LAR algumas das necessidades dos residentes desta instituição como a falta de contato com a comunidade exterior, a falta de ocupação de tempos livres ou da ocupação deste através da TV. O Diagnóstico de necessidades permitiu-nos perceber o gosto dos residentes pelos temas culturais, pois são estes temas que mais salientam quando se referem às atividades da Animação Sociocultural.

Através das narrativas biográficas verificamos que um projeto de Animação Sociocultural baseado nos temas cultura/património poderá funcionar com uma resposta às necessidades de aproximação entre dois públicos existentes e como forma de ocupação do tempo livre destes residentes. O tema cultura/património é pertinente, pois é comum, em todos os discursos, diríamos mesmo que surge quase de forma natural, espontânea e é tão diversificado quanto o património individual que cada residente possui. Tal como Pereira (2003) afirma, o comportamento humano é afetado por experiências que se desenvolvem com o passar dos anos.

Lopes (M. 2008) reafirma a mesma ideia: os “diferentes perfis de envelhecimento são construídos ao longo da vida e do modo como esses perfis aparecem associados à vantagem ou desvantagem na velhice.”

No entanto e como Miguens afirma: “o baixo nível cultural dos nossos idosos impede-os de disfrutar dos bens culturais que dispõe a sociedade”, o que consideramos, uma teoria de influência Bourdiana, ao animador sociocultural caberá o papel de alterar a relação entre esses idosos e os bens culturais, permitindo o acesso de todos ao que muitos pensam ser de acesso exclusivo.

A classe social ainda é importante na compreensão dos mecanismos de diferenciação e de distribuição do *status*. Para Bourdieu (1984) falar de um espaço social não é

sinónimo de poder juntar uma pessoa com outra, tem que se ter em conta as diferenças sobretudo económicas e culturais.

As atividades de Animação Sociocultural podem ser uma forma de colmatar estas diferenças entre classes sociais, dentro de uma abordagem informal, todos os agentes sociais podem aceder aos mesmos domínios culturais.

(Gallardo, 2002, pp. 175, 178) aprofunda mais esta ideia:

“A diversidade de situações dos idosos requer diversidade de respostas desde a individual, sociocultural, terapêutica ou recreativa podemos intervir nesta população pela diversidade de ofertas que tenham em conta aspetos significativos na sua individualidade, por outro lado, cabe ao animador seleccionar atividades que sejam progressivamente mais complexas.”

Também Gros, (2009, p. 68) defende:

“As interações entre indivíduos portadores de universos culturais diversificados são condições cruciais para um rico desenvolvimento não somente da mente e da sensibilidade dos indivíduos, como das próprias culturas.”

Por fim, gostávamos de salientar que todos referiram que as narrativas biográficas como uma experiência gratificante referiram ser uma espécie de *remake* uma de aprendizagem/ entendimento do que foi a sua vida.

Na instituição existe um plano de atividades desde 2003 e é aplicado em regime *part-time*, ou seja, 4 horas semanais. Devido a este fato foi sendo implementado pela Animação Sociocultural voluntariado que consiste em que as pessoas com mais autonomia prestam apoio aos residentes mais dependentes. As atividades vão sendo delegadas aos residentes que mostrem interesse ou motivação para o fazer, a animação numa fase inicial faz acompanhamento permanente e sempre que necessário, mas à medida que o tempo passa e os residentes vão sentindo mais confiança vai-lhes delegando tarefas, como conseguimos verificar através do organigrama.

Estas atividades no âmbito da Animação Sociocultural foram sendo lideradas por residentes. Inicialmente é feito um acompanhamento e formação para que as atividades. Pretende-se que as atividades sejam representativas e significantes para os dois setores *de lar* existentes na instituição.

Durante estes anos, foi sendo importante este tipo de *delegação de atividades* para a integração dos residentes dos dois setores, neste momento é necessário outro tipo de intervenção por parte Animação Sociocultural para que os objetivos da instituição sejam atingidos. Um projeto cultural/patrimonial vem reforçar esta necessária aproximação entre os residentes que têm em comum todas as características do envelhecimento, mas fisicamente e a nível social e culturais distanciados.

A Animação Sociocultural tem na sua intervenção as diferentes modalidades: físicas, cognitivas, sociais e culturais. No que se refere à vertente física, consideramos que apesar das atividades existentes permitirem a manutenção das capacidades dos residentes, devido ao elevado índice de dependência sugerimos a implementação de ginástica geriátrica e fisioterapia (Anexo 9).

O fato de no futuro poder existir um profissional da área do exercício físico proporcionaria aos residentes maior qualidade de vida e deixava uma maior disponibilidade de tempo da animação cultural para outras atividades necessárias.

Na vertente cognitiva algumas das atividades desenvolvem e mantêm as capacidades dos residentes, no entanto, gostávamos de referir que existe a necessidade de especificar ou aprofundar mais as atividades às características de cada residente.

Em relação a estas novas necessidades constatamos a necessidade de requer um profissional de Animação Sociocultural a *full-time*, assim como, auxiliares para o desenvolvimento/apoio nas diferentes atividades.

## PARTE V

### 5. PROJETO

#### 5.1. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA

Este projeto não visa responder a todas as necessidades dos residentes, no entanto, nesta fase da metodologia participativa do projeto será conveniente, e definir prioridades tal como defende (Guerra, 2000).

Através do diagnóstico de necessidades identificamos os seguintes **problemas**: existência de dois públicos, ambos com características de envelhecimento e institucionalizados mas separados e diferenciados tanto ao nível cultural/social como espacial, visto estarem separados fisicamente dentro da própria instituição; desvalorização dos saberes menos eruditos por parte dos residentes dos dois setores (*Setor Particulares Vitalícios* e *Setor Lar*) e necessidade dos residentes terem contacto com a comunidade exterior à instituição.

No que se refere às **causas prováveis** para estes problemas poderemos apontar: a origem/trajetória de vida dos residentes e as circunstâncias de envelhecimento e o encontrarem-se na mesma instituição em circunstâncias distintas.

O diagnóstico de necessidades, assim como, as narrativas biográficas permitiram-nos descortinar as **potencialidades para a resolução dos nossos problemas**: um público disponível, com potencialidades e motivação para fazer mais e a presença de um vasto património sobretudo imaterial com o risco de se perder.

#### 5.2. OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS

Neste ponto, serão definidas as finalidades do projeto de Animação Patrimonial, os objetivos gerais e específicos e ainda as estratégias usadas para os atingir.

Escolhemos como finalidade do projeto a que existe na atualidade na instituição:

- i) **Favorecer a aproximação dos residentes da instituição através Animação Sociocultural**

A vida nesta instituição é marcada pela existência de dois lares que estão separados fisicamente o que provocava, e provoca ainda, afastamento social entre os residentes. Todos os projetos existentes na instituição e todo o trabalho da Animação Sociocultural visa a aproximação destes dois públicos de diferentes classe sociais, verificando-se ao longo destes anos uma aproximação, como se pode constatar através das narrativas. No entanto, ela terá que ser constantemente reforçada, neste sentido, um projeto como este só atingiria esta finalidade se se orienta-se no mesmo sentido.

O fato de viverem na mesma instituição em diferentes espaços, o fato de não partilharem durante décadas o mesmo quotidiano, como é relatado nas narrativas biográficas, verificamos a necessidade de construir estratégias de aproximação dos dois públicos de forma a que ambos retirem vantagens.

Através do diagnóstico de necessidades e das narrativas biográficas verificamos que os residentes têm interesse e gostam de temas culturais, sobretudo dos ligados ao património cultural e ao que lhes é mais próximo. Alguns residentes relatam acontecimentos históricos da instituição e da cidade do Porto e referem que se deve preservar/divulgar. Será, pois, pertinente aproveitar a existência de públicos com diferentes trajetórias de vida e no que Bourdieu (1984) denominou de posicionamento nos distintos campos sociais, pois são pontos de vista, conhecimentos, experiências válidas que se transformam em práticas positivas para os dois grupos mesmo quando tão antagónicas. Tal como Séve (2010) defende: os sistemas de oportunidades podem ser muito desiguais já que vivemos numa sociedade de classes, e onde se constroem personalidades socio biográficas, construções abertas e contínuas, sempre dependente das relações e experiências sociais a que os indivíduos têm, ou não, acesso.

Assim sendo, o projeto de Animação Sociocultural estabeleceu como objetivo orientador do seu projeto proporcionar a aproximação dos dois públicos existentes na instituição, de forma, a que a personalidade socio biográfica dos seus residentes continue em construção proporcionando o acesso de novas oportunidades de desenvolvimento. Pereira (2013, p. 344) defende, por sua vez, que: “É vital garantir que, as intervenções com pessoas idosas partam do conhecimento e exploração da heterogeneidade dos grupos, afastando generalizações, erróneas e abusivas que possam inviabilizar o desenvolvimento nesta etapa do ciclo vital”

## **ii) Objetivo geral do projeto:**



Aproximação entre os dois públicos da instituição, através de proposta da Animação Patrimonial.

**iii) Objetivos específicos:**

- a. Fomentar a interação social/cultural dos residentes.
- b. Desenvolver o gosto pela história, pelas tradições e pelo património.
- c. Contribuir para a proteção e divulgação do património cultural da instituição.
- d. Valorizar os diferentes patrimónios.
- e. Aproximar os residentes à comunidade envolvente.

Para a realização de um projeto de Animação Patrimonial teremos que nos socorrer de estratégias para atingir os objetivos definidos anteriormente. Desta forma, desenvolvemos estratégias que permitam aprofundar o gosto e o interesse pelo património, sobretudo pelo património que é mais próximo dos residentes, e aquele que à partida mais se identificam, como constatamos durante o diagnóstico de necessidades.

### 5.3. FUNDAMENTAÇÃO DA ESTRATÉGIA

Depois de conhecermos, através do diagnóstico de necessidades, a realidade que envolve os residentes desta instituição, apercebemo-nos desde logo de uma apetência unânime por temas ligados ao passado, nomeadamente ao património.

Ferreira-Alves (2005, p.25) define património da seguinte forma:

“Ao tentarmos chegar a uma definição possível, somos confrontados com uma panóplia de bens que nos foram legados pelo passado coletivo e que nos ligam às nossas raízes mais profundas. Esse legado passa pelos testemunhos materiais e imateriais mais diversificados, desde o edifício que nos revela as cicatrizes do tempo, às histórias prestes a desaparecer com o último velho da aldeia, às tradições rejeitadas pelos mais novos [...] património cultural é tudo isso, abarcando também a própria paisagem natural defendida pelos movimentos ecologistas [...]”

Bertin (2003, p. 236) acrescenta e faz a ligação dos idosos ao património: “O passado lembrado por intermédio do património, permite fazer reviver laços com os antigos, e com a sua experiência de vida, com as nossas origens”. Assim, a ligação ao passado ajuda a reduzir o afastamento entre os novos e os antigos, restaurando a ligação entre as gerações. Procurar o passado de mais proximidade local, entusiasmar-se a reencontrar fatos indicadores dos costumes da vida quotidiana da organização social dos que ali viveram, permite voltar a encontrar laços com os seus familiares antepassados. O património revela a identidade de um território e é vetor essencial do desenvolvimento local. Permite a valorização dos recursos humanos, culturais e económicos de um espaço.

“Mobiliza o afetivo, o intelectual, o relacional e o sentido prático. Ele combina elementos psicológicos, psicossociais, sociais e políticos. Permite assim, uma implicação tanto individual como coletiva” (Bertin, 2003, p. 240).

Através das narrativas biográficas conseguimos aprofundar as trajetórias de vida destes residentes, conseguimos perceber que existiam potencialidades desaproveitadas como o gosto por temas culturais, nomeadamente ligados à história e ao património, esta característica comum poderia ser foco de ligação e compensar/aproximar as desigualdades de classe existentes.

No decorrer do projeto os residentes serão capacitados/direcionados para temáticas de forma a reconhecerem os diferentes saberes como válidos e, desta forma, ser motivo de reconhecimento e de conservação.

As atividades deverão ser programadas aumentando progressivamente o grau de dificuldade baseadas nos interesses dos residentes, abrindo sempre o leque a novas perspetivas, a novos conhecimentos. Os temas irão desde da arquitetura, à pintura e à escultura nos seus diferentes estilos tendo em conta as técnicas; os artistas e contextos históricos. A conservação e restauro como forma de preservar o património, de o valorizar reconhecendo-o como importante nas suas diferentes vertentes, também será alvo de atenção.

A recolha de património oral e imaterial nomeadamente o que abrange as expressões culturais e as tradições dos residentes deve ser considerado/preservado para as gerações futuras. Desta forma, as atividades devem atingir as seguintes áreas: saberes, expressões, modos de fazer, festas e romarias, lendas, músicas e outras tradições.

O levantamento da história vivida na instituição por parte de alguns residentes, a organização e exploração de documentos como fotografias, contratos, ordens de serviço entre outros, permitirão a valorização dos diferentes saberes. Pretendemos arquivar estes documentos com o intuito de posteriormente puderem ser consultados e de futuro se tornarem documentos históricos.

Nesta primeira fase do projeto, trabalharemos mensalmente um movimento artístico e será proporcionada uma visita/vídeo alusivo ao movimento artístico em questão.

A organização de seminários sobre arte, uma vez por semana, com a duração de cerca de uma hora, a desenvolver-se durante um ano, como podemos verificar no cronograma (Anexo 9) permitirá aos residentes obter conhecimentos essenciais para o desenvolvimento do projeto patrimonial.

No final do ano, os residentes conseguirão perceber a sucessão de movimentos artísticos a forma como evoluíram até ao período em que conseguimos situar o surgimento património da instituição. Após ter sido estudado o período em questão, os residentes serão capazes de pesquisar a história da instituição, organizarem visitas guiadas ao seu património, atingir até um público internacional, visto que, alguns dos residentes dominam línguas estrangeiras.

A elaboração de um *Boletim cultural*, trimestralmente servirá como forma de divulgar resultados a toda a comunidade e de motivar a participação não apenas dos residentes da instituição, mas da comunidade envolvente.

Por outro lado, seria essencial o envolvimento por parte da classe dirigente da instituição, nomeadamente, da Mesa Administrativa sobretudo no acesso a documentos, e a todo o património, assim como, no apoio a um projeto que pretende ser proveitoso não apenas para os residentes, mas para toda a instituição.

Podemos neste ponto considerar que, o sucesso deste e de todos os projetos de Animação Sociocultural passa pelo apoio da comunidade envolvente, sobretudo da equipa de pessoal auxiliar e de enfermagem, estas deverão prestar apoio na motivação aos residentes, no seu encaminhamento e acompanhamento das atividades de todas as atividades da Animação Sociocultural.

#### 5.4. CRONOGRAMA

O projeto patrimonial foi pensado para integrar o programa de atividades de Animação Sociocultural existente na instituição desde 2003, sendo proposto aqui para um ano civil.

O primeiro mês será dedicado à escolha de estratégias adequadas para a implementação do projeto patrimonial, os residentes serão chamados a escolher através de um *brainstorming* as ações necessárias para atingir os objetivos previamente estabelecidos. Este visa a distribuição de atividades repartidas por um ano civil completo, e será realizado duas vezes por semana. Pretende-se que no final do mesmo ano os residentes sejam capazes de reunirem de forma autónoma todos os sábados e sejam capazes de organizar visitas guiadas a algumas zonas da instituição (Anexo 10).

Por outro lado, no final de um ano, através deste projeto será possível constatar alguma evolução no sentido de aproximação dos seus residentes nomeadamente nos dois setores.

Finalmente, cabe-nos salientar que o cronograma será alvo de análise mensal, no sentido de avaliar se está ou não a produzir o efeito desejado. As atividades direcionadas para residentes dependentes deverão ter uma calendarização e um ritmo próprio.

## 5.5. ORÇAMENTO

No que diz respeito aos recursos materiais da instituição, estes vão sendo referidos consoante as atividades a executar, quanto ao espaço físico a instituição tem salas próprias para atividades da Animação Sociocultural.

Consideramos que será pertinente a contratação da animadora sociocultural a tempo inteiro, assim como, um técnico de ação direta para apoio às atividades, trata-se de um projeto complexo que exigirá trabalho com profissionais devidamente qualificados.

No que concerne aos recursos financeiros, este projeto não visa gastos para a instituição, pretende-se que seja um projeto sustentável através de receitas geradas pelas visitas guiadas preparadas e organizadas pelos residentes. A venda do *Boletim cultural*, a organização de conferências/palestras sobre o património da instituição deverá constituir uma fonte de receitas para o projeto sempre aberto a toda a comunidade.

Tal como outros projetos existentes na instituição, será da responsabilidade dos residentes, a organização de toda a contabilidade, assim como, a gestão de todos os recursos financeiros.

Acreditamos que um projeto destas características e desta complexidade apresentará alguns constrangimentos, sobretudo inicialmente, pois sempre que se apresenta um novo projeto surgem sentimentos de insegurança e, sobretudo neste caso, sentimentos de incapacidade para abraçar um projeto cultural. Por outro lado, sabemos que alguns residentes, tal como Bourdieu (1992) defende, têm os seus campos sociais limitados com os seus ‘habitus’” definidos e não pretendem que elementos de outra classe social tenham acesso ao seu campo social, esta postura é visível nas narrativas biográficas.

## 5.6. DOSSIER DE ATIVIDADES

Tal como temos vindo a abordar, e dentro da perspetiva de alguns autores como Trilla (1997), a Animação Sociocultural na apresentação das suas atividades deverá ter em conta a trajetória de vida dos idosos, criando desta forma *elos de ligação* passíveis de serem dinamizados. Assim, e tendo em conta o projeto de Animação Patrimonial iremos passar à apresentação das atividades que dele podem fazer parte.

**Nome:** *Seminário sobre História de Arte.*

### **Objetivos específicos:**

Proporcionar aos residentes conhecimentos de História da Arte.

Motivar os residentes para a pesquisa documental.

Desenvolver o gosto pelo património e pelos estilos artísticos.

**Recursos materiais** – Fotocópias, canetas, papel, projetor, TV, computador.

**Recursos humanos** – Animadora sociocultural, colaboradores voluntários na recolha e organização de toda a informação e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento do seminário:** Semanalmente, consoante o plano de atividades, todos os residentes poderão participar nas Seminário de História da Arte. Sempre que possível deverão ser os residentes os protagonistas, assim como, poderão recorrer ao voluntariado no exterior para executar a atividade.

Dentro destes seminários serão abordados os períodos da História da arte: a Pré-história; História Antiga (Roma e Grécia); Idade Média; Idade Moderna e a Idade Contemporânea nas suas seguintes disciplinas: arquitetura, pintura e escultura.

Analisaremos os contextos históricos em que o objeto/obra foi executada; as principais características do movimento artístico e as técnicas utilizadas. Poderão ser abordados outros temas desde que oportuno para o projeto patrimonial ou seja do interesse dos participantes tais como: História e Técnicas da Fotografia; Conservação e Restauro; Património Imaterial (artesanato; tradições; lendas, cancioneros, entre outros).

No final de cada bloco ou período histórico, os residentes são convidados a explorar o tema da forma como considerarem mais interessante, poderão fazer sugestões de forma a que seja conseguida uma síntese do que foi explorado.

**Observações:** Sabemos que estes temas são difíceis de trabalhar e que facilmente os residentes poderão sentir-se constrangidos por não saberem ou não conhecerem. Desta forma, optaremos sempre por partir dos temas mais simples para os mais complexos, de temas conhecidos para os desconhecidos, de temas do campo visual para o teórico, e daremos mais ênfase ao objeto em concreto em detrimento da sua representação.

**Referências bibliográficas:** Jason, H.W. (1998). *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Conti, Flávio, (1991). *Como Reconhecer a Arte Grega*. Lisboa: Edições 70. (Esta coleção tem vários temas desde a: História da Arte Grega, Romana, Românica, Gótica...)

## ATIVIDADE I

**Nome da Atividade:** *O Porto na primeira pessoa.*

**Objetivos específicos:**

Trocar conhecimentos/informações entre os residentes.

Conhecer a História do Porto.

Proporcionar visitas aos locais estudados

**Recursos materiais** – Fotocópias, canetas, papel, projetor, TV, computador, veículo adaptado.

**Recursos humanos** – Animadora sociocultural, colaboradores voluntários na recolha e organização de toda a informação e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Os residentes são convidados a recordar momentos/histórias/imagens sobre um tema da cidade onde vivem. O pedido é colocado em placares de cortiça existentes por toda a instituição.

Depois de recolhidos todos os relatos/imagens organizar um *powerpoint* para nos permitir visualizar e divulgar os resultados recolhidos.

Organização de uma visita ao local estudado de forma a permitir aos residentes relembra o passado e permitir-lhes que conheçam as alterações que decorreram ao longo do tempo nos locais estudados e tomarem contato com a comunidade exterior.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, as conversas dessa semana devem referir-se ao tema. Caso seja possível devem visualizar as imagens *PowerPoint*. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

**Referências bibliográficas:** Sempre que necessário os residentes deverão ter acesso aos livros de bibliotecas públicas, através de requisição. Serão também convidados a emprestar livros e apontamentos referentes aos temas em questão.

## ATIVIDADE II

**Nome da Atividade:** *O meu lar, a minha casa.*

### **Objetivos específicos:**

Contribuir para a divulgação/proteção do património da instituição.

Valorizar os diferentes saberes, sobretudo no que diz respeito ao património imaterial.

Trocar conhecimentos/informações entre os residentes dos dois setores.

**Recursos materiais** – Fotocópias, projetor, canetas, papel, pastas de arquivo.

**Recursos humanos** – Animadora sociocultural e colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Em reunião, na sala de convívio com os residentes é escolhido o tema a trabalhar. Deve estar relacionado com a instituição, mas é aberto a sugestões. Cada residente escolhe o bloco que mais lhe agrada podendo trabalhar em grupo.

Temas:

1. O que significa hoje a instituição para mim;
2. Descrever um apartamento /uma divisão /um serviço;
3. Como era a instituição antigamente (recolha de relatos entre residentes e comunidade envolvente);
4. Recolha de documentos sobre a instituição.

Organização de toda a documentação/informação sobre os diferentes temas pelos residentes e criação de um *Dossier temático*.

Divulgamos os resultados a toda a comunidade através de palestras/conferências (esta atividade deverá gerar receitas para a sustentabilidade do projeto patrimonial).

Este *Dossier temático* servirá para consulta de todos os interessados, servirá de apoio para a organização de visitas à instituição e para artigos no *Boletim cultural da instituição*.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, as conversas dessa semana devem referir o tema. Caso seja possível devem visualizar as imagens /*PowerPoint*. Alguns temas poderão ser lidos por voluntários. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

**Referências bibliográficas:** Patrício, P. (1901). *Resumo Histórico da Fundação e Desenvolvimento da* [REDACTED] *no Porto...por um Irmão*. Porto.



A consulta deste livro permitirá aos residentes perceber quais os objetivos desta atividade de Animação Sociocultural. Este livro é uma narrativa do quotidiano da instituição e a forma como é observado por um dos seus residentes.

### ATIVIDADE III

**Nome da Atividade:** *Fotógrafo o património.*

**Objetivos específicos:**

Aprender a distinguir os diferentes tipos de património.

Desenvolver a comunicação/interação entre os residentes.

Desenvolver a observação de forma a aprender a valorizar o pormenor.

**Recursos materiais** – Fotocópias, projetor, máquina fotográfica, TV, canetas, papel, capas de *dossier*.

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural e colaboradores da instituição.

**Local** – Vários locais da instituição/ sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Os residentes são convidados a fotografar o património à sua escolha, dentro da instituição. Deverão ter em conta os pormenores como: objetos; assinaturas; estado de conservação da peça entre outros.

Devem ser criados catálogos individuais com o objetivo de ser motivo de trocas de informação/de conversa entre os residentes, familiares, amigos entre outros.

No final de cada estudo, poderá ser elaborada uma exposição com descrição dos pormenores e o porquê de os documentar fotograficamente (exemplo; um anel de curso dá-nos informação sobre o curso que frequentou o retratado, o símbolo de uma imagem religiosa identifica-nos quem é a figura retratada, uma escultura partida/ danificada dá-nos a composição da peça e as camadas cromáticas. Os residentes são convidados a colaborar com objetos pessoais que demonstrem os temas abordados, o que facilmente acontece, pois é frequente terem em sua posse objetos antigos e de valor histórico.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, as fotografias podem ser mostradas de forma a recordarem e conversarem sobre temas diferentes do habitual.

Alguns temas poderão ser lidos por voluntários. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

**Referências bibliográficas:** Miguel, Ana Maria Macarrón (1995). *História de la conservación y la restauración: desde la antigüedad hasta finales del siglo XIX*. Madrid: Tecnos.

Busselle, Michael (1988). *Tudo sobre fotografia*. São Paulo: Círculo do Livro.

## ATIVIDADE IV

**Nome da Atividade:** *Uma peça de arte*

### **Objetivos específicos:**

Proporcionar o gosto pela arte através do contato direto com as peças/objeto.

Valorizar outros tipos de arte como: azulejo, talha, cerâmica entre outros.

Desenvolver a interação entre os residentes.

**Recursos materiais** – Fotocópias, projetor, TV, canetas, papel, fotografias ou a peça artística, cartões com perguntas em letras grandes.

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural e colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Esta atividade visa a observação de uma determinada peça artística<sup>18</sup> e o preenchimento de uma ficha pré elaborada, onde estão alguns itens a que todos os residentes podem responder.

De seguida deverão preencher o formulário sobre a peça (deve ser distribuída por todos os interessados (quem não sabe escrever deve ser ajudado por voluntários)

Mais tarde, quando forem recolhidos todos os formulários, em grupo poderão analisá-los e sintetizar as ideias chave.

---

<sup>18</sup> Os residentes em reunião devem decidir qual a peça artística a trabalhar.

Divulgação dos resultados à comunidade através de conferência ou palestra (poderá ser convidada alguma personalidade da comunidade que tenha alguma ligação com o tema).

A recolha de informações sobre uma peça de arte pode ser apresentada em grupo (sobretudo no Setor Lar) através de cartões com perguntas que o animador lê, baseadas na ficha previamente elaborada em que os residentes respondem em conjunto. Depois de apresentada a peça /objeto são escolhidas ou sorteadas perguntas como: O que vê? O que pensa? O que sabe? O que sente? Todas as opiniões deverão ser registradas.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, as conversas dessa semana referem o tema através de imagens. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade. Os residentes, quando confrontados com uma determinada peça/objeto artístico depois de o estudarem vão ser capazes de o valorizar, de lhe dar um sentido diferente do que tinha até então.

**Referências bibliográficas:** Alvim, António (2015). *Igreja*

– *Guia*. Porto

## ATIVIDADE V

**Nome da Atividade:** *Eu entre outros artistas*

### **Objetivos específicos:**

- Promover o gosto pela pintura/escultura.
- Conhecer os diferentes materiais e técnicas.
- Reconhecer estilos artísticos.
- Identificar os protagonistas.

**Recursos materiais** – Projetor, Marcadores, tintas várias, lápis, papel, barro.

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural, colaboradores voluntários na recolha e organização de toda a informação e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio lar com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** O animador baseado num movimento artístico, projeta na parede imagens de grandes obras artísticas, os residentes são convidados a imitarem o que vêem e que sentem quando observam a obra. Depois de repetir a atividade com

vários movimentos e artistas é elaborada uma exposição com os trabalhos dos residentes em paralelo com a ficha do artista e a obra na qual se inspiraram.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, as conversas dessa semana referem o tema através de imagens. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade, mas todos são convidados a visitar a exposição no *Setor Lar*.

**Referências bibliográficas:** Jason, H.W. (1998). *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## ATIVIDADE VI

**Nome da Atividade:** *No meu tempo...*

**Objetivos específicos:**

Desenvolver sentimentos de pertença sobretudo em novos residentes.

Valorização do património imaterial.

Proporcionar momentos de partilha entre os diferentes setores e a comunidade.

**Recursos materiais** – Fotocópias, canetas, papel, projetor, TV, computador, capas *dossier*.

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural, voluntários na recolha e organização de toda a informação e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Os residentes do *setor Lar*, sobretudo aqueles que conhecem a instituição há mais de 50 anos e os residentes que vivem na instituição há muitos anos são convidados a apresentar relatos de como era a instituição antigamente, de preferência levar objetos e fotografias que reafirmem as ideias expostas. Podemos convidar pessoas que trabalharam na instituição ou que se relacionaram de alguma forma com ela (religiosos, antigos alunos da escola primária) e como tal presenciaram acontecimentos na primeira pessoa (conhecem histórias/fatos /lendas entre outros) a exporem as suas vivências.

Todos os materiais deveram ser cuidadosamente recolhidos e organizados pelos residentes de forma a fazerem parte, no futuro, da história da instituição.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, as conversas dessa semana devem referir-se ao tema. Caso seja possível devem visualizar as imagens /*PowerPoint*. Os residentes de todos os setores e a comunidade em geral participam nesta atividade.

## **ATIVIDADE VII**

**Nome da Atividade:** *Narrativas biográficas*

**Objetivos específicos:**

Desenvolver a confiança entre os residentes.

Aprender a escutar/ e a valorizar os outros residentes.

Construir documentos para a história da instituição.

**Recursos materiais** – Fotocópias, canetas, papel, projetor, TV, computador, gravador

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural, colaboradores voluntários na recolha e organização de toda a informação e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Quartos e apartamentos dos residentes /Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Os residentes são convidados a relatar a sua trajetória de vida consoante o guião deste projeto, um outro residente recolhe os dados que serão depois organizados de forma a funcionarem como documentos históricos e de forma a serem retiradas informações culturais /curiosidades/ aprendizagens que possam ser úteis para o grupo.

**Observações:** Esta atividade é muito gratificante com doentes acamados, desde que sejam sessões curtas e espaçadas no tempo, pretende-se que seja uma atividade que proporcione experiências positivas para todos os intervenientes. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

**Referências bibliográficas:** Magalhães, Maria José (1991). *História de vida de uma operária da indústria corticeira - construção das identidades femininas através de diferentes processos educativos*. Lisboa: Organizações não-governamentais. Conselho Consultivo para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

## ATIVIDADE VIII

**Nome da Atividade:** *Vamos pintar quadros famosos*

**Objetivos específicos:**

Reconhecer artistas e obras importantes.

Descobrir capacidades/potencialidades artísticas.

Aumentar os conhecimentos sobre artistas e obras de diferentes épocas.

**Recursos materiais** – Fotocópias com quadro de artistas famosos, tintas várias, pequena ficha de leitura com imagem da pintura original e pequena descrição da obra.

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural, colaboradores voluntários para ajudar residentes mais dependentes, e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Os residentes são convidados / motivados a pintar desenhos de quadros famosos poderão fazê-lo da forma como gostarem mais, pois o objetivo é fazê-lo da forma mais variada possível para depois comparar com outras abordagens. Numa outra sessão os residentes conhecem o original e recebem uma pequena ficha com descrição da obra, conversa-se sobre o tema.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, nessa semana devem referir-se ao tema. Caso seja possível devem visualizar as imagens /*PowerPoint* e caso consigam poderão pintar ou dos desenhos de quadros famosos. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

**Referências bibliográficas:** Jason, H.W. *História da Arte* (1998). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Conti, Flávio, (1991). *Como reconhecer a arte grega*. Lisboa: Edições 70. (Esta coleção tem vários temas desde a: História da Arte Grega, Romana, Românica, Gótica...)

## ATIVIDADE VIII

**Nome da Atividade:** *Jogo da memória*

**Objetivos específicos:**

- Desenvolver o espírito de observação.
- Estimular a memória e alargar conhecimentos.
- Proporcionar momentos de *lazer* entre os residentes.

**Recursos materiais** – jogo da memória com imagens reproduzidas em duplicado (pintura, arquitetura, escultura, fotografia)

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural, colaboradores voluntários para ajudar residentes com mais dificuldades e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** O jogo é espalhado aleatoriamente numa mesa, virado ao contrário. Os residentes viram uma imagem e têm de descobrir a sua réplica, caso não seja a imagem levantada voltam a virar novamente até descobrirem a reprodução. O jogo acaba quando estiverem viradas todas as imagens.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, embora com menos imagens para que o grau de dificuldade não se torne cansativo. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

**Referências bibliográficas:** Jason, H.W. *História da Arte* (1998). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Conti, Flávio, (1991). *Como reconhecer a arte grega*. Lisboa: Edições 70. (Esta coleção tem vários temas desde a: História da Arte Grega, Romana, Românica, Gótica...)

## ATIVIDADE IX

**Nome da Atividade:** *Eu observo*

**Objetivos específicos:**

- Desenvolver o espírito de observação.
- Estimular a memória e alargar conhecimentos.
- Proporcionar momentos de *lazer* entre os residentes.
- Promover a confiança e a interação entre os residentes.

**Recursos materiais** - Imagens com figuras (pinturas ou esculturas) exemplo: *A rapariga do brinco* de Johannes Vermeer; *O grito*, de Munch; *A Gioconda* de Leonardo da Vinci; *O David* de Miguel Ângelo; *O desterrado* de Soares dos Reis.

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural, colaboradores voluntários para ajudar residentes com mais dificuldades e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Os residentes são motivados a escolher uma imagem e desta retirar apenas um gesto, um olhar, uma posição, deverão de seguida imitá-la para que os outros residentes identifiquem a obra. O pormenor imitado deverá ser fotografado para numa próxima sessão conversarem acerca da atividade do que sentiram, porque escolheram aquele momento, aquela obra.

**Observações:** Esta atividade é aberta aos doentes acamados, as conversas dessa semana devem referir-se ao tema. Caso seja possível devem visualizar as imagens /*PowerPoint*. Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

## **ATIVIDADE X**

**Nome da Atividade:** *Reconheço e identifico.*

**Objetivos específicos:**

- Desenvolver a interação entre os residentes.
- Proporcionar momentos de *lazer* entre os residentes.
- Promover a valorização do património da instituição.



**Recursos materiais** – Fotocópias com imagem de um pormenor arquitetónico/azulejo /estruque

**Recursos humanos** – Técnico de Animação Sociocultural, voluntários e outros colaboradores da instituição.

**Local** – Vários locais da instituição/Sala de convívio com cadeiras e mesas.

**Desenvolvimento da atividade:** Na instituição é distribuída uma fotocópia com um pormenor arquitetónico/azulejo /estruque e os residentes são convidados a descobrir a que peça/obra/escultura pertence aquele pormenor. Deve-se partir sempre de pormenores mais fáceis para em futuras dinâmicas mais complexas.

**Observações:** Os residentes de todos os setores participam nesta atividade.

**Referências bibliográficas:** Jason, H.W. (1998). *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Conti, Flávio, (1991). *Como reconhecer a arte grega*. Lisboa: Edições 70. (Esta coleção tem vários temas desde a: História da Arte Grega, Romana, Românica, Gótica...)

## 5.7. AVALIAÇÃO DO PROJETO

Quanto à avaliação do projeto ele irá ser executado em três tempos: **ex-ante** que nos permite perceber quais as necessidades dos dois grupos de residentes; avaliação de acompanhamento ou **on -going** avalia a fase de execução do projeto e dá-nos elementos para uma possível correção e avaliação final ou **ex- post**, mede os resultados finais do projeto (Guerra, 2000).

A fase de diagnóstico, ou avaliação *ex-ante*, permitiu-nos conhecer a realidade para uma melhor intervenção e através desta foi possível conhecer as necessidades e interesses dos residentes da instituição e assim como estabelecer os objetivos a atingir.

Nesta fase ainda, através da avaliação *ex-ante* conseguimos perceber alguma motivação dos residentes para o projeto. Foram elaboradas algumas atividades sobre o tema património, no sentido de, compreendermos qual seria a aceitação do tema por parte dos residentes. Inicialmente a ideia do projeto visava direcionar-se apenas para um grupo de residentes mais autónomos, já implicados em atividades relacionadas com história e património, mas, rapidamente, apercebemo-nos que poderia atingir um público mais vasto e até integrar residentes dependentes.

Para a avaliação *on-going*, foi efetuada uma ficha de avaliação do projeto, onde poderemos verificar de que forma cada a atividade possibilita ou não a aquisição de novos conhecimentos, assim como, de que forma se processa a interação entre os residentes dos dois setores. Poderemos constatar se foram efetuadas aproximações culturais aos vários saberes e se os saberes mais populares estão a ser valorizados (Anexo 11).

Para a avaliação final do projeto ou *ex-post*, optou-se pela realização de entrevistas com os residentes (baseada no Anexo 11), assim como, a análise dos relatórios finais de cada atividade. Desta forma, conseguiremos perceber se o projeto permitiu alterações no relacionamento entre residentes; alteração ao nível da valorização patrimonial e de aproximação à comunidade exterior.

Dentro dos critérios de avaliação, consideramos fundamental para o projeto a: adequabilidade ao contexto da instituição; a pertinência face aos objetivos e a sua viabilidade. A avaliação permite investigar sobre a eficiência/eficácia da intervenção, tendo em conta princípios de equidade no tratamento dos residentes (Guerra, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em fase de conclusão deste projeto de Animação Patrimonial, podemos refletir sobre a forma como este poderá contribuir para o enriquecimento/desenvolvimento dos residentes da instituição.

Através de Guerra (2000) percebemos que a escolha de uma metodologia de investigação-ação seria a mais adequada e, como tal, não pretendíamos apenas uma técnica de recolha de informação, mas uma aproximação à investigação em que os protagonistas são simultaneamente investigadores e protagonistas.

Sendo que as metodologias de investigação contemplam vários tipos de abordagens, neste projeto optamos pela metodologia participativa do projeto. Para Guerra (2000, p.126) “um projeto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder” e como tal, pretendíamos responder a uma lacuna existente, mas de maneira a que os residentes participassem ativamente e efetivamente.

Para aprofundar e fundamentar o novo projeto de Animação Sociocultural debruçamo-nos sobre o conceito de envelhecimento, onde foi possível verificar novas abordagens que

permitem a evolução para novos paradigmas, prevendo-se um futuro onde eles próprios serão mais exigentes representando assim um desafio para os profissionais da área. Discutimos, de seguida, as implicações das diferenças de classes no envelhecimento e práticas culturais. Aqui percebemos que estas se refletem na trajetória de vida dos residentes, e se mantêm durante o processo de envelhecimento. Assim sendo, cabe aos profissionais desenvolver oportunidades reais para contrariar determinados constrangimentos sociais e culturais que detetamos sobretudo nas relações interpessoais dentro das instituições.

Interessa, pois facultar a estes idosos atividades que não visem apenas o paradigma do *ser ativo*, mas que lhes sejam proporcionadas atividades capazes de os tornar interessados, motivados que se transformem em experiências úteis, positivas e gratificantes.

Através do diagnóstico de necessidades detetamos quatro pontos fulcrais na base do nosso projeto: o gosto dos residentes pelos temas culturais, pois são estes temas que mais salientam quando se referem às atividades da Animação Sociocultural; a necessidade de aproximação entre dois públicos residentes na mesma instituição afastados no espaço e socialmente; a falta de contato dos residentes com comunidade exterior e a falta de ocupação de tempos livres sobretudo ao fim de semana.

Nesse sentido, encontramos resposta no projeto de Animação Patrimonial em que este se propõe integrar as atividades de Animação Sociocultural a decorrer na instituição e teria em conta as mesmas diretrizes, seria em todos os sentidos um aprofundar/reforçar de um trabalho existente, mas que já não proporcionava avanços nas relações sociais dos seus residentes.

Percebemos através das trajetórias de vida que não seria um trabalho fácil, as práticas culturais de cada um dos residentes é resultado de um percurso de vida complexo que seria redutor ter em conta apenas o momento presente, por outro lado, não iria proporcionar tantas possibilidades de trabalho. Através do discurso dos residentes fomos possibilitando alargar o campo de trabalho para Animação Sociocultural, na medida em que, se pôde conhecer *outras realidades, outras facetas* que seriam desconhecidas por outro meio. Desta forma, tornou-se mais fácil elaborar estratégias de maneira a aproveitar características ou potencialidades que possibilitassem fazer ligações comuns a todos os residentes.

O património da instituição é vasto, apesar de adormecido está disponível para ser explorado, assim como, entendemos ser possível capacitar todos os indivíduos para o

explorar. Podemos verificar que os residentes se identificam com o património – ambos *são antigos e têm muito para contar*. A necessidade que apresentam em falar do passado, em relembrar como era antigamente faz-nos identificar facilmente os *elos de ligação* entre eles.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, A. F. (1998). *Património-e seu entendimento e sua gestão*. Porto: Etnos.
- Ander-Egg. (1992). *La animación y los animadores*. Madrid: Narcea.
- Ander-Egg, E. (2000). *Metodologia Y pratica de la animación sociocultural*. Madrid: Instituto de ciências sociales aplicadas.
- Ballesteros, R. F. (1996). *Sistema de evaluación de residencias de ancianos*. Madrid. Ediciones Pirámide, 2000.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Basto, P. V. (s.d.). *Tesouros escondidos no Porto - Que 2001 dê ao Mundo a cultura do Porto*. Jornal de Notícias Reportagem.
- Bertin, G. e. (2003). *Develoloppement local et intervention sociale*. L'Harmattan, : Éducatons et sociétiés.
- Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos*. coleção ciências da educação.
- Bilken, S. K., & Bogdan, R. (1994). *Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria a aos métodos*. Porto editora.
- Bourdieu & Darbel, A. (2007). *L'Amour de l'Art: Les musées d'art européens et leur public*. Paris: Éditions de Minuit.
- Bourdieu. (1987). *What makes a social class? on the Theoretical and practical existencial of groups*. Berkeley Jornal of Sociology, 32, p 1-49.
- Bourdieu P. W. (1992). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. ((1979). *La Distintion - une critique social du jugement*. Paris: Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1968). *Éléments d'une théorie sociologique de la perception artistique*. Revue Internationale des Sciences Sociales, n° 4, XX.
- Bourdieu, P. (1983). *The forms of Capital, translated by Richard Nice*.

- Bourdieu, P. (1984). *Questões de sociologia*. Lisboa: Edições Fim de século.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Edição Difel, Tradução Fernando Tomaz.
- Bourdieu, P. (1992). *As Regras da Arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bourdieu, P. D. (s.d.). *Pour une sociologie de la perception*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n° 40.
- Brandão, A. M. (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Publicado em Configurações, n.º 3, 2007, pp. 83-106.
- Cabral, M. V. (2013). *Processo de envelhecimento em Portugal, Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Associação Comercial de Lisboa à Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Canário, R. (1999). *Educação de adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educação- formação.
- Conde, I. (1992). *Percepção Estética e Públicos da Cultura*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, P. C. (2001). [REDACTED] - *Estudo preliminar (1800-2001)*. Porto.
- Cuche, D. (2003). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de século.
- D'Epinay, C. L. (1991). *Vieillir ou la vie à inventer*. Paris: L'Harmattan.
- De Singly, F. &. (2000). *A proteção de si no lar de idosos*. Livres Juntos, O individualismo na vida comum. Lisboa: D. Quixote.
- Elizasu, C. (1999). *La animación con personas mayores*. Madrid: Editorial CCS.
- [REDACTED] *da Cidade do Porto*. Porto. (1993).
- EU. (2012). *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações*. Obtido em 20 de Maio de 2015, de

<http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>.

Fantasia, A. (s.d.). *As Narrativas Biográficas e as metodologias de investigação-acção sobre a memória e o esquecimento*.

Fantasia, A., & Leite, P. P. (2013). *Heranças locais e memórias locais - As Narrativas Biográficas e as metodologias de investigação-ação*. *Revista de Práticas de Museologia Informal* nº 2, p. p.50.

Fonseca, A. (2004). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.

Fonseca, A. (2004). *O envelhecimento, uma abordagem psicológica*. Lisboa: Campos do saber, nº8.

Francastel, P. (1960). Problemes de la sociologie de l'art,,. Em i. G. Gurvitch, *Traité de sociologie* (p. p. 279). Paris: P.U.E.,.

Freitas, E. d. (1956). *Memória Histórica da [redacted] da cidade do Porto*. Porto.

Gallardo, R. (2002). *Animacion sociocultural de la vida diaria en la tercera edad*. Obtido de [http://rafaelmendia.net/mendia/Libros\\_files/3edad.pdf](http://rafaelmendia.net/mendia/Libros_files/3edad.pdf).

Ganga, R. N. (2012). *Tese Uma Educação (inter/multi) Cultural a três tempos, Um ensaio de imaginação etnográfica europeia em espaços de arte, educação e cultura contemporânea*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto,.

Gilda, S. O. (1995). *Tese: Capital, classe social e género em Bourdieu*. Cadernos do programa de pós-graduação em ciências da informação.

Gillet, J.-C. (s.d.). *A Animação entre a Marcha e a Democracia*. Obtido de [http://jeanclaudegillet.free.fr/pdf/Comunicacao\\_PTG%20\\_2.pdf](http://jeanclaudegillet.free.fr/pdf/Comunicacao_PTG%20_2.pdf).

Goffman, E. (1961). *Manicómios, Prisões e Conventos*. S. Paulo: Editora Perspetiva, trad.2005.

González, M. V. (Julho de 2012). *La animación sociocultural, de la militancia transformadora a la acción solidaria y libertadora*;. Obtido de

<http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/diciseis/LA%20ASC%20DE%20LA%20MILITANCIA%20A%20LA%20LIBERACION.pdf>.

Gros, M. C. (2009). *Norma da independência entre gerações e ruturas sociais na velhice fragilizada análise à ação*. Seminário combater a reprodução intergeracional da pobreza e da exclusão social que intervenções. Instituto Superior de Serviço Social do Porto: Fundação para a Ciência e e Tecnologia.

Gubrium, J. F. (1997). *Living and Dying at Murray Manor*. Charlottesville: University Press of Virginia.

Guerra, I. c. (2000). *Fundamentos e processos de uma sociologia de ação - O planeamento em ciências Sociais*. Cascais: Principia.

*Heranças locais e memórias locais* As Narrativas Biográficas e as metodologias de investigação-ação. (s.d.).

<http://www.cartasocial.pt/pdf/csocal 2013.pdf>- acedido 1 de maio de 2014. (s.d.).

[http://www. \[REDACTED\].pt/lares.htm](http://www. [REDACTED].pt/lares.htm) - acedido 30 Abril de 2015. (s.d.).

[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=211394338&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=211394338&DESTAQUESmodo=2). (s.d.).

INE. (2011). Obtido de

[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=134582847&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=134582847&DESTAQUESmodo=2) - acedido 1 de julho de 2014

INE, P. (2011). Obtido de

<http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>.

Lahire, B. (2005). *Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual*, n.º 49, pp. 11-42. Sociologia, Problemas e Práticas.

Lenoir, R. (1990). *Objet sociologique et problème social*. Dunod . Em P. Champagne et alii, *Initiation à la Pratique Sociologique*. Paris: Dunod.

Lopes, A. (2011). *Ageing and social class: towards a dynamic approach to class inequalities in old age*. Em *Age Discrimination and Diversity: multiple discrimination from na age perspective*. Cambridge: University Press.



- Lopes, J. T. ( 1998). *A cidade e a cultura um estudo sobre práticas culturais urbanas* .  
Em Dissertação de Doutoramento em Sociologia. Universidade do Porto.
- Lopes, J. T. (s.d.). *Retratos sociológicos - dispositivo metodológico para uma sociologia da pluralidade disposicional*. DS/ISFLUP.
- Lopes, M. (2008). *Animação sociocultural em Portugal*. Amarante: intervenção-  
Associação pra a promoção e divulgação cultural.
- Lopes, M. (2008). <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/pdf/ac105.pdf>.  
(I. –A. Cultural, Editor)
- López & Haro. (2009). *Alternativas socioeducativas para las personas mayores*.  
Madrid: Dikinson.
- López & Haro. (s/d). *La Animacion sociocultural como alternativa para las personas mayores*. Obtido de  
<http://www.redadultosmayores.com.ar/buscador/files/EDUCA009.pdf>.
- Mallon, I. (Maio 2008). *Les manières de vivre en maison de retraite, les âges de la vie*.  
Sciences humaines ,nº 193, 52, 53.
- Mendia, B. R. (1987). *Una propuesta de formacion de personas mayores como animadores de grupis de personas mayores*. II Encuentros sobre marginacion de Euskadi-Comunicación, 30-31 de Octubre /1 de Noviembre. Bilbao.
- OMS. (2005). *Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-America, da saúde.
- Patrício, P. (1901). *Resumo Histórico da Fundação e Desenvolvimento da Venerável Orde [redacted] ...por um Irmão*. Porto.
- Paúl, & Fonseca. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climpsi.
- Paúl, C. (1996). *Psicologia dos idosos. O envelhecimento em meios urbanos*. Braga: sistemas humanos e orgazacionais.
- Paúl, C. (Dezembro de 2005). *Os idosos no futuro*. Pretextos - Segurança social Nº20, pp. 16-17.

- Paúl, C. (2012). *Manual de Gerontologia, aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lidel.
- Pereira, J. (2013). *Animacão Sociocultural Gerontologia e Geriatria, A intervenção social, Cultura e Educativa na Terceira Idade*. Chaves: Intervenção.
- Quaresma, M. C. (1995). *Inventário artístico de Portugal*. Lisboa : Academia Nacional de Belas-Artes.
- Quaresma, M. d. (2007). *Envelhecer com futuro*. Forum Sociológico, pp. 37-42.
- Quivy, R. &. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Edições Gradiva.
- Regulamento dos asilos e de outras seções de idênticos fins, pertencentes à Venerável*  
[REDACTED] (1954). Porto.
- Rosário, A. C. (13 de março de 1999). *Um tesouro escondido por debaixo da igreja*. Jornal de Notícias, Grande Porto.
- Santos, B. S., & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Revista Lusófona de Educação, 13, p. 183.
- Semedo, A. (2006). *Introdução: O domínio da prática*. Em A. S. Coord., *Museus, Discursos e Representações*. Porto: Edições Afrontamento.
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de projetos sociais- casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Setton, M. d. (Maio/Jun/Jul/Ago de 2002). *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Faculdade de Educação, Revista Brasileira de Educação. nº 20.
- Séve, L. (2010.). *Para uma terceira idade activa. O que é “envelhecer bem”?* Le Monde Diplomatique, Edição portuguesa.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice*. Porto: Ambar.
- Singly e Mallon, I. (2000). *A proteção de si no lar de idosos*. Lisboa: Dom Quixote.
- Trilla, J. (2004). *Animacão Sociocultural - Teórias, programas e âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Trilla, J. (1997). *Animación sociocultural-teorías programas e ámbitos*. Barcelona: Ariel educación.

## ANEXOS

## ANEXO 1 - Processo Individual dos Residentes

POPULAÇÃO

Nome **Carlos Fernandes Moreira**

Categoria **lar** **An. tónio Silva Marinho** Data de entrada **26 Janeiro 2015**

Imeobeneficiado **Nº30-053**

Admitid em ..... de .....

Estado **Viuvo** ..... cl ..... de .....

Naturalidade do cônjuge: **Freguesia Vitória** ..... **Concelho Porto**

Data do Casamento: ..... de .....

Na freguesia de ..... **Concelho**

Profissão **Aposentado**

Naturalidade: **Freguesia de** ..... **Concelho**

Data do nascimento **20 de Janeiro de 1928**

Filh de **Manuel Martins Moreira / Maria Fernandes Moreno**

e de ..... **Concelho**

Natural da freguesia ..... **Concelho**

Natural da freguesia ..... **Concelho**

Residência .....

Observações: .....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

## ANEXO 2 - Inquérito relativos às características físicas e arquitetónicas (ICFA)

## SAMES-LAR

### Inquérito relativo às Características Físicas e Arquitetónicas (ICFA)

Nome da instituição-----

Tipo de instituição-----

-

Organismo de que depende-----

Tempo de existência da instituição-----

Data-----

## SEÇÃO I - ARREDORES DA INSTITUIÇÃO

### 1. O seu enquadramento:

URBANO ☐

SUBURBANO ☐

RURAL\* ☐

\* Se for rural, qual é a distancia da cidade mais próxima-----

### 2. Em que tipo de zona é que a instituição esta inserida?

Zona residência, com vivendas baixas (unifamiliares) ☐

Zona residência, com vivendas de piso ☐

Zona comercial ☐

Ambas (residencial/ comercial) ☐

Outros especificar ☐

### 3. A instituição está toda num edifício? Sim ☐ Não ☐

Se sim, quantos andares é que tem o edifício-----

Quantos anos tem o edifício-----

### 4. Se a instituição tem mais que um edifício:

Quantos andares tem o edifício mais baixo?-----

Quantos andares tem o edifício mais alto-----

Quantos andares tem o edifício mais antigo-----



5. Os seguintes recursos estão localizados a que distancia da instituição (cerca de 500m)

- |                           |                          |
|---------------------------|--------------------------|
| Mercearia                 | <input type="checkbox"/> |
| Centro de dia de idosos   | <input type="checkbox"/> |
| Igreja e lugares de culto | <input type="checkbox"/> |
| Drogaria                  | <input type="checkbox"/> |
| Cineteatro                | <input type="checkbox"/> |
| Biblioteca pública        | <input type="checkbox"/> |
| Banco                     | <input type="checkbox"/> |
| Consultório-medico        | <input type="checkbox"/> |
| Correio                   | <input type="checkbox"/> |
| Hospital                  | <input type="checkbox"/> |
| Dentista                  | <input type="checkbox"/> |
| Parque                    | <input type="checkbox"/> |

6. A cidade onde esta instituição está inserida tem rede de transportes públicos?

Sim ☐

Não ☐

6a. Se sim, tem horário regular e frequente?

Sim ☐

Não ☐

7. Há alguma paragem de autocarro a uma distância fácil de percorrer a pé (500m)?

Sim ☐

Não ☐

7a. Se sim, tem bancos? Sim ☐ Não ☐

7b. Se sim, tem um abrigo? Sim ☐ Não ☐

7c. Se sim, tem um horário regular e frequente? Sim ☐ Não ☐

8. Existe iluminação nas ruas? Sim ☐ Não ☐

9. Pode-se passear sozinho e seguro na área, durante a noite? Sim ☐ Não ☐
10. Pode-se passear nas imediações da instituição com segurança? Sim ☐ Não ☐
11. Existe alguma poluição industrial ou urbana na área da instituição? Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre os arredores da instituição:

-----

-----

## SEÇÃO II- EXTERIOR DO EDIFÍCIO

1. A entrada principal tem abrigo contra o sol ou a chuva? Sim ☐ Não ☐
2. A área exterior do edifício está bem iluminada de forma a permitir que as pessoas circulem sem perigo? Sim ☐ Não ☐
3. O passeio exterior e a entrada são visíveis:
- 3a. De lugares sentados no *hall* de entrada ou de um espaço social no rés-do-chão? Sim ☐ Não ☐
- 3b. Do gabinete de algum funcionário? Sim ☐ Não ☐
4. Existem bancos no exterior do edifício? Sim ☐ Não ☐
- 4a. São visíveis do *hall* de entrada ou do espaço social do rés-do-chão?  
Sim ☐ Não ☐
- 4b. São visíveis do gabinete de algum funcionário? Sim ☐ Não ☐
- 4c. Têm abrigo contra o mau tempo? Sim ☐ Não ☐
- 4d. Permitem ver passear os piões ou outro tipo de movimento? Sim ☐ Não ☐
5. Existe algum pátio para uso dos residentes? Sim ☐ Não ☐
6. Se existe uma área exterior? Sim ☐ Não ☐
- 6a. Existem mesas disponíveis? Sim ☐ Não ☐
- 6b. Existem mesas com guarda-sol? Sim ☐ Não ☐
- 6c. A mobília do exterior está em boas condições? Sim ☐ Não ☐
- 6d. Existe uma área coberta por um resguardo da chuva? Sim ☐ Não ☐
- 6e. Existe uma área com proteção contra o sol (toldo, árvores...)? Sim ☐ Não ☐

6f. Existe um churrasco? Sim ☐ Não ☐

6g. Existe uma área de jogo? Sim ☐ Não ☐

7. Existe uma área de jardim para uso dos residentes? Sim ☐ Não ☐

8. Existe uma área com relvado? Sim ☐ Não ☐

9. Existe um estacionamento reservado aos deficientes? Sim ☐ Não ☐

10. Existe um estacionamento reservado aos funcionários? Sim ☐ Não ☐

11. Existe um estacionamento reservado aos visitantes? Sim ☐ Não ☐

12. Existem bocas de incendio? Sim ☐ Não ☐

13. Existem escadas de emergência em caso de incendio? Sim ☐ Não ☐

14. Qual a superfície total da área exterior? Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre o exterior do edifício:

-----  
-----

### SEÇÃO III- INTERIOR DO EDIFÍCIO

#### PARTE I- HALL E ZONA DE ENTRADA

1. Pode-se entrar no edifício sem ter de usar a escadas? Sim ☐ Não ☐

2. Só existe uma porta para aceder à instituição? Sim ☐ Não ☐

3. Existe campainha ou sistema de chamada, no exterior Sim ☐ Não ☐

3a. Se sim, esta suficientemente visível? Sim ☐ Não ☐

4. A porta de entrada abre-se automaticamente? Sim ☐ Não ☐

5. A porta de entrada fecha-se automaticamente? Sim ☐ Não ☐

6. A porta da frente é suficientemente larga para passar uma cadeira de rodas?

Sim ☐ Não ☐

7. Existe alguém que habitualmente controla o acesso ao edifício? Sim ☐ Não ☐

8. Existe uma área ou um balcão de receção? Sim ☐ Não ☐

9. Existe algum tipo de registro onde os visitantes possam deixar os seus dados pessoais?

Sim ☐ Não ☐

10. Existe *hall* de entrada? Sim ☐ Não ☐

10a. Se sim, qual é aproximadamente a sua área? Sim ☐ Não ☐

11. Existem assentos no *hall*? Sim ☐ Não ☐

12. Existe alguma sala de estar junto da entrada (para além do *hall*)? Sim ☐ Não ☐

12a. Se sim, esta equipada para pessoas descansarem e conversarem? Sim ☐ Não ☐

13. Pode ver-se o *hall* ou área de entrada da sala de estar ou de outro espaço social do andar de baixo? Sim ☐ Não ☐

14. Existe pelo menos um relógio de parede no *hall* ou na zona de entrada?

Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre o interior do edifício:

-----  
-----

## PARTE II- CORREDORES E ESCADAS

1. Qual é a largura dos corredores?-----m

2. Os corredores estão cheios de pessoas ou existem obstáculos (ex. cadeira de rodas, carros de comida, equipamentos de limpeza)? Sim ☐ Não ☐

3. Existem corrimões nos corredores? Sim ☐ Não ☐

4. Os corredores estão decorados? Sim ☐ Não ☐

5. Existem “fontes” de água para beber? Sim ☐ Não ☐

5a. Se sim, quantos por andar? Sim ☐ Não ☐

5b. São acessíveis a residentes com cadeiras de rodas? Sim ☐ Não ☐

6. Existem telefones públicos? Sim ☐ Não ☐

6a. Se sim, quantos por andar? Sim ☐ Não ☐

6b. Existe uma superfície para escrever junto do telefone? Sim ☐ Não ☐

6c. Existe pelo menos um telefone acessível a residentes com cadeiras de rodas?

Sim ☐ Não ☐

6d. Existe pelo menos um telefone com regulador de volume do som para residentes com problemas de audição? Sim ☐ Não ☐

- 6e. A zona onde esta o telefone esta suficientemente iluminada? Sim ☐ Não ☐
- 6f. A zona onde está o telefone encontra-se isolada de ruídos? Sim ☐ Não ☐
7. Existem detetores de incendio nos corredores? Sim ☐ Não ☐
8. Os residentes têm que subir escadas para ir para as áreas que lhe são reservadas?
9. As escadas são bem iluminadas de forma a permitir a circulação sem perigo?
10. Existem superfícies antiderrapantes nas escadas e nas rampas? Sim ☐ Não ☐
11. Cada andar ou corredor está assinalado com uma cor ou número? Sim ☐ Não ☐
12. Os nomes dos residentes estão colocados nas portas ou ao lado destas? Sim ☐ Não ☐
13. Existem portas contra incêndios? Sim ☐ Não ☐
14. Existe algum tubo deslizador ou rampa de emergência? Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre os corredores e escadas:

-----

-----

## PARTE II- SALÕES DE ESTAR E ESPAÇOS RECREATIVOS

1. Existe alguma zona de salas de estar e de salas comunitárias (não considerar estas elementos em nenhuma outra categoria)? Sim ☐ Não ☐
- 1a. Se sim, quantas existem? -----
- 1b. Qual é a área da sala mais pequena?-----
- 1c. Qual é a área da sala de estar maior?-----
- 1d. Qual a superfície total das salas -----
- 1e. Qual é a superfície total das salas?-----
2. Algumas dessas salas é próxima da entrada ou de um corredor muito utilizado?  
Sim ☐ Não ☐
3. Existem secretarias ou mesas adequadas para escrever? Sim ☐ Não ☐
4. Existem pequenas mesas para as pessoas se sentarem a conversar ou a jogar?  
Sim ☐ Não ☐
5. Existem jornais, revistas ou livros disponíveis nas mesas ou nas prateleiras?  
Sim ☐ Não ☐
6. Existem candeeiros de mesa? Sim ☐ Não ☐

7. A mobília está suficientemente espalhada para que as cadeiras de rodas possam circular? Sim ☐ Não ☐
8. Existe uma sala de estar sossegada sem TV? Sim ☐ Não ☐
9. Existe uma sala de espetáculo? Sim ☐ Não ☐
10. De que material são as cadeiras e sofás das salas comuns? Sim ☐ Não ☐
11. A altura das cadeiras e sofás está entre os 42- 46 cm? Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre as salas de estar e comunitárias:

-----

-----

#### PARTE IV- ÁREAS RECREATIVAS OU ATIVIDADES ESPECIAIS

1. Existem áreas concebidas para atividades recreativas ou especiais? (não registrar estas áreas noutra categoria) Sim ☐ Não ☐
  - 1a. Se sim, quantas?-----
  - 1b. De que tamanho é a área mais pequena?-----m<sup>2</sup>
  - 1c. De que tamanho é a área maior?-----m<sup>2</sup>
  - 1d. Qual a superfície total destas áreas ----- m<sup>2</sup>

2. Existe uma biblioteca? Sim ☐ Não ☐

3. Existe uma sala destinada às atividades de música? Sim ☐ Não ☐

Existem algum dos seguintes materiais para atividades recreativas ou especiais:

4. Mesa de bilhar? Sim ☐ Não ☐
5. Mesa de *ping-pong*? Sim ☐ Não ☐
6. Piano ou órgão ou outros instrumentos? Sim ☐ Não ☐
7. Um ou mais aparelhos de TV? Sim ☐ Não ☐
8. Um ou mais gira discos/leitores de CD? Sim ☐ Não ☐
9. Um ou mais rádios? Sim ☐ Não ☐
10. Uma ou mais máquinas de costura? Sim ☐ Não ☐

## 11.Outros (especificar)

-----  
-----

Comentários sobre as áreas de atividades recreativas e atividades especiais:

-----  
-----

## PARTE V - ÁREA DE REFEIÇÕES

1.Existe alguma área específica para refeições? Sim ☐ Não ☐

1a. Se sim, quantas existem?-----

1b. Que área tem a sala de refeições mais pequena?----- m<sup>2</sup>

1c. Que área tem a sala de refeições maior?----- m<sup>2</sup>

1d. Qual a superfície total das salas de refeições?----- m<sup>2</sup>

2. Existem pequenas mesas com menos de 6 lugares? Sim ☐ Não ☐

3.O espaço entre as mesas é de pelo menos 1,50m? Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre as áreas de refeição?

-----  
-----

## PARTE VI – ÁREAS DE PESSOAL E GABINETES

1. Existem gabinetes para o pessoal da direção? Sim ☐ Não ☐

2. Existem gabinetes para o pessoal da secretaria e administração? Sim ☐ Não ☐

3. Existem gabinetes para os serviços sociais? Sim ☐ Não ☐

4. Existem gabinetes para os serviços de psicologia? Sim ☐ Não ☐

5. Existem mais gabinetes disponíveis para outro tipo de serviços?

6. O ambiente nos gabinetes não é sujeito a distrações provenientes de outras atividades?

7. Existe alguma sala separada para tratar do correio, tirar cópias, ou imprimir?

Sim ☐ Não ☐

8. Existe sala de estar para o pessoal? Sim ☐ Não ☐

8a. Que tamanho tem?----- m<sup>2</sup>

8b. É suficientemente confortável?

9. Existe sala de reuniões do pessoal?

10. Qual é o efetivo total do pessoal (em equivalentes de tempo inteiro)?-----

11. Existe algum vestiário para uso do pessoal? Sim ☐ Não ☐

11a. É independente? Sim ☐ Não ☐

11b. Tem chuveiros? Sim ☐ Não ☐

11c. Tem cacifes? Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre as áreas do pessoal e dos gabinetes:

-----  
-----

## PARTE VII - SERVIÇOS GERAIS

1. Existe um mapa de recursos da comunidade ou dos serviços e/ou recursos do próprio lar, disponível num local público e convenientemente colocado?

Sim ☐ Não ☐

2. Existe um boletim de atividades localizado num local público? Sim ☐ Não ☐

3. Está afixada uma lista do pessoal diretivo e administrativo num local público?

Sim ☐ Não ☐

4. Os nomes do pessoal diretivo e técnico estão colocados na porta dos gabinetes?

Sim ☐ Não ☐

5. Está afixada uma lista com os nomes dos membros da junta de freguesia?

Sim ☐ Não ☐

6. Existe um sistema com altifalante? Sim ☐ Não ☐

7. Existe um sistema de ar condicionado? Sim ☐ Não ☐

8. Existe capela ou sala de meditação? Sim ☐ Não ☐

9. Existe alguma loja de prendas ou de outros artigos de uso geral? Sim ☐ Não ☐



10. Existe alguma área de cozinha onde um residente ou uma visita possa fazer um café, aquecer uma sopa ou algo semelhante? Sim ☐ Não ☐
11. Existe algum bar ou cafetaria? Sim ☐ Não ☐
- 11a. Se sim, serve comida e residentes, pessoal ou visitantes? Sim ☐ Não ☐
- 11b. Que altura tem o balcão? Sim ☐ Não ☐
- 11c. Existem cadeiras e mesas colocadas de forma a facilitar as relações sociais? Sim ☐ Não ☐
12. Existem máquinas automáticas de distribuição de sumos, café ou chocolate? Sim ☐ Não ☐
13. Existe uma lavandaria para uso dos residentes? Sim ☐ Não ☐

Comentários sobre os serviços gerais da instituição:

-----

-----

## PARTE VII- CASAS DE BANHO E AREAS DE HIGIENE PESSOAL

1. Existem soleiras nas entradas?
- Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
2. As portas dos quartos de banho abrem para fora ou são portas de correr?
- Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
3. Existem corrimões ou barras de segurança?
- Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
4. Existem barras de ajuda junto da sanita?
- Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
5. Existem prateleiras e toalheiros acima de 1m em relação ao chão?
- Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
6. Existem espelhos nas casas de banho?
- Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐

7. Existem superfícies anti derrapantes em todas as áreas sujeitas à humidade?  
Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
8. Existem campainha de chamada nas casas de banho?  
Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
9. Existe margem de manobra para cadeiras de rodas?  
Sempre/quase sempre ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
10. Que superfície tem a casa de banho mais pequena?----- m<sup>2</sup>
11. Que superfície tem a casa de banho maior?----- m<sup>2</sup>
12. Qual é o maior número de residentes que partilham a mesma casa de banho?-----
13. Todos os residentes têm acesso a uma banheira ou a chuveiro? Sim ☐ Não ☐
- 13a. Quantas banheiras existem? Sim ☐ Não ☐
- 13b. Quantos chuveiros existem? Sim ☐ Não ☐
- 13c. As casas de banho têm chuveiros flexíveis? Sim ☐ Não ☐
- 13d. Os chuveiros têm assentos? Sim ☐ Não ☐
- 13e. Existe um chuveiro com acesso para cadeira de rodas? Sim ☐ Não ☐
14. Qual é a altura da sanita?
15. Qual é a altura dos lavatórios?

Comentários sobre as casas de banho e áreas de higiene pessoal?

-----

-----

## PARET XI- QUARTOS INDIVIDUAIS E APARTAMENTOS

1. Quantos quartos e/ ou apartamentos existem no conjunto?-----
2. Quantos residentes existem atualmente?-----
3. Qual é o maior número de residentes que partilham?-----

As seguintes caraterísticas estão presentes nos quartos ou apartamentos individuais:

4. Existem candeeiros de parede ou mesa que deem luz adequada para ler?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
5. Existe algum terraço?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
6. O chão é claro?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
7. As paredes são claras?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
8. Existe controlo individual do aquecimento?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
9. Existe controlo individual do ar condicionado?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
10. Existe telefone ou ligação telefónica com o exterior?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
11. Existe espaço para a utilização da cadeira de rodas?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
12. Existem corrimões?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
13. Existem detetores de incêndio?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
14. De que materiais são as cadeiras e sofás dos quartos?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
15. Existe botão de chamada ou ligação telefónica interna em todos os quartos?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
16. Os apartamentos possuem a sua própria cozinha?  
Sempre/quase sempre ☐ algumas vezes ☐ Poucas vezes ou nunca ☐
17. De que tamanho é o quarto ou apartamento mais pequeno?----- m<sup>2</sup>
18. De que tamanho é o quarto ou apartamento maior?----- m<sup>2</sup>
19. De que tamanho é o espaço mais pequeno que serve de armário para uma pessoa?  
-----m<sup>2</sup>
20. De que tamanho é o espaço maior que serve de armário para uma pessoa?  
-----m<sup>2</sup>
21. Qual é a altura das camas?-----m

Comentários sobre os quartos individuais ou apartamentos:

-----

-----

ANEXO 3 - Inquérito relativo às características da organização e funcionamento  
(ICOF)

## SAMES-LAR- Serviços Administrativos

### Inventário das características da Organização e Funcionamento (ICOF)

Nome da Instituição-----

Quanto tempo está em funcionamento-----

Tipo de Instituição-----

Organismo de que depende-----

Ficha de avaliação-----

Nome do avaliador-----data-----

#### Secção 1 - Aspetos económicos de ingresso

	Sim	Não	N/A?
1.Existe entrada inicial de ingresso?			
1a.Se sim, qual é a importância?			
Entrada máxima			
Entrada mínima			
2.Qual é a mensalidade para os residentes que não recebem pensão?			
Mensalidade máxima			
Mensalidade mínima			
2a.Quais os serviços que inclui esta mensalidade			
Habituação			
Limpeza			
Alimentação			
Cuidado pessoal			
Assistência médica			
Outros....			
3.As mensalidades são em função da reforma que recebem os residentes?			
4.Existe na admissão do residente, um tempo de adaptação antes de ser aceite definitivamente?			
5.É necessária idade mínima para poder ingressar?			
5a. Se sim, qual.			
6. Existe uma lista de espera para o ingresso na Instituição?			
6 a. Se a resposta é sim, qual é o número aproximado que tem a lista			
7.Qual é a capacidade total da Instituição? Quantas pessoas podem viver nela?			
Quantas pessoas vivem na Instituição atualmente?			

Comentários sobre aspetos económicos e ingresso na Instituição:

.....  
.....  
.....  
.....

## Secção II- Caraterísticas e tipos de habitação

1. Se a Instituição está dividida **em quartos**: -----
- 1 a .Qual é o número total de quartos? -----
1. b Quantos quartos singulares existem na Instituição? -----
- 1.c Quantos quartos duplos existem na Instituição? -----
- 1.d Quantos quartos triplos existem? -----
- 1.e Quantos quartos existem para quatro residentes? -----
- 1.f Qual é o máximo de residentes que comporta um quarto? -----
- 1.g Quantos quartos de banho existem? -----
- 1.h Quantos quartos de banho são compartilhados por dois residentes? -----
- 1.i Quantos quartos de banho são compartilhados por três ou mais residentes? -----
- 1.j Qual é o número máximo de residentes que compartilham o mesmo quarto de banho? -----
2. Se a residência está dividida **em apartamentos**: -----
- 2.a Quantos apartamentos existe para os residentes? -----
- 2.b Quantos apartamentos com estúdio existem? -----
- 2.c Quantos apartamentos existem com um quarto? -----
- 2.d Quantos apartamentos existem com dois quartos? -----

### 3. Para todas as residências:

	Sim	Não
3.a Existem quartos ou apartamentos mobilados?		
3.b Os residentes têm as suas próprias caixas de correio?		
3.c As casas de banho têm todas fechaduras?		
3.d No caso de um quarto ser compartimentado por duas pessoas, as zonas de dormitório estão separadas de alguma forma?		

Comentários sobre as características e tipos de habitação da Instituição:

-----

-----

-----

-----

## Secção III - Política Organizativa

### Parte I- informação geral

1.Qual é o organismo a que pertence a Instituição?

Privado, especificar-----

Público, especificar-----

Estatal-----

Comunidade autónoma-----

Provincial-----

Local-----



	Sim	Não
2.Na Instituição existe Conselho de Direção?		
2.a Se sim, quantas pessoas o compõem?		
2b. Com que frequência se reúne o Conselho?		
Uma vez por mês?		
Uma vez por trimestre?		
Uma vez por ano?		
3.Se existe um Conselho de Direção, tem alguma autoridade para regular a vida diária dos residentes, as atividades e todos os serviços oferecidos?		
4.Outros membros do pessoal e outros Diretores assistem regularmente às reuniões?		
5.Existem guias para os residentes, normas, horários de serviço e atividades?		
6.Existe um guia para o pessoal? (organização, tratamento dos residentes)		
7.Na Instituição existe um programa de orientação para os novos residentes?		
8. Na Instituição existe um programa de orientação para o novo pessoal?		
9. Estão estabelecidas reuniões de trabalho para a equipa multiprofissional?		
10. Se sim, com que frequência se realizam?		

Comentários sobre a política organizativa da Instituição:

-----

-----

-----

-----

## SAMES-LAR-

### PARTE II (Direção e pessoal auxiliar)

#### Inventário das características da Organização e Funcionamento (ICOF)

	Fomentado	Permitido	Desencorajado	Não permitido
1.Beber álcool no próprio quarto.				
2.Ter móveis próprios no quarto.				
3.Mudar de lugar os móveis no quarto.				
4.Ter peixes ou pássaros no quarto.				
5.Ter um fogão no quarto.				
6. Ter cafeteira elétrica no quarto..				
7. Lavar alguma roupa no quarto de banho (roupa interior, meias).				
8. Beber vinho ou cerveja às refeições				
9. Não tomar pequeno-almoço para dormir mais.				
10.Fechar à chave a porta do quarto.				
11. Ter relações sexuais com outros residentes.				

Comentários sobre as normas, condutas e haveres pessoais.

.....  
.....  
.....

#### Parte III -Expetativas relativas ao nível de habilidades funcionais

	Permitido	Tolerado	Desencorajado	Não tolerado
1. Fazer a cama.				
2.Incapacidade para limpar a habitação.				
3. Comer sozinho				
4.Tomar banho e arranjar-se.				
5. Vestir-se.				
6. Incontinência urinária e fecal.				
7. Confusão e orientação				
8. Depressão (choro frequente, tristeza)				

Comentários sobre as expectativas relativas ao nível das habilidades funcionais na Instituição:

.....

.....

.....

.....

**Parte IV- Normas relativas a possíveis problemas de conduta**

	Permitido	Tolerado	Desencorajado	Não tolerado
1.Negar-se a tomar medicamentos prescritos				
2.Tomar medicamentos não prescritos				
3.Ingestão excessiva de medicamentos				
4.Embebedar-se				
5.Sair durante a noite sem deixar aviso.				
6. Recusar tomar banho ou arranjar-se				
7. Fazer ruído				
8. Tirar coisas a outro residente.				
9.Estragar ou destruir coisas de outros (livros...) intencionalmente.				
10. Ameaçar verbalmente outros residentes.				
11.Ameaçar verbalmente algum membro do pessoal.				
12. Agredir fisicamente outros residentes.				
13.Agredir fisicamente algum membro do pessoal.				
14.Tentativas de suicídio				
15. Exibir-se de forma imoral				

Comentários sobre as normas relativas a possíveis problemas de conduta na instituição.

.....

.....

.....

.....

**Parte V- Participação dos residentes.**

	Sim	Não
1.Existe algum residente que realize trabalhos não-remunerados na Instituição?		
1a Se sim, quantos residentes trabalham?		
2. Existe Conselho de residentes		
2a Se sim, quantos residentes o compõem		
3. Existem Assembleias regulares de residentes?		
3a No caso de existir assembleias, com que frequência se realizam?		
4.Existe Comité de residentes (ou Comitês em que participem residentes)?		
4a Se sim, quantos existem?		

Descreva os Comitês mais importantes, o número de residentes em cada comité e a frequência com que se reúnem:

Nome do Comité	Número de residentes membros	Frequência das reuniões
.....	.....	.....
.....	.....	.....

	Sim	Não
5. Existe boletim informativo?		
5a.Se sim, com que frequência se imprime?		
5b O boletim é redigido pelos residentes?		
6.Existe um quadro informativo?		

6ª. Se existe, é utilizado pelos residentes?		
6b. Estão expostas as normas e regras num quadro ou noutro local adequado?		

Comentários sobre a participação dos residentes na instituição.

.....

.....

.....

.....

## Parte VI - Tomada de decisões

Em que medida participam os residentes na tomada de decisões das seguintes áreas.

	Decide a Direção	Decide a Direção e tem em conta os residentes	Decidem os residentes e têm em conta a direção	Decidem os residentes
1.Organizar eventos (como festas ou filmes)				
2.Organizar atividades educativas como conferências ou oficinas				
3.Organizar atividades de boas-vindas e orientação				
4.Decidir sobre a conveniência de novos programas - atividades				
5.Fazer menus de refeições				
6.Estabelecer horários de refeições				
7.Estabelecer horários de visitas				
8.Decidir sobre a decoração de áreas comuns (quadros, plantas)				
9.Ocupar-se das medidas de segurança				
10.Atender e encaminhar a s queixas dos residentes				
11.Elaborar regras sobre o consumo de álcool.				
12.Mudar o quarto ou apartamento a um residente.				
13.Decidir sobre a expulsão de um residente que crie problemas.				

Comentários sobre a tomada de decisões:

.....

.....

.....

.....

#### Secção IV- Serviços e atividades

Por favor, indique quais dos seguintes serviços se proporcionam na Instituição e o número de residentes que aproximadamente os utilizam

	Sim	Não	Nenhum residente
1.Horário regular de consulta médica			
2.Médico de urgência			
3.Horário de enfermagem			
4.Existe enfermagem de noite ou de guarda			
5.Assistência na tomada de medicamentos			
6.Clinica			
7. Fisioterapia			
8.Podólogo			
9. Terapia ocupacional			
10.Psicoterapia e assistência psicológica			
11.Serviço religioso			
12.Apoio legal			
13.Assistência em matéria de banca ou outra atividade financeira			
14.Assistência nas limpezas do apartamento ou quarto			
15. Serviço de assistência na preparação da comida			
16. Assistência no cuidado pessoal			
17.Serviço de cabeleireiro			
18.Serviço de lavandaria.			
19.Assistência para realizar compras			
20.Existe transporte da instituição (minibus)			
21. Administração de gastos pessoais dos residentes.			
22. Loja			

Comentários sobre os serviços:

.....

.....

.....

.....

## Parte II- Serviços adicionais

	Sim	Não
1.Serve-se o pequeno-almoço diariamente?		
1a A que horas é o pequeno-almoço		
1b Quantos residentes utilizam este serviço num dia normal		
2.Serve-se o almoço diariamente?		
2a A que horas é servido o almoço?		
2b Quantos residentes utilizam este serviço diariamente?		
3.Serve-se jantar diariamente?		
3a A que horas é servido o jantar		
3b Quantos residentes utilizam este serviço diariamente		
4.Serve-se lanche?		
4a Quantos residentes utilizam este serviço diariamente		
5. Existe menus especiais para o colesterol, hipertensão...		
5a Quantos residentes utilizam este serviço diariamente		
6. Os residentes podem sentar-se onde desejam durante as refeições		
7. Acordam-se os residentes a uma hora determinada		
7a Se sim, a que horas?		
Antes das 7 h.....		
Entre as 7h e as 8h.....		
Entre as 8h e as 9h.....		
Depois das 9h.....		
8.Espera-se que os residentes tomem banho ou se, arranjem a uma hora determinada?		
9.Existe uma hora estabelecida que se espera que os residentes se deitem (por exemplo apagam-se as luzes)		
Antes das 20h.....		
Entre as 20 h e as 21h.....		
Entre as 21h e as 22h.....		
Depois das 22h.....		
10.Existe uma hora para os residentes estarem na instituição?		
10a Se sim, a que horas?		
Antes das 21 h		
Entre as 21 h e as 22 h		
Entre as 22 h e as 23 h		
Depois das 23 h		
11. O pessoal faz a contagem dos residentes para confirmar se falta alguém?		
12. As portas de algumas dependências (sala de refeições, terapia ocupacional, escadas ... são fechadas a determinadas horas?		
13. O horário das visitas é fixo		
13 a Se sim, a que horas?		
14. Existe sala de visitas para uso dos residentes?		

Comentários sobre os serviços adicionais da residência:

.....

.....

.....

.....

### Parte III - Atividades que têm lugar na Instituição

Para cada atividade, indique a sua frequência e o número de residentes que participam.

	Muito raramente ou nunca	Soment e umas poucas vezes ao ano	Uma vez no mês	Uma vez na semana	Nenhum residente participa
Exercício físico ou outra atividade					
Distração ou espetáculos					
Grupos de discussão					
Grupos de orientação sobre a vida diária					
Grupo de teatro, canto ou outros					
Conferências ou oficinas					
Bingo jogos de cartas, outros jogos					
Festas					
Serviços religiosos					
Trabalhos manuais					
Programas preventivos					

Comentários sobre as atividades que tem lugar na Instituição:

.....

.....

.....

.....

**Muito obrigada pela sua colaboração.**



## ANEXO 4 - Inquérito sobre a informação pessoal (IP)

## Inquérito de Informação Pessoal

### 1.Dados gerais

Nome\_\_\_\_\_

Idade\_\_\_\_\_ Data-----

Sexo: Fem. ☐ Mas. ☐

Estado civil: Casado ☐ Solteiro ☐ Viúvo ☐ Sep. / Div. ☐

Habilitações académicas-----

Naturalidade-----

Qual era a sua profissão -----

Há quanto tempo reside aqui-----

Quais os motivos de ingresso na instituição -----

-

Problemas económicos-----☐

Medo da solidão-----☐

Problemas de saúde-----☐

Outros motivos (especificar)-----☐

Compartilha a sua habitação com alguém?

Se sim, com quantas pessoas?

### 2. Habilidades funcionais

Por favor, marque com um X o nível de ajuda que necessita para realizar cada uma das atividades.

	Não necessito de ajuda	Necessito de alguma ajuda	Necessito de toda a ajuda	Pontuação
1. Cuidados pessoais (pentear-se ou fazer a barba)	-----	-----	-----	-----
2. Comer	-----	-----	-----	-----
3. Vestir-se ou despir- se.	-----	-----	-----	-----
4. Andar.	-----	-----	-----	-----
5. Levantar-se ou deitar-se.	-----	-----	-----	-----
6. Tomar banho ou duche.	-----	-----	-----	-----
7. Administrar dinheiro (pagar faturas).	-----	-----	-----	-----
8. Usar telefone.	-----	-----	-----	-----
9. Ir as compras.	-----	-----	-----	-----

### 3. Nível de atividade

**Por favor, marque a (s) atividade (s) que realizou na semana passada:**

- |  |       |
|--|-------|
| 1.Ver a televisão.   | ----- |
| 2. Ouvir música.   | ----- |
| 3.Ler o jornal ou um livro.                                    | ----- |
| 4. Escrever cartas, poemas.                                    | ----- |
| 5. Costurar.   | ----- |
| 6. Jogar às cartas, damas, xadrez ou dominó.                   | ----- |
| 7.Jogar bilhar, bingo ou similares.                            | ----- |
| 8. Desenhar ou pintar.   | ----- |
| 9. Fotografar, carpintaria, cerâmica, ou algum entretenimento. | ----- |
| 10.Cuidar de plantas, horticultura ou jardinagem.              | ----- |
| 11.Visitar outros residentes.                                  | ----- |
| 12.Sair à rua  | ----- |
| 3.Dar um passeio   | ----- |

**Regra geral com que frequência realiza as seguintes atividades fora da instituição, marque com um X a opção que mais se ajuste ao seu caso.**

	Raramente/nunca	Poucas vezes ao ano	Uma ou duas vezes ao mês	Uma vez por semana ou mais
1. Visitar amigos ou parentes				
2. Ir de viagem ou excursão				
3. Assistir a uma atividade desportiva				
4. Merendar no campo				
5. Assistir a serviços religiosos				
6. Assistir a um funeral ou aniversário				
7. Comer no restaurante				
8. Assistir a um concerto ou representação				
9. Ir ao cinema				
10. Participar numa reunião				
11. Realizar algum trabalho voluntário ou remunerado				
12. Sair á noite (jantar, espetáculo)				
13. Visitar outra residência sénior				

#### 4. Autoinformação de saúde física

1. Quantas vezes foi ao médico durante último mês? -----

2. Quantos medicamentos toma atualmente? -----

3. Quantos dias permaneceu na enfermaria, este último ano? -----

4. Quantos dias permaneceu hospitalizado neste último ano? -----

**5. Qual ou quais dos problemas padece atualmente?**

Dificuldade de mobilidade (andar) -----

Respiratórios (asma bronquite) -----

Aparelho circulatório (má circulação, hipertensão...) -----

Digestivos -----

Endócrinos -----

Urinários -----

Outros problemas -----

**6. Tem problemas nas seguintes áreas:**

Memória -----

Depressão -----

7. Tem alguma dificuldade de visão que o impeça de ler inclusive com óculos?      Sim              Não  
-----

8. Utiliza algum aparelho para ouvir ou deveria usar      -----

9. Em geral, como pensa que é o seu estado de saúde na atualidade? Por favor assinale com um X qual das seguintes categorias lhe parece mais adequada para defini- lo.

Excelente -----      Boa -----      Normal -----      Regular -----      Má -----

**Muito obrigada pela sua colaboração.**

## ANEXO 5 - Diagnóstico de necessidades



SAMES-LAR  
**Diagnóstico das necessidades – DN**

Nome \_\_\_\_\_  
Idade \_\_\_\_\_  
Sexo:    Fem. ☐                      Mas. ☐  
Data \_\_\_\_\_

Indique quais dos seguintes aspetos abaixo indicados poderiam ser melhorados nesta Instituição.  
Caso considere necessário melhorar algum destes aspetos, por favor especifique.

Sim   Não

**1. Relação entre os residentes**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**2. Relação entre pessoal e residentes**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**3. Características físicas e arquitetónicas**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**4. Organização da Instituição**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**5. Serviços médicos**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**6. Atividades de tempo livre, culturais, sociais (debates, excursões, etc.)**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**7. Horários**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**8. Serviço de refeições**

O que melhoraria? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**9. Limpeza das instalações**

O que melhoraria?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**10.Normas para as visitas**

O que melhoraria?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**11.Programas e atividades na Instituição (terapia ocupacional, reabilitação)**

O que melhoraria?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**12.Outros**

O que melhoraria?\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Muito obrigada pela sua colaboração.**

## ANEXO 6 - Estatutos da Instituição

## ESTATUTOS



DA CIDADE DO PORTO

CAPÍTULO I  
Instituição, Denominação, Sede, Natureza e Fins

Artigo 1.º  
(Da sua instituição e natureza)

1. A [REDACTED] da cidade do Porto é uma Instituição Particular de Solidariedade Social e, como tal, Pessoa Coletiva de Utilidade Pública.

2. Esta [REDACTED]  
[REDACTED], foi instituída em 13 de Julho de 1736 por um grupo de fervorosos devotos de Maria Santíssima, e formada por número ilimitado de Associados-designados por Irmãos Benéficos - , sendo a sua duração por tempo indefinido.

3. Tendo ela sido constituída por iniciativa dos fiéis e não da hierarquia da Igreja, é uma instituição privada com responsabilidade própria e autónoma perante a hierarquia eclesiástica, não se inserindo na ordem jurídica canónica, mas cumprindo os deveres de lealdade e obediência à Igreja Católica a quem humildemente procura servir; é pois uma instituição privada no foro canónico tal como o é no foro civil.

4. Desde a sua fundação sempre se tem esta Instituição considerado como uma Irmandade, na medida em que, quer os seus associados, quer os seus protegidos e beneficiados, quer os seus beneméritos quer os que lhe prestem relevantes serviços, são todos considerados como Irmãos e assim apelidados.

5. E também desde então tem ela sempre funcionado legalmente, regendo-se presentemente pelos Estatutos aprovados por Despacho do Subsecretário de Estado da Assistência Social, de 19 de novembro de 1348, os quais agora reforma, sem alteração dos seus fins, no sentido de os atualizar em função dos serviços que presta e de acordo com a legislação em vigor.

## Artigo 2.º

(Denominação e sede)

A [REDACTED],  
na cidade do Porto, adiante designada unicamente por Ordem, mantém a sua anterior e primitiva denominação e tem a sede em edifício próprio, sito na Praça Carlos Alberto, 32, Porto.

## Artigo 3.º

(Fins)

1. A Ordem tem como objetivo proteger os seus Irmãos na velhice, invalidez, doença e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho.

Para isso, além da sua atividade de promoção e proteção de saúde, através da prestação de cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação, são também fins da instituição:

a) Dum modo geral, dar proteção à terceira idade;

1.

b) Praticar a solidariedade e caridade cristãs, concedendo auxílios financeiros aos Irmãos necessitados, diretamente ou através de serviços a baixos custos ou gratuitos;

c) Celebrar na sua Igreja Privativa todos os atos de culto, de harmonia com a liturgia da Igreja Católica;

- d) Exercer, com a amplitude possível e tanto quanto os seus recursos financeiros o permitam, a sua ação beneficente, caritativa, instrutiva e piedosa, em favor dos seus irmãos, principalmente os mais necessitados;
- e) Dar inteiro cumprimento às disposições testamentárias e a quaisquer outras que tenha aceite ou venha a aceitar dos seus beneficiários.

2. Para cumprimento destes fins, a Ordem melhorará, quanto possível, os seus: Hospital, Centros e casas de Repouso, Escola Refeitórios, Igreja e Cemitério Privativos.

3. A Ordem poderá dedicar-se a outros campos, no âmbito da segurança Social, dando preferência aos mais carecidos na região.

4. O funcionamento das várias repartições e serviços da Ordem será regido por regulamento Geral Interno, o qual deverá manter-se sempre adaptado às realidades do tempo.

5. A Ordem tem como âmbito para o exercício dos seus fins todo o território Nacional.

## Capítulo II

Dos Irmãos: Categorias, Admissão, Direitos e Deveres

### Artigo 4º

(Categorias)

1. Há cinco categorias de Irmãos: os associados da Ordem, denominados Beneficentes, os Beneficiados, os Agregados, os Beneméritos e os Honorários.

2. Os Irmãos Beneficentes são os que concedem ou se propõem conceder benefícios à Ordem para realização dos seus fins, podendo exercer a gestão e administração da Instituição.

3. Os Irmãos Beneficiados são os que podem receber benefícios da Ordem, nas condições estabelecidas nestes Estatutos e no Regulamento Geral Interno.

4. Os Irmãos Agregados são os que só podem beneficiar de sepultura, ou jazida, no Cemitério Privativo da Ordem, Missas e sufrágios por sua alma, pelo que só poderão ser admitidos depois de falecerem.

5. Os Irmãos Beneméritos são todos os que concorram para a Ordem, em vida ou depois de falecidos, com donativos ou legados aceites por esta.

6. Os Irmãos Honorários são todos os que, gratuitamente, prestarem à Ordem apreciáveis e relevantes serviços.

#### Artigo 5.º

##### (Admissão)

1. Podem ser admitidos como Irmãos, indivíduos de ambos os sexos, nacionais ou estrangeiros, não excetuados por lei, que identificando-se com os fins da Ordem, satisfaçam os requisitos definidos no Regulamento Geral Interno ao qual constará também a tramitação do processo de admissão.

2. Devem existir livros de registo dos Irmãos admitidos, com as anotações de interesse que possibilitem, em qualquer



momento, obter uma relação, tão atualizada quanto possível, dos Irmãos da Ordem.

#### Artigo 6.º

(Mudança de Categoria)

Aos Irmãos Benéficos e Beneficiados é reconhecido, nas condições constantes do Regulamento Geral Interno, o direito de, em qualquer altura e desde que tal requeiram à Mesa Administrativa, transitarem de uma categoria para outra, ficando, porém, entendido que apenas terão os direitos e deveres inerentes à sua nova categoria.

#### Artigo 7.º

(Direitos dos Irmãos Benéficos)

1. Os Irmãos Benéficos, no pleno gozo dos seus direitos, logo que haja decorrido um ano contado da data da sua admissão, têm direito:

- a) A fazer parte da Assembleia Geral, podendo ser eleitos para a respetiva Mesa, intervindo e votando as respetivas deliberações;
- b) A eleger e ser eleito para a Mesa Administrativa e Definitório;
- c) A requerer a convocação extraordinária da Assembleia Geral, nas condições constantes no número 6;
- d) A examinar, nas épocas que forem fixadas, todos os livros, contas e demais documentos da gerência;
- e) A fazer-se representar em Assembleia Geral por outro Irmão Benéfico, no pleno gozo dos seus direitos.

f) A requerer que lhe sejam passadas certidões sobre assuntos que digam respeito à administração da Ordem, pagando os emolumentos correspondentes, de acordo com as tabelas em vigor.

2. Não usufruem de qualquer destes direitos os Irmãos menores, interditos, inabilitados e os que tenham sido condenados por crime doloso.

3. Não usufruem do direito referido na alínea b) do número 1 os irmãos que celebrem contratos com a Ordem, seja de que natureza forem direta ou indiretamente, que envolvam pagamentos por parte desta; excetuam-se do disposto neste número, no entanto, os contratos de trabalho.

4. Os irmãos que exerceram devidamente quaisquer cargos da Ordem, quando tenham decaído em estado de pobreza, terão o direito de ser admitidos, de preferência, nas casas ou Centros de Repouso e, se necessário, no Hospital para tratamento médico-cirúrgico.

5. Os descendentes e os ascendentes em 1º grau, bem como as viúvas e viúvos dos Irmãos de que se trata este artigo, quando também sejam Irmãos Beneficiados, terão o direito de preferência na admissão nas Casas ou Centros de Repouso.

6. A convocação extraordinária da Assembleia Geral referida na alínea c) do número 1 deverá ser feita por meio de requerimento dirigido ao Presidente da respetiva Mesa e subscrito por, pelo menos, vinte Irmãos no pleno gozo dos seus direitos no qual deverá ser indicada a causa do pedido e ainda a Ordem do dia bem como expresso o compromisso de que assistirão à reunião, pelo menos três quartos dos requerentes.

7. Os poderes de representação referidos na alínea e) do número 1 deverão ser conferidos por procuração com assinatura reconhecida notarialmente depositada na Secretaria da Ordem, pelo menos oito dias antes da data marcada para assembleia, caducando logo que esta se realize.

8. Cada irmão apenas poderá representar um outro irmão, nas condições já mencionadas.

### Artigo 8.º

#### (Direitos específicos dos Irmãos Beneficiados)

2. Os irmãos beneficiados, logo que tenham decorrido seis meses sobre a data da sua admissão e não usufruam de rendimentos, de qualquer natureza, reconhecidamente considerados como indispensáveis para fazer face às suas próprias despesas e mais encargos de família a que por lei estejam obrigados a suportar têm direito:

- a) A auferir gratuitamente das regalias previstas nas alíneas a), e) e f) do número 1 do artigo 11º;
- b) A frequentar gratuitamente, bem como os seus filhos em idade escolar, as aulas que são ministradas nas Escolas Privativas da Ordem, podendo, neste caso, os alunos utilizar o refeitório Escolar da Ordem, receber material didático e vestuário, nas condições expressas no Regulamento Geral Interno;
- c) A sepultura gratuita por cinco anos no Cemitério Privado da Ordem;
- d) Aquando falecidos nas dependências da Ordem, terem enterro gratuito, com caixão, mortalha e registo de óbito, sendo este benefício extensível àqueles que faleçam fora das instalações da Ordem, na cidade do Porto, desde que tal seja solicitado pela respetiva família, ou, no caso de a

não terem, por quem suas vezes, faça, e seja averiguado pelos Serviços Sociais que não eram sócios de qualquer instituição de socorros mútuos;

- e) Ao eventual internamento vitalício nas Casas ou Centros de Repouso da Ordem, requerido de acordo com o que a tal respeito estiver estabelecido no Regulamento Geral Interno, desde que haja instalações disponíveis e seja aprovado pela Mesa Administrativa, dependendo sempre do pagamento do que estiver estipulado na tabela em vigor;
- f) A ser socorridos com refeições diárias no Refeitório Privativo da Ordem, de harmonia com o que constar no citado Regulamento;
- g) A concorrer a todas as esmolas pecuniárias, bodos e vestuário que a Ordem distribua, em cumprimento de legados ou por efeito de donativos entregues na Tesouraria da Ordem com essa finalidade, depois de observadas as condições estabelecidas no mesmo Regulamento;
- h) A ser socorridos domiciliariamente, na sua pobreza, quando haja fundo especial para o efeito;
- i) A batizar os seus filhos a expensas da Ordem.

Os irmãos Beneficiados têm a possibilidade de assistir às Assembleias Gerais, mas sem direito de voto e intervenção.

#### Artigo 9.º

(Direitos dos Irmãos Agregados)

Os Irmãos Agregados, independentemente da data da sua admissão, têm direito:

- a) A sepultura, por cinco anos, no Cemitério Privativo da Ordem mediante o pagamento constante da tabela em vigor;

- b) A uma Missa por sua alma e a todos os sufrágios, incluindo as comemorações fúnebres.

#### Artigo 10.º

(Direitos dos Irmãos Agregados)

(Direitos específicos dos Irmãos Beneméritos e Honorários)

Os Irmãos Beneméritos e Honorários, independentemente da data da sua admissão, têm direito:

- a) A sepultura gratuita, por cinco anos, no Cemitério Privado da Ordem;
- b) A uma Missa por sua alma nos três primeiros aniversários do seu falecimento.

#### Artigo 11.º

(Direitos comuns aos Irmãos)

1. Todos os Irmãos, no pleno gozo dos seus direitos, com exceção dos Agregados e Beneméritos a título póstumo, logo que haja decorrido um ano contado da data da sua admissão, têm direito:

- a) As consultas médicas na aceitação do Hospital da Ordem;
- b) A consultas médicas nos postos clínicos do Hospital Privativo da Ordem e a serem tratados segundo as prescrições dos médicos do quadro clínico da Ordem que os atendam, com desconto em relação aos preços das consultas constantes das tabelas em vigor;
- c) A desconto na Farmácia Privativa da Ordem, na aquisição dos produtos farmacêuticos receitados pelos médicos da Ordem mencionados na alínea b)

- d) A desconto nas respectivas diárias e na utilização das Salas de Cirurgia e Radiologia e da Unidade de cuidados Intensivos, quando internados, para tratamento médico-cirúrgico, nos Pavilhões e Enfermarias do Hospital Privativo da Ordem e, sendo do sexo feminino, também na utilização dos seus serviços de Obstetrícia e sobretaxa de parto;
- e) A uma Missa por sua alma, após o seu falecimento, e sepultura no Cemitério Privativo da Ordem durante 5 anos, mediante o pagamento da taxa devida, conforme a respetiva tabela; a Missa de corpo presente, e a responso, quando o seu funeral saia da Igreja Privada da Ordem;
- f) A todos os sufrágios que se rezam na Igreja Privada da Ordem, incluindo as comemorações fúnebres.

#### Artigo 12.º

##### (Deveres)

Aos Irmãos cumpre observar rigorosamente os seguintes deveres:

- a) Cumprir as disposições dos Estatutos e o estipulado no Regulamento Geral Interno;
- b) Desempenhar, sem remuneração de qualquer espécie, com zelo e solicitude, os cargos e as comissões da Ordem para que sejam eleitos ou nomeados, desde que não tenham justo motivo de recusa;
- c) Respeitar e conformar-se com as decisões dos corpos gerentes da Ordem, desde que essas deliberações não contrariem o disposto nestes Estatutos e a legislação portuguesa aplicável ao funcionamento da Ordem;
- d) Não promover, por palavras, atos ou omissões, o descrédito da Ordem.

### Capítulo III

#### Da Disciplina

#### Artigo 13.º

(Das penalidades)

1. Incorre na pena de suspensão de todos os seus direitos, até doze meses, elevável ao dobro no caso de reincidência, segundo a gravidade da falta cometida, o Irmão que:

- a) Prestar informações falsas, como fim de se aproveitar dos benefícios que a Ordem concede aos seus Irmãos pobres ou necessitados;
- b) Fizer reclamações, verbais ou escritas, que provoquem tumultos ou empregando palavras ou frases obscenas ou injuriosas, em qualquer dependência da Ordem;
- c) Transgredir o disposto nos Estatutos e no Regulamento Geral Interno;
- d) Difamar ou desprestigiar, verbalmente ou por escrito, qualquer membro dos corpos gerentes da Ordem, ou os seus funcionários ou empregados, sobre assuntos desta Instituição;
- e) Promover reuniões com o fim de prejudicar a Ordem ou, por qualquer forma, contribuir para o seu descrédito;
- f) Praticar quaisquer atos não previstos nos Estatutos que, no entender da Mesa Administrativa, com o parecer favorável do Definitório, prejudiquem ou desacreditem a Ordem ou os seus corpos gerentes.

2. Será expulso, sem direito a qualquer indemnização, reembolso ou devolução das importâncias com que tenha entrado para os cofres da instituição, o Irmão que:

- a) Cometer, pela terceira vez, qualquer das faltas previstas nas alíneas d) a f) do número anterior;
- b) Desencaminhar ou apropriar-se, dolosamente, de quaisquer quantias ou objetos pertencentes à Ordem, sem prejuízo da responsabilidade criminal que, por tal fato, lhe possa caber;
- c) For definitivamente condenado por crime doloso a que, pelo Código Penal, corresponda pena de prisão efetiva superior a três anos;
- d) Seja considerado, pela Mesa Administrativa com parecer favorável do Definitório, por qualquer outro motivo aqui não previsto, como indigno de continuar a ser Irmão.

#### Artigo 14.º

(Da competência)

1. A pena de suspensão prevista no nº 1 e a de expulsão prevista na alínea c) do número 2 do artigo anterior serão aplicadas em sessão conjunta da Mesa Administrativa e do Definitório, por meio de votação por escrutínio secreto, tendo voto de qualidade, no caso de empate, o Irmão Provedor ou aquele que, no acto, o estiver a substituir.

2. A aplicação das outras penas de expulsão é da competência da Assembleia Geral, sob proposta da Mesa Administrativa, com parecer favorável do Definitório.

#### Artigo 15.º

(Dos recursos)

Só das decisões conjuntas da Mesa Administrativa e do Definitório que impliquem sanções de suspensão, em caso de reincidência, por período superior a um ano cabe recurso para a Assembleia Geral, o qual deverá ser interposto, por



requerimento dirigido ao Presidente da respetiva Mesa, no prazo de dez dias a contar da data em que o Irmão punido dela tenha conhecimento.

#### Artigo 16.º

(Do procedimento disciplinar)

1. A aplicação de qualquer das sanções previstas no artigo anterior será procedida de processo disciplinar do qual fará parte integrante a defesa que vier a ser apresentada.

2. O Irmão ou Irmãos arguidos nesse processo serão notificados, por carta registada com aviso de receção, dos fatos de que são acusados, sendo-lhes dado o prazo de vinte dias úteis para apresentarem a sua defesa, período durante o qual poderão consultá-lo, nas instalações da Ordem.

3. A defesa deverá ser escrita, podendo ser subscrita por advogado para tal devidamente mandatado, caso em que também ele poderá consultar o processo, nas condições previstas no número anterior.

### Capítulo IV

Dos corpos gerentes: sua denominação, composição,  
funcionamento e atribuições

#### **Secção I**

#### **DA ASSEMBLEIA GERAL**

#### Artigo 17.º

(Denominação e composição)

O poder soberano da Ordem é exercido pela Assembleia Geral dos seus associados, de maioria e no pleno gozo dos seus direitos.

#### Artigo 18.º

##### (Da Mesa)

1. A Mesa da Assembleia Geral compõe-se de um Presidente, um Vice-Presidente, um Primeiro Secretário e um Segundo Secretário.

2. Na ausência ou impedimento do Presidente substitui-lo-á o Vice-Presidente, e, na falta deste, os Secretários, pela sua ordem.

3. Na falta ou impedimento de qualquer dos Secretários, o Presidente designará um associado presente na Assembleia para o substituir.

4. Na falta de todos os membros da Mesa, presidirá o associado presente mais velho em idade e servirão de secretários os dois associados presentes mais novos também em idade.

5. Quando a Assembleia reúna para eleição de corpos gerentes da Ordem, a Mesa Eleitoral será completada com dois escrutinadores designados pelo Presidente dentre os associados presentes, de acordo com o disposto no artigo 31.º

#### Artigo 19º

##### (Funcionamento)

1. A Assembleia Geral reúne na sede da Ordem, em dependência adequada à solenidade do ato e ao número de presenças, registadas e assinadas em livro próprio, sendo as reuniões ordinárias ou extraordinárias.

2. As reuniões ordinárias realizar-se-ão anualmente, até 31 de março, para aprovação do relatório e contas da Mesa Administrativa e do parecer do Definitório, e, até 15 de novembro, para apreciação da estimativa orçamental e do plano de atividades para o ano seguinte, e, trienalmente, até 31 de dezembro, para eleição dos corpos gerentes.

3. As reuniões extraordinárias realizar-se-ão:

- a) Quando o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, a Mesa Administrativa ou o Definitório o entendam conveniente;
- b) Quando requeridas ao abrigo da alínea c) do número 1 do artigo 7º;
- c) Quando tal se mostre necessário por força de qualquer outra disposição destes Estatutos ou da lei.

4. Nas reuniões ordinárias poderá a Assembleia também tratar assuntos de interesse para a Ordem diversos dos constantes no número 2, desde que devidamente mencionados nos avisos convocatórios.

5. As reuniões extraordinárias referidas na alínea b) do número 3 só poderão realizar-se se estiverem presentes, pelo menos três quartos dos requerentes.

6. A Assembleia Geral poderá funcionar, em primeira convocação, desde que nela estejam presentes, pelo menos, a maioria dos associados, no pleno gozo dos seus direitos.

7. As deliberações da Assembleia Geral serão tomadas por maioria de votos dos associados presentes, devendo a votação efetuar-se, por escrutínio secreto, para além dos outros casos previstos nestes Estatutos e na lei, sempre que envolvam a

apreciação do mérito ou demérito de qualquer pessoa, ou quando tal seja requerido pela maioria dos associados presentes.

8. É exigida a maioria qualificada de, pelo menos, três quartos dos votos expressos na aprovação das matérias constantes das alíneas e), f), g), e h) do artigo 21º destes Estatutos e, ainda, de moções de censura ou de louvor à Mesa Administrativa.

9. A aprovação de uma moção de censura implica a demissão não só da Mesa Administrativa, mas também do Definitório e a realização de eleições no prazo de trinta dias.

10. De todas as reuniões da Assembleia Geral serão lavradas atas em livro próprio e assinadas pelos membros da respetiva Mesa ou por quem os substituir, fazendo delas, parte integrante uma cópia da folha ou folhas do livro de presenças referido no nº 1 respeitante a cada reunião.

## Artigo 20.º

### (Convocação)

1. A convocação da Assembleia Geral deverá ser feita por afixação na Sede e noutros locais de acesso público da Ordem e por anúncios publicados em dois jornais diários mais lidos da cidade do Porto, com antecipação nunca inferior a quinze dias, devendo deles constar o dia e a hora da reunião e os assuntos a tratar, pela Ordem pela qual serão discutidos e votados, indicando-se ainda neles que, se à hora marcada, não estiverem presentes, pelo menos, a maioria dos associados, a reunião fica desde logo convocada para o mesmo dia, uma hora depois, com a mesma Ordem de trabalhos, funcionando então com qualquer número de associados presentes, sem prejuízo, no caso previsto na alínea b) do número 3 do artigo anterior, do disposto no seu número 5.

2. A convocação da reunião da Assembleia Geral compete sempre ao Presidente da respetiva Mesa, devendo ele fazê-la, no prazo máximo de quinze dias a contar da data em que tiver sido requerida, devendo a reunião efetuar-se no prazo máximo de trinta dias a contar da mesma data.

## Artigo 21.º

### (Atribuições)

Compete à Assembleia Geral deliberar sobre todas as matérias não compreendidas nas atribuições legais ou estatutárias dos outros corpos gerentes, e, necessariamente:

- a) Definir as linhas fundamentais de atuação da Ordem;
- b) Eleger e discutir, por votação secreta, os membros da Mesa da Assembleia Geral, da Mesa Administrativa e do Definitório;
- c) Apreciar, discutir e aprovar, anualmente, o Relatório e Contas da Mesa Administrativa e o Parecer do Definitório do ano anterior e o Plano de Atividades e Estimativa Orçamental para o ano seguinte;
- d) Deliberar sobre a expulsão de Irmãos, nos casos previstos nos Estatutos;
- e) Deliberar sobre a aquisição onerosa e a alieação, a qualquer título, de bens imóveis e de outros bens patrimoniais de rendimento ou de valor histórico ou artístico;
- f) Deliberar sobre a alteração dos Estatutos e sobre a extinção, cisão ou fusão da Ordem;
- g) Autorizar a Mesa Administrativa a demandar os membros dos seus corpos gerentes por atos lesivos para esta, praticados no exercício das suas funções;
- h) Deliberar sobre a admissão de Irmãos honorários;

- i) Aprovar a adesão a uniões, federações, confederações ou a qualquer outra forma de associativismo com instituições congêneres ou similares;
- j) Deliberar sobre decisões da Mesa Administrativa, quando, por força destes Estatutos ou da lei, caiba recurso para ela.

## **SEÇÃO II**

### **DA MESA ADMINISTRATIVA**

#### Artigo 22.º (Composição)

1. A Administração da Ordem é exercida por uma Mesa Administrativa, presidida pelo Provedor e composta por ele, por um Vice-Provedor e por um Primeiro Secretário, um Segundo Secretário, um Tesoureiro e dez Mesários efetivos e quinze substitutos, eleitos trienalmente.

2. O Provedor será substituído nos seus impedimentos pelo Vice-Provedor e, sucessivamente, pelo Primeiro Secretário e Segundo Secretário e, no impedimento de todos, a Mesa escolherá aquele que, dos seus membros efetivos deverá exercer esse cargo.

3. O Primeiro Secretário é substituído, nos seus impedimentos, pelo Segundo Secretário, e, na falta deste, por aquele Mesário que for indicado pelo Provedor.

4. O Tesoureiro é substituído, nos seus impedimentos, por quem o Provedor, ou quem o substituir, o designar.

5. Na falta ou impedimento dos membros efetivos, os substitutos serão chamados à efetividade, ouvida a Mesa, pelo Provedor, ou por quem as suas vezes fizerem.

## Artigo 23.º

### (Atribuições dos seus membros)

1. Ao Provedor, ou na sua falta, ao Vice-Provedor, compete:
  - a) Representar a Ordem em juízo e fora dele nos termos legais;
  - b) Presidir às sessões, dirigindo as discussões regulando a ordem de trabalhos;
  - c) Dar execução às resoluções da Assembleia Geral e da Mesa Administrativa;
  - d) Organizar e apresentar o relatório e contas de gerência, bem como a estimativa orçamental e plano de atividades para o ano seguinte;
  - e) Assinar as folhas de caixa;
  - f) Assinar e fazer expedir toda a correspondência oficial;
  - g) Superintender em todos os serviços e estabelecimentos pertencentes à Ordem, verificando se os regulamentos são rigorosamente cumpridos;
  - h) Providenciar, com a possível brevidade, sobre qualquer ocorrência, dando conhecimento à Mesa na sessão imediata dos fatos que motivaram a sua intervenção e quais as providências postas em prática;
  - i) Ordenar a convocação da Mesa para as reuniões extraordinárias;
  - j) Cumprir as obrigações que, por costume antigo ou decisão da Mesa, lhe pertencerem;
  - k) Assinar as ordens de pagamento.
2. Ao Primeiro Secretário, ou, na sua falta ou impedimento, ao Segundo Secretário, incumbe:
  - a) Assistir às sessões, proceder à leitura das atas e do expediente, dando todas as informações sobre os

assuntos de que tenha conhecimento, a fim de habilitar a Mesa a deliberar com conhecimento de causa;

- b) Redigir e escrever, ou somente subscrever e assinar, as atas das sessões;
- c) Subscrever todos os atos oficiais da Mesa;
- d) Subscrever e fazer escriturar nos livros as guias de receita e os documentos de despesa;
- e) Vigiar pela boa ordem e regularidade de todos os serviços da Ordem;
- f) Coadjuvar o Provedor nas suas atribuições.

3. Ao Tesoureiro, compete:

- a) Supervisionar a documentação respeitante à arrecadação de receitas e rendimentos próprios e visar os documentos de despesa;
- b) Guardar sob a sua responsabilidade, nos cofres da Ordem ou a onde for destinado pela Mesa, todos os valores a ela pertencentes, incluindo todas as alfaias em prata e ouro e joias;
- c) Apresentar em todas as sessões ordinárias da Mesa, e sempre que esta o exija, um balancete da receita e despesa realizadas no último mês ou durante o lapso de tempo que lhe for indicado;
- d) Proceder à liquidação de todas as ordens de pagamento autorizadas pelo Provedor, ou quem o substitua.

4. Compete aos Mesários, em geral;

- a) Intervir no regime administrativo da Ordem, assistindo às reuniões da Mesa e da Assembleia Geral e tomando parte nas discussões e votações;



- b) Desempenhar qualquer comissão ou encargo do interesse da Ordem para que sejam nomeados ou escolhidos pela Mesa Administrativa ou Assembleia Geral;
- c) Cumprir e fazer com que sejam cumpridos os presentes Estatutos e o Regulamento Geral Interno.

5. Para a inspeção de cada uma das repartições ou serviço, com exceção dos serviços administrativos cuja superintendência competirá sempre ao Provedor, Primeiro Secretário e Tesoureiro, existirá um Mesário escolhido nos termos do número 2 do artigo 33º, o qual é designado por inspetor.

6. A cada um destes inspetores, na repartição ou serviço a seu cargo, cumpre observar e fazer observar não só os respectivos regulamentos, mas também as deliberações tomadas pela Mesa e dar conhecimento a esta do estado dessa repartição ou serviço, bem como participar-lhe imediatamente as providências que julgou necessárias e que, por serem urgentes, teve de tomar.

7. A nomeação dos Inspetores, não isentando a Mesa de responsabilidade solidária na administração, não lhe retira o direito de fiscalizar a gerência ao respetivo pelouro nem obsta a que qualquer Mesário possa propor o que julgar conveniente à sua administração.

8. As obrigações impostas ao Provedor, Primeiro Secretário e tesoureiro não os isentam de quaisquer outros serviços que, nos termos do número 2 do artigo 33º, lhes sejam distribuídos.

9. A Ordem fica obrigada com duas assinaturas indistintamente do Provedor, Vice-Provedor, Primeiro Secretário, Segundo Secretário, Tesoureiro e qualquer outro Mesário a quem

tenham sido concedidos poderes para tal, salvo quanto aos atos de mero expediente, em que bastará apenas uma assinatura de qualquer desses Irmãos.

Artigo 24.º  
(Funcionamento)

1. A Mesa Administrativa reunirá, ordinariamente, uma vez por mês, à exceção daquele que for determinado como de férias, nos dia e hora que, em sessão, se resolver; e extraordinariamente, quando o Provedor o julgar necessário ou quando tal lhe for requerido, por escrito, por cinco Mesários ou três Definidores; neste último caso, não comparecendo à reunião a maioria dos requerentes, considerar-se-á a sua ausência como desistência, pelo que ela não se realizará.

2. A Mesa Administrativa só poderá funcionar validamente quando estejam presentes a maioria dos seus membros efetivos e as suas decisões devem ser tomadas, em votação nominal ou por escrutínio secreto, a pluralidade absoluta de votos dos presentes.

3. Serão por escrutínio secreto as votações que versarem sobre a suspensão ou expulsão de Irmãos, que envolvam apreciação do mérito ou demérito de alguém ou se assim for deliberado pela maioria dos Mesários presentes.

4. Em caso de empate nas votações nominais terá voto de qualidade o Provedor; se o empate se verificar em votação por escrutínio secreto, será adiada a resolução para a sessão imediata; e, se ainda assim, se repetir o empate, será convocada uma Assembleia Geral a qual deliberará definitivamente sobre a questão.

5. Das sessões da Mesa Administrativa, lavrar-se-á ata circunstanciada, com precisão e clareza, de modo a que dela fiquem constando os assuntos que foram tratados e as decisões tomadas, a qual depois de elaborada, escrita, lida e aprovada, será subscrita e assinada pelo Primeiro Secretário e pelos demais Mesários presentes à sessão.

6. Qualquer Mesário que se não conforme com alguma votação tomada em votação nominal pode assinar vencido e com declaração de voto, fazendo-se menção de tudo na respetiva ata.

## Artigo 25.º

### (Competência)

1. À Mesa Administrativa compete:

- a) Resolver todos os assuntos do expediente de Administração Geral e económica da Ordem, de acordo com os Estatutos e o Regulamento Geral Interno, com a finalidade de promover a prosperidade da Instituição e conceder aos irmãos, quando os solicitem e sempre que possível, os benefícios a que tenham direito.
- b) Cumprir as obrigações que lhe são impostas pela legislação portuguesa aplicável;
- c) Organizar nos termos legais o quadro do pessoal e dos colaboradores da instituição e contratar e gerir o mesmo;
- d) Elaborar os regulamentos internos necessários, que, em conjunto, constituem o Regulamento Geral Interno;
- e) Elaborar anualmente e submeter ao parecer do Definitório o relatório e contas da gerência, bem como a estimativa orçamental e plano de atividades para o ano seguinte;
- f) Propor à Assembleia Geral, com o acordo do Definitório, as alterações que entenda necessário serem efetuadas nos Estatutos;
- g) Representar a Ordem em juízo e fora dele;

- h) Velar pelos direitos e regalias da Ordem e sobretudo pela sua autonomia;
- i) Dar cumprimento, nos termos legais, a todos os legados e obrigações a que a Ordem esteja sujeita
- j) Decidir sobre a aceitação de heranças, doações, legados e donativos com encargos, com observação das leis aplicáveis;
- k) Submeter a registo, nas respectivas Conservatórias, os títulos a ele sujeitos;
- l) Deliberar sobre pleitos a intentar ou defender.
- m) Conceder, por meio de contrato legalmente celebrado, mas exclusivamente aos Irmãos não carecidos monetariamente, internato vitalício no edifício da Ordem, em quartos independentes ou salões a tal fim destinados, de acordo com o preçário que constar da competente tabela e de harmonia com as condições expressas no respetivo regulamento;
- n) Rever e visar o inventário geral de todos os bens da Ordem;
- o) Decidir sobre contratos de arrendamento, execução de obras, serviços e fornecimentos de interesse para a instituição;
- p) Resolver sobre a nomeação, promoção, admoestação, repreensão, suspensão e demissão dos servidores da Ordem, nos termos legais;
- q) Conceder pensões complementares de reforma ou outros benefícios aos empregados da Ordem, procurando manter-lhes o seu nível de vida, mas tendo em atenção os anos de serviço prestados à Instituição, quando não possam continuar a desempenhar, devido à idade ou por terem ficado incapacitados ao serviço da mesma.

2. É obrigatória a consulta e parecer do Definitório sobre:

- a) Regulamentos elaborados pela Mesa;
- b) Contração de empréstimos;
- c) Emprego de capitais;
- d) Alienação de bens mobiliários e imobiliários com exceção dos mobiliários sem valor artístico que, pelo seu muito uso, sejam considerados imprestáveis;
- e) Estimativas orçamentais, bem como relatórios e processos de contas de gerência;
- f) Aceitação de heranças, doações, legados e donativos com encargos;
- g) Pleitos a internar ou defender.

3. No caso da alínea g) do número anterior, se os prazos a respeitar não permitirem que, em tempo útil, seja obtido o parecer do Definitório, a Mesa Administrativa deliberará conforme entender conveniente, ficando dispensada da obtenção desse parecer.

### **SEÇÃO III**

#### **DO DEFINITÓRIO**

##### **Artigo 26.º**

##### **(Composição)**

1. O Definitório é constituído por sete membros efetivos e igual número de substitutos, eleitos trienalmente de preferência dentre associados que já tiverem servido como Mesários, sendo seu Presidente o seu membro mais idoso.
2. Os substitutos serão chamados pelo Presidente do Definitório, nas faltas ou impedimentos dos efetivos, e segundo a ordem de votação, preferindo em igualdade de votos, em primeiro lugar, os que tiverem servido por mais tempo como Mesários, e, em segundo lugar, os que forem Irmãos mais antigos.
3. As substituições aplicam-se ainda, com as necessárias adaptações e no que não estiver previsto no número anterior, o disposto nos números 3 e 4 do artigo 34º.

Artigo 27.º  
(Funcionamento)

1. O Definitório reúne-se, pelo menos, quatro vezes por ano, e emite a sua opinião sobre todos os assuntos em que for consultado pela Mesa e sobre todos aqueles em que estatutariamente houver a obrigação de ser ouvido.

2. As consultas, os pareceres e decisões do Definitório ficarão exaradas na ata da secção

Artigo 28.º  
(Atribuições)

1. O Definitório, para além de ser o órgão de fiscalização da Instituição, é um corpo consultivo da Mesa Administrativa, competindo-lhe por isso:

- a) Inspeccionar e verificar os atos da Mesa Administrativa;
- b) Inspeccionar todas as repartições e serviços da Ordem e examinar, sempre que o julgue conveniente, a sua escrituração e contabilidade;
- c) Emitir o seu parecer nos casos em que tal lhe competir e sempre que seja consultado pela Mesa Administrativa;
- d) Fazer publicar anualmente o seu Parecer sobre o Relatório e Contas da Mesa Administrativa;
- e) Reunir conjuntamente com a Mesa Administrativa, sem que os seus membros tenham direito a voto, sempre que para tal forem convocados pelo Provedor, ou por quem o substituir.

CAPÍTULO V

Das Eleições- Artigo 29.º  
(Eleitores)

São eleitores todos os Irmãos Beneficentes, de maioridade, cuja admissão seja anterior pelo menos a um ano antes da data em que se efetuar o correspondente ato eleitoral e se encontrem inscritos no livro de registos respetivo.

### Artigo 30.º

(Elegíveis)

1. São elegíveis os Irmãos a que se refere o artigo anterior, com exceção dos que;
  - a) Estejam legalmente privados da administração dos seus bens;
  - b) Tenham sido condenados em penas de prisão superiores a três anos ou tenham sido declarados contumazes;
  - c) Sejam devedores à Ordem, seus fiadores, fornecedores e prestadores de serviços ou tenham contratos com a Ordem, seja de que natureza forem, com a exceção dos de trabalho, conforme o disposto no nº 3 do artigo 7;
  - d) Tenham quaisquer pleitos com a Ordem
2. Também não podem ser eleitos os Irmãos que faziam parte da Mesa Administrativa e Definitório dissolvidos por autoridade competente.
3. Não podem ser eleitos, para cargos efetivos, simultaneamente os conjugues, ascendentes, descendentes e irmãos, nem nenhum irmão o pode ser para mais do que um órgão; neste último caso, se for eleito para Mesário e Definidor, prevalecerá a eleição para Mesário.

### Artigo 31.º

(Mesa Eleitoral)

A Mesa Eleitoral será constituída pelos membros da Mesa da Assembleia Geral e por dois escrutinadores propostos pelo seu presidente e aprovados pela Assembleia.

#### Artigo 32.º

##### (Ato Eleitoral)

1. A eleição das Mesas da Assembleia Geral e Administrativa e do Definitório far-se-á no mesmo ato, em listas separadas, devendo a lista para a Mesa da Assembleia Geral conter quatro nomes, a da Mesa Administrativa quinze nomes efetivos e outros tantos substitutos e, finalmente, a do Definitório sete nomes efetivos e igual número de substitutos.

2. As listas serão impressas em papel com as mesmas características e devem ser apresentadas ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral com quinze dias de antecedência.

3. Na parte interna das listas e no alto das mesmas, figurará a indicação de MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, MESA ADMINISTRATIVA e DEFINITÓRIO, conforme o caso, devendo os nomes dos Irmãos indicados para substitutos serem escritos depois dos efetivos e separados destes pela indicação de substitutos.

4. Haverá três urnas com dísticos que indiquem o órgão para que cada lista é destinada

#### Artigo 33.º

##### (Distribuição de cargos na Mesa Administrativa)

1. A Mesa Administrativa, depois da sua tomada de posse, procederá, sob a presidência do mais velho em idade, servindo de secretário o mais novo também em idade, à eleição do



Provedor, Vice-Provedor, Primeiro Secretário, Segundo Secretário e Tesoureiro.

2. Constituída a Mesa, esta distribuirá entre si, como julgar mais conveniente, os inspetores para as diferentes repartições e serviços da Ordem.

#### Artigo 34.º

(Duração dos mandatos e substituições)

1. O mandato dos corpos gerentes não pode ter duração superior a três anos, mas, quando não sejam realizadas atempadamente as eleições, considera-se prorrogado o mandato em curso até à posse dos novos corpos gerentes.

2. O mandato inicia-se com a tomada de posse, quer dos membros efetivos quer dos substitutos, perante o Presidente da Mesa da Assembleia Geral cessante ou quem as suas vezes fizer, a qual deverá ter lugar na primeira quinzena do ano civil imediato ao das eleições.

3. Quando se der qualquer vaga na Mesa Administrativa, pela recusa, escusa ou incompatibilidade dos eleitos, falecimento ou ausência por mais de três meses, serão chamados igual número de substitutos, pela ordem da sua votação, preferindo, quando ela tenha sido igual, o que for mais antigo e, sendo a antiguidade a mesma, o que for mais velho em idade.

4. Quando a substituição for motivada por ausência justificada, ela terminará com o regresso do Mesário ausente.

#### Artigo 35.º

(Remuneração)

O exercício de qualquer cargo nos corpos gerentes não é remunerado, mas pode justificar-se o pagamento das despesas delas derivadas.

## CAPÍTULO VI

### Financeiro

#### artigo 36.º

#### (Património)

O património da Ordem é constituído por todos os estabelecimentos, bens e fundos que atualmente lhe pertencem e por todos aqueles que venha a adquirir.

#### Artigo 37.º

#### Proveitos)

##### 1. Constituem proveitos da Ordem:

- a) O rendimento dos bens próprios;
- b) As taxas e joias que esta cobre, nos termos dos regulamentos internos;
- c) As comparticipações dos utentes;
- d) O rendimento das heranças, legados e doações;
- e) Os donativos dos benfeitores;
- f) As verbas que corresponde a contrapartidas que celebre no âmbito da sua atividade;
- g) Quaisquer dotações que, pelo seu carácter excecional, se não encontrem previstas na estimativa orçamental.

2. A Ordem só pode aceitar heranças a benefício de inventário sem carecer para isso de licença prévia, não ficando, porém, obrigada a encargos superiores ao rendimento das mesmas heranças, de legados ou doações.

3. Quando a Ordem necessite de procederá alienação de quaisquer bens imobiliários, ou à sua aquisição por título

oneroso, para eles exercer a sua ação beneficente, apenas o poderá fazer nos termos dos estatutos e da legislação aplicável em vigor.

#### Artigo 38.º

(Período orçamental)

A gerência da Ordem é feita por anos económicos coincidentes com o ano civil, e a eles serão referidos os orçamentos e contas.

#### Artigo 39.º

(Contratos com fornecedores)

É vedado aos membros das Mesas da Assembleia Geral e Administrativa e do Definitório ter parte ou tomar interesse em qualquer contrato que seja celebrado durante o exercício de funções dos referidos órgãos, de acordo com a alínea c) do art.º 30º.

#### Artigo 40.º

(Dispensa do pagamento de joias)

A Mesa Administrativa, com o parecer favorável do Definitório, pode fazer admitir Irmãos com dispensa do pagamento de joias e de demais despesas, desde que tenham prestado apreciáveis serviços à Ordem ou que pela sua categoria social, os possam vir a prestar, ou, sendo empregados da Ordem a ela tenham prestado, pelo menos, quinze anos de bom e efetivo serviço, o que não impedirá que, para estes últimos, lhes sejam concedidas as regalias a que se refere a alínea r do número 1 do artigo 25º.

### CAPÍTULO VII

Disposições Finais e transitórias

#### Artigo 41.º

(Reforma, alteração ou modificação destes Estatutos)

1. A reforma, alteração ou modificação destes Estatutos ou do Regulamento Geral Interno só poderá ser votada em assembleia Geral Extraordinária, especialmente convocada para o efeito, em face de proposta apresentada pela Mesa Administrativa, com parecer favorável do definitório, ou de proposta, feita por, pelo menos, sessenta associados, no pleno gozo dos seus direitos, propostas essas que deverão indicar as alterações a fazer e os motivos que as justificam.

2. Se a Assembleia Geral não concordar com a redação das alterações propostas, deve ser nomeada, pelos associados presentes, uma comissão de sete membros, sendo três da Mesa Administrativa, dois do Definitório e dois Irmãos Beneficentes, no pleno gozo dos seus direitos, que deverá proceder à redação de novas alterações, a submeter à apreciação em nova reunião da Assembleia Geral.

#### Artigo 42.º

(Extinção)

1. A Ordem é indissolúvel por qualquer proposta dos seus associados, seja a que pretexto for.

2. No caso da sua dissolução ou extinção por autoridade competente, os seus bens deverão reverter para uma instituição Particular de Solidariedade Social com finalidades tanto possível idênticas às da Ordem, nos termos das leis que então estiverem em vigor, devendo, no entanto, os seus Corpos Gerentes fazer tudo quanto estiver ao seu alcance no sentido de evitar essa extinção.

#### Artigo 43.º

(Âmbito dos Estatutos)

1. Continuam em vigor, na parte não alterada por este Estatutos ou pela lei vigente aplicável, todos os regulamentos internos da Ordem.
2. Em tudo o que não constar destes Estatutos, a Ordem regular-se-á pela legislação aplicável em vigor.
3. Desde que não contrariem as disposições destes Estatutos e das leis, continuarão a observar-se os antigos usos e costumes da Ordem.

Artigo 44.º

(Alteração do Regulamento Geral Interno)

Não se encontra prevista nos atuais regulamentos internos da Ordem matéria que estes Estatutos preveem que neles esteja contida, aplicar-se-á, a ela, transitoriamente, o que dispunham os anteriores Estatutos, devendo, no entanto, essa matéria ser regulamentada pela Mesa Administrativa, após parecer no Definitório, no prazo de um ano.

Artigo 45.º

(Direitos adquiridos dos atuais Irmãos Beneficiados)

Mantêm-se aos Irmãos Beneficiados, inscritos no livro competente à data da aprovação destes Estatutos, todos os direitos conferidos pelos anteriores Estatutos.

Pela Mesa da Assembleia Geral  
O Presidente,

(Dr. Leopoldo José Cardoso Mourão)

Aprovados em sessão extraordinária da Assembleia Geral de 5 de maio de 1992, com as alterações aprovadas em sessões extraordinárias da mesma Assembleia de 22 de dezembro de 1992 e 19 de março de 1993.

Registados na Direção Geral da Ação Social, conforme «Declaração» que se transcreve:

### DECLARAÇÃO

«Declara-se, em conformidade com o disposto no Estatuto aprovado pelo Decreto-Lei nº 119/83, de 25 de fevereiro, alterado pelo Decreto-lei nº 402/85, de 11 de outubro e no Regulamento aprovado pela Portaria nº 778/83, de 23 de julho, que se procedeu ao registo definitivo da alteração global dos Estatutos da Instituição Particular de Solidariedade Social abaixo identificada, reconhecida como pessoa coletiva de utilidade pública.

O registo foi lavrado pela inscrição nº 59/93, a fls. 139 Verso do Livro nº 5 das Associações de Solidariedade Social e considera-se efetuado em 26-03-93, nos termos do nº 2 do artigo 13º do regulamento acima citado.

Dos Estatutos consta, nomeadamente, o seguinte:

DENOMINAÇÃO -

FINS – Proteger os seus Irmãos, na velhice, invalidez, doença e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho. Para isso, além da sua atividade de promoção e proteção da saúde, através da prestação de cuidados de

medicina preventiva, curativa e de reabilitação, são também fins da instituição:

- a) Dum modo geral, dar proteção à terceira idade;
- b) Praticar a solidariedade e caridade cristã, concedendo auxílios financeiros aos irmãos necessitados, diretamente ou através de serviços a baixos custos ou gratuitos;
- c) Celebrar na sua Igreja Privativa todos os atos de culto, de harmonia com a liturgia da Igreja Católica;
- d) Exercer, com a amplitude possível e tanto quanto os seus recursos financeiros o permitam, a sua ação beneficente, caritativa, instrutiva e piedosa, em favor dos irmãos, principalmente os mais necessitados;
- e) Dar inteiro cumprimento às disposições testamentárias e a quaisquer outras que tenha aceite ou venha a aceitar dos seus benfeitores.

**ADMISSÃO DE SÓCIOS** – Podem ser admitidos como Irmãos indivíduos de ambos os sexos, nacionais ou estrangeiros, não excetuados por lei, que identificando-se com os fins da Ordem, satisfaçam os requisitos do Regulamento Geral Interno do qual constará também toda a tramitação do processo de admissão.

**EXCLUSÃO DE SÓCIOS** – Será expulso, sem direito a qualquer indemnização, reembolso ou devolução das importâncias com que tenha entrado para os cofres da Instituição, o Irmão que cometer, pela terceira vez, qualquer das faltas previstas nas alíneas d) a f) do art.º 13º dos Estatutos; desencaminhar ou apropriar-se dolosamente de quaisquer quantias ou objetos pertencentes à Ordem sem prejuízo da responsabilidade criminal que, por tal fato lhe possa caber; for definitivamente condenado por crime doloso a que, pelo Código Penal, corresponda pena de prisão efetiva superior a três anos; seja considerado, pela Mesa Administrativa com parecer favorável do

Definitório, por qualquer outro motivo aqui não previsto, como indigno de continuar a ser Irmão»

A Diretora-Geral

Esta Declaração foi publicada, a págs. 21870 e 21871, no Diário da República, III Série nº 277, de 26 de novembro de 1993



## ANEXO 7 - Guião para narrativas biográficas

<p>GUIÃO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS</p>
<p><b>Bloco Infância e Memórias</b></p>
<p>Família de origem</p>
<p>Práticas culturais</p>
<p><b>Percurso profissional</b></p>
<p>Afetos e sociabilidades</p>
<p>Práticas culturais</p>
<p><b>Família constituída</b></p>
<p><b>Entrada na instituição</b></p>
<p>Vivências no lar</p>
<p>Perspetivas sobre a Animação Sociocultural</p>

## ANEXO 8 - Narrativas Biográficas

*Desde miúda fizeram-me sentir, que era feia, que não valia nada.*

### **Infância e Memórias**

Nasci no Porto, em Águas Santas, na altura era aldeia. A casa onde morávamos, na Rua dos Bragas, estava ocupada e quando se desocupou os meus pais queriam ir para lá mas, fizeram obras, obras tão grandes que nós tivemos que alugar uma casa em Águas Santas, fui para a Rua dos Bragas com dois anos.

Desde miúda fizeram-me sentir, que era feia, que não valia nada. O meu irmão foi o rapaz esperado, de maneira era o aí Jesus. A minha irmã era muito bonita, tinha um cabelo que fazia caracóis. Eu nasci preta, escura de olhos arregalados com o cabelo espetado e liso. Era feia, tão feia que a minha mãe teve um desgosto e procurava que a família não me visse, eu soube daquilo e aquilo marcou-me.

A minha irmã não gostava de estudar, eu gostava de maneira que eu sabia coisas que ela não sabia. Quando ouvia uma coisa que não estava certa corrigia, sem intenção.

- Pronto aí vem a sabichona da Grécia, diziam-me isso. Fiquei com o complexo de que tinha de me reduzir a nada, porque não era nada, e isso ficou para toda a vida.

Quando o meu pai ficou viúvo, a minha mãe morreu com cinquenta e poucos anos. A minha avó ainda era viva, e não estava em condições de tomar conta do governo da casa, a minha irmã tinha casado e já vivia em casa dela, no início vivia em casa dos pais, mas começou a ter filhos e quando veio o terceiro o meu pai disse:

- A tua mãe não aguenta tantas crianças pequenas, portanto, vocês têm que arranjar uma casa, nem que eu tenha que ajudar e eles foram viver para casa deles.

O meu irmão também era casado, mas a minha cunhada era de Lisboa e portanto, estava arrumado.

Depois de a minha mãe faltar, foi complicado porque eu não podia viver eternamente aquela vida, tinha que viver com o meu marido e então o que é que fazia, governava a casa do meu pai e a minha, vinha ao Porto ao fim de semana, fazia contas com as empregadas, deixava-lhes escrito o que elas haviam de fazer durante a semana, o serviço que haviam de fazer e no fim fazia contas com o meu pai.

A casa do meu pai era muito grande, e quando foi a revolução, o meu pai que era muito bom, foi buscar uma irmã da minha avó que já estava com muita idade e vivia sozinha, e quando as coisas pioraram chamou o pai, a mãe e as duas irmãs, foram todos para lá. Não sei qual era a revolução, era muito pequena, mas lembro-me porque no último ano o bombardeio foi de tal maneira que nós fomos todos para o rés-do-chão, ficamos ali toda a noite. **A minha vida dava um livro.**

Gostava de ler, de tal maneira que com 12 anos adorei ler *Os Miseráveis* de Vítor Hugo foi o livro que me impressionou. Li, Júlio Dinis, o meu pai tinha um armário biblioteca muito bom, li toda a coleção de Júlio Verne. O meu pai era uma pessoa bastante culta, não tinha nenhum curso a não ser o Curso de Comércio, mas foi o diretor da maior fábrica de moagem daqui do Norte, que era nossa. Gostava imenso de discutir com ele, e miúda, pequenita, lia todos os dias o jornal, quando o meu pai chegava à hora de almoço gostava de discutir com ele os assuntos que tinha lido no jornal e ele dava-me atenção, por causa disso eu que era a ovelha negra do rebanho era chamada a sabichona da Grécia, depreciativamente.

A minha mãe não se interessava por essas coisas, bordava que era uma maravilha era uma dona de casa excelente, nasceu numa quinta, sabia tudo o quanto diz respeito a gerir uma quinta, de tal maneira, que foi ela que me ensinou.

Eu bordava por obrigação quando tinha aulas de labores no liceu, bordava comecei uma toalha, linda, em linho e bordada a ponto castelo branco, eu bordava na aula e a minha avó em casa bordava para adiantar, senão nunca mais saía do sítio. Bordei para mim, para o meu enxoval, bordei lençóis, bordei toalhas, grandes e pequenas, fazia crochet de linha fininha, o chamado *crochet* de arte. A minha mãe fazia renda de bilros que era uma maravilha, eu nunca aprendi.

No liceu, Carolina Michaelis, tinha amigos, mas nunca os levava para casa, porque a minha mãe, era uma pessoa avessa a visitas, não gostava nem de fazer nem de receber visitas, era o indispensável. No liceu, esperavam por mim para tirar dúvidas porque eu adorava os Lusíadas, elas detestavam-no eu explicava-lhes.

Tínhamos um jardim enorme com dois socalcos de horta; ramada, duas estufas: uma normal e outra quente (estufa fria e estufa quente); um galinheiro, uma corte, onde tínhamos um porco, a casa era muito grande. Tínhamos duas empregadas efetivas e uma a dias, que era mais ou menos a criada dos meninos, tínhamos um hortelão, um jardineiro e uma lavadeira. O hortelão e o jardineiro e era uma vez por semana, uma costureira, e tínhamos uma lavadeira duas vezes por semana. O nosso quintal era enorme, de tal maneira que, eu saia de casa e ia sair no portão do liceu Carolina Michaelis.

### **Família constituída**

*Fui criada no Porto, como uma menina rica, filha de uma família conceituada socialmente, boa gente, cujo brasão era honradez e trabalho.*

Estive casada 22 anos, durante dois anos fomos um, vá lá um casal perfeito, feliz modesto. Vivíamos com o ordenado do meu marido, ele tinha que manter o carro porque o trabalho dele era a 30 Km de maneira que o carro não era só gasolina eram os pneus, tudo isso. Governava a casa, e a minha maior preocupação foi sempre todos os meses poupar um bocadinho até ter um ordenado completo, se ele um dia perder o emprego termos um mês garantido para ele procurar trabalho e foi sempre essa a minha preocupação.

Como casada tive dois anos de felicidade completa, o meu marido tinha um feitio muito difícil, eu sabia dar-lhe a volta. Ao fim de dois anos, os pais dele, que moravam no Rio de Janeiro, vieram viver connosco um ano. O meu marido disse-me:

- Vou avisar-te de uma coisa, a minha mãe tem um feitio horroroso, eu nunca, nunca, me dei com ela e estamos sempre pegados os dois, mas enquanto ela aqui estiver não lhe digo que não a nada, deixo-a dizer tudo o que ela quiser.

Eu respondi-lhe:

-Podes ficar descansado porque pelo meu lado faço o mesmo, de tal maneira que, quando se foram embora eu estava de pele e osso.

Na quinta, que vivi com o meu marido, fiz de tudo, e mais algum a coisa. Fui criada no Porto, como uma menina rica, filha de uma família conceituada socialmente, boa gente,

cujo brasão era honradez e trabalho. Fui viver para a quinta, ninguém fazia o que eu fiz, tenho a certeza absoluta, uma vez num jantar em casa da minha irmã, o meu cunhado disse-me:

- Ó Isabel, não tens vergonha de ter umas mãos de sopeira.

De maneira que foi uma vida, muito complicada, difícil. Eu digo que fui conservada pelo frio, aquilo era gelado nós não tínhamos dinheiro para aquecedores ao fim de muito tempo é que conseguimos dinheiro para comprar um aquecedor a gás, mas, era o indispensável, eu não podia ficar ali agarrada ao aquecedor tinha que andar ali pela casa. O meu marido saía de casa às oito horas chegava às seis da tarde e eu era chamada constantemente pelos caseiros porque apareciam problemas nas ramadas, este ou aquele muro estava a cair, eu é que tinha que resolver, e eu ia resolvendo aquilo que podia resolver. Quando a coisa mais grave, eu dizia quando o senhor doutor chegar eu falo com ele e amanhã dou-lhe uma resposta. Mas de resto era eu que tinha que tomar conta de tudo, foi difícil.

Quando vínhamos ao Porto eu era o *chauffeur* do meu marido porque ele tinha que comprar livros e não tinha onde largar o carro. Era professor de secundário, deixou de ser assistente de faculdade no Rio de Janeiro porque disse-lhe que não queria ir para lá, então ele sujeitou-se a ser professor na província.

Quando enviei, vim para o Porto, aluguei um apartamento muito bom, só ia à quinta aos fins-de-semana.

### **Entrada na instituição**

*Vou para casa, eu sinto-me aqui em casa.*

Quando vim para a instituição, foi uma transição grande, estava habituada a viver só e aqui é muita gente, senti diferença sobretudo na comida, estava habituada a fazer comida boa, era muito boa cozinheira porque a minha mãe obrigava-nos a saber de tudo dentro de uma casa. Eu dizia:

- A empregada faz isso.

Dizia a minha mãe:

- Tu não sabes se vais ter empregada? E se tiveres e não souberes fazer não sabes mandar.

Antigamente, Deus me livre se uma empregada se dirigisse a uma senhora sem ela lhe dar autorização, Deus me livre. Era tudo muito diferente de agora, havia o povo e a classe de cima. O povo, imaginou que com o 25 de Abril os ricos iam passar a ser pobres e os pobres iam passar a ser ricos, não é assim. **Tem que haver uma relativa igualdade.** Bem, igualdade não pode haver nunca, porque a igualdade conquista-se pela educação pela instrução e enquanto não houver instrução e educação iguais, não à igualdade.

Quando vim para cá, não fazia ideia, que havia classes distintas aqui dentro, um ou dois anos depois é que me apercebi. Comecei a ouvir falar que existiam os lares, até lhes chamavam as “encostadas” (antigas funcionárias da instituição, que na reforma pediam asilo à casa) era mesmo aqui, perto do meu quarto. Só nessa altura é que fiquei a saber que existiam e eram diferentes, mas louvor seja feito, todos os direitos que nós tínhamos, também lá tinham, um Provedor exigiu que a comida fosse igual para todos.

Se um dia a instituição resolve-se juntar as duas seções, achava muito bem que elas não só pudessem usufruir daquilo que nós usufruímos, estou a ser um bocado contraditória.

**Elas deveriam usufruir de tudo o que nós usufruímos igualmente, mas existe a barreira da educação e o da instrução.**

Ainda hoje, surgiu a questão quando se fala da igreja do Carmo, fala-se em igreja, mas não é uma igreja é uma capela, para ser uma igreja é preciso que tenha transepto e a nossa igreja não **transepto**. A D. Guiomar perguntou logo o que era isso de transepto.

**Nós chamamos igreja por uma questão de tamanho e pelo estilo arquitetónico chamam-lhe igreja, mas para ser igreja tem que ter transepto.**

A entrada nesta instituição proporcionou-me uma vida completamente diferente, eu não queria voltar atrás por nada. Tenho vivido a minha vida com altos e baixos, muito bons, muito maus, tenho tido de tudo. Cada dia é diferente e é uma experiência nova, quando “partir”, vou com muito boas recordações e chega-me não quero mais.

Estou cá desde 1994, comecei a escrever em 1997, tinha então 77 anos, nunca tinha escrito nada, a não ser uma carta a uma amiga, ou coisa assim. Está aqui uma relação de tudo o que escrevi feita pelo Eng.º (residente da instituição), foi graças ao Dr. Luís (residente da instituição falecido) que comecei a escrever.

Os livros foram a primeira coisa que fiz quando para aqui vim. Não tinha nada que fazer, e pensei: vou escrever histórias para os meus sobrinhos netos que eram pequenitos, escrevi 60 e estive com elas anos sem as publicar e a minha cunhada dizia-me:



- Ó Isabel vai a uma editora que isto merece ser publicado. Nunca fui, mas passados muitos anos, um dia disse para mim mesma:

- Já é demais e fui à Porto Editora.

Ficaram-me com 30. Falamos logo dos preços. Na realidade nunca pensei que uma coisa que eu fiz para me entreter e para deixar de recordação aos sobrinhos rende-se alguma coisa.

Escrevi mais de 300 artigos para o *Comércio do Porto* (jornal). A Direção do *Comércio* a certa altura mudou, e o diretor saiu-me um machista, mandou embora tudo quanto era mulher. De maneira que, um dia agarrei no telefone falei para o *Primeiro de Janeiro* (jornal), ficaram logo com dois artigos para mostrar à diretora e um deles, era quase, uma charge política e terminava desta maneira:

*Perdigão que o pensamento subiu ao lugar*

*Perde a pena de voar*

*Ganha a pena de outro mundo*

*Não tem no ar, nem vento, asas que se sustenha*

*Não há mal que lhe não venha.*

Ao fim da tarde, recebi um telefonema, do *Primeiro de Janeiro*, a dizer que os meus artigos tinham agradado e que iam sair já no próximo número. E, se quisesse que manda-se mais, e passaram a publicar todas as semanas um artigo. Tanto podia ser um artigo como uma crónica, uma charge política, porque nunca me foi nada imposto escrevia sobre o que queria.

Aqui na instituição também fui convidada para ser Mesária (fazer parte da Mesa Administrativa), não concordo porque não tenho condições para o ser. Precisava de ter conhecimentos bastantes de contabilidade, para consultar os livros da instituição para saber se as contas estavam certas, devia saber como se governa uma casa destas, com tantos empregados.

Esta é a minha casa, se eu encontrava uma pessoa conhecida ou amiga na rua e me perguntava para onde eu ia, eu respondia:

-Vou para casa, sinto-me aqui em casa, como me sentia no *Palace* (hotel) por isso eu gostava de estar lá.

## **Atividades da Animação Sociocultural**

Quando vim para cá tive que vender as mobílias todas (sala de jantar, aparadores, um móvel de faqueiro, a cristaleira, o bengaleiro, que não cabia aqui), vendi pratas e algum dinheiro que tinha, deu para vir para cá. Não estou nada arrependida?

Eu digo muitas vezes às senhoras:

- Reparem quando viemos para cá, quanto pagávamos por um pão, e agora quanto é que custa? Nós continuamos a ter tudo sem pagar mais, pagamos por mês aquilo que queremos, eles nem sequer exigem, aqueles que concordam pagam o que podem.

A Animação cultural faz aquilo que pode, e a mais não é obrigada. Se a instituição tivesse mais dinheiro haveria mais possibilidades de ter outras coisas.

Cada dia é uma experiência nova, mesmo aqui cada dia é um dia, é diferente do anterior e isso é que eu chamo, viver. Ainda vivo, mas queria morrer. Já vivo à tempo demais, peço a Deus que me leve porque já não faço falta a ninguém, já não sou precisa e preciso de ir para Deus. Descansar.

Agora vem aí a festa da Nossa Senhora do Carmo, na igreja, vou ficar sentada num cadeirão porque não posso subir o degrau, nem descer, um dia destes ia caindo.

## **A exposição de natal**

*Durante a exposição faço tudo o que posso, mostro os artigos expostos, explico para que servem, faço o possível para que agradem.*

Passo os meus dias a trabalhar, a fazer croché, trabalho para a exposição para serem vendidos a favor da casa. Durante a exposição faço tudo o que posso, mostro os artigos expostos, explico para que servem, faço o possível para que agradem.

A Animação Sociocultural de muito, faz um só, é um todo a trabalhar. Procuramos sempre que as pessoas contribuam de forma positiva.

Normalmente, na exposição é durante dois três dias em dezembro, sempre antes do Natal, convém que seja antes do Natal porque assim se quiserem comprar prendas para o Natal têm ali uma oportunidade, e barata. Temos pessoas a vender, ou a procurar vender, às vezes, não aparece ninguém para comprar, mas nós não desistimos. É verdade, é importante falar na *mesa das rifas*, pois chama muito o pessoal.

## O Voluntariado

A ideia surgiu porque gostava de poder fazer o mesmo que a Maria Isabel (outra residente já falecida), voluntariado.

Comecei por ir ao nosso Lar, falava-lhes sobre a bíblia, sobre questões da igreja, da vida de Jesus, li-lhes os quatro evangelhos e quando o assunto me faltava, falava-lhes da missa do dia, sobretudo do Evangelho. E assim fui matando o tempo.

É uma experiência enriquecedora porque adquiri amizades que não tinha, elas sentem por mim afeição e eu também. Habilmente conquistei-as. A D. Ema, não deixava aproximar-me, mas eu dizia-lhe:

- Está com uma blusa muito bonita, fica-lhe muito bem, ela olhava para mim desconfiada e não me dizia nada. Da outra vez elogiava-lhe outra coisa:

- Que manta tão jeitosa, ia-me servindo do que ela tinha, e ela às tantas amansou e cheguei mais perto dela e não me deu nenhum pontapé. Um dia perguntei-lhe, posso dar-lhe um beijinho?

- Se quiser, se quiser. Disse ela.

Daí por diante dava-lhe sempre um beijinho como dava às outras todas, cumprimentava todas quando chegava e quando saía.

Não tenho ido, vou só para ver que não me esqueço delas, mais nada, e digo-lhes mesmo:

- Estou aqui para vocês verem que não me esqueço das senhoras, que sou vossa amiga. **De maneira que, não venho não é por não querer é porque não poder, sou mais velha que as senhoras, tenho 94 anos.**

*O meu pai era nitidamente o homem do povo, um popular, estava a uma grande distância, a minha mãe.*

### **Infância e Memórias**

Nasci no Porto, na Avenida da Boavista, no que se chama um palacete rodeado por um jardim, com uma palmeira enorme, onde até criávamos um porco, tínhamos a casa da lenha, enfim um palacete, embora fosse alugado.

As minhas memórias da minha infância são negativas, sou filha única e a minha mãe tinha um amor obcecado por mim, mas era obcecado mesmo e não me fazia feliz.

A minha mãe tinha uma posição social, digamos, alta e o meu pai era empregado do meu avô, e casou com a menina da casa. O meu pai não tinha posição social em relação à minha mãe, e como tal, não se manifestava.

Portanto, há uma coisa que noto e que digo sempre: a minha mãe não puxou pelo meu pai. Sabe-se, que o homem puxa mais pela mulher ignorante do que a mulher puxa pelo homem. A minha mãe mantinha-se sempre na sua posição e não puxava pelo meu pai. O meu pai tinha o curso da Oliveira Martins, datilografia, mas veio de tamancos para o Porto, do Marco de Canaveses para o Porto de tamancos. Dizia sempre:

- Ó filha não são socos, são tamancos.

Ele era apaixonado, não era amor, era paixão pela minha mãe. O meu pai, um mês e sete dias sem ter doença nenhuma morreu depois da minha mãe. A minha mãe morreu a 3 de fevereiro e o meu pai morreu a 10 de março, é interessante a paixão do meu pai pela minha mãe.

Os meus pais tinham uma vida muito individualizada. A minha mãe, um dia por semana às quartas-feiras, por ordem alfabética, ia a casa da D. Ana, mulher de um escritor. Depois na outra quarta-feira, essa D. Ana e a minha mãe iam a casa de outra senhora, finalmente todas vinham a casa da minha mãe. O meu pai tinha aquilo que eu chamava “os amigos de tasco”, o tasco chamava-se *Adega* à beira da igreja da Trindade onde agora é um centro comercial.

O meu pai tinha duas casas comerciais na Rua do Almada, e então quem eram os amigos dele? Na hora do lanche, quatro e meia, cinco horas iam todos para lá. Às vezes,

levava-me pataniscas. Bebiam uns copos, era assim aquele ambiente, jogar cartas. Para o meu pai, a vida dele era, trabalho e reunião com esses camaradas, não, antes colegas. A minha mãe tinha o que era o antigo 7º ano. Mas todas as irmãs da minha mãe que eram quatro raparigas, a minha mãe e mais três irmãs, eram todas professoras primárias e duas delas casadas com professores.

Eu gostava muito dela, punha-a nos píncaros, apesar de não gostar de muitas coisas nela. Mas, pela posição social, pela maneira da minha mãe falar, pela maneira de estar. Tinha muita vaidade na minha mãe. Naquela altura, a minha mãe era uma senhora com o seu colar de pérolas, o seu chapéu... Mas, hoje, em momentos de reflexão, penso que o meu pai era muito melhor que a minha mãe.

Tenho muita sorte na minha vida, nunca fui amargurada pela infância que tive, agora sim, passei muitos maus bocados. Tinha vergonha porque os meus pais não se davam bem. Não convidava nenhuma amiga para ir a casa porque podia ser uma altura em que os meus pais estavam “brigados”, e tinha vergonha. Tinha vergonha da possível reação do meu pai, da minha mãe não. O meu pai era um homem trabalhador e dizia-nos:

-Vão para casa, os vossos pais andam a trabalhar! Vão estudar porque vocês são estudantes! Não é para estar a ouvir música, ficava envergonhadíssima.

Mas, a infância menos boa que tive não me influenciou, e isso, acho que é uma Graça.

Quanto a mim, ao que eu tenho ouvido, todas as pessoas na infância foram felizes, eu não. Não me faltando nada, não tenho noção de felicidade, ouço as pessoas dizerem maravilhas dos irmãos, dos pais, fico feliz por saber que foram felizes, mas eu não.

Quando eu digo que sou uma privilegiada, sou mesmo. Por exemplo, os meus pais quando estavam de bem, vamos dizer assim, porque era tão raro estarem assim dessa maneira unidos, que de fato queriam viver aqueles momentos.

Por exemplo, eu tinha aulas, ia para a escola e o meu pai pegava no carro e iam ao Marco e eram capazes de passar lá o dia inteiro e eu quando chegava a casa não estava ninguém a não ser as empregadas, a cozinheira e a empegada de sala. Nunca me faltou nada.

Fui uma vez ao cinema com os meus pais, ver *As pupilas do Senhor Reitor*. O meu pai gostava daquilo que a minha mãe não gostava, de revistas, era revisteiro a minha mãe, gostava de concertos, de ir ao teatro São João, gostava de chá. O meu pai para ir a um concerto é porque estava tudo virado ao contrário.

Antigamente existia uma casa de fado na Rua do Almada, não era em frente à casa comercial era em frente a um armazém do meu pai, e o meu pai como gostava de fado ia para lá com o meu tio e a esposa, a minha mãe, Deus me livre, estava sempre lá em cima. O meu pai era nitidamente o homem do povo, um popular, estava a uma grande distância, a minha mãe.

*As férias que ia passar à aldeia eram muito melhores que as que passava na nossa quinta, porque estava sozinha.*

Quando não estavam *in love*, a minha mãe puxava morbidamente por mim. Por exemplo, vou falar-lhe do liceu. Eu gostava muito de uns livrinhos pequeninos que eram o resumo de grandes livros, que eram muito baratos. Então eu ia a pé, poupava assim o dinheiro do elétrico e comprava esses livrinhos. Claro chegava mais tarde a casa, nem que fossem 5 minutos, todos sabiam, as minhas tias, sabia a rapariga com quem eu andava, todos sabiam. Eu queria sair e a minha mãe dizia:

- Não podes ir ao cinema, sozinha, sei lá se tu vais ao cinema!

Eu respondia-lhe:

- Ó mãe, a mãe tem que meter na cabeça uma coisa: o que a mãe está a pensar pode se fazer a qualquer hora. Não pense que se eu quiser fazer o que a mãe está a pensar, que não é preciso ir sozinha. Se eu for acompanhada eu peço à companhia para me dar uns minutos e vou fazer o que a mãe pensa. Porque o pai emprestava o carro ao meu marido, na altura namorado. A minha mãe pensava sempre que a porcaria do carro que era um quarto de aluguer, cheguei a ter umas cenas com a minha mãe, já maior, com uns 17 anos.

Eu como rapariga, talvez a minha mãe fosse mais nova que as outras amigas porque as filhas das outras senhoras eram já “senhorinhas”. Eu mesmo indo a casa de senhoras que tinham filhas elas já não me ligavam. Quer dizer, eu nunca tive companhia a não ser da Margarida que era da Avenida da Boavista.

Nas férias em que íamos para a nossa quinta, o meu sonho era que os meus primos fossem connosco, mas os meus primos, filhos de professores, tinham casa em Cortegaça e queriam ir para a praia. Portanto, só na altura das vindimas é que eu tinha gente lá em casa. De resto, férias e tudo não tinha companhia.

No outro dia, estive a falar de apreciar o silêncio, esse desejo é uma coisa intrínseca porque eu não gosto muito, por isso saio todos os dias. Talvez como na minha infância não tive companhia...

A minha família, agora vou puxar um bocado à vaidade, do lado da minha mãe era muito culta, tenho primos que na altura eram mais velhos do que eu, eram engenheiros do Instituto Superior, não é Faculdade é Instituto Superior. As minhas tias professoras tiveram filhos professores. Tudo era professor na família da minha mãe, tudo.

É curioso que eu tendo tantos primos..., mas os parentes do meu pai, como é que eu hei-de dizer, nunca saíram da terrinha. Eram sete irmãos, é uma coisa notória, os meus avós, pais do meu pai, deixaram a cada filho a sua casa ao meu pai que estava no Porto, não. Mas os outros seis irmãos, todos tiveram uma casa a casa de família ficou para a minha tia solteira, a beata, porque não era casada. É uma casa magnífica, para labrador. Uma casa retangular com uma varanda grande em madeira, uma escadaria. Como uma casa da aldeia, não havia sanita como agora, era de madeira com um buraco e depois tinha a tampa.

Na parte debaixo, era para o gado. Primeiro porque davam calor para cima, isto era geral lá na aldeia de Marco de Canaveses que agora é cidade, servia também para lavrar a terra.

Quando ia de férias para a aldeia, a minha tia Josefina, descia as escadas apertava a teta da “chibinha,” eu ficava na varanda, e ela dava-me o leite ainda quente.

Ia para lá todos os anos, até aos meus dezasseis. Depois comecei a namoriscar com um primo meu, era engraçado. As férias que ia passar à aldeia eram muito melhores que as que passava na nossa quinta, porque estava sozinha. Se fosse para a aldeia tinha lá a família do meu pai e os meus primos. Dançávamos púnhamos uma grafonola daquelas de dar à manivela, só tínhamos um disco, que era um tango:

- *Ia à média Luz,  
crepúsculo interior,  
à média luz o Tango,  
à média luz o amor.*

## **Percurso profissional**

*Presentemente sou capaz de ir mais depressa à tasca que ir ao Social.*

A educação era mais a parte da mãe, o meu pai vivia a vida dele não interferiu em nada na minha educação. O homem não tinha nada a ver com a vida da mulher. A não ser quando deixei a faculdade.

O meu pai fartou-se de trabalhar quando lhe disse que em cerca de um ano, ano e meio, queria casar e seguir outro rumo, teve um grande desgosto e disse mesmo:

- Quer dizer, trabalhei tanto para te ver formada e tu agora dás-me esse desgosto.

No dia do casamento envergonhou-me. Ia-lhe a dar um beijo, no fim da cerimónia e ele disse: Cristo e não me deu. Teve essa reação no casamento, mesmo dentro da igreja.

Uma vez perguntei-lhe:

- Ó pai dizem que somos milionários?

O meu pai respondeu:

- Falta-te alguma coisa? Olha, contenta-te com aquilo que tens que é meio caminho andado para seres feliz. É uma frase sábia, são coisas que ficam. Eu não sei se o meu pai tivesse subido ou a minha mãe, descido, eram capazes de se terem encontrado.

No outro dia estive a fazer uma reflexão, e penso que o meu pai era o melhor de todos, isto é triste de dizer, mas a minha mãe, a vida social, a vida na sociedade, normalmente não é muito verdadeira. É um bocado *show-off*, mas eu gostava desses *show-off*.

Fui durante muitos anos comer iscas, e aliás isso acabou porque morreram as minhas duas amigas, íamos à Ribeira a uma senhora que estava à porta a fazer iscas. Eu sou assim, gosto dos dois lados. O meu ADN é dos dois, não é? Presentemente sou capaz de ir mais depressa à tasca que ir ao Social.

### **Família constituída**

*Até á pouco tempo eu e o meu marido trocávamos prendas nos anos.*

Casei na igreja de Lordelo do Ouro e fui viver para casa dos meus sogros. Estivemos lá até o primeiro filho nascer, depois compramos uma moradia em São Mamede, compramos um *Alfa Romeo*, quando eu recebi a herança dos meus pais, por isso, tínhamos a fama de ricos, mas era o que eu tinha herdado.



É engraçado que o meu filho mais velho, fez a mesma pergunta que eu fiz ao meu pai.

- Ó pai! Dizem aqui que somos ricos?

- Olha vou-te dar a resposta. A tua mãe dá a manteiga e eu dou o pão.” A manteiga era mais cara. Eu era a herdeira, na altura, tínhamos casado há pouco tempo. Vendemos a quinta dos meus pais em Valbom, Gondomar. Era muito bonita, era das quintas mais bonitas que conheci, tinha sete portões.

Quando casei, e tenho a noção exata que prejudiquei grandemente o meu ex-marido, sobretudo nos primeiros anos de casada. Ele, tardiamente, é que acabou o curso. Porque quando casei o que é que eu queria? Ir ao cinema, ir aos concertos, visitar amigos da nossa geração. Portanto está a ver, a minha necessidade não é ambiente social propriamente dito, é o contato com as pessoas. Às vezes também gosto de ficar sozinha, mas é muito raro.

Não admito que alguém diga que tenha sido mais feliz do que eu durante 15/20 anos, mas depois foi de uma infelicidade atroz. Hoje equilibrei o muito bom e muito mau, algumas pessoas vivem de recordações, eu não. Eu já contei isto a toda a gente um dia estava na cafetaria com o meu ex-marido e olhei para ele e disse:

- Ó Eugénio, sabes uma coisa? Eu nem me lembro que fui casada contigo.

Diz-me ele:

-Tens mais sorte do que eu.

Portanto, ele é capaz de se lembrar de algumas fases. Nem tenho saudades do tempo que fui muito feliz, e não penso no tempo que fui muito infeliz, cheguei a pensar no suicídio. Isso até me dá vontade de rir quando digo que pensei no suicídio. Mas pensei mesmo.

Tinha 54 anos, eram trinta anos de casamento. Tenho uma mão lá em cima a abençoar-me, porque eu pensava assim: Meto-me no carro e vou contra uma parede e fico paraplégica e quem é que trata de mim? No auge do meu sofrimento tinha este pensamento: deito-me do quarto andar abaixo, que era onde eu morava, se eu morrer, tudo bem, mas se não morro.

Casei com vinte e quatro anos, à cerca 61 anos, o meu marido estava a trabalhar na Mundial Seguros, mas continuava a estudar engenharia e sinto-me responsável por ele ter casado muito cedo. Só, sei que voltou a estudar quatro anos depois. Porque eu, ai Jesus! Eu aproveitava tudo para sair, íamos às festas todas do Ateneu, a casa de amigos, muitos amigos. Amigos, esses que ainda hoje vou almoçar com eles.

As senhoras jogavam à canastra todas as quartas-feiras. Nessa altura morava na casa dos meus sogros, ia de carro, tinha um Fiat 600.

No grupo de amigos estava a mulher que hoje é a mulher do Eugénio. Na altura ela tinha descoberto que o marido andava lá com uma secretária e pronto. O meu marido pôs-me os “cornitos” e ela também.

As coisas graves que tive na minha vida foram três: a morte de um filho, o meu divórcio e o problema canceroso.

Por ordem sentimental que por ordem cronológica seria o divórcio, a morte do meu filho e meu problema oncológico. Tive cancro no intestino, chama-se carcinoma do cólon.

Até á pouco tempo eu e o meu marido trocávamos prendas nos anos. Agora é só no Natal. Começou a crise, mas ele tem-se portado impecavelmente. O ano passado veio aqui no Natal e estava lá em baixo na cafetaria e no meio da conversa ele diz: isto está muito mal, vamos ver se eu consigo cumprir os meus compromissos, estou a referir-me ao cheque que me paga todos os meses. O tribunal mandou dar-me uma quantia, mas ele dá-me a mais cerca de oitenta e não sei quantos euros.

### **Entrada na instituição**

Os primeiros anos aqui nesta casa senti-me felicíssima. Tinha os amigos fora da instituição e aqui onde não me faltava nada. Nada! Até chegava a dizer que parecia uma passerelle. Era uma funcionária de manhã, uma para tomar o pequeno-almoço, uma para levantar o tabuleiro, uma a fazer a cama, outra a aspirar, e limpar o pó. Era uma coisa fantástica. Eu já estou cá há treze anos.

Adapte-me perfeitamente, diziam-me mesmo que estava como um “peixinho na água”, e é verdade. Também, quero dizer isto sem parecer peneiras, o patamar de educação era mais nivelado do que é agora.

A Maria do Céu era uma senhora enfim, da sociedade, a Maria Antónia era uma senhora maravilhosa. A Maria Isaura, a Doutora Ana que lhe conheci o marido. Rendo-lhes uma grande homenagem, eram Senhoras. Bem e agora ainda há pessoas que cá estão: A Maria Aurora, a D. Guiomar, são pessoas impecáveis. A Branca é um top de senhora. Passei horas à porta da capela, naqueles bancos, a ouvir a Branca contar histórias.

Isto pode parecer diferença de classes, não é isso que noto eu não sou da alta sociedade, mas quando entrei senti-me muito bem.

No setor vitalício por exemplo a D. Olívia estudou muito pouco. Mas se compararmos com outra pessoa que estudou o que ela estudou, ela é muito superior a essa pessoa. Porque tem muita coisa dentro dela, muito pensamento, muita quadra, muita cantiga. Talvez por influência do marido ela tem um livro dele com pensamentos e provérbios e ditados.

Mas vou-lhe chamar à atenção de outra pessoa. A D. Ema do ambulatório, particular vitalícia, é uma pessoa que subiu escalões. Talvez por contato com os médicos.

Nota-se pela conversa que às vezes tem, é menos “popularucha”.

### **Atividades da Animação Sociocultural**

*Trabalho para colaborar e simultaneamente é uma ajuda para mim própria.*

#### **Atividade do terço**

Quem lembrou atividade do terço foi a Maria João (residente) dando a ideia de que cada uma ia um dia a determinada hora rezar o terço. Achei que era melhor em conjunto, assim se faltasse uma rezava-se o terço na mesma. Ela deu-me a ideia e eu assumi, da maneira que entendi que era melhor. A união faz a força, portanto se eu juntar duas ou três pessoas é melhor, já tivemos a capela cheia. Portanto, achei melhor do que ser individualmente.

Queria que cada pessoa colaborasse, personalizar o terço.

No início era a animadora cultural que atribuía os mistérios, agora faço-o sozinha sem dificuldade. O fato de ela muitas vezes não estar presente não me fez confusão nenhuma, acho isso natural, como acho natural estar mais pessoas ou menos pessoas.

### **Exposição de Natal**

Em relação à exposição de Natal, acho que mesmo com a crise, mesmo com as dificuldades, deve-se manter. Tenho saudades, muitas saudades, das primeiras exposições de Natal, saliento já à cabeça os trabalhos da Maria. Foram excepcionais, foi sempre feita em colaboração com as pessoas que cá estão, vitalícios e não Vitalícios e também com o exterior. Nem que não se vendesse, a colaboração de todos foi sempre uma coisa espetacular.

Estou a lembrar-me dos vestidinhos, maravilhosos que uma senhora do lar fazia, tenho pena de não ter comprado nenhum. O movimento era fantástico: familiares, empregadas de todas as categorias. Eu lembro-me de ter ido uma médica e ter comprado uma manta que eu fiz. Eu, já fiz um ano ou dois a mesa das rifas, mas a Cândida (residente) parece que já fez mais.

Acho que agora a exposição está mais organizada, também se aprende com os erros.

Na contabilidade já foi o Cerqueira e agora está a Carla.

Aplicamos o que rende a exposição naquilo que é mais necessário para a nossa casa e na animação cultural, no meu entendimento deveria ser em partes iguais em partes iguais.

### **Os passeios na carrinha**

No outro dia estive a pensar, há uma coisa que não concordo com a Inês. Podíamos alugar uma carrinha e dar um passeio por exemplo à Boa Nova, antes era a casa que dava os passeios e eu agora estava a dizer que poderíamos ser nós a pagar. Outro passeio que eu adorei, foi à feira de artesanato em Vila do Conde. É um dos passeios mais bonitos que nós fizemos. Embora eu gostasse de ir ver aquele portuense, pintor o Júlio Resende. Fomos a Vila Nova de Gaia ao Museu Teixeira Lopes, adorei.

Não me lembro da participação nesses passeios de senhoras do lar, só me lembro de ver senhoras vitalícias. Lembro-me de uma única da D. Adelina, penso que era a única, sim também da D. Maria Monteiro, já não me lembrava dela, lembro-me da que chamávamos de fadista, de fato eram do lar.

### **Trabalhos de tricot**

Os tricots é uma coisa que me dá muito prazer, exercita-me a criatividade. Trabalho para colaborar e simultaneamente é uma ajuda para mim própria, sinceramente, é verdade. Não gosto de ver televisão, só ouço, de maneira que o estar a fazer qualquer trabalho e a ouvir a TV é uma distração. Por exemplo, ontem cheguei aqui era uma hora da manhã, hoje não sei a que horas vou chegar. Chegando tarde, é um vício, ligo a televisão e faço qualquer pontinho.

O Ateneu (Comercial do Porto) é minha segunda casa, frequento-a á 60 anos, a primeira vez fui levada pelos que viriam a ser meus futuros sogros. Agora frequentar o Ateneu foi a partir do ano em que casei, como mulher de sócio.

### **Reuniões de Animação Sociocultural**

Os temas que a mim me interessam sempre são os relacionados com a cultura, isto pode parecer presunção, mas gosto de lembrar as coisas antigas, coisas do nosso tempo. Gostei de ver o filme Aniki Bóbó quando veio cá a atriz protagonista, a Fernanda. Lembro-me da conferência do Sr. Provedor sobre a *Flor Agreste* do Soares dos Reis. Essa por qualquer motivo estive em casa dele.

Estou a fazer um *dossier* com memórias, chamo-lhe “Apontamentos para o meu neto” tenho lá de tudo. Qual é o Rio Maior? O que fez Fulano o que fez Sicrano. Tenho muitos pensamentos, lembranças, recordações. Ainda agora tenho para escrever três apontamentos, um deles é sobre o Eça de Queirós, que foi diplomata em três países: Cuba, Inglaterra e França. Desisti uns anos de fazer esses apontamentos, mas à pouco tempo voltei.

*Eu não gosto disso, mas considero que é natural.*

Quando cheguei cá notava que havia duas classes sociais entre o Lar e as senhoras Vitalícias, de uma forma estranha, havia distância, mas também entre as residentes dos particulares vitalícios.

É melhor dar um exemplo, um dia disse à D. Ana (residente vitalícia):

- Olhe, vou jantar com os meus amigos. A senhora tem que vir uma vez.

E ela respondeu:

Ai não, eu não vou. Eu não sei estar no meio dos amigos da senhora.

Acho que essa distância diminui. A D. Marta (senhora do lar) fala comigo a toda a hora.

O convívio da animação cultural aproximou os dois setores e a partir de certa altura começo a conhecer a D. Irene, a D. Januária, a D. Isilda, a D. Emília, a D. Rosa que vinha cá o filho trazia sempre docinhos e distribuía também pelas outras pessoas.

As senhoras do lar foram empregadas desta casa e como empregadas mantiveram o hábito de dar passagem nas portas. Eu não gosto disso, mas considero que é natural. A minha empregada passa à frente na porta. Eu digo: “Passe” e ela não passa, naturalmente ela espera que eu passe. São 44 anos que estamos juntas. Um empregado do Ateneu abre-me a porta para eu passar.

Eu tenho 92 anos nasci na Meda em Trancoso. A casa ainda existe a minha família é uma das mais antiga de Portugal. O meu pai andou a estudar em Coimbra, metia-se na pinga, não fazia nada, ele era fidalgo e na altura era uma desonra trabalhar e ele não gostava muito do trabalho não acabou o curso e punha tudo no prego, quando ia de férias punha pedras na mala porque tinha vendido a roupa toda.

A minha mãe era filha de um padre, o que era vulgaríssimo na província, casou contra a vontade do pai, do padre, mas casou na mesma.

Viveram ambos perto da Meda num solar, mas um dia a minha mãe carregou a camioneta e foi-se embora, tinha para aí três anos e fomos para a casa da madrinha dela para uma territa chamada Torres. Eu nunca mais soube nada dele (pai). A minha mãe era professora e arranjou emprego numa colónia de raparigas. Eu fiquei a viver na colónia até aos dezasseis anos e a minha irmã, que é mais velha, dois anos do que eu, foi viver com os padrinhos para Coimbra. Fiz a quarta classe fora da colónia, frequentei a escola com o filho do diretor e ficávamos em casa dele, a minha mãe pagava, se não me engano, cinquenta escudos. Eu estava a crescer e tive que ir para liceu, por outro lado, as raparigas lá eram um perigo lá, aprendi a conhecer as mulheres. Fiz o primeiro e o segundo ano do liceu em Torres Vedras, fui para uma casa alugada com o filho do diretor era uma família que nos tratava muito bem. Em Peniche não havia nada, era considerada a terra da fome, porque os barcos na altura eram pequenos e até a remos, às vezes estavam sem ir ao mar, meses, sobretudo quando o mar estava bravo. O pescador não é como o lavrador, o pescador, ganha e gasta.

No entanto, o diretor da colonia, que era inteligentíssimo, nunca conheci ninguém como ele, instalou um colégio em Peniche e foi onde eu fiz o terceiro ano do liceu. O colégio chamava-se *D. Luís de Ataíde*, este homem foi morto pelo Marquês de Pombal, quando foi o processo dos Távoras.

Quando a minha mãe veio para o Porto, fui para o *Liceu Rodrigues de Freitas*, depois comecei a trabalhar no Colégio dos Órfãos, só tinha uma folga por semana. Aquilo lá, não era brincadeira, aturar duzentos e quarenta rapazes, era muito difícil, não ganhava mal, pois era cama, mesa e roupa lavada e ganhava-se quatrocentos contos. Um escriturário ganhava seiscentos, mas gastava dinheiro na alimentação e na dormida. Eu ganhava bem, mas andava sempre teso, tinha a mania do cinema, ainda hoje tenho.

Entretanto meti na cabeça e concorri para a Câmara para escriturário, fiquei bem, mas ia na mesma ao colégio dormir e comer. Mais tarde fui trabalhar para a APDL, Administração do Porto de Leixões.

Do meu casamento não quero falar são coisas muito complicadas.

## **Entrada na instituição**

*Tiro fotografias às pessoas, mas sou um amador.*

Entrei para o lar, com a minha mulher, vivíamos perto daqui, numa casa alugada. Quando a idade chegou resolvemos preparar o nosso futuro.

Decidi vir para esta casa para acautelar o meu futuro, mas afinal não acautelei nada, antes pelo contrário.

Julgo que no lar (*Setor Lar*) estão mais bem tratados que nos *Particulares Vitalícios*, pelo menos parece, mas não quero falar disso.

Reformei-me com sessenta e sete anos. Adaptei-me perfeitamente, ia para os Fenianos, lia os jornais a partir das três horas, estavam lá sempre as mesmas pessoas, depois ia até à FNAC ao Centro Comercial *Via Catarina*, entretinha-me assim, na FNAC via as revistas; os DVDs e as máquinas fotográficas. Gosto muito de fotografias especialmente paisagens, todas as semanas ia para a Trancoso para a minha família e tirava muitas fotografias. Tiro fotografias às pessoas, mas sou um amador. Faço montagens com os vídeos, uso dois DVDs.

Agora passo os meus dias com a minha mulher. Uns dias vou até a minha casa, que é relativamente perto daqui, e que ainda mantenho, outras vezes não me apetece. Venho ao *Piolho* (café) tomar um pingo e ler o jornal. Gosto de ver TV, tenho mais de cem canais, à tarde fico na instituição, perto da minha mulher. Gosto de ouvir música, sobretudo fados de Coimbra, gosto da Amália Rodrigues. Às vezes adormeço.

Faço coleção de garrafas de vinho, aguardentes velhas, whisky, mas não é para beber. Compro pela qualidade do vinho, normalmente compro *vintage*, às vezes, o vinho é uma desilusão, estraga-se. Tenho uma garrafa que me custou setenta contos. Garrafas de



quarenta anos, cinquenta anos. *Vintage* é uma colheita especial, muito boa e só tem uma qualidade de vinho não tem mistura, e vale consoante os anos que tem.

### **Atividades da Animação Sociocultural**

Não gosto das festas, quase sou obrigado a ir, senão ninguém tira fotografias.

Gostei de tirar aquelas fotografias ao quadro do Teixeira Bastos, era um dos grandes operadores da instituição. **Também lá existe um Busto que era do Álvaro Rodrigues, também era médico, busto está muito parecido.** O quadro do Teixeira Bastos foi pintado por aquele célebre pintor português ...] era retratista, não me lembro agora do nome. Mas amanhã digo-lhe.

### **Residente A3 - Marta**

*Naquela altura era assim.*

Tive dez irmãos, mas há dois que não conheci porque eles morreram pequeninos, agora somos 4, eu só conheci oito porque os outros morreram pequeninos. A minha mãe casou duas vezes, eu sou do segundo matrimónio. A minha mãe enviuvou muito cedo, casou-se com 16 anos, era naquele tempo ainda. Os pais é que escolhiam o namorado, o casamento das filhas. O segundo casamento já não foi assim, o meu pai apaixonou-se por ela antes da minha mãe casar da primeira vez. Ela teve 5 filhos de cada marido.

O pai era da construção civil e a mãe trabalhava em casa, fazia trabalhinhos assim para fora, mas em casa. Da infância recordo a escola, as brincadeiras da escola, os amigos. Era na aldeia, Mondim de Basto, pertence a Vila Real, a gente não tinha assim grandes possibilidades. Lembro das brincadeiras, das corridas, as escondidinhas, da macaca e das cordas e assim. Brincávamos no recreio das escolas, fazíamos os trabalhinhos, aprendi a fazer aquelas bainhas abertas, o *picozinho*, bordado pé de flor, assim umas coisinhas, naquela altura era assim.

A escola era o dia todo. Estive um ano parada, porque a professora faleceu, estivemos um ano sem professora. Atrasei um ano, mas estudamos todos até a 4ª classe.

Durante esse ano, brincava, trabalhava em casa, a gente ajudava, tínhamos que fazer a cama, íamos lavar alguma roupinha ao tanque que era longe e íamos buscar água. Nunca fui de andar a nadar, lá não havia piscinas, eram aquelas poças onde os irmãos iam e aqueles miúdos de lá. Eu nunca fui, porque fui sempre muito medricas, ainda sou. Não sei nadar, e tinha medo e gritava só por ver os outros.

Na aldeia tinha um campinho com um terraço de terra batida onde havia árvores, laranjeiras e oliveiras. Foi até então que se pôs um baloiço, com uma tábua e uma corda grande, e eram ali as nossas brincadeiras.

Vivíamos todos na mesma casa, só a mais velha que é que não, porque foi criada com os meus avós, a minha mãe teve a pneumónica, aquela febre da 2ª Grande Guerra, a minha mãe estava grávida e muitas grávidas morreram. Ela infelizmente não ficou com muita saúde, então como era a filha mais velha e como era muito pequenina os meus avós tomaram conta dela com receio. O primeiro marido morreu de acidente, caiu e ficou com a espinha dobrada e partiu, nessa altura não havia nada, pronto e morreu, teve um sofrimento grande. A minha mãe era linda, era muito bonita, o meu pai dizia que

nenhuma das filhas saía a ela, era uma pessoa elegante, que se vestia bem e o meu pai gostava. A minha mãe tinha olhos escuros e cabelo preto, o meu pai loiro de olhos verdes. Ele andava na tropa, apanhou as revoluções e andou lá mais tempo, e quando soube por uns tios meus que a minha mãe que ficou viúva, ele pensou logo, que era ela, embora ele tivesse filhos, era tão amigo dos meus irmãos, dos enteados como nosso, se tivesse que castigar, castigava o filho, mas o enteado não. Eram mesmo as minhas irmãs mais velhas que contavam, por que isso eu não me lembro. Mas elas lembram-se, como a minha irmã mais velha do segundo matrimónio *pegou-se* numa outra ocasião com outra irmã mais nova do primeiro matrimónio, a minha mãe não estava. o meu pai, que viu foi castigar a filha, e depois como uma senhora que viu, disse:

- Só castiga essa, e aquela?

Ele disse:

- Não aquela é a mãe.

O meu pai era muito bom. Era tão querido, chegava a casa cansado, à noite e fazia-nos muitos mimos, era muito meiguinho. Depois punha-nos a fazer ginástica que tinha aprendido na tropa, estendia uma manta pelo chão da cozinha à noite e punha-nos a fazer ginástica, mas tínhamos que lavar a loiça, cada um tinha o seu dia. Os rapazes não tinham dia, eram homens, antigamente era assim. Mas, no entanto, o meu pai ia ver se a loiça estava bem lavada, se não tivesse tínhamos que lavar a segunda vez. Naquela altura, os potes e garfos eram de ferro, tínhamos que arear, com pó de pedra, para eles ficarem todos branquinhos, senão íamos lavar outra vez de castigo. Mas o meu pai nunca me bateu arregalava-me os olhos. Uma vez bateu na minha irmã mais velha, filha dele, por causa do namorado, era contra a vontade dele, começou a namorar muito cedo. Ele tinha razão, mas ela namorava na mesma as escondidas. Também era novinha, e além disso não gostava daquela família, por eles serem muito atrevidos, atrevidos demais. Gostavam de se *adiantar na conversa*.

Mais tarde, arranjou um rapaz com quem casou, era uma joia de rapaz, combinou com ela o namoro, mas antes de continuar foi falar com o meu pai, dizendo que namorava com ela, mas com a ideia de casar.

*Vivia com a minha madrinha uma pessoa de alto nível.*

Fiquei com os meus pais até aos 15 anos, depois fui para casa da minha irmã, para a mais velha. Ela tinha um filho pequenino e uma padaria e eu fui para lá. O meu cunhado

não fazia descontos, nem dela nem de mim e fui para a minha madrinha, ela estava doente e eu acompanhava-a.

### **Trajetória profissional**

*Tenho saudades, muitas saudades.*

*Chorei muito no meu serviço, quando me reformei.*

Arranjei emprego para a função pública e acompanhava os meus padrinhos. As pessoas com quem trabalhei, no setor, e era muita gente, toda a gente é minha amiga. Ainda hoje somos amigos e encontramos-nos.

Para estar a conviver com os amigos do trabalho não tinha muito tempo, tinha a minha madrinha e a Maria para ir buscar ao colégio. Aquela menina para mim era tudo, eu ainda disse ao médico porque que aquela doença não deu em mim em vez dela, eu aguentava tudo e aguentava melhor, do que vê-la a sofrer, sofri muito.

Tínhamos uma empregada que recebeu uma carta a dizer que uma rapariga estava muito doente no hospital e fomos buscar a Maria, e ela quando chegou simpatizou muito comigo e com os padrinhos não. Ela veio com quase dois aninhos. Passei muitas noites em branco, depois ia ao médico todos os meses, e ela só deixava ser auscultada no meu colo, e quando fazia exames tinha de ser de mão dada, ainda depois quando teve o filho também foi assim, e agora quando ela ia para o IPO também ia com ela e levava-lhe coisas, e ficava ao lado dela o dia todo.

A Maria adoeceu e a doença dela, durou oito anos, foram anos de sacrifício, de dedicação foram mais. Em antes de ter a doença, os problemas da empresa que faliu, os dois sem emprego. Só Deus sabe o que cada um passa. Tenho sofrido muito, muito mesmo, havia pessoas lá no instituto que diziam que se eu não existisse tinha que ser inventada.

Tive a oportunidade de subir de posto e tinha que frequentar um curso, não fui por causa dos padrinhos e da Maria na altura algumas colegas deixaram o marido e os filhos e foram, porque aquilo era em Coimbra, e só se vinha ao fim de semana e eu não fui. Todos ficaram com pena, mesmo o diretor e os outros superiores, não tinha possibilidades para o fazer e não fiz. Gosto muito de cumprir com os meus deveres.

Cada um tem o seu feitio. Ainda hoje tenho muitas saudades. Não estou arrependida, hoje tinha uma reforma maior e era uma diferença boa.

Aprendi muito, nós trabalhávamos para os hospitais, e aqueles médicos, enfermeiros pediam-me tudo a mim. Eu já estava em casa, ficaram todos admirados com a doença que eu tive, e ainda procuravam por mim, gostavam muito de falar comigo, de me pedir instruções. Quando fui operada vinham-me ver e uma rapariga que tinha um cancro cerebral arranjava força em mim, mas o dela era maligno e o meu era benigno. No meu tempo quando uma pessoa estava cancerosa, tinha que se cuspir, era para não se pegar. Tenho saudades, muitas saudades, chorei muito no meu serviço, quando me reformei.

Não tinha nada para fazer, ia dar uma volta, não era de receber pessoas em casa.

Fazia alguns passeios, na altura que a madrinha faleceu sim, antes não. Fiz algumas viagens em Portugal, o único estrangeiro que conheço e S. Tiago de Compostela e Vigo. Em S. Tiago de Compostela fiquei internada uma semana, fui fazer um tratamento à coluna e sai de lá pior do que o que fui.

### **Entrada na instituição**

*No primeiro dia chorei muito, foi aquela mudança.*

Prometi à Maria não casar, dei a minha palavra de honra e tinha que cumprir, agora não é assim, mas comigo foi sempre assim. Ela prometeu que quando casasse e quando a madrinha falecesse eu ia viver com ela. Ela casou, com 22 anos, mas ela já me tinha pedido muito antes, porque era novinha. Mas eu disse não te arrependas que eu também não estou arrependida de não ter casado. Mais tarde fiquei sozinha, e depois vim para aqui. Mas antes de a madrinha falecer eu já tinha vindo cá fazer o requerimento, em 1993, vim aqui e outras instituições. A madrinha quando eu falava nisso, ela não achava bem, porque ela quando o padrinho faleceu, se não tivéssemos a Maria Odete vínhamos para aqui as duas, mas tínhamos a Maria Odete não podia ser. Depois vim para aqui, e disse-lhe que me tinha escrito aqui, e ela disse-me que eu fazia bem, e eu não gosto de dar trabalho a ninguém. Fui ver outras instituições, mas gostei desta. Eu não queria a casa, e quando vim cá disseram-me logo que não aceitavam casas só dinheiro vivo, e paguei. a casa que estávamos a habitar ficou para a Maria, podia estar lá ainda hoje porque ninguém me mandou embora, mas eu não queria estar sozinha. Era um T4 + 1, era muito grande.

No primeiro dia chorei muito, foi aquela mudança. Não é que eu não quisesse vir, tive que me desfazer de coisas da minha casa. Primeiro vim cá dormir dois dias para tomar aqui o pequeno-almoço e ambientar-me. Fui fazendo a minha mudança, vinha cá almoçar e trazia coisas em sacas e guardava no armário e depois voltava. No dia em que vim foi assim, uma solidão, chorei, é natural, aconselho toda a gente a vir. Aconselho a escolher por si, quando decidir o local que quer passar os últimos dias da sua vida, e nunca esperar que a família diga: “vais para aqui porque eu não posso olhar por ti”

*Duas senhoras foram muito minhas amigas porque sendo senhoras com muita cultura, mais que eu, elas desciam ao meu nível, nunca as deixei ficar mal, apreciavam-me muito.*

Em relação às amizades recolho-me um bocadinho, sou amiga das empregadas e de algumas residentes, com as senhoras dei-me sempre bem com todas. Eu recolho-me muito, não me importo de estar só, porque as pessoas idosas são como as crianças olham sempre para o que o outro tem e nunca lhe agrada,

Aqui tinha uma amiga especial a Sra. Isolina, tinha vindo com o marido, mas ficou viúva, todos os dias no fim de comer nós parávamos a beira do elevador a conversar e pedia-me que nas minhas orações pedisse pela filha que dava cabo da vida dela. Havia a D. Conceição, mais tarde vim a saber que o marido dela era primo de um cunhado meu, ela também era muito minha amiga. Eu é que não gosto de andar no quarto das pessoas. Várias que já passaram aqui, mas essas duas senhoras foram muito minhas amigas porque sendo senhoras com muita cultura, mais que eu, elas desciam ao meu nível, nunca as deixei ficar mal, apreciavam-me muito, a minha maneira de ser, duas senhoras que não esqueço.

A D. Bia uma vez chegou a perder a vista e pedia-me para lhe ler o jornal, e quando estava doente interessava-se muito pela doença pela minha menina, e convidava-me para ir à quinta, mas eu não ia porque sou muito acanhada, sou humilde, nunca deixei ninguém ficar mal, vivia com a minha madrinha uma pessoa de alto nível.

### **Atividades da Animação Sociocultural**

Gosto muito de ir aos passeios apesar depois me esquecer, mas interessa-me. Até queria ir ver uma exposição dos Cristos, nos clérigos, gosto de ir a igrejas antigas e gosto de saber a história. Da história do Carmo tenho lido alguma coisa, mas passa-me dos passeios da carrinha lembro-me que fomos ao Palácio do Freixo e gostei muito. Fomos aos peixinhos, também gostei, e fomos aquele Museu Abel Salazar, e eu gosto muito dessas coisas. Faz falta a carrinha, lembro-me de ir com a D. Adelina que já faleceu coitadinha. E lembro de uma que tinha uma filha que lhe dava muitos problemas. Dantes não conhecia ninguém do lar, nem conhecia o lar, nenhum dos lares. **No outro dia, fui lá a baixo às senhoras, e fui com uma senhora do lar à missa.**

*Na minha terra, usa-se andar a juntar as ovelhas todas da população e ir com elas todas para o monte.*

Os meus irmãos são sete, três rapazes e quatro raparigas e todos íamos para o campo. Eu estive com a minha família até vir para aqui ( instituição) com 17 anos,, mas trabalhava no campo não estava lá parada. Tínhamos uma casa grande, tínhamos uns poucos de campos granjeados ou arrendados, nos anos que não dava produtos suficientes para pagar, a minha mãe tinha de comprar o milho. Tínhamos muita fome, eu quando vim para aqui, não tenho vergonha de dizer, as senhoras não me queriam aceitar. Era Magrinha e pequenina, tinha 17 anos parecia uma menina de 10 anos, aquilo era uma fome danada. uma senhora disse-me assim:

- Ó minha filha, onde é que eu te vou pôr?

Bem, a gente comia qualquer coisa, aqui também era tudo por senhas. Naquele tempo havia a guerra 1914, nós apanhamos essa guerra. Quem é lavrador nunca passa fome: tem batatas, tem milho, tem feijões, tem castanhas, até aí tudo bem, o meu pai dizia assim: *Do cerejo ou castanho vem o meu baganho*, porque tínhamos tudo, cereja tínhamos pêra, tínhamos cerejeiras e tínhamos tudo. *Do castanho ao cerejo vem o meu desejo*, não havia nada.

Na aldeia ía para o campo, ía de manhã, e vinha à noite, meter o milho, semear e regar batatas, fazer regos como os homens, eu fazia isso tudo. Diziam que eu era pior que um homem a trabalhar, tudo me queria para trabalhar. Comecei a trabalhar muito pequena com 7 ou 8 anos. Também fazíamos trabalhos manuais, fiava o linho e fazia meia com quatro agulhas. Eu aprendia os pontos todos, agora é que não vejo.

Andei na escola, não passei do primeiro livro, a professora por ter faltado um dia, bateu-me. A minha mãe mandou-me pedir à professora para ir para o campo levar a comida ao meu pai, que andava no monte com umas ovelhas. Na minha terra, usa-se andar a juntar as ovelhas de toda a população e ir com elas todas para o monte, são setecentas e tal cabeças, e o meu pai andava com elas calhava-nos a nós, e ele ía com elas.



A minha mãe disse: diz à senhora professora que te deixe ir embora na hora do recreio, para levar a comida para o pai, mas esqueci-me, andava na brincadeira. No outro dia, apareci e ela chamo-me lá a beira dela, e o que ela me fez? Bateu-me com a cabeça nos joelhos, bateu-me, bateu-me, e eu mije-i-a toda, nunca mais fui a escola.

A minha mãe, morreu não sei com quantos anos, ele já morreu em 1960, nunca soube da idade dela, sei que ela casou com vinte anos e teve um filho cada ano, o meu irmão nasceu em Fevereiro dia doze, e eu nasci vinte oito de Março. Era uma miséria.

### **Percurso profissional**

*Porque eu rezava, mas não era muito de rezar, agora sou mais.*

Vim para aqui em 1946 e estive aqui um ou dois anos sem ir a férias. Quando cheguei à aldeia, ia toda pimpona, diziam os da minha terra *vem toda pimpona*. Eu até nem notei muito.

A primeira obrigação que tive foi a cozinha, eramos sete cozinheiras, fui logo para a banca lavar as panelas, até cabia lá dentro, para lavar a panela, chamavam-lhe o caldeirão. Agora não se usa nada disso. Mais tarde, fui para o fogão, fui cozinhar para a enfermaria de homens e depois fui para o lar. Fui abrir a casa do Carregal (lar) devia ter aberto em cinquenta e dois e eu fui para lá com doze velhinhas, sozinha. A Deolinda foi lá fazer limpeza aos quartos. Eu gostava de lá trabalhar, parecia uma família. Tinha que vir cá cima buscar a comida à cabeça.

Um dia um rapaz quando ia a descer a travessa do Carregal meteu-se comigo, vim para cima comecei a *mandar vir*. Eu vou arranjar aquele fogão, vou trabalhar com aquele fogão, não levo mais a comida à cabeça daqui para baixo, eu podia-me queimar. Levar comida para doze pessoas, não era uma brincadeira.

Aquilo era uma casa de família, ou duas porque são duas casas, mas entra-se só por uma porta. Aquilo era grande, muito grande e ao fundo tinha galinheiros, criei lá um porco, foi morto aqui e foi comido aqui.

Pertencia a uma família, que doou a casa para o lar. Fazia de tudo, o comer, limpava e rezava. Nunca lá vi o diabo, como elas (as residentes do lar e as funcionárias) viram-no quando foram para lá, fazia barulhos e os vizinhos também se queixavam.

Aquilo eram duas casas, de uma passa-se para a outra, eu tinha a roupa das velhinhas numa mala grande e ia buscar à outra casa, nunca ouvi ali nada, porque eu rezava, mas não era muito de rezar, agora sou mais.

Depois puseram-me nas *encostadas*. Trabalhei no barreleiro, enchíamos aquele barreleiro até cima, que era calcado 7 e 8 vezes, não tínhamos máquinas era tudo à mão, mas dáva-nos bem umas com as outras e era uma alegria.

Quando não estava trabalhar, estava sozinha, não havia convívios, como há agora, só havia convívios quando havia festas. Eu para os teatros não ía, mas ía para o coro.

As festas na instituição começavam sempre com as empregadas todas, com os uniformes, devem de existir fotografias, eu não tenho. Era bonito, vinha um fotografo de fora.

A D .Isilda (ex-residente do lar) tinha essas fotografias ela também representava. Fazíamos o hino que catavamos à superiora, por exemplo: a madre de santo António, fizemos o hino a santo António, porque ela era madre qualquer coisa de santo António. A outra já não era, era do Santíssimo Sacramento. Faziam os hinos no início da festa, fazíamos sempre um coro, depois acabava o coro, começava as representações, os teatros. Uma fazia de uma maneira outra de outra. A Isilda fez uma comédia, ou qualquer coisa assim. Tínhamos um rancho, tudo feito da casa.

### **Família constituída**

*Se pegasse no ramo vinha logo o mangerico atrás de mim.*

Nunca namorei, nunca quis casar. Não, não faltava rapazes atrás de mim. Uma vez na minha terra apercebi-me de qualquer coisa, havia lá um rapaz qualquer, não sei quem, mandou-me um ramo, daqueles ramos feitos de papel, bonito. Eu disse:

- Não quero o ramo, desculpe-me, mas não quero o ramo. Se pegasse no ramo vinha logo o mangerico atrás de mim.

Na minha terra faz-se um leilão, é o rapaz que arremata o ramo. Aquilo é feito num campo, não é num campo é num souto. Fica pegado à igreja com árvores. Agora já se modificou tudo.

Nunca quis namorar metia-me nervos o paleio deles. Quando estive em Lisboa tive lá um rapaz que era nosso vizinho, da minha terra. Estva a fazer o serviço militar e um dia

encontramo-nos, ele andava por lá pela praça. Eu até não o conhecia assim tão bem, ele é que se deu ao conhecimento. Depois da tropa nunca mais o vi, sei que ele foi embora.

## **Reforma**

Reformei-me com sessenta e dois anos, mas ainda trabalhei mais um ano, eles pediram me por causa das férias e pagaram-me. Falei com o padre e ele disse-me:

- Olhe meta já os papéis, quando fizer os sessenta e dois tem logo a reforma, se mete só depois dos sessenta e dois, leva muito mais tempo, assim tive logo a reforma. Mas depois pediram-me como estava muito perto das férias se eu não me importava de ficar mais aquele anito, eu disse” que sim, se eu aguentar.

## **Entrada na instituição**

*Como vitalícias conheço-as mais agora do que no taque, eu lavava a roupa delas.*

Apreendi a ler sozinha com a ajuda do Espírito Santo agarrei nos livros que tenho da terceira classe comecei a escrever.

O senhor padre quando me chamou para ser ministra da comunhão, fiquei atrapalhada. Ler, leio mas tenho muita dificuldade, mas escrever não escrevo. Aprendi a ler, a escrever muito pouco, não ponho as letras todas.

Quando fiquei reformada paguei e deram-me uma cabine aqui na instituição. Era coberta com um pano, cabiam lá quatro senhoras no mesmo sítio, tinha camas de um lado e camas do outro e eram cabines divididas com cortinas.

Depois era outro estilo de vida. Era no santuário, era passear, fui à Alemanha, a Lourdes, fui a Jerusalém e tratei da minha vida, até fui à Grecia, já nem me lembrava. Tenho lá fotografias. Fui com a Berta (residente) e a Margarida. Todos os meses áa a Fátima.

Lembro-me muito bem dos nossos passeios da carrinha. Íamos à Foz, ao Santuário a Aveiro, íamos com aquelas senhoritas, na altura não conhecia as vitalícias, agora

conheço. Falo para elas, e elas são até muito minhas amigas. **Como vitalícias conheço-**  
**as mais agora do que no taque, eu lavava a roupa delas.**

**Infância e memórias**

*Tem o altar-mor, tem um altar de cada lado, em cima tem uma sacada que dava para os quartos das empregadas da casa.*

Quando os meus pais iam às compras, ou seja, às feiras, compravam arroz, batata, milho, feijão. Iam de 8 em 8 dias à feira a Famalicão, também lá vendiam e compravam gado e porcos.

Eles foram à feira a Famalicão e eu fiquei em casa, com os meus irmãos, abaixo de mim tinham três e acima de mim tinham quatro. Eu fiquei com os três mais novos, os mais velhos estavam no campo a trabalhar e eles chegaram a casa, saíam de casa muito cedo, às sete da manhã. Eu era catraia, devia ter sete anos, fiz batatas cozidas com grelos e bacalhau. Eu gostava disso, mas para mim isso não era cozinhar.

Fazia modificações na casa, arrumava a casa colocava as toalhas boas, punha tudo. Ia às flores. A minha mãe, não dizia nada, mas se ela lá estivesse eu não podia mexer naquelas flores, ela gostava de ver as floreiras cheias de hidranjas tínhamos três tonalidades azuis, rosa e brancas.

Tínhamos canteiros junto da casa e junto ao terraço, onde tinha várias qualidades de cravos e de plantas, e mais bonitas, a minha mãe não queria que eu cortasse de lá nada, mas eu quando ela não estava, cortava.

Uma vez fiz guisado, um estufadinho com batata. O meu pai entrou em casa e disse assim:

- Cheira que é um a maravilha. Só tinha sal, estava muito salgado.

Os mais avós, da parte do meu pai eram os mais ricos da aldeia. A casa tinha capela e tudo. A capela foi construída com a casa e é virada para a rua, não sei como está aquilo, nunca mais lá fui, à igrejas que não são tão grandes como ela. Tem o altar-mor, tem um altar de cada lado, em cima tem uma sacada que dava para os quartos das empregadas da casa.

A minha mãe também teve treze filhos, oito vivos os outros nasceram mortos. Quase todos vivos, morreram três. A minha mãe não viu morrer ninguém, tinha sessenta e sete

anos e o meu pai morreu com oitenta e dois. O meu pai quando esteve doente esteve na minha casa primeiro, depois estive lá com ele na aldeia, sete meses a olhar por ele.

Quando lhe deu o segundo AVC ele veio para o Porto, fui vê-lo ao hospital e ele disse-me:

- Minha filha tira-me daqui.

Eu respondi-lhe:

- Ó pai hoje não o levo, mas amanhã venho buscá-lo.

Durou três meses, com graça de Deus tenho a minha consciência tranquila.

Os meus irmãos andavam a trabalhar, eram uns irmãos espetaculares, eu podia ir para todo o lado com eles, para os bailaricos para os serões. Aos domingos de tarde, em certos lugares tocava-se a concertina e cantares ao desafio. Eu pedia à minha mãe se podia ir, ela às vezes também ia, mas era um bocado desviado e nem sempre me deixava ir.

Uma vez, ela ia sempre descansar um bocadinho depois de comer, e fiquei a arrumar a cozinha tinha que deixar tudo arrumadinho. Saltei para o quintal para ir ter com as minhas amigas. Cheguei a casa à noite, ainda havia um bocadinho de sol, e os meus irmãos já tinham andado à minha procura, ela deu-me um estalo. Os meus irmãos podiam andar toda a noite, chegar às cinco ou as seis da manhã, que a minha mãe não dizia nada.

Bons tempos, íamos para as desfolhadas, aprendi a dançar com um molho de palha, dançava sozinha e tinha para aí três anos.

*Sei tudo, tudo verdade, não é o que inventam por aí.*

Da infância lembro-me que conheci a santa Alexandrina. Ela nasceu em 1904 e a minha mãe em 1907, são três anos de diferença. Quando lá foram os homens e ela se atirou abaixo da janela a minha mãe tinha treze anos.

Sei tudo, tudo de verdade, não é o que inventam por aí. Coisas que não são verdadeiras como dos homens que lá foram, eu ainda conheci dois, o outro não conhecia, era muito pequena.

A minha mãe, que não ia para o campo de tarde ia para o pé da santa aprender costura. Ela fazia a nossa roupa toda que era uma maravilha. A tia da minha mãe era a mãe dela, e a minha mãe era a cara dela chapadinha.

Quando ela estava para morrer chamou os dois homens, um foi o outro não. Antigamente as casas de banho eram cá fora, na quinta dos meus avós tínhamos duas, uma em cima outra em baixo e na de cima havia uma para adultos outra para crianças. Tinha uma fossa pequena cá em baixo depois basava para as terras. Tinham uma banheira com encosto. Esse tal que não foi lá, disse à filha que ia à retrete e nunca mais aparecia. Ele foi encontrado caído “morreu a cagar” o outro ainda durou bastante tempo. Eles não lhes fizeram mal, mas iam fazer se elas autorizassem. Dizem tanta coisa, “que ela era assim, que ela era assado”, ela fez isto, ela fez aquilo, não é nada disso. A senhora que mostra a casa é uma prima dela, a Alice deve estar com oitenta anos ou perto deles, é muito boa pessoa foi sempre, é filha de uma prima da minha mãe e prima da Alexandrina.

### **Trajetória profissional**

Eu queria, sempre quis trabalhar aqui no Porto, nunca trabalhei no campo, ajudava a semear, mas nunca andei a cavar, mas gostava de mexer na terra. Eu é que levava o merendeiro ao campo para os meus irmãos comer.

Eu andava sempre com os donos da empresa fabril da Senhora da Hora, andava sempre a passear com eles, de um lado para outro a ver aquilo tudo.

As empregadas andavam sempre com aquela coisa na cabeça, vestido preto, mas eu nunca andei assim, mas eu gostava de me ver assim. Eles iam para lá à sexta-feira e vinham ao domingo à noite. No verão estavam lá a passar férias com os netos, os filhos e acabei por vir com eles para o Porto. Depois aluguei casa na Rua de Santa Catarina, ao cimo da rua, no penúltimo prédio

Tinha vinte e dois anos, quando vim de Balasar, queria vir para o Porto, e os senhores que compraram a quinta do meu avô, arranjam a eu vir. Depois arranjei casa, e trabalhava para fora, tinha tanto trabalho, meu Deus. Fazia almoços, jantares copos d'água. Dava para ganhar a vida, ainda me davam mais do que eu pedia. Fazia bolas de carne, ninguém as faz como eu, ninguém me ensinou.

### **Entrada na instituição**

Vim para cá (para a instituição) por não poder trabalhar, senão não vinha. Paguei cem contos se não tivesse pago, não punha aqui os pés nunca pensei em vir para aqui. Aos sessenta anos apareceu-me a osteoporose, deve ter aparecido antes, mas eu não sabia o que era, não tinha forças.

Vim para aqui e dou metade da reforma e não tenho nada. A reforma é uma ninharia, é de invalidez, eu tinha direito à grande invalidez, que eram na altura 10 contos, fiquei reformada com 4 contos. Agora a minha reforma não dá para nada, são 254 €, dou 127€ para a casa, o que são 127€ nem para a água dá. Pagava uma renda muito cara, era uma despesa muito grande e eu tinha que ter dinheiro para viver.

Eu conhecia isto, porque tive cá uma senhora minha amiga. Vinha muitas vezes de minha casa ter com ela à hora de almoço, onde agora é a cozinha era onde as senhoras do lar comiam. Via aquelas costeletas de vitela grelhadas, aquilo era uma maravilha. Um dia estava em minha casa a ver TV na cozinha, lembrei-me das palavras da minha mãe: *mais vale precisar e ter do que querer e não ter.*

### **Família constituída**

Não me faltavam pretendentes, em frente à minha casa tinha uma clínica, e tinha lá um médico divorciado, ele conhecia-me já alguns anos, cumprimentava-me. Bom dia, boa tarde e mais nada. Um dia, mandou lá uma senhora falar comigo, se queria casar com ele?

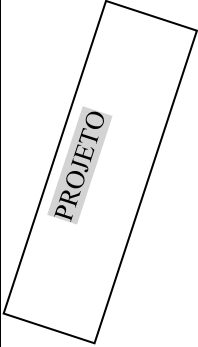
Na minha aldeia havia lá um rapaz que era assim para a minha mãe “se a sua Maria quisesse casar comigo” nunca quis homem.

Criei um menino, dos dois aos catorze anos, de borla. Quando foi para a escola ia para casa da avó e vinha só aos fins-de-semana, agora está lá para a avó. Estava sempre agarrado a mim. A avó era professora e uma vez veio buscá-lo às onze horas da noite, ele começou a chorar queria ficar à minha beira.

Também criei uma menina, ficou comigo até aos oito anos. **Agora nem um, nem outro.**



## ANEXO 9 - Planificação semanal de atividades - Nova proposta

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado/Domingo
Manhã	Leitura de revistas jornais Passatempos	Leitura de revistas/ jornais/livros Passatempos	Leitura de revistas jornais/livros Passatempos	Leitura de revistas jornais/livros Passatempos	Leitura de revistas /livros jornais/ Passatempos	Leitura de revistas jornais/livros Passatempos Missa/reza
	Atividades dependentes	Atividades dependentes	Atividades dependentes	Atividades dependentes	Atividades dependentes	
	Leituras por residente	Ginástica	Atelier de Pintura/desenho /Escrita	Dinâmicas	Jogos de mesa	
Fim da manhã	Terço rezado por um dos residentes	Terço rezado por um dos residentes	Terço rezado por um dos residentes	Terço rezado por um dos residentes	Terço rezado por um dos residentes	Terço rezado por um dos residentes
Tarde	Reuniões temáticas	Projeto património Seminário de arte	Passeios/café	Tricots	Projeto património Tratamento e recolha de informação	Atividades livres  Ida ao teatro
Final de tarde	Exibição de filmes/documentários	Cafetaria	Marcha exterior	Terço/jogo de cartas ou bingo	Marcha pelo exterior	Terço por residente

## ANEXO 10 - Cronograma do *Projeto Patrimonial*

Meses/ Atividades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Preparação /discussão atividades												
Seminários de arte												
Tratamento e recolha de informação												
Visitas culturais												
Organização de visitas guiadas												
Boletim cultural												
Reunião protagonizada por residentes												

## ANEXO 11 – Ficha de avaliação do projeto

## Ficha de avaliação do projeto

1. Número de participantes:-----

*Setor Particulares Vitalícios* -----

*Setor Lar*-----

Grupo etário-----

### 2. Os residentes gostaram da atividade?

Sim ☐ Não ☐

Sugestões:

---

---

---

### 3. Atividade permitiu adquirir novos conhecimentos?

Sim ☐ Não ☐

**3b** Existiu aproximação/valorização de diferentes práticas culturais por parte dos residentes?

Sim ☐ Não ☐

### 4. A Atividade permitiu aproximação dos residentes *Setor Particulares Vitalícios / Setor Lar*

Sim ☐ Não ☐

**4.a** Os residentes integraram elementos novos/trabalham sempre com as mesmas pessoas?

---

---

---

**4b** Os residentes respeitam a opinião uns dos outros, têm conflitos, conversam amigavelmente?

---

---

---

**5.Existiu distribuição de tarefas**

Sim ☐ Não ☐

---

---

---

**6.Existiu motivação por parte dos participantes**

---

---

---

**7. Os relacionamentos e os assuntos mantem-se extra-atividade?**

---

---

---

**8. Verificou-se algum tipo de aproximação à comunidade**

---

---

---